

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE**

**HISTÓRIAS QUE SE CRUZAM NA SIGNIFICAÇÃO SOCIAL DADA
AO PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS.**

MÁRCIA REGINA DOS SANTOS FELDMAN

**SÃO PAULO
2010**

MÁRCIA REGINA DOS SANTOS FELDMAN

**HISTÓRIAS QUE SE CRUZAM NA SIGNIFICAÇÃO SOCIAL DADA
AO PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Ivanise Monfredini.

**SÃO PAULO
2010**

Feldman, Márcia Regina dos Santos.

Histórias que se cruzam na significação social dada ao Programa Universidade Para Todos. / Márcia Regina dos Santos Feldman. 2010.
298f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE,
São Paulo, 2010.

Orientador (a): Profa. Dra. Ivanise Monfredini

1. ProUni - Programa Universidade para Todos. 2. Genericidade em si.
3. Genericidade para si.

MÁRCIA REGINA DOS SANTOS FELDMAN

**HISTÓRIAS QUE SE CRUZAM NA SIGNIFICAÇÃO SOCIAL DADA
AO PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Educação da Universidade
Nove de Julho, aprovada pela Banca Examinadora
constituída pelos seguintes membros:

Presidente: Profa. Ivanise Monfredini, Dra – Orientador, Uninove

Membro: Profa. Cláudia Barcelos de Moura Abreu, Dra - Unifesp/SP /UFPR/PR

Membro: Profa. Rosemary Roggero, Dra - Uninove

São Paulo, 31 de Março de 2010

Dedico este trabalho a Hanan Feldman (*in memoriam*) que com sua dignidade e simplicidade soube olhar o mundo e as pessoas com respeito.

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos Ilana, Tamara e Felipe, pelo incentivo e paciência nesses dois anos de pesquisa.

Aos meus pais Mercedes e Agostinho, pelo carinho e preocupação.

Ao Thiago Cruz de Oliveira, pela colaboração na transcrição das entrevistas.

À professora Dra. Ivanise Monfredini, que desde o início de meu mestrado acreditou em meu projeto, mostrou-me caminhos, leituras e possibilidades para realização desta pesquisa

Às professoras Dra. Cláudia Barcelos de Moura Abreu e Dra. Rosemary Roggero, pela disponibilidade, atenção e sugestões.

À Renée Vituri e seu esposo Júnior, pela generosidade de me receber em seu lar durante tantos finais de semana, e pacientemente, ler, comentar e enriquecer o texto de minha pesquisa.

Ao Jorge Freneda, pela disposição e carinho na elaboração da versão do resumo em língua inglesa.

Aos colegas da turma de 2008, pelo companheirismo, fazendo um pouco mais fácil esse caminho tão árduo. Como não deixar de registrar nossos cafés da tarde que, de modo tão afetivo, nos faziam mais unidos.

Aos meus amigos que souberam entender meu cansaço e meu distanciamento.

À Maria Luiza Favret pelo trabalho de revisão.

Agradeço a todos aqueles que não desistiram de mim.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	vii
LISTA DE QUADROS	viii
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	ix
RESUMO	xii
ABSTRACT	xiii
 INTRODUÇÃO.....	 1
 CAPÍTULO 1 – OPÇÕES METODOLÓGICAS E SUJEITOS DESTA PESQUISA	 4
1.1 – Categorias de análise	6
1.2 – Sujeitos desta pesquisa	13
 CAPÍTULO 2 – PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS: PANORAMA HISTÓRICO, POLÍTICO, SOCIAL E ASPECTO LEGAL	 18
2.1 – Reconfiguração do Estado	18
2.2 – A educação superior no processo de publicização e privatização	23
2.3 – Prouni: aspectos legais.....	30
2.3.1 – <i>Quanto aos tipos de concessão de bolsas</i>	33
2.3.2 – <i>Quanto à adesão, ao desempenho e às isenções concedidas pelo governo</i>	33
2.3.3 – <i>Quanto ao perfil do aluno candidato ao Prouni</i>	35
2.4 – Algumas análises sobre a implantação do Prouni	37
 CAPÍTULO 3 – A JUVENTUDE BRASILEIRA.....	 45
3.1 – Perfil educacional dos jovens brasileiros.....	48
3.2 – O mercado de trabalho para os jovens brasileiros	52
3.3 - Ações governamentais para a juventude	58
 CAPÍTULO 4 - PROUNI: ALTERNATIVA POSSÍVEL – ANÁLISE DOS DADOS	 61
4.1 – O lugar social dos entrevistados. A experiência familiar	62
4.2 – A escolarização.....	75
4.3 – A experiência do emprego, ou da ausência dele. A busca da empregabilidade	88
4.4 – As possibilidades	96
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 118
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 120

APÊNDICES: ENTREVISTAS	129
Beatriz Rodeiro Martinez	130
Rodrigo Lourenço Gonçalves.....	153
Emília Mara Lima Silva	164
Tatiana de Oliveira Cruz Barbosa	176
Karen Jaqueline Santana Gomes	200
Wendy Francisco Pereira.....	215
Kelly Cristina Pereira	227
Eduardo Pires de Oliveira.....	245
Elton Luiz Fotoni.....	271

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Bolsas ofertadas por ano, 2005-2008

Tabela 2 – Bolsas ofertadas por região, 2005-2008

Tabela 3 – Bolsas por turno – cursos presenciais –, 2005-2008

Tabela 4 – Bolsistas por categoria administrativa da IES, 2005-2008

Tabela 5 – Bolsistas por sexo, 2005-2008

Tabela 6 – Bolsistas por raça, 2005-2008

Tabela 7 – Bolsistas professores da educação básica pública, 2005-2008

Tabela 8 – Bolsistas portadores de deficiência, 2005-2008

Tabela 9 – População por grupo etário e sexo, censo IBGE 2000 (em milhões)

Tabela 10 – Perfil da população brasileira total – jovem e adulta –, 2006

Tabela 11 – IDEB 2005-2007 e projeções para o Brasil

Tabela 12 – Estudantes de 15 a 24 anos – por grau que frequentavam (em milhões) –, 1995 a 2001

Tabela 13 – Nível de instrução dos jovens de 15 a 24 anos que não frequentam a escola

Tabela 14 – Estimativa da população acima de 16 anos e jovens de 16 a 24 anos – segundo condição de atividade –

Tabela 15 – Taxas de desemprego dos jovens com idade entre 16 e 24 anos – segundo grupo de quartis do rendimento familiar mensal –. Regiões metropolitanas, 2004

Tabela 16 – Distribuição dos jovens com idade entre 16 e 24 anos – segundo situação de trabalho, estudo e procura de trabalho por grupo de quartis do rendimento familiar mensal –. Regiões metropolitanas, 2004

Tabela 17 – Do ingresso ao término do ensino fundamental dos entrevistados

Tabela 18 – Último Enem realizado pelos entrevistados e respectiva pontuação

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Legislação Prouni ano de 2004

Quadro 2 – Legislação Prouni ano de 2005

Quadro 3 – Legislação Prouni ano de 2006 a 2008

Quadro 4 – Programas e projetos do governo Luis Inácio Lula da Silva para a juventude

Quadro 5 – Instituições de ensino fundamental frequentadas pelos entrevistados

Quadro 6 – Instituições de ensino médio frequentadas pelos entrevistados

Quadro 7 – Cursos matriculados e instituições frequentadas pelos entrevistados

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Anped – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BM – Banco Mundial
Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Cedeca – Centro de Defesa da Criança e do Adolescente
CIP – Centro de Internação Provisória
Dieese – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
EE – Escola Estadual
EJA – Educação de Jovens e Adultos
EM – Ensino Médio
Emef – Escola Municipal de Ensino Fundamental
Enade – Exame Nacional de Desempenho do Estudante
Enem – Exame Nacional do Ensino Médio
FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador
FHC – Fernando Henrique Cardoso
Fies – Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior
FMU – Faculdades Metropolitanas Unidas
FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
Gats – Acordo Geral sobre Comércio de Serviços
Ibase – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ideb – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IES – Instituição de Ensino Superior
Ifes – Instituições Federais de Ensino Superior
Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB – Lei de Diretrizes e Bases
Mare – Ministério da Administração Pública e da Reforma do Estado
MEC – Ministério da Educação
MMC – Movimento de Moradia do Centro

MP – Medida Provisória
MTE – Ministério do Trabalho e Emprego
OIT – Organização Internacional do Trabalho no Brasil
OMC – Organização Mundial do Comércio
ONG – Organização não Governamental
PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais
PEA – População Economicamente Ativa
PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego
PGFN – Procurador Geral da Fazenda Nacional
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNE – Plano Nacional de Educação
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
Polis – Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais
Pronaf – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
Prouni – Programa Universidade para Todos
PT – Partido dos Trabalhadores
Reuni – Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RFB – Receita Federal do Brasil
Seade – Superintendência Estadual de Apoio à Pessoa com Deficiência
Senai – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Sesi – Serviço Social da Indústria
Sinaes – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
Sisprouni – Sistema do Programa Universidade para Todos
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
TCU – Tribunal de Contas da União
UNE – União Nacional dos Estudantes
Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Uniban – Universidade Bandeirantes
Unicef – Fundo das Nações Unidas para a Infância
Unicid – Universidade Cidade de São Paulo
Unicsul – Universidade Cruzeiro do Sul
Uniesp – União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo

Unifesp – Universidade Federal de São Paulo

Uninove – Universidade Nove de Julho

Unip – Universidade Paulista

USP – Universidade de São Paulo

VAI – Programa de Valorização de Iniciativas Culturais

RESUMO

FELDMAN, Márcia Regina dos Santos. *Histórias que se cruzam na significação social dada ao programa universidade para todos*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade Nove de Julho, 2010.

O presente trabalho tem como sujeito de estudo o aluno de ensino superior com bolsa concedida pelo Prouni. E, como objeto, a significação social que esse aluno atribui ao Prouni. Os procedimentos metodológicos delinearam-se por meio de levantamento bibliográfico e da entrevista semi-estruturada como técnica, sendo o depoimento de nove alunos/indivíduos de ensino superior com bolsa concedida pelo Prouni o cerne do estudo. O objetivo central foi o de verificar por meio das vozes dos entrevistados, se a significação social que o aluno atribui ao Prouni ocorre na genericidade do “em-si” ou do “para-si”. Os dados foram analisados sob o pensamento de Lukács, tendo como eixos orientadores das análises: formação pelo trabalho - sujeito enquanto ser social; reflexo na consciência; teleologias e alternativa. As narrativas analisadas sob a perspectiva qualitativa de pesquisa revelaram que estudar em uma faculdade é uma necessidade, construída para manter a labilidade, mesmo em situação de não trabalho. A pesquisa demonstrou ainda que, diante da possibilidade de um curso superior, a significação dada ao Prouni é elaborada no imediato, não havendo demonstração de uma compreensão crítica da realidade.

Palavras-chave: Prouni; Genericidade em-si; Gnericidade para-si.

ABSTRACT

FELDMAN, Márcia Regina dos Santos. *Histories that cross the social meaning given to the university program to all*. Master's dissertation. São Paulo: Nove de Julho University, 2010.

The current essay has as subject of study the college student who has fringe benefit supports acquired from Prouni. Yet, as object, the social meaning that that student attributes to Prouni. The methodological procedures outlines bibliographical research and also a semi-structured interview as technique which the statements from nine students/individuals from college student who have fringe benefit supports acquired from Prouni are the core of the study. The main objective was that to verify by their voices if the social meaning that the students attribute to Prouni occurs when in the engendering of “in-itself” or of “to-itself”. The data were analyzed under Lukács's thoughts, and they also have as investigation guidance: formation by work – subject as social being; reflection on principles; teleology and option. The narratives analyzed under a quantitative perspective from the research revealed that studying in a college is a need, built to keep labiality, even in situation of non work. The research presented, yet, by the possibility of a graduating college course, the meaning given to Prouni is prepared on the moment, and there is no demonstration of a critical comprehension of reality.

Key-words: Prouni; Engendering by themselves; Engendering to themselves.

INTRODUÇÃO

Camadas da sociedade sem oportunidade de se inserir no mundo produtivo, principalmente por terem sido excluídas dos direitos prioritários de um Estado democrático, como educação, saúde e moradia, têm sido objeto, nos últimos governos, desde a década de 1990, de resgate histórico e social, por meio de Programas e Ações Governamentais de alcance popular.

Nesta pesquisa, aborda-se um desses Programas¹, o Programa Universidade para Todos (Prouni), que possibilita o acesso ao ensino superior de indivíduos pertencentes a uma camada da sociedade dita excluída, com perfil bem definido: estudante de escola pública, com baixa renda familiar, que não tenha cursado nenhuma faculdade e que busca no ensino superior sua emancipação social.

Cabe dizer que o interesse pelo tema surgiu da trajetória pessoal e profissional desta pesquisadora, que vem de uma família numerosa, com dificuldades financeiras, e que até a sua primeira graduação realizou seus estudos na rede pública.

Na década de 1970, na Universidade de São Paulo (USP), palco dessa primeira graduação, teve a oportunidade de vivenciar discussões sobre o acesso e o direito de ingresso à educação pública aos estudantes oriundos de camadas populares. Essas discussões se davam entre um grupo de estudantes que lutava pela democratização do acesso ao ensino superior público, pois estudantes com melhores condições financeiras e que haviam cursado o ensino básico em escolas particulares tinham maiores chances de alcançar sucesso no vestibular e, consequentemente, maiores possibilidades de ingresso nas universidades públicas.

Hoje, atua na educação básica, como professora efetiva da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, vivenciando a precariedade do ensino público, e na educação superior, em uma faculdade que tem como missão proporcionar ensino de qualidade a alunos de classes menos favorecidas e, de modo geral, provenientes do ensino público, por meio da utilização de vários programas governamentais de inclusão, como: Programa Escola da Família, Universidade na Alfabetização, Programa Jovem Acolhedor, Bolsa Escola Municipal para o Ensino Superior, Programa de Financiamento Estudantil e o Prouni. Foi essa vivência que despertou o interesse desta pesquisadora pela discussão desse último programa.

¹ Esses programas são comentados em pormenores no capítulo 1.

O Prouni é um programa de inclusão universitária que concede bolsas de estudo parciais ou integrais em instituições de ensino superior privadas² a estudantes de baixa renda.

O programa também assegura às instituições de ensino que a ele aderem isenção dos impostos e contribuições no período de vigência do termo de adesão: imposto de renda de pessoas jurídicas; contribuição social sobre o lucro líquido; contribuição social para financiamento da seguridade social; contribuição para o Programa de Integração Social, além do parcelamento de antigas dívidas, conforme se lê no art. 10 da Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001, alterada pela Lei nº 11.552, de 19 de novembro de 2007. A regulamentação do parcelamento encontra-se na Portaria Conjunta PGFN/RFB nº 6, de 17 de dezembro de 2007.

É um programa de inclusão que atende, ao mesmo tempo, a dois segmentos opostos da sociedade: atende às necessidades de apoio financeiro das instituições privadas, que durante décadas foram favorecidas por leis que possibilitavam a renúncia fiscal, desde, principalmente a década de 1970, e às pessoas das camadas de baixa renda familiar que não conseguem acesso às universidades públicas e têm dificuldades para pagar seus estudos na rede privada.

Diante do exposto, a presente pesquisa tem como sujeito de estudo o aluno de ensino superior com bolsa concedida pelo Prouni. E, como objeto, a significação social que esse aluno atribui ao Prouni. O problema que se pretende discutir, no limite que a pesquisa possibilitou é se esta significação se dá na genericidade do “em-si” ou do “para-si³”? Esse aluno é capaz de elevar-se a uma consciência “para-si”?

Partiu-se da hipótese de que o aluno do ensino superior, por estar inserido em um contexto de privatização que visa a eficiência e a eficácia dos resultados, é alvo de um sistema que não contribui para um avanço significativo em termos de formação humana. Ao contrário, contribui para o fortalecimento da adaptação do indivíduo ao que está posto, reforçando determinadas significações sociais relacionadas ao ensino superior e sua “função social”.

O objetivo principal foi verificar, por meio dos depoimentos dos entrevistados, se a significação social que eles atribuem ao Prouni ocorre na genericidade do “em-si” ou do “para-si”, posto que a formação, como prática social, pode ser mediadora de uma humanização mais plena pelo acesso do aluno à cultura mais ampla, à ciência e à arte.

Para isso, buscou-se traçar a trajetória dos alunos, considerando a formação escolar, a experiência familiar, o meio social, econômico e cultural em que vivem, suas expectativas em relação à formação universitária. Procurou-se verificar também a importância dada às atitudes

² Nas instituições públicas de ensino superior, as ações positivas foram implementadas por meio de cotas aos estudantes autodeclarados afrodescendentes.

³ As categorias “em-si” e “para-si” serão explicadas, em pormenores, no capítulo 1 deste trabalho.

des exigidas pela instituição que os remetem a experiências culturais. Buscou-se ainda compreender como esses alunos significam a experiência universitária, considerando os impactos na sua formação e o lugar ocupado pelo Prouni nessa experiência.

Os dados foram analisados sob o pensamento de Lukács (1978, 1981), tendo como eixo orientador as seguintes categorias de análise: formação pelo trabalho do sujeito enquanto ser social; reflexo na consciência; teleologia e alternativa.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos, como se segue.

No capítulo 1, *Opções metodológicas e sujeitos desta pesquisa*, abordam-se as categorias utilizadas na análise dos dados, as metodologias escolhidas, bem como as justificativas dessas escolhas. Apresentam-se também os sujeitos entrevistados.

No capítulo 2, *Programa Universidade para Todos: panorama histórico, político, social e aspecto legal*, aborda-se a reconfiguração do Estado brasileiro sob o pensamento neoliberal, a expansão universitária em uma dimensão mercadorizada e as políticas públicas educacionais que se pretendem de resgate social, especialmente o Prouni, no tocante à legislação. Apresentam-se também algumas análises e discussões referentes ao programa.

No capítulo 3, *A juventude brasileira*, procurou-se apresentar o jovem brasileiro no atual momento histórico, objetivando identificar seu espaço na sociedade, principalmente no que se refere à educação e ao mundo do trabalho. Buscou-se ainda apresentar algumas políticas públicas a essa faixa etária.

No capítulo 4, *Prouni: a alternativa possível*, apresenta-se a análise dos dados, conforme as categorias propostas, procurando relacionar a individualidade “em-si” e “para-si” desses sujeitos com os conteúdos apresentados nos capítulos anteriores.

CAPÍTULO 1 – OPÇÕES METODOLÓGICAS E SUJEITOS DESTA PESQUISA

Esta pesquisa amparou-se na técnica da entrevista semiestruturada, a qual permitiu que cada um dos entrevistados expressasse sua vivência particular e deu-lhes oportunidade de, em determinado momento, tornar-se singulares, pois possibilitou resgatar o indivíduo como sujeito no processo histórico, reativando “o conflito entre liberdade e determinismo” (FREITAS, 2002, p. 15). O depoimento de nove alunos/indivíduos de ensino superior com bolsa concedida pelo Prouni constituiu o cerne deste estudo.

Recorreu-se também à pesquisa bibliográfica sobre políticas públicas de inclusão universitária, políticas públicas da educação superior no Brasil e estudos sobre a juventude. Os principais autores consultados foram: Peroni (2006); Silva Junior (2002); Silva Junior e Sguissard (2005); Sposito (2003)

Fez-se uso ainda de relatórios de pesquisa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), do Ministério da Educação (MEC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), do Instituto Polis e da Organização Internacional do Trabalho no Brasil (OIT).

Para embasar a análise dos dados, considerando as categorias propostas, realizou-se principalmente a leitura dos seguintes autores: Duarte (1993) e Lukács (1978, 1981).

Para verificar se a significação social que o aluno atribui ao Prouni ocorre na genericidade do “em-si” ou do “para-si”, buscou-se analisar as narrativas sob a perspectiva qualitativa de pesquisa, especialmente por se entender que, nessa ótica, o papel do investigador/pesquisador é “o de melhor compreender o comportamento e a experiência humanos [...] compreender o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e descrever em que consistem estes mesmos significados” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 70).

No processo de construção de uma pesquisa qualitativa, a documentação dos dados não é mera gravação neutra da realidade, mas sim orientada ou para codificação e a categorização ou para a análise de estruturas sequenciais no texto, envolvendo o pesquisador em questões do tipo como avaliar a validade e a apropriabilidade do processo de pesquisa e dos dados produzidos.

Os investigadores que utilizam a perspectiva qualitativa em suas análises buscam estudar objetivamente os estados subjetivos dos seus sujeitos, tendo como meta principal construir conhecimento, e não opinar sobre determinado contexto. Interação com os seus sujeitos de forma natural, não intrusiva e não ameaçadora.

Os teóricos qualitativos (BOGDAN e BIKLEN, 1994; CHIZZOTTI, 2005), dentre outros interessam-se pela maneira como as pessoas se comportam e pensam sobre as suas próprias vidas, as suas experiências e as situações particulares vivenciadas. Por meio das entrevistas, é possível coletar dados sobre como as pessoas se comportam e pensam suas experiências e as situações que vivenciam.

A pesquisa qualitativa tem como um de seus enfoques a análise de casos concretos, partindo das narrativas e atividades das pessoas em seus contextos locais. Buscou-se então, neste estudo, entender os fenômenos humanos e sociais em sua complexidade e dinamicidade e interpretar os seus significados.

Para isso, as questões das entrevistas, base deste trabalho, foram elaboradas com o intuito de permitir que os envolvidos falassem, se revelassem. E, quanto a isto, vale registrar o que expõe Ianni:

Há vários modos de dizer a verdade, ou procurá-la. Um deles, segundo nos parece, consiste em deixar que as pessoas envolvidas em situações e problemas estudados utilizem as suas próprias palavras. Mesmo quando elas não estão em condições de ver claro, ou quando não podem dizer as coisas com clareza; mesmo nesses casos revelam dados significativos para a compreensão das situações e problemas. Em geral, no entanto, dizem o essencial. Essa é uma contingência de toda a situação, a não ser quando ela não contém tensões ou antagonismos, o que não se verifica nesta história. À medida que falam, que dizem apenas o que querem, que tomam decisões e agem, revelam também as relações e as estruturas mais íntimas das situações e problemas. Neste ponto, as pessoas podem aparecer como personagens e a história pode adquirir os seus movimentos reais (1996, p. 21).

Nesse sentido, a opção pela ênfase na análise dos dados, sob a ótica da pesquisa qualitativa, constitui um procedimento metodológico eficaz, porque por meio dos relatos orais, das narrativas, das entrevistas e dos depoimentos pessoais é possível socializar um conhecimento particular, além de possibilitar a compreensão dos fatos problematizados, nem sempre considerados no cotidiano.

Segundo Chizzotti

Na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência

e a interrupção, a fala e o silêncio. É necessário encontrar o significado manifesto e o que permaneceu oculto. Todos os sujeitos são igualmente dignos de estudo, todos são iguais, mas permanecem únicos e todos os seus pontos de vista são relevantes [...]. Esses conceitos manifestos, as experiências relatadas ocupam o centro de referência das análises e interpretações na pesquisa qualitativa (2005, p. 84).

Neste trabalho de pesquisa, a escolha da abordagem qualitativa de investigação, enquanto proposição de coleta e de interpretação dos dados, respaldou-se no fato de que tal abordagem estimula o pensamento do entrevistado, fazendo emergir aspectos subjetivos, atingindo motivações não explícitas ou mesmo conscientes de maneira espontânea, o que proporcionou a abertura de espaços de exploração que favoreceram a interpretação e a compreensão do objeto de pesquisa.

1.1 – Categorias de análise

Para o estudo aqui proposto, em consonância com Duarte, concebeu-se que a formação propiciada pela escolarização, e no caso desta pesquisa, a formação universitária, pode se constituir em uma prática que contribui para

a elevação da consciência do indivíduo ao nível da genericidade para-si, ou seja, para a formação, pelo indivíduo, de uma relação consciente entre sua vida concreta, histórica e socialmente determinada, e as possibilidades de sua objetivação ao nível da universalidade do gênero humano [...] que não se reduza ao nível da inserção do indivíduo na socialidade em-si, mas que tenha por objetivo fundamental que esse homem viva uma socialidade para-si (1993, p. 119).

É importante dizer que, de acordo com Duarte (1993), Lukács afirma que tanto o “em-si” quanto o “para-si” são determinações ontológico-universais do ser social que se articulam. Para este autor, enquanto o “em-si” das individualidades está presente no cotidiano da vida social, o “para-si” necessita de uma prévia ideação objetivada pela capacidade do homem de transpor a própria consciência além de sua própria particularidade. O “para-si” apresenta-se nas decisões conscientes em busca de novas relações sociais, pois as particularidades, historicamente produzidas, não potencializam o processo de superação e de ascensão à genericidade consciente.

A trajetória escolar dos entrevistados, a possibilidade de darem continuidade aos estudos mediante sua condição econômica precária, a importância dada à experiência universitária

ria e a significação social do Prouni, constituíram-se nas categorias empíricas que orientaram a análise teórica, que, como já anteriormente indicado, teve como base as contribuições de Lukács (1978, 1981) e Duarte (1993).

Segundo Lukács (1978) o trabalho é a base para a construção do indivíduo social. Ele se caracteriza como um fenômeno original e célula geradora da vida em sociedade.

Como aponta Duarte “os seres humanos, a partir de um certo ponto da evolução natural (biológica), tornaram-se biologicamente aptos à realização de uma atividade chamada trabalho” (2004, p. 48).

Assim, é possível compreender que o trabalho é determinante das relações sociais e identitárias do próprio indivíduo. O homem tem no trabalho sua valoração, na ocupação desse espaço, sua materialização, e nesse movimento, sua essência. É definido e se define pela sua posição no mundo do trabalho, pelo que possui ou pelo que produz.

O homem se distingue dos animais na medida em que transforma a natureza, produzindo, a partir das finalidades socialmente postas, seus meios de vida e, indiretamente, sua própria vida material, como ato da consciência dirigido pela própria consciência, entendida “não como o domínio racional de todo o processo, mas apenas a intencionalidade do sujeito de pensar uma ação, ou seja, de preestabelecer um fim para seus atos e antever o resultado de sua ação” (MAGALHÃES, 2003, p. 2).

Para Lukács (1978), as finalidades sociais nascem de uma necessidade humano-social, sendo preciso, porém, ter um conhecimento da natureza para que não seja um mero projeto utópico. Portanto, o trabalho se faz na busca dos meios e na compreensão dos atributos específicos ao objeto trabalhado, considerando sua finalidade. Segundo o autor, a consequência disso “é que em cada processo singular de trabalho o fim regula e domina os meios” (1978, p. 10), não se tratando, por conseguinte, de mera causalidade, gerada pelas forças da natureza, mas sim de um processo teleológico, construído nas tramas das relações de força e de poder entre os próprios seres humanos.

Diferente do animal, que é programado para agir conforme sua natureza e necessidades e, por isso, não modifica sua existência, antes adapta-se ao meio em que vive e age instintivamente, os seres humanos, segundo Lukács (1981), criam e recriam sua existência por meio da ação consciente do trabalho, trabalho este que, enquanto atividade consciente, apresenta caráter teleológico, provocando, deste modo, opções, escolhas e liberdade.

Para esse autor, o caráter alternativo do “por” no processo do trabalho se apresenta a partir da finalidade do trabalho. O filósofo húngaro exemplifica esse processo ao falar do homem primitivo, que escolhe, de um conjunto de pedras, uma que lhe parece mais apropriada

aos seus fins, deixando outras de lado, caracterizando então uma escolha ou alternativa. Já os animais se relacionam com a natureza de modo instintivo, por uma ligação com a natureza biológica, epifenômica, e não por uma alternativa.

No processo de trabalho dos homens, a escolha produz hábitos, reflexos condicionados que tornam suas objetivações genéricas “em-si”, gerados por decisões alternativas. A alternativa “é um ato da consciência e uma categoria mediadora por meio da qual o reflexo da realidade se torna veículo do ato de por um existente” (LUKÁCS, 1981, p. 19).

O trabalho é que promove a relação do homem com a natureza de forma consciente, buscando, portanto, a partir de suas finalidades teleologicamente postas, alternativas e escolhas para as objetivações da práxis humana.

Segundo Lukács (1981), na medida em que ocorre desenvolvimento humano social, as relações do homem com a natureza se tornam cada vez mais complexas, transformando as escolhas e alternativas de uma dimensão utilitária e imediatista em uma dimensão de caráter social diversificado e diferenciado.

O filósofo chama a atenção para o fato de que a alternativa sempre será concreta, pois pressupõe a decisão de uma pessoa concreta a respeito de condições concretamente melhores para realizar uma finalidade concreta. Isto quer dizer

que toda alternativa (e toda cadeia de alternativas) no trabalho nunca pode se referir à realidade em geral, mas é uma escolha concreta entre caminhos cuja meta (em última análise, a satisfação da necessidade) foi produzida não pelo sujeito que decide, mas pelo ser social no qual ele vive e opera. O sujeito só pode tomar como objeto de sua finalidade, de sua alternativa, as possibilidades determinadas sobre o terreno e por este complexo de ser que existe independentemente dele (LUKÁCS, 1981, p. 21).

Há que se dizer então que nenhuma escolha se faz de maneira independente, mas sim conforme as possibilidades e as condições histórica e socialmente construídas, porém passíveis de serem alteradas pela ação consciente dos sujeitos humanos.

Para o homem, a categoria alternativa, tem como conteúdo ontológico essencial não somente o caráter cognitivo que impulsiona a satisfação de uma necessidade, mas também e principalmente a posição teleológica frente à necessidade mediada pelo trabalho. O animal, ao contrário, apenas tem na escolha o fim imediato para a sua necessidade. O que caracteriza o domínio da consciência sobre o elemento instintivo, puramente biológico.

Em todo ato humano, não existe apenas uma finalidade, mas um curso de ação e todos os outros meios necessários para realizá-la objetivamente no mundo “em-si”. Medeiros, esclarece que para Lukács,

O trabalho, em particular, e a prática humana em geral, além de ser caracterizada como realização de uma finalidade pré-concebida, deve ser compreendida como escolha entre alternativas concretas existentes. Em todo ato humano, não apenas uma finalidade (valor), mas um curso de ação (dever-ser) e todos os outros meios necessários a realizá-la objetivamente num mundo em si insensível com relação aos desígnios humanos [...] são escolhidos, e outros negados (2007, p. 10).

Isto posto, é razoável inferir que a alternativa é uma categoria determinante, uma vez que é por meio dela que se realiza a passagem da possibilidade à realidade.

Como sintetiza Gramsci:

A possibilidade não é a realidade, mas é, também ela, uma realidade: que o homem possa ou não fazer determinadas coisas, isto tem importância na valorização daquilo que realmente se faz. [...]. Mas a existência das condições objetivas – ou possibilidade, ou liberdade – ainda não é suficiente: é necessário ‘conhecê-las’ e saber utilizá-las. Querer utilizá-las (1978, p. 47).

Pode-se dizer, então, que a consciência humana não é epifenômica, mas sim teleológica. Como explica Lukács “na medida em que a realização de uma finalidade torna-se um princípio transformador e reformador da natureza, a consciência que impulsionou e orientou um tal processo não pode ser mais do ponto de vista ontológico um epifenômeno” (1981, p. 13).

Nesse processo, o autor afirma que não há identidade sujeito e objeto, uma vez que o produto do trabalho objetivado não se identifica mais com o ser que o subjetivou.

No reflexo da realidade a reprodução se destaca da realidade reproduzida, coagulando-se numa ‘realidade’ própria da consciência. Pusemos entre aspas a palavra realidade porque, na consciência, ela é apenas reproduzida; nasce uma nova forma de objetividade, mas não uma realidade, e – exatamente em sentido ontológico – não é possível que a reprodução seja da mesma natureza daquilo que ela reproduz e muito menos idêntica a ela (LUKÁCS, 1981, p. 15).

Parafraseando Ranieri (2009), a capacidade humana de produzir os meios de satisfazer suas necessidades pressupõe um conhecimento concreto das propriedades do objeto a ser transformado, o que remete à categoria do reflexo da consciência que, segundo Lukács (1981)

diferencia o ser e o seu reflexo na consciência, sendo esta diferenciação um fato fundamental do ser social.

Nesse sentido,

o reflexo tem uma natureza peculiar contraditória: por um lado, ele é o exato oposto de qualquer ser, precisamente porque ele é o reflexo e o não ser; por outro lado e ao mesmo tempo, é o meio através do qual surgem novas objetividades no ser social, por meio do qual se realiza a sua reprodução no mesmo nível ou em nível mais alto (LUKÁCS, 1981, p. 15-6).

Essa reprodução do ser social pode se dar tanto na dimensão do “em-si” quanto do “para-si”, mesmo porque estas dimensões fazem parte do processo de constituição social do indivíduo. Na tendência “em-si”, ele reproduz a partir de uma ideia já concretizada, enquadrando-se em uma essência prévia, relacionando-se sempre com os objetos de sua cotidianidade de um modo espontâneo e imediato. Costa diz que

na sociedade moderna, os saberes incorporados ao cotidiano dos indivíduos são funcionais às atividades práticas e imediatas, servem para que o indivíduo ‘funcione bem’ no seu cotidiano. A superficialidade extensiva faz das ações cotidianas meras reprodutoras da ‘normalidade’ da vida de cada indivíduo. Coexistem, de forma absolutamente tranqüila, na consciência pragmática do homem do cotidiano, representações de mundo contraditórias em si, sem ao menos ter-se clara essa questão, pois o saber cotidiano é heterogêneo (2001, p. 34).

Já na tendência “para-si” pressupõe-se que os homens se objetivem reflexivamente enquanto gênero e enquanto humanidade, construindo relações temporais e funcionais com os seres “em-si” e, com isso, criando um sentido para o mundo no qual vivem, definindo a cada momento qual é a sua essência. De acordo com Costa, “a superação da superficialidade empírica do cotidiano é uma tarefa que os homens realizam ao adotarem uma postura reflexiva frente à vida cotidiana. É pelo distanciamento reflexivo frente ao cotidiano, que o homem o compreende e analisa” (2001, p. 34).

Segundo Duarte (1993), ao transformar a natureza por meio do trabalho, o homem, no início do processo de humanização do gênero humano, estava se transformando de um ser genérico para um ser genérico “em-si”. As objetivações humanas limitadas pelos utensílios, costumes e linguagem constituíram a primeira e indispensável esfera de objetivação do gênero humano. O ser “em-si” também é constituído por pensamentos e ações que dirigem as suas objetivações “em-si”, mesmo que essas relações estabelecidas não alcancem o plano da genericidade “para-si”.

É com o surgimento da sociedade de classes⁴ que as relações econômicas, provenientes da exploração, foram se tornando cada vez mais autônomas, ou seja, “em mediadoras entre as forças produtivas e as relações sociais em geral” (HELLER, 1977, p. 230). É no capitalismo que essas relações atingem, segundo esta autora o ponto máximo enquanto ser “em-si” convertido em autônomo. Somente a superação da alienação nas relações econômicas exigirá o desenvolvimento de um sentido “para-si”. De acordo com a autora, a apropriação das objetivações genéricas “em-si” constitui a base da vida social. O indivíduo somente pode objetivar-se mediante essas apropriações, encontrando-se aí a possibilidade do alcance da genericidade “para-si”.

É importante salientar ainda, conforme Heller (1977), que a prática pedagógica da escola é mediadora entre a formação do indivíduo na vida cotidiana – portanto, onde ele se apropria das objetivações genéricas “em-si” – e sua formação nas esferas não cotidianas, as das objetivações genéricas “para-si”.

De acordo com Duarte “uma das diferenças entre a apropriação das objetivações genéricas em-si e a apropriação das objetivações genéricas para-si está em que esta última exige, em princípio, a superação do caráter imediato, espontâneo, com que se realiza a primeira” (1993, p. 140).

As objetivações genéricas “para-si”, como a ciência, a moral, a filosofia e a arte, além de representarem objetivamente o desenvolvimento do gênero humano, representam também a relação consciente dos homens com as objetivações genéricas “em-si”.

Como aponta Heller:

O para-si constitui a encarnação da liberdade humana. As objetivações genéricas para-si são expressão do grau de liberdade que o gênero humano alcançou em uma determinada época. São realidades nas quais está objetivado o domínio do gênero humano sobre a natureza e sobre si mesmo (sobre sua própria natureza) (1977, p. 233).

Com a finalidade de análise, Lukács (1981) decompõe o trabalho humano em dois momentos: objetivação e alienação, que no ato real são inseparáveis. A capacidade humana de criar objetos sociais antes inexistentes possui caráter positivo. É na produção de objetos sociais e de sua alienação em relação a eles que o ser humano se hominiza e desenvolve bens que

⁴Embora Marx reconhecesse que, nas diferentes épocas históricas, sempre existiram múltiplas categorias sociais, considera que o século XIX presenciou, de maneira mais marcante, a polarização de duas classes antagônicas e hostis: a burguesia e o proletariado. O capitalista é proprietário dos bens de produção, enquanto o operário possui apenas sua força de trabalho, vendida em troca de salário (ARANHA, 1992). Portanto, o surgimento das classes sociais está associado à divisão do trabalho.

o produzem e o reproduzem, o que leva o indivíduo ao que o filósofo denomina estranhamento, caráter negativo da exteriorização.

Lukács (1981) entende o estranhamento, na sociedade capitalista, como o não reconhecimento do homem de sua própria produção e reprodução social. Na verdade, torna-se obstáculo ao desenvolvimento humano, o que impede a formação de uma individualidade rica e livre, possibilitada e ao mesmo tempo impedida pela sociedade capitalista.

Para que haja uma real possibilidade de objetivação do ser “para-si” na sociedade capitalista, Lukács (1981), citado por Tassigny, aponta para a necessidade

de superação dos estranhamentos. Entretanto, destaca que o desenvolvimento social anima um ser cada vez mais integrado e, por isso, crescentemente portador de necessidades genéricas [...] implica-se daí uma consciência progressivamente mais sintonizada com as necessidades humanas como um todo. Tal superação, entretanto, ainda irá demandar escolhas, em escala social, de valores que sejam expressão do próprio fim do desenvolvimento social: a produção de seres livres e autônomos (TASSIGNY, 2004, p. 84).

Quanto à alienação, segundo Duarte (1993), superá-la demonstra a prática de objetivações genéricas “para-si”, como a produção de ciência, arte e filosofia, transpondo o caráter não consciente e espontâneo das objetivações genéricas “em-si”, na medida em que se desenvolve uma relação consciente do indivíduo com o gênero humano. Entretanto, ainda para o autor, não é apenas a apropriação das objetivações genéricas “para-si” que garantem a superação da alienação, pois, se assim o fosse, a formação da individualidade “para-si” dependeria da posse ou não posse de determinadas formas do saber. Mas

a relação consciente com a genericidade para-si torna-se, à medida em que vai se desenvolvendo na vida do indivíduo, mediadora na reconstrução da hierarquia das atividades cotidianas e dos valores que dirigem tais atividades. O indivíduo passa a não mais aceitar como ‘natural’ a hierarquia das atividades da vida cotidiana [...] (DUARTE, 1993, p. 143)

Em suma, o trabalho, entendido como práxis humana material e não material, e não apenas como produção de mercadorias, é uma categoria fundante na formação do indivíduo enquanto ser social. Por meio do trabalho ele promove objetivações e apropriações, a partir das constantes relações com a natureza e consigo próprio. O homem satisfaz suas necessidades de modo consciente e teleológico, tornando a sua capacidade de fazer alternativas e escolhas o seu estar em sociedade, mesmo que em condições não determinadas por ele. Reunidos

na esfera das relações sociais, os homens criam valores e definem objetivos de vida a partir dos desafios encontrados na atividade produtora de sua existência.

Desse modo, tanto o indivíduo “em-si” quanto o indivíduo “para-si” devem ser compreendidos como um homem real inserido em determinado contexto histórico-social.

1.2 – Sujeitos desta pesquisa

Os sujeitos que compuseram a amostra desta pesquisa foram nove alunos, matriculados em instituições do ensino superior, com bolsa proveniente do Programa Universidade para Todos (Prouni), criado pelo Governo Federal. Foram ouvidos alunos do curso de pedagogia, marketing, economia, enfermagem, turismo e direito.

Os alunos ouvidos também tiveram acesso ao ensino superior por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Portanto, possuem o perfil socioeconômico definido pelo programa: baixa renda familiar, estudos realizados em escolas públicas e não portadores de diploma de ensino superior.

Desses sujeitos, oito encontram-se na faixa etária de 18 a 31 anos. Somente um deles, Eduardo, tem 46 anos de idade e foi escolhido por se tratar de um sujeito com uma história de vida diferenciada, já que foi interno do sistema carcerário paulista. Ou, em suas próprias palavras, um indivíduo que viveu “[...] como qualquer animal em qualquer outra situação, e sendo o ser humano autoadaptável e com instinto de sobrevivência enorme, o meu instinto era de sobreviver, mais do que sobreviver o meu corpo, tinha de sobreviver minha mente”.

Ainda, partindo da premissa de que a categoria administrativa poderia influenciar nas significações, foram contempladas instituições de três categorias: faculdades, centro universitário e universidades, como se segue: Faculdades Integradas Brasileiras Renascença/Uniesp; Faculdade São Camilo; Centro Universitário UniSant’Anna; Universidade Presbiteriana Mackenzie; Universidade Bandeirantes de São Paulo (Uniban).

As entrevistas transcorreram no período de junho a dezembro de 2009. Sete foram realizadas na residência dos sujeitos deste estudo e duas na instituição de ensino na qual estudam. Todas foram gravadas e transcritas.

Para a realização deste trabalho, esta pesquisadora enfrentou alguns entraves. Quando informados de que o depoimento seria gravado, a grande maioria alegou não ter disponibilidade de tempo. Outra dificuldade foi o não comprometimento dos entrevistados em relação às datas e horários marcados, o que resultou, algumas vezes, na remarcação do encontro.

Embora tenham ocorrido entraves, a pesquisadora se sentiu privilegiada em poder ter contato com a história de vida dessas pessoas. Alguns alunos que aceitaram dar seu depoimento, permitiram o acesso às suas residências. Esta pesquisadora foi recebida carinhosamente pelos familiares, inclusive, convidada, algumas vezes, a participar das refeições junto à família. Um fato curioso nessas visitas foi o envolvimento das pessoas próximas ao entrevistado nas narrativas de sua trajetória escolar. Muitas vezes elas se emocionaram, principalmente com fatos que relembravam o difícil passado. Aqueles que deram seus depoimentos na instituição foram igualmente solícitos e atenciosos.

De todo modo, o processo de entrevistas possibilitou o estabelecimento de uma relação de confiança entre entrevistados e entrevistadora.

Por meio dos depoimentos, foi possível conhecer mais amplamente essas personagens que, com as suas experiências e trajetórias de vida, nos mostraram um pouco das tensões sociais vivenciadas por uma camada substancial da sociedade brasileira. Uma camada que, tolhida ao longo da história da possibilidade de acesso ao ensino superior, alcança-o, na grande maioria das vezes, por meio de políticas públicas governamentais.

Foi possível também traçar o perfil dessa pequena amostra dessa camada da sociedade, que contribuiu para a realização desta pesquisa, e que apresentamos a seguir.

Beatriz Rodeiro Martinez é uma jovem de 27 anos que vive com a mãe e duas irmãs, em casa própria, na cidade de Ribeirão Pires, SP. Cursa pedagogia nas Faculdades Integradas Brasileiras Renascença/Uniesp – São Paulo, capital –, terceiro semestre, período noturno. Em 1996, logo após o término do ensino médio, matriculou-se em um curso de teatro promovido pela prefeitura de Ribeirão Pires. Após o curso, foi convidada a trabalhar no projeto de teatro, no qual permaneceu até o ano de 2004. Neste mesmo ano, aderiu a uma organização não governamental (ONG) que, por meio da arte-educação, atendia jovens com idades entre 16 e 24 anos, em vulnerabilidade social, que buscavam o primeiro emprego. Em 2006, a prefeitura exigiu que os professores da ONG tivessem graduação, o que motivou Beatriz a buscar o ensino superior. Para sustentar-se no ensino superior, faz trabalhos esporádicos na área de teatro.

Rodrigo Lourenço Gonçalves tem 23 anos. Filho mais velho de três irmãos, mora com os pais, o irmão e a irmã na Vila Maria, Zona Norte da cidade de São Paulo, em casa própria. Concomitantemente ao ensino médio cursou o técnico em administração na Escola Técnica Estadual (Etec). No Centro Universitário UniSant'Anna, São Paulo, fez o curso superior de tecnologia em marketing, que terminou no 1º semestre de 2009. Hoje trabalha como auxiliar administrativo no Grupo Autofax – Tecnologia para decisão de negócios.

Emília Mara Lima Silva, 22 anos nasceu e foi criada em São João da Boa Vista, SP. Uma vez conseguida a bolsa pelo Prouni, mudou-se para a cidade de São Paulo e matriculou-se no curso superior de tecnologia em marketing, no Centro Universitário UniSant'Anna, terminando-o no 1º semestre de 2009. Longe da família, mora com uma amiga e o pai desta no centro da cidade em um pequeno apartamento. O aluguel e outras despesas são divididos. Mesmo tendo terminado a faculdade, trabalha como atendente em uma loja de roupas.

Tatiana de Oliveira Cruz Barbosa tem 31 anos e é a mais velha de três irmãs. É casada e tem dois filhos, uma menina de 11 anos e um menino de 2. Mora no centro da cidade de São Paulo, em um edifício financiado pela Caixa Econômica Federal, por meio do Programa de Arrendamento Residencial⁵, aos participantes do Movimento de Moradia do Centro⁶ (MMC). Cursa o 3º semestre de direito na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Estagia na área.

Karen Jaqueline Santana Gomes tem 18 anos. Mora com a mãe e a irmã mais nova no centro da cidade de São Paulo, também em apartamento conquistado por meio do Movimento de Moradia do Centro. Quando criança, sempre acompanhava a mãe em reuniões do MMC. Pratica handball desde o ensino fundamental. Começou a trabalhar com 16 anos, como estagiária, encaminhada pelo Núcleo Brasileiro de Estágio (Nube), com o propósito de conseguir dinheiro para acompanhar a turma em um cruzeiro de formatura do ensino médio. Cursa o 1º semestre de enfermagem na Faculdade São Camilo e trabalha em uma clínica odontológica na capital.

Wendy Francisco Pereira tem 27 anos e mora com seu companheiro no centro da cidade, em imóvel conseguido por meio da luta da população de baixa renda para a conquista da moradia. Oriundo de uma família composta por pai, mãe e dez irmãos é natural de Itabaianinha, Sergipe, e até os 10 anos ajudou o pai, na zona rural, na venda de banana. A partir dos 12 anos foi trabalhar no comércio da pequena cidade. Aos 16 anos, pela precariedade de opções de trabalho que a cidade oferecia, começou a atuar na indústria de confecção. Morou em Itabaianinha até os 20 anos, quando veio para São Paulo, reencontrando a mãe e alguns irmãos que aqui já residiam. Cursa o 2º semestre de turismo, na Universidade Bandeirantes (Uniban). Continua trabalhando no ramo da confecção, como costureiro.

⁵Programa instituído por meio da Lei nº 10.188, de 12 de fevereiro de 2001, para atendimento da necessidade de moradia da população de baixa renda, sob a forma de arrendamento residencial, com opção de compra (BRASIL. PLANALTO DO GOVERNO, 2001).

⁶O Movimento de Moradia do Centro surgiu por volta de 1984, fruto da mobilização de um grupo de moradores de cortiços engajados na luta contra taxas de aluguéis abusivas e cobranças de água e luz muito além das suas possibilidades. Sua atuação caracteriza-se pela ocupação de edifícios públicos e privados ociosos no centro de São Paulo, tendo como fundamento a luta pela moradia e a organização urbana de trabalhadores empregados e desempregados (BLOCH e MARTINS, 2009).

Kelly Cristina Pereira tem 22 anos, é casada e possui um filho. Tem três irmãos por parte do pai e dois por parte da mãe. É a mais velha dos irmãos e não conhece a mãe. Ficou órfã de pai aos 4 anos de idade e foi morar com os avós paternos na Paraíba, onde permaneceu até os 9 anos, quando a família transferiu-se para Caraguatatuba, São Paulo. Dois anos depois, retornou à Paraíba e seis anos mais tarde, já com 17 anos, voltou para São Paulo. Foi morar em Itaquaquecetuba com os avós, permanecendo sob seus cuidados até os 19 anos, quando se casou. Kelly trabalha desde os 14 anos. Já trabalhou como atendente de sorveteria, de loja de noivas, como babá, costureira em confecção de bolsas, monitora em escola de informática. Hoje atua como atendente em empresa de telemarketing e cursa o 1º semestre de pedagogia nas Faculdades Integradas Brasileiras Renascença/Uniesp.

Eduardo Pires de Oliveira, 46 anos, faz questão de frisar que é filho de empregada doméstica e de pai funcionário público. A mãe, hoje com 64 anos, ainda exerce a função de doméstica e sempre foi engajada em movimentos políticos comunitários. Nascido em tempo de governo ditatorial, época de inúmeras proibições, motivado pela mãe tornou-se um contestador. Considera-se um revoltado por natureza. Com 14 anos começou a trabalhar como office-boy. A partir daí passou a ter um novo registro na carteira a cada três meses, em diferentes atividades. Serviu o exército, época em que se especializou no trato de equinos, função que exerceu por mais um ano depois de sua baixa. Foi policial militar. Saiu da corporação na condição oposta, de presidiário, em liberdade assistida. É divorciado da mãe de seu filho, hoje com 19 anos, e casado com outra mulher. Atualmente exerce a profissão de manobrista noturno e cursa o 5º semestre de pedagogia nas Faculdades Integradas Brasileiras Renascença/Uniesp.

Elton Luiz Fotoni é filho de pais separados. Tem 26 anos e mora com a mãe em um espaço ocupado na Vila Albertina, Zona Norte de São Paulo, espaço caracterizado como núcleo habitacional de risco. Contratado pela prefeitura, começou a trabalhar aos 19 anos como auxiliar de almoxarife na Escola da Polícia Militar do Barro Branco. Permaneceu por dez meses, quando foi chamado para trabalhar com um primo em um escritório contábil, como auxiliar de contabilidade, cargo em que permanece até hoje. Elton já teve uma banda de música e participou do Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais⁷ no governo da prefeita

⁷Criado pela Lei nº 13.540 e regulamentado pelo Decreto nº 43.823/03, o do Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais (VAI), tem como objetivo apoiar financeiramente atividades artístico-culturais de jovens de baixa renda de regiões da Cidade desprovidas de recursos ou equipamentos culturais. A primeira edição do VAI, realizada em 2004, contabilizou 645 projetos inscritos, sendo 65 contemplados. Em 2005 foram selecionadas 71 propostas, de 450 inscritas. Em 2006 foram 758 inscrições e 62 grupos. 2007 foi um ano de crescimento, com 777 inscritos e 102 selecionados (PORTAL DA PREFEITURA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2008).

Marta Suplicy⁸. Toca teclado, escreve poesias e cursa o 3º semestre de ciências contábeis na Universidade Paulista (Unip).

A metodologia utilizada envolveu basicamente três momentos. O primeiro refere-se à elaboração técnica da entrevista semiestruturada; o segundo, à realização das entrevistas, que foram gravadas, transcritas e posteriormente editadas, de forma a facilitar a compreensão do leitor, porém sem que as características dos depoimentos fossem alteradas; o terceiro foi o de tratamento e análise dos dados.

As questões foram organizadas de forma a: 1) caracterizar o perfil e traçar a trajetória escolar dos alunos e a experiência familiar de cada um; 2) identificar sua compreensão e suas expectativas quanto à experiência universitária e o lugar do Prouni nela. A análise dos dados coletados baseou-se nas categorias já mencionadas.

As entrevistas, por constituírem a base deste trabalho de pesquisa e por trazerem elementos cuja análise não se esgota nesta investigação, encontram-se no apêndice, com o intuito de que outros investigadores possam, com outros olhares, fazer uso do material levantado por esta pesquisadora.

⁸Prefeita da cidade de São Paulo de 1º de janeiro de 2001 a 1º de janeiro de 2005.

CAPÍTULO 2 – PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS: PANORAMA HISTÓRICO, POLÍTICO, SOCIAL E ASPECTO LEGAL

Neste capítulo é apresentado um panorama histórico-político brasileiro da década de 1990, buscando identificar as reformas políticas e sociais ocorridas em tempos de influência do pensamento neoliberal. A reconfiguração do Estado e a inserção da discussão do ensino sob a égide de um Estado gerencial também são abordadas. O Programa Universidade para Todos constituiu o núcleo desta parte do trabalho.

O Prouni é um programa do governo inserido na reconfiguração da educação superior brasileira, quando se redefinem os conceitos de público e privado. Portanto, para entender o programa como política afirmativa⁹ que atua por meio da iniciativa privada, é preciso entender, antes, essas transformações e as reformas do Estado ocorridas a partir do governo de Fernando Henrique Cardoso¹⁰ (FHC), sob o chamado pensamento neoliberal (SILVA JR., 2002).

2.1 – Reconfiguração do Estado

A reconfiguração do Estado, segundo Hypólito (2005), dá-se na tentativa de superar a crise do Estado Nação, que se apresenta desde a década de 1970, a partir dos objetivos impostos pelo pensamento neoliberal, e na reestruturação produtiva do capitalismo. No Brasil, país em que jamais se constituiu o Estado de Bem-Estar Social¹¹, toma corpo, a partir do governo de FHC, a tese de um Estado inoperante frente às necessidades de desenvolvimento do capitalismo e a inserção no novo pacto proposto pelo capital por meio da expansão da globalização.

O papel do Estado passa a ser muito mais de controle, avaliação e gerenciamento, e as ações das políticas públicas sociais passam às mãos de instituições privadas. Portanto, a re

⁹ Do ente abstrato, genérico, destituído de cor, sexo, idade, classe social, dentre outros critérios, emerge o sujeito de direito concreto, historicamente situado, com especificidades e particularidades. O indivíduo ‘especificado’, portanto, será o alvo das novas políticas sociais, políticas estas que buscam concretizar a igualdade substancial ou material do indivíduo especificado (PIOVESSAN, 1998, p. 130).

¹⁰ Presidente da República de 1995-1998 e 1999-2002.

¹¹ O Estado de Bem-Estar Social (Welfare State) foi implantado nos países capitalistas avançados do hemisfério norte como defesa do capitalismo contra o perigo do retorno do nazifacismo e da revolução comunista. A crise econômica gerada pela Segunda Guerra Mundial, as críticas nazifacista e socialista ao liberalismo, a imagem da sociedade socialista em construção na União Soviética e na China, fazendo que os trabalhadores encontrassem nelas (ignorando o que ali realmente se passava) um contraponto para as desigualdades e a injustiça do capitalismo, tudo isso levou a prática política a afirmar a necessidade de alterar a ação do Estado, corrigindo os problemas econômicos e sociais (CHAUÍ, 2000, p. 555).

configuração dos conceitos de público e privado cria novas formas de gerência para a reorganização estatal.

O Brasil, na década de 1990, apresenta as reformas estruturais que irão inseri-lo na nova ordem mundial, as quais, segundo Silva Júnior, “tendem para um desmonte do Estado intervencionista na economia e nos setores sociais” (2002, p. 62).

A adequação à nova abordagem da administração pública aparece, no Brasil, com Luis Carlos Bresser Pereira¹², na década de 1990. Segundo o ex-ministro, nos anos 1990, embora o ajuste estrutural permanecesse entre os principais objetivos, a ênfase deslocou-se para a reforma do Estado, particularmente para a administrativa. Para Bresser, a questão central que se apresentava era de como reconstruir o Estado, como redefinir o novo Estado que estava surgindo em um mundo globalizado:

A abordagem gerencial, também conhecida como nova administração pública, parte do reconhecimento de que os estados democráticos contemporâneos não são simples instrumentos para garantir a propriedade e os contratos, mas formulam e implementam políticas públicas estratégicas para suas respectivas sociedades tanto sociais quanto na área científica e tecnológica, para isso é necessário que o Estado utilize práticas gerenciais modernas, sem perder de vista sua função eminentemente pública [...] não se trata, porém da simples importação de modelos idealizados do mundo empresarial, e sim do reconhecimento de que as novas funções do Estado exigem novas competências, novas estratégias administrativas e novas instituições (BRESSER-PEREIRA, 1998, p. 7).

Essa abordagem é criticada por intelectuais (SILVA Jr., 2002; SGUISSARDI, 2001; PERONI, 2006, dentre outros) que entendem o desmonte do Estado como plano da reconfiguração do capital, em prejuízo das camadas mais pobres, distanciando-as dos chamados serviços públicos, como saúde, educação e moradia, que passam a ser publicizados ou privatizados, ainda que se mantenham sob controle do Estado:

A tese da inoperância do Estado Nação foi aclamada como a nova verdade histórica. Porém, numa análise mais cuidadosa, podemos compreender que longe de um desmonte do Estado Nação, o momento histórico atual coloca uma redefinição de suas funções e de seu papel, num novo pacto proposto pelo capital, com graves perdas para as classes trabalhadoras, constituindo-se num retrocesso na construção de um mundo mais igualitário e democrático. As diferenças entre os países ricos e pobres cresceram nas duas últimas décadas. Junto com a supremacia econômica está a dominação política, realizada através de várias instituições globais, tais como: o FMI – Fundo Mone

¹² Luís Carlos Bresser Pereira foi ministro da Administração Pública e da Reforma do Estado (Mare) no primeiro mandato do governo Fernando Henrique Cardoso (1995-1998).

tário Internacional, o Banco Mundial e a OMC – Organização Mundial do Comércio (COSTA, 2000, p. 2).

De acordo com Peroni:

A estratégia do neoliberalismo é reformar o Estado ou diminuir sua atuação para superar a crise. O mercado é que deverá superar as falhas do Estado; assim, a lógica do mercado deve prevalecer, inclusive no Estado, para que ele possa ser mais eficiente e produtivo (2006, p. 11).

No momento em que se observam grandes movimentos de adaptabilidade provenientes das próprias contradições do modo de produção capitalista, há mudanças e transformações profundas na forma de produção da vida material objetiva e subjetiva. Estas mudanças acontecem “na esfera do Estado, da produção, do mercado e também no âmbito político-cultural” (PERONI, 2006, p. 11).

No âmbito da ideologia neoliberal¹³, não era o capitalismo que estava em crise, mas o Estado, que se apresentava incapaz de acompanhar os avanços e as mudanças do capitalismo, tornando-se, segundo essa visão, uma máquina emperrada, envelhecida, incapaz de atingir metas de uma gestão eficiente e eficaz.

A resposta neoliberal para essa crise foi reformar o Estado ou diminuir sua atuação e interferência no mercado. O próprio mercado, segundo Peroni “é que deverá superar as falhas do Estado; assim, a lógica do mercado deve prevalecer, inclusive no Estado, para que ele possa ser mais eficiente e produtivo” (2006, p. 11).

Mas, para autores citados por Peroni (2006), como Mészáros (2002), Antunes (1999) e Harvey (1989), a crise não se encontra no Estado, mas é uma crise estrutural do capitalismo. Para esses autores, as estratégias de superação da crise, como o neoliberalismo, a globalização, a reestruturação produtiva e a terceira via, é que estão redefinindo o papel do Estado.

Conforme Peroni:

Segundo o diagnóstico neoliberal, o Estado entrou em crise tanto porque gastou mais do que podia para legitimar-se, já que tinha que atender às demandas da população por políticas sociais, o que provocou a crise fiscal,

¹³ Conceituação: denominação de uma corrente doutrinária do liberalismo que se opõe ao social-liberalismo e/ou novo liberalismo (modelo econômico keynesiano) e retoma algumas das posições do liberalismo clássico e do liberalismo conservador, preconizando a minimização do Estado, a economia com plena liberação das forças de mercado e a liberdade de iniciativa econômica. Tem como princípios a ênfase na liberdade, na propriedade, na individualidade (direitos naturais), na economia de mercado autorregulável e na sociedade aberta; defende a livre concorrência; o fortalecimento da iniciativa privada com ênfase na competitividade, na eficiência e na qualidade de serviços e produtos (LIBÂNEO, 2005, p. 97).

quanto porque, ao regulamentar a economia, atrapalhou o livre andamento do mercado. As políticas sociais, para a teoria neoliberal, são um verdadeiro saque à propriedade privada, pois são formas de distribuição de renda, além de também serem um obstáculo ao livre andamento do mercado, visto que os impostos oneram a produção (2006, p. 13).

Ainda segundo a autora, o papel do Estado em relação às políticas sociais é alterado e passa a racionalizar recursos e esvaziar o poder das instituições, já que as instituições democráticas são permeáveis às pressões da população, além de serem consideradas improdutivas pela lógica do mercado.

Nesse contexto, as esferas do público e do privado passam, portanto, ser entendidas, como dizem Silva Júnior e Sguissardi (2002), com base nas relações sociais de produção. O movimento contraditório do capital irá determinar o que é estatal, público e privado.

No Brasil, na década de 1990, essas transformações das relações sociais no modo de produção capitalista se darão por meio do projeto político neoliberal de Fernando Henrique Cardoso. Como apontam os autores acima citados:

O governo de FHC teve no centro de seu projeto político a construção da cidadania. Tornado público pelo discurso de seus membros e arautos nos grandes espaços e templos da mídia, esse projeto alardeava a construção do novo cidadão brasileiro a erigir-se sobre os pilares do modelo de competência e empregabilidade e em meio à intensa mudança institucional e construção de nova organização social nos moldes do novo paradigma de Estado, cuja racionalidade se fundava em crescentes e inegáveis valores mercantis (SILVA JUNIOR e SGUISSARDI, 2005, p. 7).

Segundo esses autores, esse modelo de projeto político para o Brasil, a partir da década de 1990, foi muito convincente. Fernando Henrique Cardoso colocou em prática uma política conforme as orientações do capital financeiro internacional, preocupando-se de forma tangencial com o fortalecimento do capital produtivo industrial brasileiro. Ainda segundo os autores, tratava-se de um projeto que apresentava os seguintes traços:

A adoção no país do novo paradigma de organização das corporações mundiais; a desnacionalização da economia; a desindustrialização; a transformação da estrutura do mercado de trabalho, incluindo sua terceirização e precarização, e flexibilização das relações trabalhistas; a reforma do Estado e a restrição da esfera pública e a ampliação da privada; o enfraquecimento das instituições políticas de mediação entre a sociedade civil e o Estado, especialmente dos sindicatos e partidos políticos; o trânsito da sociedade do emprego para a sociedade do trabalho, isto é, a tendência ao desaparecimento dos direitos sociais do trabalho; a transferência de deveres e responsabilidades do Estado e do direito social e subjetivo do cidadão para a sociedade civil (SILVA JUNIOR e SGUISSARDI, 2005, p. 4).

No Brasil, é no Plano da Reforma do Estado que as políticas sociais foram consideradas serviços não exclusivos do Estado, portanto, de propriedade pública não estatal ou privada e, como tais, dependentes da ação e do movimento do mercado.

Peroni entende que:

As estratégias de reforma do Estado no Brasil são: a privatização, a publicização e a terceirização. Terceirização, conforme Bresser-Pereira é o processo de se transferirem, para o setor privado, serviços auxiliares ou de apoio [...]. O conceito de privatização significa transformar uma organização estatal em uma organização de direito privado, pública, não-estatal (2006,p.21).

Ainda, sobre a reforma do aparelho do Estado, BRESSER-PEREIRA explica que sua proposta

parte da existência de quatro setores dentro do Estado: (1) o núcleo estratégico do Estado, (2) as atividades exclusivas do Estado, (3) os serviços não exclusivos ou competitivos, e (4) a produção de bens e serviços para o mercado [...]. Na União, os serviços não exclusivos do Estado mais relevantes são as universidades, as escolas técnicas, os centros de pesquisas, os hospitais e os museus. A reforma proposta é a de transformá-los em um tipo especial de entidade não estatal, as organizações sociais. A ideia é transformá-los, voluntariamente, em “organizações sociais”, ou seja, em entidades que celebrem um contrato de gestão com o Poder Executivo e contem com a autorização do parlamento para participar do orçamento público (1997, p. 286).

A reforma estatal propunha, portanto, uma concepção de modernização ancorada na eficiência dos setores do Estado e de modelos de administração pública, valorizando a administração privada, a descentralização, a autonomia, mas com controle por resultados.

Com essa nova administração

as políticas públicas passam, no país e no exterior, por um processo de mercadorização do espaço estatal ou público, sob o impacto de teorias gerenciais próprias das empresas capitalistas imersas na suposta anarquia do mercado, hoje estruturado por organismos multilaterais a agirem em toda a extensão do planeta (SILVA JUNIOR e SGUISSARDI, 1999, p. 75).

A partir desses enfoques, o governo brasileiro, na década de 1990, teve como meta a flexibilização radical no plano social, incluindo as áreas a ela pertinentes, inclusive a educação.

Nessa década, enquanto o Ministério da Administração Federal e da Reforma do Estado (Mare) preocupou-se com questões da reforma do estatal, o Ministério da Educação e dos

Desportos (MEC) atuou de maneira mais incisiva na reestruturação do sistema da educação superior, por meio da implantação de medidas legais, como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9.394/96), decretos, portarias, medidas provisórias, emendas constitucionais.

No Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado, estava previsto um programa de descentralização da educação para o setor público não estatal, estabelecendo um sistema de parceria entre Estado e sociedade. O Plano previa, para a educação, um programa de publicização¹⁴, entendendo-a como um dos serviços não exclusivos do Estado, porque não tem necessariamente que ser executada/prestada por ele, mas regulada, facilitada, promovida ou parcialmente financiada por ele, o qual deixa de ser executor e passa a ser coordenador desse serviço (BRASIL, PRESIDÊNCIA, 1995).

Essa nova administração gerou também uma nova forma de olhar a educação, a qual passou a ser vista como um serviço e, então, a mesma lógica de mercado se aplicou na busca da eficiência e da eficácia.

2.2 – A educação superior no processo de publicização e privatização

Apesar de os processos de publicização e de privatização terem alcançado todos os campos dos serviços públicos, considerando o tema desta pesquisa, o presente item traz à discussão a educação do ensino superior.

No governo de Fernando Henrique Cardoso, em 9 de janeiro de 2001 foi aprovado, por meio da Lei nº 10.172, o Plano Nacional de Educação (PNE). No texto da lei, no que se refere à educação superior, lê-se como diretriz:

A pressão pelo aumento de vagas na educação superior, que decorre do aumento acelerado do número de egressos da educação média, já está acontecendo e tenderá a crescer. Deve-se planejar a expansão com qualidade, evitando-se o fácil caminho da massificação. É importante a contribuição do setor privado, que já oferece a maior parte das vagas na educação superior e tem um relevante papel a cumprir, desde que respeitados os parâmetros de qualidade estabelecidos pelos sistemas de ensino (BRASIL, 2001, s/p).

Ainda, no texto da lei, a justificativa do governo ao apresentar um plano de expansão universitária respalda-se na assertiva de que

¹⁴ Publicização consiste na transferência da execução de atividades do setor público estatal para o setor público não estatal (COUTINHO, 2003, p. 957).

nenhum país pode aspirar a ser desenvolvido e independente sem um forte sistema de educação superior. Num mundo em que o conhecimento sobrepuja os recursos materiais como fator de desenvolvimento humano, a importância da educação superior e de suas instituições é cada vez maior. Para que estas possam desempenhar sua missão educacional, institucional e social, o apoio público é decisivo (BRASIL, 2001, s/p).

Essa visão também aparece no texto de apresentação da versão preliminar do Anteprojeto de Lei da Educação Superior de 6 de dezembro de 2004, governo Luís Inácio Lula da Silva, à época com Tarso Fernando Gerz Genro na cadeira do Ministério da Educação, conforme segue:

A educação superior brasileira tem a missão estratégica e única voltada para a consolidação de uma nação soberana, democrática, inclusiva e capaz de gerar a emancipação social. Esta proposta traduz a visão política expressa no Programa de Governo Lula, reafirmada no debate público, nas críticas e consensos de que o projeto de nação está intrinsecamente vinculado aos destinos da educação superior (FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE GRADUAÇÃO DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS, 2005, p. 6).

Mas, segundo Ristoff¹⁵, o sistema de educação superior público brasileiro é pequeno e excludente, às vezes quase privado, mesmo dentro de um espaço público.

A verdade é que o Brasil continua concebendo a universidade como coisa para um pequeno e seletivo grupo, um espaço onde alguns poucos privilegiados têm a oportunidade de acessar o último conhecimento. Que a universidade deve servir à sociedade que a criou parece não haver dúvidas. Resta, no entanto, saber a que sociedade deve servir. E, neste sentido, parece evidente que num país democrático, ou que se queira democrático, a universidade precisa romper com o elitismo que a concebeu e engajar-se num projeto nacional que promova o acesso das populações hoje excluídas e transforme as universidades brasileiras em universidades do povo, para o povo e pelo povo [...]. O que está acontecendo entre nós é o contrário: as já elitizadas e excludentes universidades públicas elitizam-se ainda mais e forçam populações inteiras de jovens a buscarem nas universidades privadas e pagas o seu único refúgio. Hoje é duas vezes mais difícil ingressar em um curso de graduação de uma universidade pública do que há cinco anos. Estamos hoje entre os países com um dos sistemas de educação superior mais privatizados do planeta (2006, p. 7).

Na avaliação dos autores, a educação superior no Brasil, principalmente nas décadas de 1980 e 1990, sofreu uma histórica ausência de financiamento público que criou um cenário ainda maior de exclusão.

¹⁵ Dilvo Ilvo Ristoff foi diretor de Avaliação e Estatísticas da Educação Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, de junho de 2003 a janeiro de 2008 (INEP/MEC, 2003, s/p).

Em crítica ao governo de Fernando Henrique Cardoso, Ristoff elenca algumas ações que acredita importante avaliar:

Crescente vulgarização do sentido de universidade; agressiva privatização do sistema; desinvestimento programado e gradativo nas Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes); desvalorização programada das carreiras dos docentes e dos técnico-administrativos nas Ifes; crescimento vertiginoso da exclusão no acesso às IES públicas; desrespeito repetido à Constituição no que se refere à autonomia das Universidades, à democracia interna e à indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; desestímulo financeiro à pesquisa; expansão desigual e sem controle de qualidade da pós-graduação, com crescimento desenfreado de cursos endogênicos; privatização crescente do espaço público, através de cursos regulares, especializações, mestrados e doutorados, assessorias, consultorias, etc., oferecidos, como mercadorias, através das fundações de apoio; privatização branca do espaço público através de mestrados profissionalizantes pagos e de cursos sequenciais pagos; dismantelamento dos processos de avaliação institucional; dismantelamento de programas acadêmicos, com cortes de bolsas, na graduação e na pós-graduação; aligeiramento da graduação através de cursos sequenciais, colocados no mesmo patamar valorativo dos cursos de graduação, ou de propostas de encurtamento da graduação; aligeiramento dos mestrados através da proliferação de cursos profissionalizantes pagos, mesmo em IES públicas e gratuitas, e da burocracia produtivista instituída pela Capes; perda de qualidade acadêmica através da substituição de professores efetivos por estagiários de docência (2006, p. 3).

Para Silva Júnior, “o governo de Fernando Henrique foi marcado pela expansão dos valores mercantis na construção de uma nova organização social” (2005, p. 22). Ainda, nas palavras do autor:

Fernando Henrique, em sua prática política à frente da Presidência, governou conforme o capital financeiro internacional, preocupando-se tangencialmente com o capital nacional industrial e com o fortalecimento de um capital produtivo brasileiro [...]. Por outro lado, por conta da desmobilização da sociedade civil ocorrida na década de 1980, gerenciou (mais do que governou) o país (2005, p. 20).

Desde 1980, o papel das políticas públicas educacionais vem sendo debatido, levando-se em consideração a necessidade de adequação ao novo momento histórico, político, econômico e social que se instaurou a partir dessa década, caracterizada pela completa estagnação econômica que o Brasil viveu¹⁶. Organizações mundiais como a OMC (Organização Mundial

¹⁶ A década de 1980, chamada de década perdida, caracterizou-se pela redução do ritmo do crescimento da renda em relação às décadas de 1970 e 1960 e, conseqüentemente, afetou de forma adversa os menos favorecidos. O resultado desses dois efeitos foi a ausência de melhorias significativas na redução da pobreza, estagnação do rendimento e a sua má distribuição que se mantiveram até o início da década de 1990 (ROCHA, 2000).

do Comércio) e o Banco Mundial (BM) têm interferido diretamente nos projetos políticos da educação brasileira.

Desde 1994, com a criação da Organização Mundial do Comércio (OMC), temas da área educacional fazem parte das chamadas negociações multilaterais de comércio. Em 1999, foi adotada uma lista incluindo doze setores de serviços sujeitos às regras do Acordo Geral sobre Serviços¹⁷ (Gats). A educação, vista como um mercado potencialmente lucrativo, é incluída nesses setores.

Ribeiro discute a amplitude do acordo:

Em um sentido puramente econômico, como destacado pela comissão formada na Universidade de São Paulo (USP) para a discussão sobre a liberalização da educação como item dos setores de serviços do Gats, a liberalização pode trazer consequências positivas e negativas. Dentre as positivas, o aumento de investimento no setor; a ampliação dos benefícios oferecidos ao consumidor, devido à queda de preços dos serviços em um mercado em concorrência; a atualização tecnológica. Entre as consequências negativas, a desnacionalização do setor; o acirramento da competitividade, com prejuízo para os pequenos e médios empreendimentos; e o agravamento do quadro das diferenças regionais, já que a lógica de mercado se expande nas regiões de maior atratividade econômico-financeira (2006, p. 138).

Do mesmo modo, o Banco Mundial, entre outras ações, ressalta a importância da educação superior para o desenvolvimento econômico e social, para o aumento da produtividade no trabalho.

Nesse sentido, em documento intitulado *Lá enseñanza superior – Las lecciones derivadas de la experiencia*, o Banco Mundial apresenta quatro ações básicas da educação superior:

Fomentar a maior diferenciação das instituições, incluindo o desenvolvimento de instituições privadas; proporcionar incentivos para que as instituições diversifiquem as fontes de financiamento, por exemplo, a participação dos estudantes nos gastos e a estreita vinculação entre o financiamento fiscal e os resultados; redefinir a função do governo no ensino superior; adotar políticas que destinadas a outorgar prioridade aos objetivos da qualidade e da equidade (BANCO MUNDIAL, 1994, p. 28-9).

¹⁷ O Acordo Geral sobre Comércio de Serviços (Gats) é o primeiro acordo comercial multilateral que abrange comércio de serviços. Foi elaborado durante a Rodada Uruguai, que durou de 1986 até 1993, e entrou em vigor em 1995. O acordo tem como objetivo aumentar o nível de liberalização e de desregulamentação no setor de serviços internacionalmente. É administrado pelo Conselho para o Comércio de Serviços, que opera dentro da OMC. O Gats dividiu o comércio de serviços em doze setores: comunicações, obras públicas e engenharia, distribuição, educação, ambiente (incluindo água), finanças, saúde e serviços sociais, turismo, lazer, cultura e desporto, transportes e “outros”. Os serviços públicos não estão formalmente incluídos no Gats, pelo menos obrigatoriamente (PORTAL REBRIP, 2005, p. 2).

A educação superior, a partir da década de 1990, é, portanto, especialmente influenciada pelo pensamento das organizações multilaterais e responde, a partir das políticas públicas implementadas desde então, de maneira a viabilizar as orientações desses organismos.

No que concerne à imposição dessa lógica mercantil, Schwartzman ao analisar a atuação da educação superior, explana:

Em situações de estagnação econômica, a educação pode funcionar como mecanismo de filtragem e consolidação das desigualdades sociais, controlando o acesso a posições de autoridade, prestígio e riqueza. Ao invés de fonte de geração e distribuição de competências, a educação funcionaria, nestes casos, como mecanismo de distribuição e controle de credenciais que permitem ou não o acesso a posições socialmente vantajosas, determinadas pelas condições anteriores, ou “capital cultural” das famílias dos estudantes. Quando isto ocorre, os aspectos formais e burocráticos da educação se tornam dominantes, reduzindo a relevância da formação técnica e profissional (2004, p. 481).

A reestruturação da educação superior, tendo como eixo central as orientações dos organismos multilaterais, provocou um processo de reconfiguração do público e do privado, o que alterou a identidade das Instituições de Ensino Superior, tornando a educação um produto a ser adquirido no mercado universitário.

Esse processo acentua a aparência produzida pelo capital, na qual as relações sociais “parecem um infinito movimento de mercadorias e de homens, que se relacionam entre si e com a natureza” (SILVA JR.e SGUISSARDI, 1999, p. 91).

Marx buscou desvendar a lógica do modo de produção emergente, com a base no estudo do movimento difuso e fragmentado de homens e coisas por meio da mercadoria.

Para Marx (1982), a mercadoria apresenta-se por suas qualidades intrínsecas, suas qualidades físicas, próprias e para sua utilidade. O seu preço é o resultado das relações dessas qualidades. Há dois fatores constituintes da mercadoria, dois tipos de valor: o valor de uso e o valor de troca.

Quanto ao valor de uso, Marx afirma:

Só se realiza com a utilização ou o consumo. Os valores de uso constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social dela. Na forma de sociedade que vamos estudar, os valores de uso são, ao mesmo tempo, os veículos materiais do valor de troca (1982, p. 42).

Quanto ao fator de troca, Marx assinala que “todo trabalho, de um lado, dispêndio de força de trabalho humano, no sentido fisiológico, e, nessa qualidade de trabalho humano igual ou abstrato, cria o valor das mercadorias” (1982, p. 54).

Para Silva Júnior e Sguissardi (2001), o valor de troca da mercadoria só irá se manifestar no momento da troca, quando valores externos à mercadoria forem comparados. Ou seja, o valor de troca de uma mercadoria não corresponde exatamente à utilidade daquilo que é trocado, mas sim aos valores a ela agregados, quer sejam valores objetivos, quer sejam subjetivos, determinados pela motivação social.

Para Marx (1982), a mercadoria põe em movimento relações sociais motivadas pelo seu valor de troca, cuja substância é o trabalho humano social e abstrato.

Conforme Silva Júnior e Sguissardi:

Dessa forma, a mercadoria oculta as relações sociais que se desenvolvem na sociedade capitalista. As relações sociais de produção são motivadas pelo processo de valorização do capital possibilitado pela incorporação, à mercadoria, de relações sociais de exploração daqueles que vivem do trabalho e lhe acrescentam valor, por meio do trabalho social e abstrato, que lhe é estranho, e com o qual o trabalhador não se identifica (1999, p. 93).

A mercadoria, na sociedade capitalista, é a forma de contato entre os homens, que trazem em si as relações sociais de exploração, na medida em que as únicas formas de busca de elementos de igualdade encontram os valores quantitativos do trabalho humano abstrato nelas materializado. Marx explica:

A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho. Através dessa dissimulação, os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sociais, com propriedades perceptíveis e imperceptíveis aos sentidos (1982, p. 42).

Marx discute, em *O Capital*, livro III, o expansionismo do capital e de suas formas organizativas, tanto materiais como simbólico-culturais. Essa característica expansionista faz do capitalismo um modo de produção extremamente dinâmico em sua base produtiva, na economia, na política, na cultura e na necessária unidade social.

Para Silva Júnior e Sguissardi, a própria lógica do capitalismo, “historicamente produzida, impõe-lhe constantes processos de rupturas e continuidades para sua própria manutenção” (1999, p. 97).

E é essa necessidade de expandir o capital e ao mesmo tempo redefinir as esferas do público e do privado que interessa observar, pois a tendência à superacumulação de capital em qualquer uma de suas formas (mercadorias, desemprego, capital-dinheiro, etc.) fará acontecer as mudanças nas superestruturas.

Sobre essa expansão, Harvey abaliza:

O capitalismo é orientado para o crescimento. Uma taxa equilibrada de crescimento é essencial para a saúde de um sistema econômico capitalista, visto que só através do crescimento os lucros podem ser garantidos e a acumulação do capital, sustentada. Isso implica que o capitalismo tem de preparar o terreno para uma expansão do produto e um crescimento em valores reais, pouco importam as consequências sociais, políticas, geopolíticas ou ecológicas. Na medida em que a virtude vem da necessidade, um dos pilares básicos da ideologia capitalista é o crescimento (1989, p. 166).

O geógrafo marxista complementa sua análise apontando:

O capitalismo é, por necessidade, tecnológica e organizacionalmente dinâmico. Isso decorre em parte das leis coercitivas, que impelem os capitalistas individuais a inovações em busca do lucro. Mas a mudança organizacional e tecnológica também tem papel-chave na modificação da dinâmica da luta de classes, movida por ambos os lados, no domínio dos mercados de trabalho e do controle do trabalho (1992, p. 169).

As transformações das relações sociais de produção no modo de produção capitalista são imprescindíveis para a própria manutenção do capitalismo. O papel do Estado, nesse sistema, tem lugar de representante do próprio modo de produção e do capital. O Estado orienta ou produz as transformações necessárias, de forma direta ou indireta, tanto na produção quanto na economia, na política, na cultura e na educação.

No Brasil, de acordo com Carvalho (2006), foi no segundo mandato (1999 a 2002) de Fernando Henrique Cardoso que “verificou-se o aprofundamento da parceria público/privado, tanto pela disseminação de cursos pagos de extensão como pela relação estreita entre fundações privadas e as universidades públicas” (2006, p. 5-6). A eficiência e a produtividade das instituições privadas foram argumentos importantes para a opção política de estímulo à iniciativa privada na expansão de vagas.

Silva Júnior (2008), em seus escritos, avalia que o governo do Partido dos Trabalhadores (PT), com Luís Inácio Lula da Silva na presidência (início em 2003 até o presente), deu continuidade ao modelo de políticas públicas desenvolvidas pelo governo anterior. De acordo com o autor, as organizações não governamentais (ONGs) e as empresas privadas continuaram a assumir, por meio dos incentivos financeiros do governo, as ações de políticas públicas voltadas à educação, saúde, juventude, entre outras. Para esse estudioso, o presidente Luís Inácio Lula da Silva, submisso às agências multilaterais, manteve as políticas públicas sob a lógica mercantil, orientadora da esfera educacional brasileira.

2.3 – Prouni: aspectos legais

O Programa Universidade para Todos (Prouni) é uma ação de política pública de expansão universitária implantada no governo Lula que se enquadra na lógica de publicização.

Segundo Mancebo, a proposta do governo petista de expansão do acesso e promoção da permanência do aluno no ensino superior

independentemente da natureza da instituição a que pertença, materializada no Prouni, demonstra a reconfiguração entre o público e o privado, pois o Prouni não implicará propriamente numa redução dos recursos estatais destinados à educação superior pública, todavia colocará em curso um mecanismo de reaplicação de verbas para a iniciativa privada (2004, p. 854).

Se a proposta do atual governo brasileiro é expandir e promover a permanência do aluno no ensino superior, se o ensino público superior é “pequeno e excludente”, como afirmou Ristolf (2006), o Prouni aplica-se bem a esse raciocínio de expansão. Na própria justificativa do projeto de lei (BRASIL/MEC, 2004), fica clara a ideia de que o Prouni está inserido num esforço de mudança de rumos, criando uma nova relação entre o setor público e o privado.

Hoje, o Prouni é um programa de ampla aceitação social que já atendeu, desde sua criação até o processo seletivo do primeiro semestre de 2008, cerca de 385 mil estudantes, segundo dados divulgados pelo Ministério da Educação (MEC).

Esse programa foi instituído em 10 de setembro de 2004 por meio da Medida Provisória nº 213, transformada na Lei nº 11.096 em 13 de janeiro de 2005, sob a gestão do MEC. Destina-se à concessão de bolsas de estudo integrais e bolsas de estudo parciais de 50% para cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de ensino superior, com ou sem fins lucrativos.

No que concerne à legislação referente ao Prouni tem-se:

Quadro 1
Legislação Prouni Ano de 2004

Legislação	Data	Do que se trata	Breve explicação	Legislador	Nome
Medida Provisória nº 213	10/09/2004	Institui o Programa Universidade para Todos, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior e dá outras providências	Nesta medida, que se converteu na Lei 11.096, de janeiro de 2005, ficaram estabelecidos os critérios de concessão de bolsas de estudo para o ensino superior e as isenções de impostos e contribuições das instituições de ensino superior que aderirem ao Prouni	Presidente da República	Luiz Inácio Lula da Silva
Instrução Normativa SRF 456	5/10/2004	Dispõe sobre a isenção do imposto de renda e de contribuições aplicável às instituições que aderirem ao Prouni.	Esta Instrução tem por objetivo regulamentar junto à Receita Federal as isenções de impostos e contribuições das instituições de ensino privadas.	Secretário da Receita Federal	Jorge Antônio Deher Rachid
Decreto nº 5245/04	15/10/2004	Regulamenta a MP 213, de 10 de setembro de 2004, que institui o Prouni, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior e dá outras providências.	Este decreto afirma que sob a gestão do Ministério da Educação, o Prouni será implementado pela Secretaria da Educação Superior. Os procedimentos operacionais serão dispostos pelo Ministério da Educação	Presidente da República	Luiz Inácio Lula da Silva
Portaria nº 3.268	18/10/2004	Dispõe sobre os procedimentos para a adesão de instituições de ensino superior ao Prouni e dá outras providências.	Esta portaria esclarece sobre a proposta de adesão, conforme os procedimentos nela estabelecidos, nesta Portaria, incluindo um modelo no Anexo I.	Ministro da Educação	Tarso Genro
Portaria nº 3.964	2/12/2004	Dispõe sobre o processo seletivo do Prouni, referente ao primeiro semestre de 2005, e dá outras providências.	O primeiro processo seletivo para o Prouni deu-se no período de 06/12/2004 até o dia 17/12/2004	Ministro da Educação	Tarso Genro
Portaria nº 4.212	17/12/2004	Dispõe sobre alterações no parágrafo único do artigo 13 da Portaria nº 3.964 e do artigo 9 da mesma portaria	Estabelece a validade da utilização da nota do Enem referente aos anos de 2002 e 2003. Estabelece também a média aritmética de no mínimo 45 pontos como pré-condição de participação do processo de classificação no Prouni.	Ministro da Educação	Tarso Genro

Quadro 2
Legislação Prouni Ano de 2005

Legislação	Data	Do que se trata	Breve explicação	Legislador	Nome
Lei nº 11.096	13/01/2005	Institui o Prouni, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior; altera a Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências	A MP 213, de 2004, é convertida em lei. O texto referente ao Prouni se mantém na sua maior parte e o § 4º sobre a avaliação das instituições é alterado.	Presidente da República	Luiz Inácio Lula da Silva
Portaria 524	18/2/2005	Dispõe sobre a ocupação de bolsas remanescentes do Prouni, altera o prazo para o registro no Sistema do Prouni – Sisprouni, de aprovação e reprovação de candidatos pré-selecionados no processo seletivo referente ao primeiro semestre de 2006, e dá outras providências	O artigo 4 dispõe sobre critérios de ocupação de bolsas eventualmente remanescentes. Devem ter prioridade: estudantes professores da rede pública e estudantes autodeclarados indígenas	Ministro da Educação	Tarso Genro
Portaria nº 1.861	1/7/2005	Regulamenta a concessão de financiamento, pelo Fies, aos bolsistas selecionados pelo Prouni no processo seletivo referente ao primeiro semestre de 2005 e dá outras providências	Esta portaria regulamenta o financiamento de estudos aos alunos selecionados pelo Prouni com bolsas parciais	Ministro da Educação	Tarso Genro
Decreto nº 5.493	18/7/2005	Regulamenta o disposto na Lei 11.096, de 13 de janeiro de 2005	Este decreto regulamenta a concessão de bolsas de estudo	Presidente da República	Luiz Inácio Lula da Silva
Portaria nº 2.729	8/8/2005	Dispõe sobre a política de oferta de financiamento no âmbito do fundo de financiamento ao estudante do ensino superior – Fies	No artigo 1º, a escala de prioridade para a concessão de financiamento é estabelecida. No artigo 4º, ficam estabelecidos os critérios de financiamento	Ministro da Educação	Tarso Genro
Portaria nº 3.121	9/9/2005	Dispõe sobre os procedimentos de manutenção de bolsas e de emissão de termos aditivos ao termo de adesão no sistema do Prouni – Sisprouni, e dá outras providências	Esta portaria regulamenta os procedimentos de envio de dados sobre o aluno bolsista pelo Prouni por meio unicamente do Sisprouni	Ministro da Educação	Tarso Genro

Quadro 3
Legislação Prouni Ano de 2006 a 2008

Legislação	Data	Do que se trata	Breve explicação	Legislador	Nome
Portaria nº 569	23/02/2006	Regulamenta o artigo 11 da Lei nº 11.180 de 23 de setembro de 2005	O artigo 11 da Lei 11.180 autoriza a concessão de bolsa-permanência, no valor de até R\$ 300 mensais, exclusivamente para o custeio das despesas educacionais, a estudantes beneficiários de bolsa integral do Prouni. Esta concessão é regulamentada pela Portaria nº 569, que confirma o valor da bolsa em R\$ 300, define quais cursos poderão receber a bolsa e define a carga horária dos cursos.	Ministro da Educação	Fernando Haddad
Portaria Normativa nº 1	31/03/2008	Institui bolsa complementar no âmbito do Prouni.	As instituições de ensino superior poderão oferecer bolsas complementares àquelas exigidas em função da adesão ao programa. As instituições poderão oferecer bolsas de 25% mas não poderão ser contabilizadas como bolsas do Prouni, para fins de isenção fiscal.	Ministro da Educação	Fernando Haddad

2.3.1 – Quanto aos tipos de concessão de bolsas

No que se refere à concessão de bolsas, inicialmente foi estabelecido que poderiam ser integrais ou de 50%.

No parágrafo primeiro da Lei nº 11.096 consta que a bolsa de estudo integral será concedida a brasileiros não portadores de diploma de curso superior cuja renda familiar *per capita* não exceda o valor de até um salário mínimo e meio. A bolsa parcial de 50% será concedida a brasileiros não portadores de diploma de ensino superior cuja renda familiar *per capita* não exceda o valor de até três salários mínimos.

Posteriormente, o Decreto nº 5.493, de 18 de julho de 2005, regulamentou o disposto na Lei nº 11.096. Modificou a porcentagem do valor das bolsas: elas passaram a ser integrais ou parciais, de 50% ou 25%. No mesmo decreto, no artigo 2º do parágrafo 3º, ficou vedada a acumulação de bolsas de estudo vinculadas ao Prouni, bem como a concessão de bolsas de estudo a ele vinculadas para estudante matriculado em instituições públicas e gratuitas de ensino superior.

No Decreto nº 5.493, artigo 7º, ficam estabelecidas as condições para a concessão de bolsas de 25%, conforme se segue:

As instituições de ensino superior, com ou sem fins lucrativos, inclusive beneficentes de assistência social, poderão converter até dez por cento das bolsas parciais de cinquenta por cento vinculadas ao Prouni em bolsas parciais de vinte e cinco por cento, à razão de duas bolsas parciais de vinte e cinco por cento para cada bolsa parcial de cinquenta por cento, em cursos de graduação ou sequenciais de formação específica, cuja parcela da anualidade ou da semestralidade efetivamente cobrada, com base na Lei nº 9.870, de 1999, não exceda, individualmente, o valor de R\$ 200,00 (duzentos reais) (BRASIL, 2005, s/p).

2.3.2 – Quanto à adesão, ao desempenho e às isenções concedidas pelo governo

Quanto à adesão das instituições privadas e seu respectivo desempenho, o artigo 5º da Lei nº 11.096 determina que a instituição privada de ensino superior com ou sem fins lucrativos, não beneficente, poderá aderir ao Prouni mediante assinatura de termo de adesão, cumprindo-lhe oferecer, no mínimo, uma bolsa integral para cada nove estudantes pagantes regularmente matriculados.

Cabe dizer que, conforme o artigo 10º da Lei nº 11.096, somente poderão ser consideradas entidades beneficentes de assistência social aquelas que oferecerem no mínimo, uma bolsa de estudos integral para cada nove estudantes pagantes de curso de graduação. De acordo com o artigo 1º, estas instituições deverão aplicar anualmente, em gratuidade, pelo menos 20% da receita bruta proveniente da venda de serviços, acrescida da receita decorrente de aplicação financeira, de locação de bens, de venda de bens não integrais ao ativo imobilizado e de doações particulares.

Ainda, no que se refere às instituições beneficentes, o artigo 16º da Portaria nº 3.268, de 18 de outubro de 2004, estabelece que as instituições de ensino superior beneficentes de assistência social poderão destinar, em caráter excepcional, até um quarto das bolsas integrais e parciais de 50% vinculadas ao Prouni a estudantes que não fizeram o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), para as turmas iniciantes de 2005.

O parágrafo 4º do artigo 7º da Lei nº 11.096 explicita que o Ministério da Educação (MEC) desvinculará do Prouni o curso considerado insuficiente, segundo os critérios de desempenho do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior¹⁸ (Sinaes), por três avaliações consecutivas. A Lei nº 11.509, de 20 de julho de 2007, alterou o parágrafo 4º do artigo 7º da Lei nº 11.096, determinando a desvinculação dos cursos com desempenho insuficiente no Sinaes por duas avaliações consecutivas.

A adesão ao programa pressupõe isenção de impostos e contribuições, como previsto no artigo 8º da lei. A instituição que aderir ficará isenta dos seguintes impostos e contribuições no período de vigência, conforme incisos:

- I – Imposto de renda de pessoa jurídica;
- II – Contribuição social sobre o lucro líquido;
- III – Contribuição social para financiamento da seguridade social;
- IV – Contribuição para o programa de integração social.

Cabe à instituição de ensino que aderir ao Prouni apresentar semestralmente, ao Ministério da Educação, de acordo com o respectivo regime curricular acadêmico, conforme o artigo 14º do decreto nº 5.493, incisos:

- I – O controle de frequência mínima obrigatória dos bolsistas, correspondentes a 75% da carga horária do curso;
- II – O aproveitamento dos bolsistas no curso, considerando-se, especialmente, o desempenho acadêmico;

¹⁸ Criado pela Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004.

III – A evasão de alunos por curso e turno, bem como o total de alunos matriculados, relacionando-se os estudantes vinculados ao Prouni.

Falsear as informações prestadas no termo de adesão, de modo a reduzir indevidamente o número de bolsas integrais e parciais a serem oferecidas, é considerado falta grave, como apontado no artigo 12º, parágrafo 2º, inciso III.

2.3.3 – Quanto ao perfil do aluno candidato ao Prouni

A bolsa Prouni, conforme a Lei nº 11.096, artigo 2º, é destinada a:

- I – Estudante que tenha cursado o ensino médio completo em escola da rede pública ou em instituições privadas na condição de bolsista integral;
- II – Estudante portador de necessidades especiais;
- III – Professor da rede pública de ensino, para os cursos de licenciatura e pedagogia destinados à formação do magistério da educação básica, independentemente da renda a que se refere, que esteja no efetivo exercício do magistério.

Acrescentam-se a esse público, como previsto no artigo 15º do Decreto nº 5.493: trabalhadores de instituição de ensino superior e seus dependentes, em decorrência de convenção coletiva ou acordo trabalhista, nos termos da lei, em observância aos procedimentos operacionais fixados pelo Ministério da Educação (MEC), especialmente quanto à definição de nota de corte para seleção de bolsistas e aos métodos de aproveitamento de vagas eventualmente remanescentes, sem prejuízo da pré-seleção, conforme os resultados do Enem. Nesses casos, a instituição de ensino superior interessada em conceder bolsas de estudo vinculadas ao Prouni, deverá informar previamente ao Ministério da Educação e encaminhar cópia autenticada aos atos jurídicos.

O estudante a ser beneficiado pelo Prouni, como tratado no artigo 3º da Lei nº 11.096, será pré-selecionado pelos resultados e pelo perfil socioeconômico do Enem, ficando em aberto a existência de outras medidas que possibilitem outros critérios a serem definidos pelo MEC. Na etapa final, a instituição de ensino será a responsável pela aferição dos dados prestados pelos alunos concorrentes.

Quanto ao desempenho do aluno, o artigo 17º da Portaria nº 3.268 determina que o estudante vinculado ao Prouni que recebeu bolsa integral ou parcial de 50% deverá apresentar aproveitamento acadêmico em, no mínimo, 75% das disciplinas em cada período letivo.

Sobre o processo de inscrição, a Portaria nº 3.964, artigo 3º, estabelece que, ao efetuar sua inscrição, o candidato deverá escolher a modalidade de bolsa (integral ou parcial) e até cinco opções de cursos, turnos ou instituições de ensino superior, dentre as opções disponíveis, conforme sua renda familiar *per capita* e a adequação aos critérios – referidos no artigo 2º dessa portaria.

Ainda no artigo 3º da supracitada portaria, parágrafo 1º, fica estabelecido o que se entende por renda bruta mensal: somatório de todos os rendimentos auferidos a todos os membros do grupo familiar, que deverão ser comprovados, por meio de declaração, pelos que possuem renda própria; os que não a possuem deverão fazer a comprovação por meio de documentos emitidos ou reconhecidos por órgãos oficiais ou pela fonte pagadora de rendimentos de qualquer um dos componentes do grupo familiar.

Cabe dizer que, conforme exposto no mesmo parágrafo, entende-se por grupo familiar o conjunto de pessoas que residem na mesma moradia do chefe do grupo e que estejam relacionadas ao candidato pelos seguintes graus de parentesco: pai; padrasto; mãe; madrasta; cônjuge; companheiro; filho; enteado; irmão; avós.

O artigo 9º do capítulo II da Portaria nº 3.964, trata da pré-seleção dos bolsistas. É considerada a média aritmética entre as notas obtidas pelo candidato nas provas de conhecimento e de redação do Enem referentes ao ano anterior. A Portaria nº 4.212, de 17 de dezembro de 2004, acrescenta no parágrafo 3º do artigo 2º que será pré-condição para a classificação no Prouni uma média aritmética de no mínimo 45 pontos entre as notas obtidas pelo candidato nas provas de conhecimento gerais e de redação do Enem em que ele se inscrever.

Quanto à classificação, o parágrafo 1º do artigo 9º da Portaria nº 3.964 dispõe que os candidatos serão classificados em apenas uma das opções escolhidas, em ordem decrescente. No caso de notas idênticas, o desempate será determinado de acordo com a seguinte ordem de critérios:

- I – Maior nota na prova de redação;
- II – Maior nota na prova de conhecimentos gerais;
- III – Menor renda *per capita*;
- IV – Persistindo o empate, o desempate beneficiará o candidato mais velho.

2.4 – Algumas análises sobre a implantação do Prouni

O Prouni é hoje objeto estudado por diferentes segmentos da sociedade.

Carvalho (2002) avaliou os impactos de ação afirmativa desencadeada pelo Governo Federal. Apresentou um retrato empírico sobre o Prouni como política de inclusão em uma tradicional instituição de ensino superior privada, com razoável institucionalização de ações inclusivas em prol de grupos de baixa renda e afrodescendentes. Em sua pesquisa, ouviu 400 graduandos bolsistas do programa, o que corresponde a 100% dos alunos por ele atendidos no universo estudado.

A pesquisa realizada por Carvalho (2002) foi dividida em blocos temáticos, sendo o quinto bloco o que mais nos interessa analisar:

Nesse bloco estão operacionalizados cinco eixos de análise sobre o Prouni: i) como uma política de acesso ao ensino superior; ii) como um instrumento de inclusão social; iii) como política pública que cria vagas nas IES privadas, com riscos de ampliar a privatização do ensino superior; iv) o Enem como processo de seleção dos candidatos ao Prouni; v) os impactos do Prouni na política de bolsas sociais da IES pesquisada.

Com relação ao primeiro eixo – o Prouni como uma política de acesso ao ensino superior – são identificáveis as seguintes dimensões: i) o Prouni como medida paliativa, mas que garante o acesso ao ensino superior; ii) medida ampliadora do acesso ao ensino superior não público; iii) permite o acesso a alunos da rede pública de ensino pela meritocracia; iv) é medida favorecedora da diversidade no ensino superior.

No segundo eixo de análise – o Prouni como instrumento de inclusão social – são destacadas as seguintes dimensões: i) o Prouni permite igualdade de direitos entre bolsistas e pagantes; ii) enseja oportunidades de ascensão profissional e cultural; iii) democratiza o ensino superior nas IES privadas; iv) favorece a diversidade; v) não assegura contudo efetiva inclusão social aos bolsistas do Prouni. No entanto, fica evidente que os bolsistas entendem que o Prouni abre portas a ascensão profissional e cultural, uma vez que veem na formação a nível superior a oportunidade de entrar em contato com novos conhecimentos, receber qualificação e, ao seu término, conseguir empregos melhor remunerados. Ressalva-se que entre os bolsistas de 2006 poucos apontaram que o Prouni não inclui socialmente; tal afirmação foi mais recorrente entre os bolsistas de 2005.

No terceiro eixo – o Prouni como política pública que gera vagas em universidades privadas – a maioria dos alunos percebe o Prouni como medida que democratiza o ensino superior, por oferecê-lo as pessoas que não têm condições financeiras para financiar [...].

Com relação ao quarto eixo de análise – o Enem enquanto processo de seleção para as bolsas do Prouni – duas dimensões são destacadas: i) trata-se de prova que avalia competências e habilidades, mas de forma muito genérica;

ii) muitos bolsistas do Prouni percebem o Enem como um método de avaliação mais eficaz do que as provas vestibulares, por avaliar competências e habilidades e por apresentar os conteúdos de forma interdisciplinar e contextualizadas.

No quinto eixo de análise – os impactos do Prouni sobre a sistemática anterior de bolsas sociais adotadas pela IES – a maioria dos bolsistas ressalta que o Prouni ampliou a quantidade de bolsas oferecidas pelas IES. Já a maioria entende que: i) não houve impactos positivos; ii) houve redução de bolsas antes destinadas aos mais pobres; iii) diversificou o espectro de bolsistas; iv) apenas complementou o sistema de bolsas já existentes na IES (2002, p. 14-5).

Carvalho (2002) relata algumas conclusões provisórias sobre os impactos do Prouni, enquanto política de inclusão social. Para esse pesquisador, existe uma percepção dos efeitos positivos porque o Ministério da Educação (MEC) controla melhor o uso dos recursos correspondentes à renúncia fiscal da União e a adoção do Enem como critério seletivo na alocação das bolsas, em resposta parcial à exigência da meritocracia acadêmica.

Na esfera pública, o Prouni foi elemento de análise em recente auditoria operacional realizada no período de 4 de junho a 7 de novembro de 2008 pelo Tribunal de Contas da União (TCU). Tal auditoria teve como objeto de avaliação as ações governamentais voltadas ao acesso e permanência da população economicamente desfavorecida no ensino superior. Ações realizadas por intermédio do Programa Universidade para Todos e pelo Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies), no que concerne ao alcance dos objetivos, mecanismos de implementação e controle dos respectivos programas, bem como de sintonia com o mercado de trabalho e o público-alvo.

De acordo com o documento:

A presente auditoria teve por escopo verificar a operacionalização dos programas na busca da concretização dos seus objetivos, tendo em vista a sua inserção na política governamental para o ensino superior, a análise dos cursos financiados em relação às demandas de mercado e os mecanismos de controle que abrangem os programas para o regular alcance do seu público-alvo. Buscou-se identificar, mais especificamente: 1) se as formas de implementação do Prouni e do Fies refletem o previsto nos objetivos e normas dos programas e estão alinhadas às metas previstas no PNE para a educação superior; 2) o perfil dos cursos abrangidos por meio do Prouni e do Fies; 3) se a operacionalização das contrapartidas recebidas pelas IES dá margem à ocorrência de algum tipo de impropriedade; 4) e se existem sistemas adequados de controle operacional e de monitoramento do Prouni e do Fies (BRASIL/TCU, 2009, p. 3).

Ao final da auditoria, o Tribunal de Contas da União conclui, entre outros dados, que cerca de um em cada cinco cursos que oferecem bolsas no Prouni obtiveram nota inferior a três no Exame Nacional de Desempenho de Estudante (Enade), abaixo da média considerada satisfatória.

A auditoria constatou também que uma parcela ainda maior de cursos – 34,65% do total – nem sequer foi avaliada pelo Enade. Dos cursos avaliados, 20,9% estão abaixo da média; 1,7% tiveram nota um (a mais baixa) e 19% ficaram com nota dois. A maior parcela, 40,8%, ficou na média (nota três) e 11% dos cursos obtiveram nota quatro. A nota máxima foi alcançada por apenas 0,7% dos cursos.

Quanto à discussão sobre a permanência do aluno Prouni, o relatório do TCU (2009) apontou que 56% dos alunos têm dificuldades em se manter no programa, mesmo usufruindo da bolsa.

O relatório também avaliou ter sido ambiciosa a meta estabelecida pelo Programa Nacional de Educação (PNE), que fixa o atendimento de pelo menos 30% da população de 18 a 24 anos, até 2011, pelo ensino superior. No ano da promulgação da lei, apenas 9% da população nessa faixa etária frequentava uma instituição de ensino superior no país.

Ainda em oposição a essa meta, o TCU (2009) também aponta as baixas taxas de conclusão do ensino médio e as altas taxas de distorção idade-série, que levam os jovens a concluir essa etapa da educação básica fora da faixa etária esperada, ou seja, ao redor dos 17-18 anos. Em 2005, ainda segundo o relatório, o percentual de concluintes do ensino médio foi de 65% e a distorção idade-série chegou a 46%.

Verificou-se também que, no ano de 2006, mesmo após a realização dos processos seletivos¹⁹, havia ainda, no ensino superior, cerca de 50% de vagas ociosas em instituições privadas. Em contraste, nas instituições públicas, o número de vagas não preenchidas totalizou 8,5%, considerando as instituições estaduais e federais.

Para os relatores, a condição socioeconômica de grande parte dos jovens brasileiros em idade de cursar o ensino superior não permite que arquem com os custos de um curso superior privado, e aí se explica a quantidade de vagas ociosas no ensino privado.

Ainda de acordo com o documento, para avaliar a evolução do Prouni os principais indicadores são a quantidade de instituições de ensino participantes do programa; o número de estudantes inscritos; o número de estudantes classificados para as entrevistas e o número de

¹⁹ Sinopse estatística do ensino superior, do ano de 2006, elaborada pelo Inep/MEC.

contratos firmados; os cursos de maior demanda; o tipo de moradia e a renda familiar *per capita* do grupo familiar.

Todavia, entendem os relatores que muitas dessas informações demonstram fragilidade de comprovação, uma vez que os critérios adotados no programa devem ser passíveis de confirmação, porém muitas vezes são subjetivos ou, se objetivos, de difícil comprovação, o que aumenta a responsabilidade das instituições de ensino superior.

Algumas informações são autodeclaradas e a comprovação de sua veracidade é difícil, por exemplo: o caso da proibição de um aluno bolsista do Prouni estar matriculado em instituição pública e gratuita ou já ser portador de diploma de ensino superior. Outro caso é o da renda familiar. Deve-se lembrar que o Brasil possui alto índice de atividade econômica informal, o que pode ser empecilho à comprovação das informações relativas à renda.

Segundo análise, a demanda pelas bolsas de estudo disponibilizadas pelo Prouni tem se mantido elevada, o que se traduz em um bom indicador quanto ao grau de receptividade que o programa tem junto à comunidade acadêmica.

Informações apresentadas no site do Ministério da Educação (2008) comprovam a afirmativa do TCU. Apontam que o Prouni atingiu, no 1º semestre de 2008, o número de 521 mil bolsas oferecidas, superior à meta de 400 mil bolsas no período de 2006–2009, conforme se segue:

Tabela 1
Bolsas ofertadas por ano 2005-2008

Ano	Bolsas
2005	112.275
2006	138.668
2007	163.854
2008	225.005

Fonte: Sisprouni 04/06/2008

Tabela 2
Bolsas ofertadas por região 2005-2008

Região	População	Total de bolsas	% em relação à população
Sudeste	177.873.120	227.398	0,0012
Sul	26.733.595	85.358	0,0031
Nordeste	51.536.405	63.096	0,0012
Centro-Oeste	13.222.854	36.797	0,0027
Norte	14.623.316	21.943	0,0015

Fonte: Sisprouni 15/09/2008

Tabela 3
Bolsas por turno – Cursos presenciais – 2005-2008

Turno	Total de bolsas
Noturno	288.755
Matutino	77.667
Vespertino	16.638
Integral	15.914

Fonte: Sisprouni 15/09/2008

Tabela 4
Bolsista por categoria administrativa da IES – 2005-2008

Categoria da IES	Total de bolsas
Com fins lucrativos	215.412
Entidade beneficente de assistência social	130.627
Sem fins lucrativos não beneficente	88.533

Fonte: Sisprouni 15/09/2008

Tabela 5
Bolsista por sexo – 2005-2008

Sexo	Total de bolsas	Porcentagem
Masculino	244.248	56,20
Feminino	190.344	43,80

Fonte: Sisprouni 15/09/2008

Tabela 6
Bolsista por raça – 2005-2008

Raça	Total de bolsas	Percentagem
Branca	204.580	47,07
Parda	142.407	32,77
Preta	54.853	12,62
Amarela	8.728	2,02
Indígena	1.019	0,23
Não informada	23.005	5,20

Fonte: Sisprouni 15/09/2008

Tabela 7
Bolsistas professores da educação básica pública – 2005-2008

Bolsistas	Total de bolsas	Percentagem
Demais bolsistas	428.879	98,69
Professores	5.713	1,31

Fonte: Sisprouni 15/09/2008

Tabela 8
Bolsistas portadores de deficiência – 2005-2008

Bolsistas	Total de bolsas	Percentagem
Demais bolsistas	431.498	99,29
Portadores de deficiência	3.094	0,71

Fonte: Sisprouni 15/09/2008

Os dados disponibilizados pelo Ministério da Educação (MEC) permitem verificar que, apesar do número expressivo de bolsas ofertadas, os bolsistas brancos, homens e da Região Sudeste são a grande maioria. Também é possível perceber que a maior parte das bolsas pertence a estudantes de cursos noturnos, comprovando a necessidade de manterem um trabalho para permanecer no ensino superior. Outra questão importante a observar é o pequeno percentual de professores em busca de um aperfeiçoamento continuado: somente 1,31% dos alunos bolsistas pelo Prouni são professores.

Conforme dados obtidos em pesquisas realizadas (TCU, 2009; CATANI, HEY, GIGGLIOLI, 2006), o maior problema do programa é a permanência do aluno até a conclusão do curso.

Segundo Catani, Hey e Gigglioli (2006), o Laboratório Universitário da Universidade Cândido Mendes constatou que cerca de 35% dos alunos que estão no último ano do ensino médio ou que já o concluíram (3,7 milhões, num total de 10,5 milhões) vêm de família em que a renda média sequer é suficiente para a aquisição de eletrodomésticos de primeira necessidade.

Respostas a um questionário aplicado pelo Tribunal de Contas da União (TCU) à amostra dos alunos beneficiários do programa confirmam essa realidade, ao indicar que 56% dos alunos têm dificuldades em se manter no programa, mesmo usufruindo da bolsa.

Na voz dos próprios bolsistas, no 51º Congresso da União Nacional dos Estudantes, realizado em 16 de julho de 2009, a aceitação do Prouni como política de inclusão é inequívoca. Durante a cerimônia de abertura os estudantes receberam o presidente da República com as seguintes palavras de ordem: “agora o filho de pedreiro vai poder ser doutor!” A dificuldade de continuidade nos estudos também é evidente, como se pode perceber em carta enviada pelos alunos ao presidente Luís Inácio Lula da Silva, reivindicando justamente a implantação de uma política de assistência, com a intenção de evitar a evasão dos estudantes que não conseguem arcar com custos como transporte, alimentação e a compra de livros (PORTAL UNE, 2009, s/p).

Ainda que alvo de críticas, o Prouni conta com o apoio dos jovens carentes, representados pelas mais variadas organizações, como: União Nacional dos Estudantes, União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, União Municipal dos Estudantes Secundaristas de São Paulo.

Para esses estudantes, o programa é uma conquista social, o que se pode constatar na fala de Lúcia Stumpf, presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), por ocasião do 1º Encontro dos Estudantes do Prouni, em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, em 29 de março de 2008: “essas conquistas são uma demonstração de que, quando a gente luta e se organiza, as vitórias acontecem” (PORTAL UNE, 2008, s/p).

A fala de Débora Pereira, aluna “Prouni ou Prounista”, como ela se define, em depoimento feito no dia 28 de abril de 2009, deixa evidente o apoio dado pelas organizações representativas dos estudantes ao programa e reforça sua aceitabilidade por camadas aliadas da sociedade brasileira.

Oportunidade. Esta é a palavra que define o desejo que move milhões de brasileiros. Operários, domésticas, ambulantes, filhos de trabalhadores, cidadãos reféns de um sistema social que oprime, marginaliza, segrega. Pessoas que por muito tempo foram apenas números, estatísticas – de desemprego, pobreza, exclusão. Oportunidade. Isto é o que o Prouni oferece. Não se trata somente de uma bolsa de estudos, mas do direito de voltar a sonhar [...]. Sempre que vejo as pessoas praguejando, ou simplesmente desdenhando do Prouni ou de qualquer outro programa de acesso à universidade (como o Reuni), fico me perguntando se esses indivíduos já pararam para refletir sobre os impactos diretos que esse tipo de ação tem sobre a vida do povo. Certamente vieram de berço dourado, tomando muito todinho e leite ninho, brincando em playground, sem nunca ter pisado em uma favela, remado até a ca

sa de um ribeirão ou passado qualquer tipo privação na vida. Por fim, quero ressaltar que escrevo tudo isso com a propriedade de quem foi criada no extremo sul da Zona Sul de São Paulo, onde dá tudo errado [...]. Filha de mãe operária – às vezes empregada doméstica – e pai ausente, sei bem como é atraente a ilusão da vida fácil. Se ao final deste ano de 2009 terei em mãos meu diploma de jornalista é porque agarrei uma oportunidade, a única e mais importante de toda uma vida, assim como milhares de pessoas que certamente viram um mundo de sonhos começar a se concretizar no dia em que assinaram o contrato de suas bolsas de estudos (PORTAL UNE, 2009, s/p).

Essa fala sugere que o Prouni atende às necessidades de acesso à educação superior, tão desejada pelo jovem das camadas populares, que entende que o diploma adquirido será de grande valia para sua ascensão no mercado de trabalho e no seu meio social.

O Prouni se configura hoje, à camada excluída da sociedade, como uma ação política de resgate social.

Desse modo, no capítulo a seguir, o tema é o jovem brasileiro neste momento histórico, objetivando identificar o espaço que realmente ocupa na sociedade, principalmente no que se refere à educação e ao mundo do trabalho. Buscou-se compreender também o significado que esse jovem tem de si mesmo e como as políticas públicas dirigidas a essa faixa etária o têm identificado e agido para inseri-lo na sociedade.

CAPÍTULO 3 – A JUVENTUDE BRASILEIRA

O presente capítulo apresenta um quadro da juventude brasileira na sociedade contemporânea.

O Programa Universidade para Todos (Prouni) faz parte de um plano maior do Governo Federal: o Plano Nacional de Educação (PNE). O Prouni

somado à expansão das Universidades Federais e ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – Reuni, ampliam significativamente o número de vagas na educação superior, contribuindo para o cumprimento de uma das metas do Plano Nacional de Educação, que prevê a oferta de educação superior até 2011 para, pelo menos, 30% dos jovens de 18 a 24 anos (BRASIL/MEC, s/d, s/p).

O objetivo do PNE é o resgate social desses jovens que, devido a suas condições econômicas, sociais e educacionais desfavorecidas, são tolhidos do acesso ao ensino superior.

A primeira preocupação foi estabelecer limites para a abrangência do próprio uso dos termos juventude e jovens: quem é considerado jovem e o que é considerado juventude?

Sposito salienta que “ao buscar estabelecer um recorte que incida sobre a temática dos jovens, é preciso, inicialmente, reconhecer o debate e algumas das imprecisões que permeiam a própria definição do que se pode considerar juventude” (2003, p. 10).

A autora complementa afirmando que

é preciso compreender que a categoria sociológica “juventude” encerra intrinsecamente uma tensão que não se resolve: ela é ao mesmo tempo um momento no ciclo de vida, concebido a partir de seus recortes socioculturais, e modos de inserção na estrutura social (2003, p. 10).

Para a Organização Internacional do Trabalho²⁰ (OIT), como expresso no documento intitulado Trabalho decente e juventude no Brasil²¹

²⁰ Trata-se de uma agência do sistema das Nações Unidas, fundada com o objetivo de promover a justiça social. No Brasil, a OIT tem mantido representação desde 1950, com programas e atividades que refletem os objetivos da organização ao longo de sua história (PORTAL OIT, s/d, s/p).

²¹ Estudo relativo à juventude brasileira. Vai além da análise exclusiva do desemprego juvenil, abrangendo também a realidade do trabalho decente para os jovens. Propõe-se apresentar um breve e sintético diagnóstico da situação da juventude no Brasil. Faz parte de um relatório maior chamado Trabalho decente e juventude na América Latina (OIT, 2009).

a juventude pode ser definida sob diferentes óticas, critérios ou prismas. Pode ser vista como período de transição para a vida adulta, ou como momento presente, único, particular e especial do ciclo de vida das pessoas. Tanto em um como em outro caso, ao analisar a juventude, é necessário levar em conta a heterogeneidade e os diferentes padrões vivenciados por distintos grupos de jovens, assim como o fato de que os processos tradicionais de transição ao longo do ciclo de vida dos indivíduos estão se tornando cada vez mais complexos (2009, p. 23).

A concepção do Governo Federal, na gestão do presidente Luís Inácio Lula da Silva, ao definir, em documento oficial (Guia de Políticas Públicas de Juventude, 2006), a juventude como uma condição social e os jovens como sujeitos de direitos, reitera as definições traçadas por Spósito e também pela OIT.

É considerando tal significação que, conforme expresso no Guia de Políticas Públicas de Juventude, o Governo Federal propõe que “a elaboração de políticas públicas para a juventude deve partir do pressuposto de que a juventude não é única, mas sim heterogênea, com características distintas que variam de acordo com aspectos sociais, culturais, econômicos e territoriais” (2006, p. 6).

Para a elaboração de tais políticas, as faixas etárias são delimitadas conforme proposto pela Secretaria Nacional de Juventude, vinculada à Secretaria-geral da Presidência da República, no atual governo. São considerados jovens aqueles que se encontram na faixa etária de 15 a 29 anos. Todavia, cabe enfatizar que alguns programas, como o Prouni, apesar de terem como foco a juventude, atendem a outras faixas etárias.

Os jovens representam hoje uma camada da sociedade bastante relevante. Segundo o último censo demográfico realizado pelo IBGE, no ano de 2000 havia 34 milhões de jovens no Brasil, correspondendo aproximadamente a 20% do total da população.

Ainda conforme dados obtidos no censo 2000, o IBGE sinaliza que a população do país ultrapassou 170 milhões de habitantes, e 50% desta população é constituída por crianças e jovens com menos de 25 anos (Tabela 9). A maioria destes jovens (81,25%) vive em zonas urbanas, composta de 53,6% de brancos, 45,3% de negros, 0,65% de orientais e 0,5% de indígenas (Tabela 10).

Considerando os dados do IBGE de 2000, observa-se que o corte entre 15 e 24 anos corresponde aos jovens nascidos nos primeiros anos da década de 1980 (Tabela 9).

Tabela 9

População por grupo etário e sexo – Censo IBGE 2000 (em milhões)

Grupo etário	Sexo masculino	Sexo feminino	Total
0 a 4	8,3	8,1	16,4
5 a 9	8,4	8,2	16,6
10 a 14	8,8	8,6	17,4
15 a 19	9,0	8,9	17,9
20 a 24	8,0	8,1	16,1
25 a 29	6,8	7,0	13,8
30 a 34	6,4	6,7	13,0
35 a 39	6,0	6,3	12,3
40 a 44	5,1	5,4	10,5
45 a 49	4,2	4,5	8,7
50 a 54	3,4	3,6	7,1
55 a 59	2,6	2,9	5,5
60 a 64	2,2	2,5	4,7
65 a 69	1,6	1,9	3,6
70 a 74	1,2	1,5	2,8
75 a 79	0,8	1,0	1,8
80 ou mais	0,7	1,1	1,8
Total	83,5	86,3	169,8

Fonte: Sposito (2003). Dados coletados do IBGE.

Tabela 10

Perfil da população brasileira total, jovem e adulta – 2006*

Grupo	Valores absolutos			Participação no total da faixa etária considerada em %		
	Pop. Total	15 a 24 anos	25 anos ou mais	Pop. total	15 a 24 anos	25 anos ou mais
Total**	187.227.792	34.709.905	103.871.542	100,0***	18,5***	55,5***
Homens	91.196.371	17.289.321	49.019.641	48,7	49,8	47,2
Mulheres	96.031.421	17.420.584	54.851.901	51,3	50,2	52,8
Amarelos	918.978	159.020	623.578	0,5	0,5	0,6
Brancos	93.096.286	16.259.127	54.546.643	49,7	46,8	52,5
Indígenas	518.597	110.099	292.913	0,3	0,3	0,3
Negros	92.689.972	18.180.859	48.406.351	49,5	52,4	46,6
Rural	31.293.966	5.784.261	15.869.056	16,7	16,7	15,3
Urbano	155.933.826	28.925.644	88.002.486	83,3	83,3	84,7
0 a 4 anos de estudo	87.828.038	4.139.756	42.573.086	46,9	11,9	41,0
9 a 11 anos de estudo	40.305.447	15.358.689	24.929.294	21,5	44,2	24,0
12 anos ou mais de estudo	15.914.228	2.906.249	13.007.979	8,5	8,4	12,5

Fonte: OIT/Prejal, a partir dos microdados da PNAD/IBGE 2006. *Inclui Norte Rural. **Exceto a primeira linha. ***Participação na população total; as demais linhas correspondem a participação na respectiva faixa etária considerada. (Extraído do documento da OIT)

Os dados apresentados na Tabela 10 demonstram a precariedade do tempo de estudo da população jovem brasileira: 44, 2% dos jovens entre 15 e 24 anos possuem de nove a onze anos de estudo, o que corresponde ao ensino básico. Somente 8,4% dessa população possui

doze anos ou mais de estudo. Os dados deixam clara a necessidade de políticas públicas voltadas à inclusão educacional dos jovens brasileiros.

Embora se perceba tal necessidade, pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e pelo Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais (Polis), no ano de 2006, com jovens de 15 a 24 anos de idade, mostrou que a educação não é a primeira na lista das principais preocupações dos jovens.

Segundo dados obtidos pelos institutos, em capitais como Salvador, Belém e Belo Horizonte a educação ocupa a quarta posição; no Distrito Federal, São Paulo e Rio de Janeiro, sobe para o terceiro lugar; em Porto Alegre e Recife, está em segundo lugar.

Conforme apurado pela Polis e pelo Ibase em pesquisa cujo objetivo era “provocar o debate sobre as condições e perspectivas com relação à educação, ao trabalho, à cultura e ao lazer e os limites da sua participação em atividades políticas, sociais e comunitárias [...]” (2005, p. 12), são preocupações principais dos jovens brasileiros:

- 1) Violência: falta de segurança; criminalidade.
- 2) Trabalho: emprego; desemprego; falta de oportunidades; primeiro emprego.
- 3) Educação: qualidade do ensino; degradação das escolas públicas; acesso a ensino médio e universitário.
- 4) Miséria: pobreza; fome; desigualdade social; má distribuição de renda.
- 5) Política: corrupção; descaso do governo com jovens; falta de consciência dos (as) governantes.
- 6) Saúde.
- 7) Discriminação: racismo; preconceito (POLIS e IBASE, 2005, p. 12).

3.1 – Perfil educacional dos jovens brasileiros

Nos anos de 1990, o governo de Fernando Henrique Cardoso criou ações que aumentaram as oportunidades de acesso à escolarização básica.

Cabe dizer, com base em Libâneo (2005), que a política educacional adotada por FHC, concebida de acordo com a proposta do neoliberalismo, assumiu dimensões tanto centralizadoras quanto descentralizadoras.

Das ações consideradas descentralizadoras, dentre outras, o governo instaurou a TV Escola, por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), e designou recursos financeiros diretamente para as escolas, oriundos do salário-educação. Essa é a única ação que se pode dizer orientada para a descentralização de fato (LIBÂNEO, 2005).

Já o centralismo apresentou-se nitidamente na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), pois ignorou as pesquisas sobre currículo já realizadas pelas universidades e pecou por não cobrar maior participação da sociedade, “uma vez que as ações realizadas não foram fruto de consultas aos diversos setores sociais [...], mas surgiram de decisão preparada desde a campanha eleitoral” (LIBÂNEO, 2005, p. 140).

Alocar todas as crianças dentro da escola é uma grande e desejável iniciativa, todavia, como aponta Libâneo, “a ampliação das vagas deu-se pela redução da jornada escolar, pelo aumento do número de turnos, pela multiplicação de classes multisseriadas e unidocentes, pelo achatamento dos salários dos professores e pela absorção de professores leigos” (2005, p. 144).

É interessante frisar também que a acessibilidade das crianças e adolescentes ao ensino básico não é garantia de inclusão, de condições sociais dignas, pois a exclusão continua ocorrendo, entre outras razões, por causa da má qualidade do ensino oferecido, principalmente nas escolas públicas de ensino fundamental e médio, devido, entre outros motivos, à forma como aconteceu a expansão do acesso.

Segundo SPOSITO (2003), os problemas que afetam a qualidade do ensino público estão além da precariedade do material e dos equipamentos, dos baixos salários, da formação inadequada dos docentes. Enfatiza a autora que

essas condições deterioradas, acompanhadas de um processo educativo descompassado dos sujeitos jovens e adolescentes, produzem como resultado o desinteresse, a resistência, as dificuldades escolares e, muitas vezes, práticas de violência, que caracterizam a rotina das unidades escolares (2003, p. 16).

Dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) confirmam a assertiva no que concerne à qualidade do ensino ou à sua precariedade, conforme se segue.

Tabela 11
Ideb 2005-2007 e projeções para o Brasil

	Anos iniciais do ensino fundamental				Anos finais do ensino fundamental				Ensino médio			
	Ideb observado		Metas		Ideb observado		Metas		Ideb observado		Metas	
	2005	2007	2007	2021	2005	2007	2007	2021	2005	2007	2007	2021
Total	3,8	4,2	3,9	6,0	3,5	3,8	3,5	5,5	3,4	3,5	3,4	5,2
Dependência administrativa												
Pública	3,6	4,0	3,6	5,8	3,2	3,5	3,3	5,2	3,1	3,2	3,1	4,9
Federal	6,4	6,2	6,4	7,8	6,3	6,1	6,3	7,6	5,6	5,7	5,6	7,0
Estadual	3,9	4,3	4,0	6,1	3,3	3,6	3,3	5,3	3,0	3,2	3,1	4,9
Municipal	3,4	4,0	3,5	5,7	3,1	3,4	3,1	5,1	2,9	3,2	3,0	4,8
Privada	5,9	6,0	6,0	7,5	5,8	5,8	5,8	7,3	5,6	5,6	5,6	7,0

Fonte: Ideb/Inep. Censo escolar 2005-2007.

Sposito (2003) apresenta tabela comparativa entre as Pesquisas Nacionais de Amostras Domiciliares de 1995 a 2001 (Tabela 12), em que é possível observar a universalização do ensino básico.

Tabela 12
Estudantes de 15 a 24 anos, por grau que frequentavam – em milhões (1995 a 2001)

Anos	Fundamental	Médio	Superior	Total
1995	5,9	4,6	1,1	11,7
2001	6,4	7,6	2,1	16,2
Crescimento absoluto	0,5%	3,0%	1,0%	4,5%
Crescimento relativo	7,7%	75,1%	88,7%	38,5%

Fonte: Sposito (2003). Dados coletados do IBGE – PNAD – 1995 a 2001.

Observa-se, na tabela, o aumento significativo de oportunidades escolares no ensino médio, consequência também do crescimento do acesso ao ensino fundamental. O acesso efetivo passou de 4,6 milhões, em 1995, para 7,6 milhões, em 2001, um crescimento relativo de 75,1%.

Sposito (2003), em seu estudo, também observou, por meio da análise de dados disponibilizados pelo PNAD e pelo IBGE, que “depreende-se também [...] a permanência das distorções entre a idade e a série cursada. Em 2001, dos 8,4 milhões de estudantes na faixa etária entre 15 e 17 anos, 4,4 milhões ainda estavam cursando o ensino fundamental” (2003, p. 13). Portanto, 50% dos jovens nesta faixa etária (15 a 17) têm algum tipo de distorção idade-série escolar. Essas distorções se agravam em relação ao ensino médio, pois, segundo a autora, na mesma pesquisa, do total de 7,6 milhões de matrículas da população até 24 anos, apenas 3,9

milhões correspondem à faixa etária de 15 a 17 anos, prevista como ideal para esse nível de ensino.

Pesquisa intitulada *Juventude brasileira e democracia: participação, esforços e políticas*, desenvolvida e publicada em 2006 pelo instituto Polis em parceria com o Ibase, fortalece as conclusões de Sposito (2003) referentes aos dados disponibilizados pelo IBGE e pela PNAD.

Na realização da pesquisa mencionada, o instituto Polis e o Ibase desenvolveram, num primeiro momento, levantamento estatístico, por meio da aplicação de um questionário junto a 8 mil jovens de 15 a 24 anos. Num segundo momento, foi realizado um estudo qualitativo, utilizando-se, para isso, um grupo de diálogo formado por 913 jovens, que participaram de 39 reuniões, nas oito regiões em que se realizou a pesquisa. Constatou-se, na polifonia das vozes, que 53% dos entrevistados não estudavam; 24,3% não possuíam o ensino fundamental completo; 33,2% concluíram o ensino médio; 86,2% estavam estudando em escolas públicas; 27% não estudavam e não trabalhavam.

Na oportunidade, os jovens menos favorecidos falaram aos técnicos do Polis sobre as dificuldades que enfrentam para ter acesso ao sistema educativo e, não menos significativo, sobre as dificuldades de permanecer até a conclusão da educação básica. Reclamaram também da realidade das instituições públicas, considerando-as espaços pouco abertos ao favorecimento de experiências de “sociabilidade, solidariedade, debates públicos e atividades culturais e formativas” (POLIS, 2006, p. 23).

Na representação desses jovens participantes da pesquisa realizada pelo instituto, a escola deveria se configurar como espaço de estímulo a hábitos e valores básicos, de maneira a contribuir para a construção de projetos de vida, possibilidades de melhoria das condições de vida, trabalho, lazer e ação política.

A tabela 13 apresenta o que foi constatado pela pesquisa.

Tabela 13
Nível de instrução dos jovens de 15 a 24 anos que não frequentam a escola

Faixa etária	15-19	20-24	Total	Porcentagem
Nunca frequentou escola	344.144	534.403	878.548	5%
Ensino fundamental incompleto	3.641.110	5.832.753	9.493.863	53%
Ensino fundamental completo	640.558	1.206.699	1.847.257	10%
Ensino médio incompleto	410.281	886.159	1.296.441	7%
Ensino médio completo	998.816	3192328	4.191.144	23,5%
Ensino superior completo	2.206	246.506	248.712	1,5%
Total	6052.891	12.067.517	18.120.408	100%

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000.

Apesar das contradições inerentes às instituições públicas de ensino, é possível, pelas vozes dos jovens, mesmo que por meio de clichês, ouvir frases como: estudar para ter um futuro melhor, estudar para poder cuidar da família, estudar para ganhar dinheiro, a formação educativa via formalidade pode preparara para a emancipação social. Portanto, como diz o relatório da Polis, “o caminho do aperfeiçoamento da democracia passa, inexoravelmente, pela escola, que precisa estar preparada para cumprir esse papel” (2006, p. 24).

É, portanto, dever das políticas públicas criar condições para que os jovens participem efetivamente da vida social, econômica, cultural e democrática do Brasil, segundo documentos da Organização Internacional do Trabalho (2006).

3.2 – O mercado de trabalho para os jovens brasileiros

Sobre pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, em 1999, com jovens residentes em nove regiões metropolitanas, Sposito afirma que “foi possível verificar que no Brasil a condição juvenil não pode ser depreendida apenas da realidade escolar – ou seja, da situação dos jovens como estudantes –, mas deve ser compreendida também a partir do mundo do trabalho” (2003, p. 23).

Com as profundas transformações do mercado de trabalho nas últimas décadas, em função de crises financeiras, globalização, políticas financeiras, tecnologia, o emprego da força de trabalho entrou em crise, atingindo particularmente os jovens.

Na disputa por um posto de trabalho, considerando o elevado número de mão de obra disponível, o jovem está em desvantagem, por sua falta de experiência. Além disso, em geral, a juventude é atingida mais severamente em momentos de retração e menos beneficiada em períodos de melhoria e/ou recuperação do país.

Resultados obtidos no estudo intitulado *Juventude: outros olhares sobre a diversidade*, lançado pelo Ministério da Educação e pela Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (Unesco), em 2007, confirmam o exposto.

Para 14,3% (3.014.944) dos jovens brasileiros que já estavam trabalhando ou que nunca trabalharam, a principal razão para estarem sem trabalho ou nunca terem trabalhado é a falta de experiência [...]. 11,8% (2.489.564) atribuíram à atual situação do país a razão por não trabalharem, 10,5% (2.202.816), a idade e 9%, (1.892.301) o fato de não terem estudado o suficiente (MEC/UNESCO, 2007, p. 317).

Nesse cenário, ainda conforme dados apresentados na pesquisa desenvolvida pelo MEC/Unesco, tem-se que

para 61,3% (16.428.451) dos jovens brasileiros que trabalham, as atividades que desempenham no trabalho já têm relação com aquilo que eles estudam ou estudaram. Para 27,8% (7.463.911), existe alguma relação entre o que estudam ou estudaram e a atividade que desempenham no trabalho [...] (2007, p. 317).

Para inserção no mercado de trabalho, o grau de escolaridade é considerado essencial para a maioria dos entrevistados pelo MEC/Unesco, como apontam os números:

Para 37,4% (17.896.158) dos jovens brasileiros, o nível de escolaridade é a qualidade mais importante que uma pessoa deve ter para conseguir trabalho. Para outros 32,1% (15.377.536), a principal qualidade é a experiência, para 11,8% (5.637.973) é a recomendação de pessoas influentes e para 11% (5.255.788) é o nível de especialização (2007, p. 317).

De todo modo, segundo relatório da Organização Internacional do Trabalho:

A inserção de uma porcentagem significativa de jovens brasileiros de ambos os sexos no mercado de trabalho é precária, e se caracteriza, entre outros aspectos, por elevadas taxas de desemprego e informalidade, assim como baixos níveis de rendimentos e proteção social. Isso significa que a juventude brasileira é afetada por um elevado déficit de trabalho decente (2006, p. 23).

De acordo com pesquisa que tem como título *Juventude: diversidade e desafios no mercado de trabalho metropolitano*, realizada em 2006 pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), o problema do acesso ao mercado de trabalho está vinculado a vários fatores, dentre outros: sexo, condição econômica, formação profissional. Conforme o relatório apresentado, “o acesso dos jovens às oportunidades de ingresso no mercado de trabalho tem suas limitações, verificando-se padrões de inserção diferenciados em função da idade, sexo, condição econômica da família, bem como a região de domicílio” (DIEESE, 2006, p. 2).

Em 2004, nas seis regiões metropolitanas em que a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) foi realizada, tinha-se:

Tabela 14

Estimativa da população acima de 16 anos e jovens de 16 a 24 anos, segundo condição de atividade

Condições de atividade	Número de pessoas acima de 16 anos	Jovens de 16 a 24 anos	%
População de 16 anos e mais	26.573	6.484	24,4
População economicamente ativa	18.246	4.696	25,7
Ocupados	14.748	3.074	20,8
Desempregados	3.498	1.623	46,4
Desempregados em primeira procura	566	520	91,9
Inativos	8.328	1.789	21,5

Fonte: Convênio Dieese/Seade, MTE/FAT e convênios regionais, PED

Vê-se que população jovem, de 16 a 24 anos, em 2004, somava 6,5 milhões de pessoas, correspondentes a cerca de 20% da população com idade acima de 16 anos residente nessas áreas. Desse contingente juvenil, grande parte – 4,7 milhões – estava engajada na força de trabalho local, quer na condição de ocupados, quer na de desempregados. Tais informações mostram que é expressiva a presença desse segmento na população economicamente ativa (PEA) com mais de 16 anos, representando mais de um quarto dos trabalhadores (25,7%).

Entre os ocupados com mais de 16 anos (14,7 milhões), os jovens representam uma proporção menor, de 20,8%, totalizando 3,1 milhões de pessoas. Quando se consideram os desempregados, a proporção de jovens é bem maior, e, entre os 3,5 milhões de desempregados nas regiões metropolitanas analisadas, 1,6 milhões encontram-se na faixa etária entre 16 e 24 anos de idade, o que significa que 46,4% do total de desempregados acima de 16 anos são jovens.

Segundo dados do Convênio Dieese, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e Fundo de Amparo do Trabalhador (FAT) e convênios regionais, em 2004, entre os jovens inseridos na força de trabalho, ou seja, capacitados para o trabalho, em torno de 30% encontravam-se em situação de desemprego nas regiões metropolitanas de Porto Alegre (29,3%), Belo Horizonte (30,3%), São Paulo (32,6%) e no Distrito Federal (36,7%). A condição dos jovens era ainda pior em Salvador e Recife, com taxas superiores a 40%.

De acordo com os órgãos do convênio:

A crescente dificuldade de inserção ocupacional para os trabalhadores em geral pode ser vista principalmente a partir do agravamento do desemprego. Neste contexto, entretanto, a falta de perspectiva para a juventude inegavelmente se destaca como um dos principais fatores de desagregação social no período atual brasileiro. Chama a atenção o fato de o desemprego ser uma forma de exclusão que adquire proporções preocupantes entre a população jovem de todas as áreas urbanas pesquisadas, no entanto, recai particularmente sobre o grupo etário de 16 a 17 anos, as mulheres, jovens residentes nas regiões metropolitanas do Nordeste do Brasil e aqueles pertencentes às famílias de mais baixa renda (DIEESE; SEADE; MET; FAT, 2005, p. 4).

Como consequência da dificuldade de inserção do jovem no mercado de trabalho, estabelece-se uma redefinição dos espaços por ele ocupados. Parte se dirige para a inatividade, muitas vezes fora da escola, com perda de autoestima; outra parte insiste na procura de emprego sem sucesso.

Pesquisas (DIEESE, 2005; OIT, 2006; SPOSITO, 2003) mostram que o desemprego é maior entre os jovens de menor renda (Tabela 15), com menores oportunidades de profissionalização e menor tempo de escolarização.

Tabela 15

Taxas de desemprego dos jovens com idade entre 16 e 24 anos, segundo grupo de quartis do rendimento familiar mensal. Regiões metropolitanas – 2004

Regiões metropolitanas	Grupo de famílias			
	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil
Belo Horizonte	66,1	44,1	29,5	26,5
Porto Alegre	58,7	34,2	23,2	18,8
Recife	66,0	49,1	39,2	31,1
Salvador	67,1	47,9	40,3	34,4
São Paulo	58,5	39,3	29,9	22,1

Fonte: Convênio Dieese/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED

Nota: Grupo 1º Quartil = 25% das famílias com menor renda familiar.

Grupo 2º Quartil = 25% das famílias com renda familiar imediatamente superior ao Grupo 1.

Grupo 3º Quartil = 25% das famílias com renda familiar imediatamente superior ao Grupo 2.

Grupo 4º Quartil = 25% das famílias com maior renda familiar.

Portanto, diante dos números, conclui o Dieese:

As taxas de desemprego dos jovens diminuem à medida que se passa das famílias mais pobres às de renda mais elevada. Comprovando que níveis de renda familiar mais alto permitem melhor condição de acesso ao mercado de trabalho; na medida em que os jovens pertencentes a estas famílias podem se preparar mais para disputar as vagas oferecidas, as chances de uma busca por trabalho têm maior chance de serem bem-sucedidas. Mas, mesmo nessa situação mais privilegiada, as dificuldades enfrentadas pelos jovens no mercado de trabalho ainda permanecem maiores do que as identificadas para a média da população adulta (2005, p. 9).

Como consequência dessa conjuntura desumana e desigual, “há a retroalimentação da pobreza desse segmento familiar. Isso se confirma quando se verifica que, entre os jovens mais pobres, o percentual de desempregados é sempre mais que o dobro do apurado entre os jovens mais ricos”(DIEESE, 2005, p. 8).

A combinação dos sucessos escolares e ocupacionais determina a vida do trabalhador e sua atuação social. A fase compreendida entre os 16 e os 24 anos é uma das mais críticas, pois é quando ocorre o término dos estudos e a inserção no mercado de trabalho.

Nas pesquisas realizadas pelo Dieese (2005), observou-se que, entre as famílias mais abastadas, os jovens tendem a permanecer mais tempo na escola, enquanto entre as famílias mais pobres ocorre o oposto. Assim, a combinação vida escolar e trabalho é realidade para um percentual maior de jovens pertencentes às famílias de maior poder aquisitivo, conforme dados a seguir (Tabela 16).

Tabela 16

Distribuição dos jovens com idade entre 16 e 24 anos segundo situação de trabalho, estudo e procura de trabalho por grupo de quartis do rendimento familiar mensal. Regiões metropolitanas – 2004

Regiões metropolitanas	Total e grupos de família				
	Inativos %	População economicamente ativa %			
	Só estuda	Afazeres domésticos e outros	Estuda e trabalha	Estuda e procura trabalho	Trabalha e/ou procura
Porto Alegre	19,0	10,7	17,6	9,2	43,5
1º quartil	21,2	20,1	5,8	12,4	40,5
4º quartil	23,1	5,1	26,5	8,4	36,9
Recife	26,0	15,6	11,7	10,2	36,6
1º quartil	27,8	25,0	4,7	11,9	30,5
4º quartil	29,6	8,6	16,9	9,4	35,4
Salvador	23,4	9,1	16,4	14,4	36,6
1º quartil	26,2	16,2	7,3	17,3	33,0
4º quartil	29,3	4,8	22,8	14,3	28,8
São Paulo	13,3	9,9	15,9	10,4	50,4
1º quartil	12,7	19,3	6,7	13,4	47,9
4º quartil	16,0	4,8	24,6	8,7	45,9

Fonte: Convênio Dieese/Seade, MET/FAT e convênios regionais. PED

Nota: Grupo 1º Quartil= 25% das famílias com menor renda familiar.

Grupo 4º Quartil = 25% das famílias com maior renda familiar.

Nas regiões pesquisadas, conforme a Tabela 16, a tentativa de combinar a vida estudantil com alguma ocupação mostra-se frustrada para parcela expressiva de jovens pertencentes a famílias economicamente desfavorecidas.

Os dados trazidos pelo Dieese muito provavelmente explicam-se pela inevitabilidade de os jovens mais carentes contribuírem para o orçamento familiar. Conforme a amostra apresentada na Tabela 16, em São Paulo, por exemplo, 13,4% dos jovens de famílias de menor renda encontram-se nessa situação; entre os mais favorecidos, isso acontece com apenas 8,7% deles.

Resultados obtidos em outra pesquisa²², no já mencionado estudo realizado pelo MEC em parceria com a Unesco, reforçam as conclusões acima, ao mostrar que

jovens com até a 4ª série do ensino fundamental, 25,9% (2.834.349) indicam serem eles próprios o principal provedor econômico de suas residências e outros 20,4% (2.232.191) indicam ser o pai. Entre os jovens com ensino superior, tais indicações têm suas porcentagens alteradas para 16,4% (568.616) e 43,5% (1.504.888), respectivamente (2007, p. 317).

²² Juventude: outros olhares sobre a diversidade.

O abandono dos estudos também é mais frequente entre os jovens oriundos de famílias com poder aquisitivo menos expressivo. Mais grave é constatar a elevada parcela de jovens provenientes dessas famílias que sequer conseguiram continuar os estudos ou o trabalho, nem ingressar no mercado de trabalho. Essa parcela de inativos, que se dedica exclusivamente aos afazeres domésticos ou a outras atividades, atinge um patamar muito elevado, retrato de uma situação injusta, que exige mudanças.

Instituições internacionais como a Unesco desenvolvem estudos sobre essa camada da população, no intuito de orientar as implementações de políticas públicas com a intenção de possibilitar a inserção dos jovens no mercado produtivo e proporcionar melhorias em sua qualidade de vida.

Todavia, os dados apresentados nesta parte revelam a crueldade da dinâmica da lógica do capital. Os jovens brasileiros, levados ao mundo do trabalho por razões de sobrevivência, são obrigados a fazer escolhas que se inserem dentro de uma realidade econômica e social, realidade esta que, por um lado, obriga a interrupção da escolarização, negada diante da urgência de um salário, e, por outro, rechaça a falta de escolarização, obrigando esse jovem a consumir conhecimento, o que não garante o emprego, considerando o alto nível de desemprego, bem como a precariedade do trabalho e o subtrabalho²³. O jovem permanece, portanto, inserido num ciclo vicioso de pobreza e exclusão.

A condição de inserção da juventude no mercado de trabalho é a efígie do modelo capitalista neoliberal responsável pela concentração de renda e pela acentuação da desigualdade social.

3.3 - Ações governamentais para a juventude

Existe um interesse muito grande por parte dos órgãos governamentais pela juventude brasileira. Essa preocupação não é exclusiva do governo atual. Já foi alvo de governos anteriores, especialmente na década de 1990, no mandato de Fernando Henrique Cardoso.

A criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 13 de julho de 1990, é representativa desse interesse, uma vez que induziu à formulação de políticas públicas, programas e ações sociais destinadas às crianças e aos adolescentes.

²³ Situações relativas aos ocupados com jornada de trabalho acima de 44 horas semanais, aos aposentados e pensionistas que se mantêm ativos no mercado de trabalho, aos trabalhadores com mais de uma ocupação e ao trabalho de pessoas abaixo de 16 anos de idade (POCHMANN, 2004, p. 397).

A partir do ECA, segundo Sposito, “programas e ações foram criados e não mais organizados pela ideologia do menor em situação irregular, mas pela nova e cidadã doutrina de proteção integral aos adolescentes em conflito com a lei” (2003, p. 20).

De acordo com a autora, as ações que surgiram tinham como foco atender a questões que levassem em conta a condição dos jovens em risco social, ou seja, questões da área da saúde, da segurança pública, do trabalho e emprego.

Todavia, segundo Sposito (2003), de certa forma as ações desenvolvidas no governo FHC apresentavam a condição juvenil como elemento problemático em si mesmo, o que requeria estratégias de enfrentamento dos problemas da juventude.

O governo atual, sob a presidência de Luís Inácio Lula da Silva, a partir de 2004, em documentos oficiais, apregoa que “entender as singularidades e as peculiaridades das juventudes e garantir direitos a esta geração são fatores fundamentais para consolidar a democracia no Brasil, com inclusão social” (BRASIL/MEC, 2006, p. 5).

Com esse pressuposto, no ano de 2004, foi criado um grupo interministerial, coordenado pela Secretaria geral da Presidência da República, objetivando identificar os principais programas federais já existentes e, com isso, traçar um diagnóstico da situação do jovem brasileiro. Essa ação governamental resultou na definição de uma Política Nacional da Juventude, cuja implementação foi coordenada pela Secretaria Nacional da Juventude da Secretaria geral da Presidência da República²⁴ e assessorada pelo Conselho Nacional de Juventude²⁵. Esse conjunto de ações envolve diretamente oito ministérios e seus respectivos programas, como mostrado no quadro 4.

²⁴ A Secretaria Nacional de Juventude está vinculada à Secretaria geral da Presidência da República e é responsável por articular os programas e projetos, em âmbito federal, destinados aos jovens na faixa etária entre 15 e 29 anos (BRASIL/PRESIDÊNCIA, s/d, s/p).

²⁵ O Conselho Nacional da Juventude foi criado em fevereiro de 2005 e constitui um espaço de diálogo entre a sociedade civil, o governo e a juventude brasileira. É um órgão consultivo que tem o objetivo de assessorar a Secretaria Nacional de Juventude da Secretaria geral da Presidência da República na formulação de diretrizes da ação governamental (BRASIL/PRESIDÊNCIA, s/d, s/p).

Quadro 4

Programas e projetos do governo Luís Inácio Lula da Silva para a juventude

Ministério	Programa	Público alvo		
		Adolescente	Jovens	Adultos
Desenvolvimento Social e Combate à Fome	Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano	x	x	
Esporte	Programa Bolsa-Atleta	x	x	x
	Programa Segundo Tempo	x		
Desenvolvimento Agrário	Programa Pronaf Jovem		x	
	Programa Nossa Primeira Terra		x	
Defesa	Projeto Rondon		x	X
Trabalho e Emprego	Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego		x	
Cultura	Programa Cultura Viva	x	x	X
Secretaria Nacional da Juventude	Programa Nacional de Inclusão de Jovens		x	
Ministério da Educação e Meio Ambiente	Programa Juventude e Meio Ambiente		x	
Ministério da Educação	Programa Brasil Alfabetizado	x	x	X
	Programa Escola Aberta	x	x	X
	Programa Escola de Fábrica		x	X
	Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Médio		x	
	Programa de Integração da Ed. Profis. ao EM na mod. de EJA		x	X
	Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio		x	
	Programa Saberes da Terra		x	X
	Programa Universidade para Todos		x	X

Fonte: Guia de Políticas Públicas da Juventude, 2006.

Como se vê, o Programa Universidade para Todos, universo da presente pesquisa, insere-se nesse conjunto de ações governamentais sob a tutoria do Ministério da Educação, que tem em sua cadeira o ministro Fernando Haddad.

Segundo o Governo Federal, o entendimento de que a juventude é uma condição social e de que os jovens são sujeitos de direitos, permeia as ações governamentais voltadas para a juventude. Oferecer oportunidades e garantir direitos aos jovens, para que eles possam resgatar a esperança e participar da construção da vida cidadã no Brasil, é o discurso proclamado.

Como assinala Sposito, “as políticas sociais universais ainda precisam ser aprofundadas ao lado de um grande conjunto de direitos emergentes relativos à própria condição juvenil” (2003, p. 35).

A população jovem brasileira, disputada por tantos espaços sociais, mercado de trabalho, estudo, mídia, consumo, drogas, governo, está longe de alcançar os pressupostos de um discurso de inclusão. Entretanto, muitas ações significam, para os jovens, possibilidades e um sonho possível.

CAPÍTULO 4 - PROUNI: ALTERNATIVA POSSÍVEL

ANÁLISE DOS DADOS

Não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar.

Bertold Brecht

Este capítulo tem como objetivo contextualizar e analisar as informações obtidas por meio dos relatos dos entrevistados. Para isso, foi considerada a trajetória escolar, a possibilidade de continuidade nos estudos mediante condições econômicas precárias, a importância dada à experiência universitária e a significação social dada ao Prouni pelos sujeitos que se dispuseram a colaborar, permitindo com seus depoimentos a explicitação de relações entre a formação universitária, a experiência familiar e escolar, a condição econômico-cultural e sua formação como indivíduos.

Cabe dizer, segundo Vigotsky (1981) citado por Souza Filho (2008), que o desenvolvimento humano se dá a partir de experiências que proporcionem a criação de competências e aptidões, oriundas das relações sociais. Conforme o autor, ainda em menção à Vigotsky, se não houver essas experiências não haverá o desenvolvimento da consciência, da intenção, do planejamento, entre outras funções psicológicas superiores.

Como já mencionado, os dados foram analisados com base no pensamento do filósofo húngaro Geörge Lukács, tendo como eixo basilar as categorias de análise: formação pelo trabalho – sujeito enquanto ser social; reflexo na consciência; teleologias e alternativa.

O foco foi a significação da própria experiência e o papel do Prouni nessa experiência, procurando articular a individualidade “em-si” e “para-si” desses sujeitos com os conteúdos apresentados nos capítulos anteriores sobre a política do ensino superior, o programa Universidade para Todos, a condição da juventude brasileira e o depoimento dos entrevistados.

Buscar identificar se a significação social que os personagens dessa história atribuem ao Prouni ocorre na genericidade do “em-si” ou do “para-si” remeteu à discussão sobre o papel da família, do ambiente cultural em que cada um foi criado e ao estudo das respectivas trajetórias escolares. A análise desses dados possibilitou a compreensão dos diferentes contornos que demarcaram os processos de escolarização que, de certa forma, contribuíram

para a formação desses sujeitos, tanto na dimensão individual quanto nas esferas social e cultural.

4.1 – O lugar social dos entrevistados. A experiência familiar

De acordo com Meihy:

Seja qual for a categoria de memória escolhida para verificação da identidade, é fundamental que se leve em conta o lugar social dos indivíduos ou grupos que projetam as versões. Os compromissos de classes sociais são, pois, os mais amplos e influentes de todos. São eles que ajustam os indivíduos no quadro social (2005, p. 66).

Assim, falar do processo de escolarização de cada um dos entrevistados, bem como da significação que têm para eles o Prouni, requer, antes de tudo, uma passagem pelo lugar social ocupado por esses indivíduos.

“Eu não sabia que era pobre”, assim se expressou Tatiana ao reelaborar o passado.

Estudante da Escola Estadual Padre Anchieta, considerada, pela jovem e por sua família, uma escola de “bom nível”, Tatiana escolarizou-se e criou-se entre os filhos de comerciantes do bairro do Brás, São Paulo, capital, com condições financeiras melhores que a de sua família. Nesse período, os pobres que frequentavam a escola eram poucos e a menina estava incluída entre eles, como mencionou: “éramos poucos, eu estava incluída neles”.

A infância e parte da adolescência vivida em meio a esse círculo social trouxeram consequências: Tatiana não desenvolveu a consciência de pertencimento de classe, pois seus pais nunca permitiram que os filhos percebessem suas reais necessidades. Conforme revelou: “meus pais, para ser sincera, nunca deixaram perceber que eu era tão pobre”.

Para Tatiana, morar “no Brás, na Rua Muller, numa vila fechada, numa casa alugada [...] um quarto e cozinha grandes” representa mais um dos fatores que simbolizam a preocupação dos pais em não deixar transparecer aos filhos que pertenciam a uma classe social menos privilegiada, o que era reforçado pelo grande esforço do casal para dar aos filhos o que fosse necessário.

Na visão de Tatiana, a família “viviam super bem”, como pode ser constatado em sua fala

[...] Eu nunca soube o que era pedir um tênis e não ter, e mesmo quando adolescente, quando surgiu Nike, esses tênis mais caros. A gente cresceu numa vila fechada, com uma educação muito rígida. A gente dormia às sete da noite, íamos para a escola, chegávamos, tomávamos banho e dormíamos. Brinquedos à vontade, mesa fartíssima, graças a Deus.

À época, a menina não tinha consciência do pouco salário recebido pelos pais e da significância de morar em uma casa de aluguel. Hoje, já adulta, ao ressignificar essa experiência vivida na infância, valora: “a gente cresceu com muito luxo, perto do que a gente enxerga hoje como pobreza, muito luxo”.

Os pais de Tatiana escolheram apresentar um mundo com possibilidades de consumo. Linha telefônica, artigo de luxo naquele tempo, primeiro carro, roupas, clube, festas, enfim, tudo que fizesse os filhos se sentirem em uma realidade social compatível com a daqueles com quem conviviam, os filhos de comerciantes de classe média.

Tatiana considera que teve uma criação muito tranquila, tanto em casa quanto na escola. Disse que sabia existir pobreza, violência, drogas, porém realidades que passavam distantes de sua vida. Contou:

Eu sabia que existia. Meus pais me criaram com muita consciência de que existia pobreza, de que existia muita gente que passava fome, que tinham menos do que nós, que nós tínhamos que valorizar o que tínhamos. Essas coisas eram muito longe de mim [...]. A gente tinha vizinhos que passavam mais necessidade que a gente, mas a gente não percebia, porque minha mãe nos ensinou a dividir absolutamente tudo. Então, todos os brinquedos que nós tínhamos eram excelentes, eram da Estrela, a gente dividia com a criançada. A gente não percebia que as crianças não tinham, porque para a gente não fazia diferença elas terem ou não. Nós tínhamos e era o suficiente para todo mundo. Assim como comer, a gente ia lanchar, lanchava todo mundo.

É interessante notar que a consciência de pobreza existia, mas longe de sua casa. Os filhos de Dona Neuma ouviam dizer que havia pessoas que passavam fome, vizinhos que passavam necessidade, amigos sem brinquedos. Aprenderam a dividir e não sabiam diferenciar o ter e o não ter. Por outro lado, e não menos intrigante é o posicionamento de Tatiana quanto à condição da pobreza:

Hoje, como adulta, eu vejo que não eram tão longe, foi com muito esforço dos meus pais que nos protegeram dessa pobreza que nos rodeava a todo instante.

A fala da jovem sugere uma consciência estereotipada da pobreza, uma vez que considerava válida a tentativa dos pais de protegê-la contra a pobreza como se esta fosse passível de proteção.

Ao avaliar o passado, concluiu:

Eu cresci achando que eu não era tão pobre. Na verdade, eu era sim, porque a faixa etária, quer dizer, a faixa social era de pobreza sim, num nível de classe média baixa. Os pais trabalhavam, mas não tinham um emprego estruturado, digamos assim, eram empregados terceirizados que ganhavam um salário, se esforçavam muito para nos dar tudo. Morávamos de aluguel, a primeira linha telefônica que minha mãe comprou foi com muito esforço naquela época, o primeiro carrinho que ela comprou foi com muito esforço, era um fusquinha, sabe? Era tudo pouquinho, mas parecia muito, perto do mundo em que eu vivia. Na escola, eu nunca, nunca, nunca me senti diferenciada dos meus amigos, que eram filhos de donos de lojas, porque vestíamos a mesma roupa, íamos às mesmas festas, à praia, ao clube. Nós éramos sócios do Corinthians, desde pequeninhas.

A consciência da realidade à qual de fato pertencia foi adquirida, mas não antes de seu pai morrer. Nas palavras de Tatiana: “eu vim perceber que era pobre depois que meu pai faleceu”.

Tatiana é um exemplo de uma vivência e convivência mascaradas pelo sentimento de proteção produzido pelo distanciamento de sua própria classe, como ela lembra: “era uma vila fechada de portão trancado e tudo”. Com a morte do pai, Tatiana precisou trabalhar para ajudar a mãe a cuidar de suas irmãs.

Quando meu pai faleceu, eu tinha 18 anos de idade e nunca tinha trabalhado. Eu inventei de trabalhar com 17 anos, numa lojinha, mas cansei, trabalhei, cansei e falei para o meu pai que não queria trabalhar, e ele disse para que eu saísse e fosse estudar. Na verdade, o que meus pais queriam é que a gente estudasse, isso sempre assim, eles se esforçavam muito para isso, minha mãe incentivava muito. Meu pai, na maneira dele bem simplória, com a quarta série primária, nunca deixou de incentivar a gente. Então, quando meu pai faleceu, eu era uma menina de 18 com cabeça de 15 ou 16 anos.

E, assim, a menina de 18 anos com cabeça de 15 ou 16 anos foi obrigada a inserir-se no mercado de trabalho, forçada a entrar em contato com a pobreza, com a realidade, injusta e desigual. Talvez, tenha percebido que contra a pobreza não há proteção.

Wendy, opostamente a Tatiana, originário de uma família muito humilde, desde cedo conheceu uma vida difícil.

Na infância, sob a tutela autoritária do pai, foi obrigado a trabalhar na roça e a vender bananas. Quando adolescente, com 16 anos, por falta de opções na cidade em que morava (Itabaianinha), diante das dificuldades financeiras que se apresentavam cada vez com maior intensidade e também da necessidade e vontade de continuar os estudos, não teve escolha: começou a trabalhar como costureiro, mesmo não gostando da profissão.

A fala de sua mãe de que os estudos o levariam a uma vida melhor é ouvida desde cedo. Apesar de se mostrar sem vontade ou vontade para estudar, busca intermitentemente um diploma de curso superior como única saída para uma vida marcada pela falta de opção. Para conseguir um emprego melhor e ser qualificado para o mercado, ingressou no ensino superior, com a crença de que “através da faculdade eu conseguiria um emprego por causa da qualificação”.

Wendy viveu e ainda vive sob a pressão das limitações financeiras graves, com muito sacrifício. A educação é muito valorizada, sendo considerada como capaz de propiciar melhores condições de vida.

Todavia, o trabalho infantil, juntamente com o comportamento autoritário do pai, que considerava os estudos totalmente desnecessários, “coisa de vagabundo”, muito provavelmente interferiram na vida acadêmica de Wendy, que se assume hoje como uma pessoa que não estuda: “não leio nada em casa, até as meninas da sala perguntam como eu consigo, e eu falo: ‘meio que embromeito’”.

Atualmente, mesmo já tendo galgado os primeiros degraus da faculdade, continua na área da confecção, trabalho do qual já se cansou e que não realiza enquanto profissional. Conforme pontuou: “eu não gosto dessas coisas de linha de produção, sempre é muito puxado, não é fácil, e também tanto tempo que já me ‘encheu’”.

São Paulo, a megalópole, não abriu para Wendy muitas oportunidades, como revela o depoimento do rapaz:

Nos primeiros três meses eu recebi o seguro-desemprego. Depois fiquei enrolando e não conseguia emprego. Eu também não queria mais costurar. Eu tentava em outra área, mas não conseguia, porque eu tinha quatro anos de registro na área da costura e as empresas falavam que não tinha nada a ver com o que eu queria.

O mercado de trabalho, apesar de parecer promissor, não ofereceu a Wendy muitas condições de inserção, como ele vislumbrava. E, assim, por não apresentar experiências significativas em outros ramos de atuação, é obrigado, até mesmo por uma questão de sobrevivência, a permanecer naquilo que tanto se esforça para sair: na área da confecção.

Elton nasceu, cresceu e ainda vive em uma mesma comunidade localizada na periferia de São Paulo. Por influência do modo de criação de sua mãe, reforçado pela sua irmã, ele é muito educado, qualidade observada por esta pesquisadora. Cresceu com seus amigos da mesma rua e tinha nos jogos de futebol sua maior diversão. Além do futebol, também lembra que gostava de assistir à televisão.

Hoje avalia suas opções de lazer, principalmente no tocante à televisão, como sendo aberrações ou besteiras. Carregado de uma crítica aparentemente moralista, na verdade nega o que fez parte integrante de sua infância e de tantos outros jovens: “às vezes a gente ficava em frente à televisão, mas a televisão também é outra aberração. Se as pessoas soubessem o quanto a televisão faz mal... Eu gosto, mas não assisto muito não, na verdade assisto mais a TV Cultura”.

Quando chegou a juventude, formou um novo grupo de amizades, o que o influenciou na sua formação política e filosófica. Elton e a nova turma de colegas reuniam-se na casa do professor Jarbas para discutir política e filosofia. Essas reuniões instigaram-no a buscar conhecer novos assuntos, que para ele até então eram desconhecidos.

Jarbas é professor de Sociologia, Filosofia, História e Geografia. Formado pela Universidade de São Paulo (USP), acreditava que mudanças sociais, políticas e econômicas só poderiam acontecer a partir das mudanças de pensamento.

Foi fora da escola que Elton teve a experiência de buscar o conhecimento como forma de participação. O gosto pela leitura e pelo estudo não se deu pela via da escola, mas por amigos e professores, em rodas de conversa informais, como rememora:

Com 16 ou 17 anos, quando eu, assim que coloquei o pé fora da escola, quando terminei, é que conheci o pessoal. E eles falavam coisas absurdas que eu “nossa”, tínhamos uma roda de amigos assim, que ficavam conversando sobre política, filosofia, eu pensava: o que esses caras estão falando? Quando terminava a conversa, eu chegava aqui em casa, pegava o livro de história.

E foi assim, nas reuniões com seus amigos, que Elton disse ter aprendido a gostar de ler e de estudar.

Eu via (poxa) que coisa absurda! E eu comento com meus amigos até hoje que eu aprendi a gostar de estudar de ler, coisas relacionadas a história, literatura, quando eu saí da escola, porque fui meio que motivado pelos meus amigos a buscar uma coisa mais diferenciada, consegui enxergar o que está por trás de muita imbecilidade televisiva, sabe?

A cada encontro, lá estava Elton, achando tudo “engraçado, um criticava o outro, um ficava bravo porque recebeu críticas e não gostava, e isso acabava influenciando alguma coisa na pessoa, porque a pessoa ficava ali pensando: poxa, que interessante”.

Os encontros com o professor e demais integrantes do grupo incentivaram Elton a busca por respostas, ou pelo menos entender as discussões mantidas pelo pequeno grupo. O interesse de Elton confirma que a inserção dos indivíduos em diferentes espaços, “o envolvimento cultural com os grupos aos quais pertencem, orientam, limitam ou ampliam as suas opções, confrontos e visões do mundo no correr do tempo” (FONSECA, 2006, p. 184).

De Itaquaquecetuba para a Paraíba, da Paraíba para Caraguatatuba, de Caraguatatuba para a Paraíba e da Paraíba para Itaquaquecetuba, essas mudanças constantes de um lugar a outro marcam a vida de Kelly.

As lembranças mais distantes da infância e da adolescência, com períodos de idas e vindas, em busca de melhores condições de vida, permeiam as reminiscências dessa entrevistada, uma criança criada pelos avós paternos e na companhia do pai, que não conheceu sua mãe, como contou:

Eu não conheço a minha mãe. Ela mora aqui perto da minha casa, mas eu não a conheço. Ela mora no Itaim e eu em Itaquá. É perto. Eu já a visitei há muitos anos, mas se eu a vir eu não a conheço. Eu fui na casa dela uma só vez. Depois ela se mudou de lá e a gente se desencontrou, agora ela voltou para lá.

Em decorrência das necessidades postas pela vida à sua família, a jovem começou a trabalhar aos 14 anos e acumulou desde então uma longa lista de profissões, como: atendente em sorveteria, atendente em loja de noivas, babá, costureira e monitora em escola de informática. Sua rotina era trabalho e estudo.

Nas horas vagas, viajava com o grupo de amigos do bairro para cidades vizinhas em busca de diversão nas baladas ou divertia-se em parques de diversão da sua cidade. Contou com alegria:

A gente ia para o parquinho. Parquinho de diversão. Então, a gente ia para lá, eu tinha amigos que eram DJ em salão, nós íamos também para o salão, íamos para a pizzaria, o normal, às vezes íamos para a praia no final de semana, uma porção de coisas.

“Uma porção de coisas”, para Kelly, significa os parquinhos, as baladas e, às vezes, idas às praias. Atividades suficientes e pertinentes ao mundo possível. Não há em nenhum

momento da fala dessa entrevistada, ou de outras entrevistadas, uma necessidade ou um sentimento de falta. Seu modo de pensar, de agir e de se transportar a um futuro são pertinentes com os pensamentos de seu meio.

Resultado de uma vida marcada por rupturas familiares e constante necessidade de idas e vindas, Kelly vê na persistência o segredo para o sucesso.

Os alunos ficam dormindo na sala, dormindo literalmente. Então, pode até ser cansaço. Mas eu também me canso. Eu trabalho, eu acordo cinco horas da manhã, chego ao trabalho às sete horas, porque da minha casa é muito longe. Todo dia eu acordo às cinco horas, e é aquela correria.

Beatriz nasceu, cresceu e ainda vive em Ribeirão Pires, interior de São Paulo. Considera-se uma pessoa tímida e contou que desde muito nova, em decorrência da necessidade, responsabilizou-se pelos afazeres domésticos e pelos cuidados com os irmãos mais novos. Na ocasião, sua mãe, única mantenedora do lar, precisava trabalhar fora para sustentar a família. Em tom de desabafo, Beatriz disse que, em dado momento de sua vida, a única coisa que sabia fazer era cozinhar.

O contexto no qual cresceu, levou-a a pensar que, após os estudos, se casaria e criaria seus filhos.

Eu não falava, não falava em fila de banco, não pedia, não comprava nada na farmácia, eu era muito tímida, eu era muito, assim tinha uma autoestima baixa, muito baixa, eu não acreditava em mim, eu fazia tudo o que as pessoas me pediam para não contrariar ninguém, para que as pessoas continuassem gostando de mim [...] e achava que era isso e só, e que a minha vida é isso, e que depois eu ia casar, quem sabe alguém me quisesse, e eu pensava em criar os meus filhos.

Beatriz, aos 19 anos, ao terminar o noivado, sente desmoronar o seu mundo de certezas. Com esse término repentino, “o meu motivo era morrer, porque eu não via outro caminho para mim a não ser casar e cuidar de casa”.

No período, a jovem, incentivada pela mãe, começou a fazer aulas de teatro. Nesse ambiente, sua mãe via, além da possibilidade de superação, a oportunidade de conhecer um mundo até então desconhecido e novas formas de encarar a realidade.

Beatriz contou um pouco das suas primeiras sensações ao entrar no teatro: “na hora em que eu entrei assim, porque eu nunca tinha entrado em um teatro na minha vida, quando eu entrei no teatro eu falei: meu Deus do céu, que mundo é este?”

Na entrevista, foi possível observar que o teatro funcionou como fronteira entre a falta de perspectiva e um mundo cheio de possibilidades. A jovem transformou-se em uma multiplicadora da arte da representação. Suas palavras mostram a importância que atribui à função que assumiu: “com perfil para poder capacitar e continuar com o trabalho de multiplicação, eu fui escolhida, graças a Deus. Fui escolhida e no ano seguinte já comecei com o trabalho de capacitação”.

O ingresso no mundo teatral trouxe a Beatriz oportunidades de se dedicar a alguns serviços sociais. O trabalho realizado, sempre por meio do teatro, objetivava resgatar o jovem adolescente da camada mais vulnerável da sociedade, que em busca de um primeiro emprego vê-se tolhido pela timidez, pela inexperiência e pelas condições precárias de trabalho.

A arte-educação transformou a vida e o olhar de Beatriz, dando-lhe novo ânimo. É possível perceber o entusiasmo em suas palavras:

O que me dava prazer era a arte-educação. Era ver a transformação dos meus alunos, que entravam mudos e saíam falantes, como eu entrei muda e saí falante (risos). Sabe, para mim era isso, era ver o meu aluno no palco. No final do trabalho os jovens estavam falando sem timidez, e as mães ficavam muito agradecidas, elas diziam: “você mudou a vida do meu filho”. Ele conseguiu arrumar um emprego. Ele consegue se expressar, eu me emociono só em lembrar. Eu vi que eu tinha que fazer isso, tinha que fazer isso, arte-educação.

A arte-educação, segundo Beatriz, proporcionou-lhe uma forma crítica e contestadora de ser, o que pode ser creditado à influência desse grupo social definido, o teatro. De adolescente tímida, com baixa autoestima e sem perspectiva de vida, Beatriz avalia que se transformou em uma mulher que diz não ter medo da vida. De acordo com suas próprias palavras:

Eu sou assim, eu não tenho medo de perder território, eu gosto de dividir, eu acho que o objetivo, o meu objetivo, quando eu fui fazer teatro, é isso, é poder pegar o que me fez crescer como pessoa e dividir, socializar mesmo.

Karen, a mais jovem de todas as entrevistadas, cresceu no centro da cidade de São Paulo. Conviveu com amigos que moravam em outros bairros, distantes, como relatou: “meu grupo de amigos, incrível, nunca foi daqui, todo mundo é da Zona Leste, uns de Itaquera outros de Guaianazes, Cidade Tiradentes, todo mundo sempre é de muito longe”.

Essas amizades são fruto das relações vividas em sala de aula, pois a escola, por estar muito próxima da estação de metrô, atrai alunos de outras regiões. O grupo tinha um forte vínculo: “a gente se via todo dia, todo dia. Virou uma família, praticamente todo dia mesmo”.

Porém, um fato ocorrido com alguns integrantes da equipe, no terceiro ano do ensino médio, trouxe alguns problemas à união da equipe, como relatou Karen:

No terceiro ano, quando separaram quatro alunos para uma sala e os outros quinze em outra sala, foi uma comoção nacional. A diretora quase expulsou todo mundo, porque foram todas as mães, ninguém queria ir mais para a escola. As mães se ligaram e combinaram de ir conversar com a direção da escola, tentar mudar. Doce ilusão! A diretora disse aos pais que, se nós não voltássemos para a escola, tudo bem, poderíamos ficar em casa e repetiríamos de ano. Então todo mundo voltou para a escola.

O desejo de participar de um cruzeiro de formatura foi o que motivou Karen a procurar seu primeiro emprego. Sobre o anseio pela viagem e sua ligação com a primeira inserção no mercado de trabalho, contou:

Eu comecei a trabalhar aqui bem perto de casa, mas eu trabalhava para ter meu dinheiro, porque já no 2º ano do ensino médio meus amigos já estavam falando em um cruzeiro de formatura que ia ter no final. No 3º ano eu disse para minha mãe que eu queria ir, mas minha mãe disse que “não podia pagar”, aí eu falei: “posso trabalhar e eu pago”, e ela concordou, e aí eu pensei: agora vou ter que trabalhar.

Karen, com o salário que recebia, pagou o cruzeiro e, posteriormente, saiu do emprego, com o objetivo de treinar handebol, uma de suas paixões. Porém, isso acabou não acontecendo: a jovem não se dedicou ao esporte, optou por continuar trabalhando. Manter-se financeiramente independente era essencial, pois “você se acostuma a ter dinheiro, aí, depois, voltar a ficar dependendo do dinheiro de pai, de mãe, e nem sempre eles podem dar... Então eu pensei: eu preciso de dinheiro”.

Com o término do ensino médio e o ingresso no mercado de trabalho, os encontros com os amigos tornaram-se menos frequentes. A leitura que Karen faz é que agora todos trabalham, portanto, nem sempre têm tempo para uma reunião com os colegas, como antes.

Quando acaba a escola, a gente continua se falando do mesmo jeito, um pouco menos, porque agora praticamente todo mundo trabalha. Antes tinham uns mais boyzinhos que não trabalhavam, mas agora todos trabalham.

Hoje, Karen considera que o ingresso no ensino superior é um dos fatores que exigem a busca de um cargo no mercado de trabalho

Hoje, boa parte está na faculdade, então tem um gasto e nem todos têm bolsa. Só eu tenho bolsa, e todos que estão na faculdade pagam. Uma das minhas amigas, a Maira, até trancou o curso na Faculdade Oswaldo Cruz, porque era muito caro. Então trabalham, ajuntam para pagar a faculdade.

Para Karen, seu grupo é formado por aqueles que precisam trabalhar e por aqueles que ela denomina de “boyzinhos”, sendo o trabalho importante critério de classificação. Indagada pela entrevistadora porque os considera “boyzinhos”, respondeu:

Porque eu, a Camila e a Laura, deixa eu ver quem mais? O Lê e o Chiquinho, sempre trabalhamos, porque queríamos ter dinheiro quando precisássemos, por vários motivos, mas tinha outras pessoas, também muito queridas, mas que não trabalhavam porque não precisavam.

Ao analisar porque os “boyzinhos” não precisam trabalhar, Karen elencou alguns elementos:

Porque os pais tinham mais condições, ou eles também não queriam, ou não precisavam. Também eu não vou falar que estou indo trabalhar porque preciso, porque não tenho condições, mas eu queria trabalhar, queria meu dinheiro e eles não. Quando queriam, pediam para os pais, e os pais davam, não precisavam correr atrás do dinheiro deles.

Em tom de brincadeira, Karen revela que hoje ironiza o cansaço que seus amigos demonstram, e relembra que, já na escola, mantinha um ritmo de trabalho que a deixava também cansada.

Hoje, por exemplo, quando a gente marca uma coisa e um deles fala que está cansado, eu falo: “está vendo, quando você marcava na escola e eu falava que estava cansada, está vendo como é”?

Karen, apesar de sua pouca idade, considera-se muito responsável. Relegou suas atividades esportivas para um plano secundário, pois vê no trabalho e nos estudos sua responsabilidade maior. Em suas palavras, “hoje em dia, tudo mudou”. Acredita saber priorizar suas atividades, e neste momento não há lugar para dedicação total ao esporte.

De todos os entrevistados, Eduardo carrega em suas reminiscências de vida uma verdade que constrói de forma bastante complexa e, muitas vezes, de difícil leitura. Na maior parte das vezes, sua fala vem impregnada de autoexplicação e justificativas, tendo exigido cuidado desta pesquisadora na análise de sua fala, para não correr o risco de interpretações equivocadas e injustas.

A verdade construída por Eduardo é o reflexo da relação, também complexa, entre seus familiares. O que, talvez, não poderia deixar de ser, uma vez que

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe, com a escola, com a igreja, com a profissão: enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. As instituições sociais exercem poderosas influências no que será lembrado e no modo como será lembrado (BOSI, 1983, p. 17).

O depoimento de Eduardo revela uma infância e adolescência assinaladas pela consciência da diferença, o que ficou muito nítido cada vez que fez distinção entre ele e seu irmão. Nas palavras do depoente, seu irmão “era estruturalmente um trabalhador”, e ele, um intelectual; enquanto ele era um estudioso, seu irmão não conseguia sentar atrás de uma carteira escolar.

Eduardo considera-se um “estudante nato”. Seu irmão aprendia tudo fazendo, “conseguia fazer qualquer coisa, mas não verbalizava diante do meu pai, era uma coisa a autoridade que o meu pai exercia sobre ele”.

Nessa divisão entre o fazer e o pensar, Eduardo deixou clara a construção de um mundo bipolar e o lugar que ocupa nesse mundo: “então o meu irmão era submisso, resignado, e eu era o crítico, revoltado. Duas personalidades completamente diferentes”.

Esse confronto parece ter gerado um conflito interno que, apesar de passado, permanece vivo na memória de Eduardo, como pode ser percebido em seu depoimento:

Eu não sei trabalhar. Eu não sei fazer nada. Eu tinha uma constituição física muito frágil, pouco disposto para trabalhos físicos. Meu pai exigia muito do meu irmão; em contrapartida, ele me deixava de lado. Então enquanto o meu irmão aprendia fazendo, eu aprendia olhando, não tinha o mesmo desempenho que ele, eu gastava mais tempo raciocinando para levar menos tempo para fazer.

Eduardo parece entender que o pai, considerando as diferenças de modo de ser de cada um dos irmãos, não acreditava nas suas potencialidades: “era um sistema em que o meu pai não acreditava muito, não dava muita credibilidade para ele (para o meu sistema). Mas sempre funcionou para mim, pensar mais para fazer menos besteira, sempre foi a minha política”.

O não conformismo de Eduardo extrapola os limites de sua casa, em uma busca, como ele mesmo diz, pela vida, porém sem nenhum vínculo de pertencimento:

Socialmente, vendo tudo, tudo que pode ser visto em uma cidade como São Paulo, eu dormi em algumas calçadas desta cidade por pura opção, não que a situação me obrigasse, mas, porque eu não tinha um lugar em que eu quisesse estar, eu não queria estar em casa, eu não podia estar na escola. Não tinha como ter um serviço que me sustentasse a vida, fazia as minhas contas, todas as minhas contas davam em nada, eu vou gastar tanto aqui, tanto ali, tanto ali, tanto ali, eu vou trabalhar tanto, mas para quê, em função do quê? Era mais fácil eu trabalhar onde eu estivesse por um prato de comida.

Foi no exército, corporação de grande relevância na vida de Eduardo, que ele teve a chance de começar a reestruturar sua vida. Como ele mesmo diz: “e eu fui me estruturando dentro do exército, a minha válvula de escape era trabalhar com os animais, uma coisa que eu fiz muito bem”.

Considera as relações sociais passíveis de corrupção:

Eu acredito que o poder corrompe muito mais, o poder corrompe muito mais do que o dinheiro, muito mais, o poder corrompe em qualquer nível, ele não depende da capacidade que o indivíduo tem de mexer com o dinheiro. Se ele tiver poder, ele dá um jeito de melhorar uma situação, ou piorar uma situação.

No exército, Eduardo teve a oportunidade de aprender a trabalhar com os cavalos. Após o exército, ele se tornou professor de equitação em uma instituição, segundo ele, poderosa: “trabalhava em um meio muito poderoso, muito poderoso mesmo, era uma coisa acima, em nível de fechado”, como fez questão de frisar. Todavia, contou que, ali dentro, novamente mudou as relações estabelecidas ao tentar popularizar um aprendizado que, segundo ele, era próprio da elite:

Para mim não, eles pagariam se eles perguntassem para qualquer um dos outros aquilo, seria uma consulta com psicólogo, quarenta minutos, uma hora, psicoterapeuta, assim que funciona também dentro desta função, e eu não me incomodava com nada, se alguém tocasse no meu ombro e me perguntasse alguma coisa, eu respondia automaticamente, então o que eu fazia? Eu tornava vulgar um conhecimento que deveria ser restrito, pois para eles deveria ser restrito, era uma questão de poder, e para mim o poder estava no transmitir, então isto me colocou filosoficamente no sentido contrário ao dos indivíduos que trabalhavam comigo.

Eduardo contou que, quando era policial militar, “por um descuido da vida [...] eu saí da polícia, eu saí da situação oposta, eu saí de policial para ser um preso”. Nesse ambiente

Então, eu já convivia com o embate, na minha filosofia de vida, já dentro da polícia há nove anos, ou seja, não é porque eu estava na situação de ter o po-

der que este poder conseguia me corromper, a briga nem era com o sistema, era comigo mesmo, então onde você consegue sustentar os seus ideais, independente da função que você está ocupando, e eu posso dizer que consegui, o meu ponto de vista já era humanista na função de polícia, num dado momento me vejo como preso, uma coisa do outro lado do sistema, do outro lado da parede, do outro lado da moeda, ou qualquer outra coisa que possa estabelecer essa diferença, se bem que dentro de uma eu descobri que todas as situações são prisões, eu aprendi que depende de como você as encara, se você encarar com liberdade você não é só livre como você faz os outros livres, se você se prender dentro dela, até sapateiro consegue prender os outros, dentro da sistemática em que ele se prende, que ele se impõe e impõe aos outros.

Eduardo considera que não se adequa às convenções sociais e estabelece uma relação de oposição, demonstrando um espírito bastante contestador em relação à sociedade. Mesmo dentro do presídio, continuou a se opor ao que ele chama de sistema:

Então eu comecei a fazer o que eu fiz a vida inteira, caçar encrenca de novo, não porque eu não goste do que eu estou criticando, as pessoas não aceitam as críticas. Então eu fui questionar poderes, poderes arraigados dentro da estrutura, institucionalizados por pessoas de dentro e de fora daquela estrutura. Eu, como um remanescente nativo da ditadura, estava lidando com ferramentas que conhecia de cor e salteado; contra fogo, use fogo, contra água, use água, e assim por diante, use as próprias ferramentas do inimigo contra eles mesmos, e vai se acomodando aos poucos, e se usar uma arma meio esquisita ele vai pensar: opa, o cara está contra mim, quem não está pró está contra, então o sistema não aceita muitas críticas. Como eu tinha de sobreviver lá dentro, e sobreviver incluía mais a mente do que o corpo, o natural temor diante a morte, eu pensei: se funcionar está bom, se eu for para outro lugar só pelo que eu sou eu morro, então não pode ficar pior do que está. O bendito do tempo que a gente passa dentro de um distrito é totalmente perdido, e ele acaba sendo contraproducente quando você vai para um sistema penitenciário, porque já vai institucionalizado, você já vai com medo, você já cria tensão quando chega. É como ir a um matadouro: você vai cutucando o boi, cutucando o boi com aquele esporão elétrico, ele já chega no estado de tensão tal que se você soltar ele e não matá-lo, não será mais o mesmo boi que entrou, é isto que acontece com o ser humano.

Eduardo, com uma crença fiel em sua filosofia de vida, buscou, mesmo dentro da prisão, sustentar seus ideais humanistas. Para ele, liberdade, corrupção, direitos, justiça, injustiça não são somente palavras, mas conceitos que acredita serem pessoais e construídos no decorrer de sua trajetória de vida.

4.2 – A escolarização

Histórias contadas, histórias omitidas, mas que

podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história de seu tempo, permitindo-nos encarar a intersecção da história da vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, escolhas, contingências e opções com que se depara o indivíduo (GOODSON, 1992, p. 75).

Essas histórias contribuem para a reconceptualização dos estudos sobre a escolaridade de cada um dos entrevistados.

Sobre o processo de escolarização, quanto ao ingresso e término no ensino fundamental, a análise dos depoimentos mostrou a seguinte situação:

Tabela 17
Do ingresso ao término do ensino fundamental

Nome	Idade	Nascimento	Ensino Fundamental
Karen	18 anos	1991	1998 a 2008
Emília	22 anos	1987	1994 a 2001
Kelly	22 anos	1987	1994 a 2001
Rodrigo	23 anos	1988	1993 a 2000
Elton	26 anos	1983	1990 a 1997
Wendy	27 anos	1982	1992 a 1999
Beatriz	31 anos	1978	1985 a 1992
Tatiana	31 anos	1978	1985 a 1992
Eduardo	46 anos	1963	1970 a 1976

A maioria dos entrevistados cursou o ensino fundamental durante a década de 1990, com exceção de Karen, a mais jovem, e de Eduardo, Tatiana e Beatriz, os mais velhos. Estudaram num contexto marcado por mudanças no cenário político nacional e internacional.

As reformas e projetos educacionais da década de 1990 estavam afinados, como salienta Patto (2005), com as metas educacionais negociadas pelas agências multilaterais. As metas oficiais, no que se refere à educação, objetivavam a universalização do ensino fundamental, a melhoria nos índices dos resultados do rendimento escolar e o barateamento dos investimentos públicos em educação.

O período que se estende de 1990 a 1994, em que sucedeu o afastamento de Collor de Mello e a posse de Itamar Franco na presidência do Brasil, coincidiu com a realização, em Jomtien, Tailândia, da Conferência de Educação para Todos (1990), marco político e conceitual da educação fundamental, promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Banco Mundial e Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) (LIBÂNEO, 2005, p. 94).

Na ocasião dessa conferência, quando da aprovação da Declaração Mundial de Educação para Todos, foram estabelecidas prioridades para a universalização do ensino fundamental nos países do Terceiro Mundo, com o objetivo claro de atender às demandas e às necessidades da nova forma de modernização capitalista, uma vez que princípios como eficiência, equidade e qualidade eram as palavras de ordem, como se constata em documentos como: *Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem: uma visão para o decênio de 1990*; nos documentos da Unesco: *Transformação produtiva com equidade* (1990) e *Educação e conhecimento: eixo da transformação produtiva com equidade* (1992).

A educação e o conhecimento são vistos como pedra angular e eixo de transformação produtiva e do desenvolvimento econômico no novo processo de estruturação do capital, em que não há espaço para o indivíduo não qualificado. Desqualificação é aqui uma nova forma de exclusão do processo produtivo. Há, então, uma crescente demanda por qualificação. Daí a ênfase no discurso da importância da universalização do ensino fundamental.

O investimento em educação, como aponta o Banco Mundial, “permite o aumento da produtividade e do crescimento econômico” (LIBÂNEO, 2005, p. 95), o que reflete a tendência de uma lógica economicista, e o ajuste do sistema educativo tem como objetivo último a adequação do sistema escolar às demandas e exigências do mercado.

Todavia, o paradoxo é grande. De um lado, vê-se o reconhecimento da educação para o mundo do trabalho e para o desenvolvimento da economia. De outro, assiste-se “a desnecessidade crescente da instrução pública como formadora de mão de obra, num cenário de desemprego estrutural” (PATTO, 2005, p. 10).

Como afirma Nosella: “o cidadão da década de 90 é como um tecido entrelaçado pelos fios da ideologia que proclama uma sociedade sem trabalho, sem história, sem utopia” (2005, p. 16). Um indivíduo que a partir da “constatação de que vivemos em uma sociedade de trabalhadores sem trabalho” (2005, p. 62), sofre “o traumático fenômeno do fim do emprego” (2005, p. 62).

Com isso, nos anos de 1990, o aprofundamento da perspectiva da educação como um produto que se compra, e não como um direito universal, atinge níveis insuportáveis e, com isso, “o que se assistiu foi a derrocada fragorosa da escola como lugar de aquisição de conhecimentos e de capacidade de refletir. Esse dismantelamento [...] recentemente tornou-se domínio público: hoje é senso comum que a maior parte dos diplomados pela escola pública de primeiro e segundo graus mal sabe ler, escrever e fazer as quatro operações” (PATTO, 2005, p. 10).

O que se assiste hoje é

a ditadura do pensamento único; o instrumentalismo triunfante; [...]. Ministros e secretários da educação buscaram, como regra, a melhoria das estatísticas educacionais e o barateamento dos investimentos públicos em educação. Como cortina de fumaça, a retórica da inclusão escolar [...] e de uma política educacional pautada em crescente e espantoso descaso pela formação escolar (PATTO, 2005, p. 10).

Vê-se aqui o desprezo total do conhecimento como aspecto fundamental para a formação plena do indivíduo, sendo esse conhecimento direcionado aos interesses do capital, na conjuntura político-econômica na qual o Brasil se insere.

É possível perceber que a implementação de políticas públicas para a educação gera algumas modificações no sistema educacional brasileiro. Como aponta Oliveira (2007), o sistema muda lentamente, mas muda. De um lado, a população historicamente tolhida de seus direitos tem mais oportunidades de acesso à educação formal. De outro lado, porém, esse acesso, alcançado com lutas e conflitos, faz que a exclusão mude de qualidade e de lugar.

Inseridos nesse quadro estão os entrevistados, cuja trajetória perpassa pelo ensino público.

Quadro 5

Instituições de ensino fundamental frequentadas pelos entrevistados

Nome	Ensino Fundamental	Cidade	Bairro
Karen	EMEF Duque de Caxias	São Paulo	Glicério
	E. E. Prof. Gomes Cardim	São Paulo	Aclimação
	E. E. Oscar Thompson	São Paulo	Cambuci
	E. E. São Paulo	São Paulo	Centro
Emília		São João da Boa Vista	
Kelly		Paraíba	
		Caraguatatuba	
		Paraíba	
Rodrigo	EMEF Almirante Tamandaré	São Paulo	Vila Maria
Elton	E. E. Izac Silvério	São Paulo	Jardim Tremembé
	E. E. Arnaldo Barreto	São Paulo	Jardim Tremembé
Wendy		Itabaianinha/SE	
Beatriz	Centro Educacional Sesi	Ribeirão Pires	Jardim Panorama
Tatiana	E. E. Padre Anchieta	São Paulo	Brás
Eduardo		São Paulo	

Quadro 6

Instituições de ensino médio frequentadas pelos entrevistados

Nome	Ensino Médio	Cidade	Bairro
Karen	E. E. São Paulo	São Paulo	Centro
Emília		São João da Boa Vista	
Kelly	E. E. Profa. Edina Álvares Barbosa	Itaquaquecetuba	Vila Japão
Rodrigo	E. E. Imperatriz Leopoldina	São Paulo	Jardim Japão
Elton	E. E. Conselheiro Ruy Barbosa	São Paulo	Horto Florestal
Wendy	E. E. São Paulo	São Paulo	Centro
Beatriz	Centro educacional Sesi	Ribeirão Pires	Jardim Panorama
Tatiana	E. E. Padre Anchieta	São Paulo	Brás
Eduardo		São Paulo	

Mudanças constantes de escola assinalam o processo de escolarização de Kelly. Suas primeiras experiências de aprendizagem foram interrompidas. Fez metade da 1^o série em São Paulo, mudou-se para a Paraíba e terminou essa série, mas segunda ela, a diretora matriculou-a outra vez na 1^o série.

Novamente sua família transferiu-se, agora para Caraguatatuba, e lá ela cursou a 4^a e a 5^a séries do ensino fundamental. Nesse momento, ela comparou os ensinos de São Paulo e da Paraíba, ao dizer: “eu já morava lá no Norte, aí eu vim para Caraguatatuba. Nós passamos dois anos. Foi quando eu tive uma noção de como era atrasado, o ensino daqui era bem mais adiantado do que lá”. Retornou para a Paraíba e retomou os estudos. Completou o ensino fundamental e optou cursar simultaneamente o magistério e o ensino médio regular, na esperança de ter melhor oportunidade de trabalho.

Mais uma vez seus planos foram interrompidos e, de volta a São Paulo, matriculou-se no ensino médio, mas não conseguiu cursá-lo por questões burocráticas: os documentos de transferência não chegaram, obrigando Kelly a fazer supletivo e finalizar sua educação básica.

Existe na fala de Kelly o conflito inerente à educação: lá – curso de magistério, escola com farda: saia pregueadinha, blusa, boina, sapato e meia; cá – “escola meio bagunçadinha”

Assim, os alunos não deixavam os professores darem aulas. Se você quisesse aprender mesmo, você precisava ficar bem na frente, porque senão você não conseguia ouvir nada. Era muito difícil mesmo, uma turma muito difícil mesmo, muitos dos professores não conseguiam mesmo, não conseguiam tomar a rédea da sala, a sala é que levava. Os professores chegavam e iam ler revistas, alguns; outros não, outros chegavam e davam aula mesmo, davam aquela aula, e o pessoal prestava atenção. Quando o professor era firme, chegava passava na lousa, e aquilo e aquilo, e pronto, e o pessoal fazia.

Como tantos jovens brasileiros, Kelly precisava estudar. Ao deparar-se com as relações existentes com professores numa escola que não atende às necessidades dos jovens, busca alternativas possíveis. Para ela cumprir aquilo que tem como imprescindível: terminar o ensino médio. Para poder viver, como diz Duarte (1993), apropria-se das possibilidades existentes em sua consciência “em-si”.

Em suas gavetas, coleções de documentos provam seus estudos, mas comprovam também a dificuldade de concluí-los, como apontou em seu depoimento.

Eu vim na frente. Quando acabei o 3^o, faltava o 4^o ano, que tinha de fazer, que era só estágio e o TCC. Mas eu acabei não fazendo. Eu não concluí. Quando eu cheguei aqui, eu não encontrei mais o curso de magistério, não

tinha mais. Então não pude terminar. Fiquei lá em casa com o 1º ao 3º no papel, mas não tenho a conclusão e nem posso mais.

Assim, Kelly finalizou a educação básica por meio do supletivo, ensino que diz ser “meio diminuído, você não vê tudo o que precisa ver, é uma aprendizagem bem minúscula”, mas foi essa a sua possibilidade.

A entrevistada Beatriz disse que cursou todas as séries do ensino fundamental e médio em uma mesma escola. Considera esse um período sem grandes entraves, mas com alguns aborrecimentos.

Sob o rótulo de obesa, teve uma adolescência assombrada pelos preconceitos dos colegas de escola, como relatou: “eu era assim, era assim, era gordinha, aquela coisa. Sempre sofri preconceito na escola”, situação que a deixava com uma autoestima muito baixa.

Questões familiares e pessoais coincidiram com o término de seus estudos, provocando um momento de retroação e a necessidade de assumir algumas responsabilidades domésticas. Sobre essa situação, comentou:

E aí, quando eu saí do ensino médio, eu cuidei das minhas irmãs, estava cuidando das minhas irmãs, e minha mãe estava fazendo faculdade na época, e eu fiquei meio parada assim, cuidando de casa. Fazendo comida, essas coisas (risos). Levava a irmã para a escola, ia em reunião de irmã, era isso que eu fazia, assim mesmo, responsabilidade da minha mãe.

Beatriz mostrou-se muito retraída, tímida, como ela mesma se autodescreve. O preconceito sofrido na escola contribuiu para acreditar que seu futuro estaria restrito à formação e cuidado de uma família.

Elton, jovem morador de um bairro periférico da cidade de São Paulo, estudou em escolas próximas a bairros de classe média. Lembrou-se de suas dificuldades de aprendizagem, desde a 1ª série, e as atribuiu ao fato de não saber nem ler nem escrever bem. Recordou que teve já nos primeiros anos muita dificuldade com a leitura. Contou:

Não tinha facilidade para escrever e ler, tinha bastante dificuldade mesmo. E no decorrer do curso acabei sendo incentivado pela minha irmã mais velha a me dedicar mais à leitura, a escrever mais e sempre buscar ter a melhor caligrafia possível, e ortografia também contava muito.

Teve como elemento facilitador de sua aprendizagem a irmã mais velha, que o acompanhou em seus estudos e traçou as diretrizes. Lembrou-se de uma redação que fez quando cursava a 3ª série: detestada pela professora, foi refeita pela sua irmã, copiada por ele e apro-

vada pela professora. Sua fala mostrou que desde cedo ele aprendeu a escrever seguindo um modelo ideal.

Então, na escola eu fiz uma redação do Sapo que a professora detestou demais. Não, você tinha que fazer assim, assado etc. etc. e, no final das contas, eu fiz e a minha irmã não gostou, nem a professora tampouco. Minha irmã fez uma redação e disse “é assim que você tem que escrever”, a minha irmã mais velha! E eu escrevi e levei para a professora, e ela disse “nossa, agora sua redação está bem melhor”. E daquele momento em diante, em matéria de escrever, eu sempre tive um mesmo padrão de leitura.

A vida escolar de Elton também foi marcada pelo preconceito racial, como revelou em seu depoimento:

Então, engraçado, eu tinha uma grande dificuldade com os professores. Teve uma vez que eu desenhei um boneco no caderno e o boneco eu pintei de marrom. A professora disse que o boneco não podia ser marrom, ele tinha que ser rosa. Eu falei para ela que meu boneco seria marrom, e ela falava não, a cor da pele é rosa. Eu disse não, marrom. Então ela pegou o caderno, rasgou a folha e jogou meu caderno no chão.

Elton entendeu ter enfrentado problemas por contrariar o pensamento de seus professores na época. Em suas palavras, o que incomodava era “o absurdo da situação, a questão de imposição. Você tem que fazer o que eu estou mandando, que eu estou certa e você está errado”.

Comentou que, ainda novo, “não tinha uma consciência assim concisa da situação, mas sabia o que estava querendo naquele momento e sabia o que aquele desenho representava para mim, e que se representasse outra coisa para ela, problema totalmente dela, eu não tinha nada a ver com isso”.

Ao terminar o ensino médio, o jovem rapaz passou a ter clareza da diferença existente entre as escolas públicas e as privadas, a escola diferenciada – dual. O cursinho, segundo ele, foi o marco dessa conscientização.

Você sente mais isso quando você faz cursinho pré-vestibular. Eu fiz cursinho. Eu tinha uma colega que veio de escola particular. Eu conversava com ela e ela falava que veio justamente fazer o cursinho para relembrar o que já foi passado, como reavaliar seus conhecimentos. Eu olhava para ela e falava: “nossa, eu vim aqui para o cursinho para aprender coisas que eu nunca vi na vida”. Você se dá conta de que, por mais que sejam duas vidas totalmente, digamos, diferentes de nível acadêmico, porque ela vem de escola particular e eu de escola pública, ela teve muito mais conteúdo, aprendizado.

Em poucas palavras, Elton resumiu sua visão sobre a qualidade de ensino da escola pública: “na verdade, a escola pública a gente tem consciência que é ruim, mas só você saindo realmente para saber o quanto aquele ruim era mais muito ruim mesmo, entendeu?”.

Diante dessa realidade, Elton, ao avaliar de quem é a culpa pela defasagem no conhecimento veiculado na escola pública, assim se expressou:

A culpa de passar e transmitir o conhecimento não é totalmente dos professores. Tem professor que, poxa, por mais que ele tenha graduação, ele não tem vocação nenhuma de transmitir o conhecimento ao aluno. Tem bastantes professores assim, mas acho que a grande culpa mesmo é da infraestrutura, sem dúvida. Sabe 46 a 50 alunos em uma sala de aula, são 50 histórias. Então, para um professor lidar com 50 pessoas totalmente diferenciadas umas das outras, é muito difícil. Então, aí é que está, você tem que driblar muitas questões envolvidas. O professor quer dar a aula, sempre tem pessoas conversando, que acabam dispersando a atenção dos demais alunos, ou o professor, que talvez não tenha tempo de pegar e completar a grade de conteúdo que tem que dar, ele acaba atropelando.

Hoje, ao analisar a problemática, Elton concluiu:

Não sei se é por culpa dos professores ou pelo modo de alguns governos ou a prefeitura colocarem 46 a 50 alunos, e vem aquilo, que o aluno de escola pública tem muito mais dificuldade de entrar em uma faculdade porque muitas coisas ele acaba tendo que aprender no cursinho.

Apesar das dificuldades, da qualidade das escolas públicas pelas quais passou, das marcas negativas resultantes dos primeiros anos de escolaridade, Elton conseguiu ingressar em uma universidade, o que, em dado momento da sua vida não passava de mera utopia. Não somente para ele, mas para boa parte de indivíduos da sociedade brasileira, conforme pertença a esse ou àquele grupo.

Rodrigo, outra pessoa que contribuiu para a elaboração desta pesquisa, fez os primeiros anos de estudo, até a 3ª série, enfrentando grandes dificuldades com matemática. Pensou em desistir, mas superou a dificuldade com o auxílio da professora do 4º ano. Concomitantemente ao ensino médio, cursou técnico em administração no Senai, com o objetivo de preparar-se melhor para o mercado de trabalho.

Apesar de gostar de estudar, admitiu não ter feito um bom ensino médio, principalmente no 2º e 3º anos, por ter que conciliar os dois cursos. Defendeu os professores e disse ter se esforçado o necessário, pois não pôde se dedicar:

Chegava cansado à noite. Fiz o que eu achei necessário, mas eu não tenho do que reclamar. As matérias fundamentais, como português e matemática, os professores eram excelentes. A estrutura da escola também. Apesar de ser à noite, não tinha baderna, não tinha bagunça. Se rolava droga, bebida, não chegava ao meu conhecimento, nunca. Eu tive sorte.

Sorte é a palavra de Rodrigo. Fez o que precisava ser feito. Preparou-se para o trabalho, priorizou o ensino técnico.

As reminiscências de Wendy evidenciam um aluno sofrido, como tantos outros brasileiros. Nasceu na cidade de Itabaianinha, cidade que apresentou com orgulho e lembrou se tratar da terra dos anões. Sem orgulho, porém, comentou sobre seu ingresso tardio na educação formal. Sob os cuidados de seu pai, lavrador, comerciante e para quem estudar era coisa de vagabundo – como contou a própria irmã de Wendy, que, em meio à entrevista, emocionada, rememorou as palavras do pai – o menino somente teve contato com a escolarização formal aos 10 anos de idade. Crença que também valia para as mulheres da família.

Aos 10 anos foi então matriculado na 1ª série do ensino fundamental. Paralelamente aos estudos, sempre trabalhou. Nunca desistiu, ao contrário, disse que sempre procurou estudar, pois sabia que lá na frente os estudos fariam a diferença. Visão reforçada pela mãe, que, mesmo em oposição ao pai, lutava para manter os filhos na escola e constantemente falava: “você tem que estudar se quiser ser gente. Você tem que estudar sempre. Estude, estude”.

Wendy disse que antes do 10 anos só não esteve totalmente fora do aprendizado por acompanhar uma banca na localidade em que morava. Conforme pontuou, banca era um grupo de várias crianças, de várias idades, que se reuniam com um adulto, na informalidade, para terem noções de leitura, escrita e matemática.

Declarou não gostar de estudar e considera que não é bom nos estudos. Contou que, pelo cansaço, passava sempre na média. Aprendia o mínimo. “Estudava pouco, só para ficar na média mesmo, mas eu percebi que mesmo sem eu estudar tanto eu me saía bem, comparado a muitos da sala”.

Conforme comentou Wendy, na busca por melhores condições de vida, sua mãe e alguns de seus irmãos mudaram-se para São Paulo, o que fez também em 2000, aos 18 anos. Terminou o ensino médio na Escola Estadual São Paulo e desde então busca melhor formação para o mercado de trabalho.

Ao lembrar o passado, Eduardo contou que é filho de pais com pouca escolaridade formal, mas, segundo ele, com muita sabedoria. Considera-se um aluno contestador. Em sua fala, procurou deixar claro que a mãe, por ser uma mulher envolvida em movimentos sociais

desde muito jovem, foi quem transmitiu o caráter contestador que faz parte de sua forma de pensar. Narrou:

Nasci dentro do regime da ditadura, falar era proibido e pensar mais ainda. Isto me criou muitos problemas, porque o meu próprio desenvolvimento, quer dizer, eu fui alfabetizado e a partir do momento em que eu me senti no controle com a própria língua, eu comecei a ler e não parei nunca mais.

Contou que iniciou o ensino fundamental em uma escola da prefeitura, passando depois

para o colégio do Estado, e efetivamente em sala de aula, dentro desse período inicial, eu fui até a 7ª série. Na 7ª eu tive problemas de currículo. Eu me atrapalhei um pouco com o currículo, entrei em atrito com os professores, e por marra, minha mesmo, o que não posso fazer bem feito, ou que venha atrapalhar as outras pessoas, normalmente eu deixo de fazer. Me enrosquei em Geografia, Geografia não, porque na época em que eu estava cursando, em 1977, 1978, a disciplina era Estudos Sociais, e a essa estrutura de Estudos Sociais, eu já era muito crítico, eu já tinha uma visão muito crítica, pela minha própria formação familiar.

Declarou que até a 7ª série estudou regularmente, abandonando os estudos aos 14 anos, após essa etapa. O que aconteceu exatamente que o fez parar de estudar não ficou esclarecido, apenas mencionou que perdeu o respeito pela professora e que esqueceu essa passagem da vida.

A 7ª série foi para Eduardo uma divisória entre os estudos regulares e, nas suas palavras, o estudo da vida. Problemas familiares interferiram na relação com a escola e, dos 14 até os 23 anos, Eduardo estudou a vida. Como disse: “vivi. Eu vivi. Eu fui estudar a vida”.

Anos mais tarde, após os 23 anos, concluiu a 7ª e a 8ª séries em um curso supletivo. Concluiu o ensino médio anos depois, em um curso oferecido dentro da penitenciária na qual se encontrava detido.

Na história contada por Eduardo, ficou evidente a sua paixão pelos estudos, o que pode ser notado na seguinte fala:

Minha diversão era ficar dentro de uma biblioteca lendo. Não tinha noção de pesquisa, de elaboração de pesquisa, essas coisas técnicas não eram ensinadas no meu tempo de escola. Quando pediam uma pesquisa para mim, eu me enterrava dentro de uma biblioteca o dia inteiro, dois, três dias, às vezes uma semana, para construir aquilo que imaginava e aquilo que pensava que o professor merecia de mim.

Pensar mais para fazer menos “besteira” é o lema que Eduardo diz seguir na sua vida.

A outra entrevistada, Emília, uma jovem de São João da Boa Vista, cursou o ensino fundamental em escola pública na sua própria cidade, mas, como acontece com grande parte dos jovens brasileiros, aos 16 anos precisou começar a trabalhar. Começou a trabalhar não para ajudar em casa exatamente, mas para poder se sustentar. Cursava o ensino médio no período matutino, mas a necessidade de trabalhar obrigou-a a se transferir para o noturno.

Considerava que “o ensino à noite era muito fraco, muito, muito fraco”. Escola fraca, professores que faltavam muito, aulas bagunçadas e um grupo de alunos que não queria estudar.

A realidade vivida por Emília resultou em defasagens em sua aprendizagem. Isso a levou a fazer um cursinho para ter alguma chance de concorrer a uma vaga no ensino superior de jornalismo. Ao falar sobre o seu ensino médio, reiterou várias vezes ter sido fraco.

Foi muito fraco. Quando eu entrei no cursinho, eu ralei para caramba, no primeiro ano. Nossa senhora!!! Estudava demais, demais, demais. Eu não sabia nada. Nossa, é como se eu estivesse fazendo o ensino médio de novo, em um ano. Muito fraco.

Emília considera que essa passagem pelo cursinho sanou muita das suas dificuldades. Falou que no final do 1º ano já sabia fazer tudo.

Karen, outra personagem entrevistada, cursou o ensino fundamental em três escolas diferentes. Terminou o ensino médio em 2008 e iniciou o ensino superior no ano de 2009.

Passou por escolas tidas como modelo na cidade de São Paulo, como a Escola Estadual São Paulo, considerada na época de difícil acesso, muito concorrida e sem vaga para todos. Como disse Karen: “a São Paulo era considerada uma escola muito boa, porque o padrão da minha mãe falava que nessa escola, bem antes, tinha que prestar vestibular para entrar”. Para a jovem, a qualidade da escola estava associada à dificuldade de seleção ingresso nela.

Considera um ganho ter conseguido a vaga nessa escola e revelou que “estava esperando uma bomba de ensino [...], muita matéria, professores cobrando demais”. Todavia, avaliou que, para ela, “não foi nada puxado, porque estava acostumada”. Acostumada não com as cobranças das escolas pelas quais já havia passado, mas porque ela mesma já se “cobrava e sempre estudava [...], sempre”.

Karen, em seu depoimento, demonstrou sentir orgulho de ter ingressado na mencionada escola, pois “todo mundo ficava admirado por eu estudar na Escola São Paulo e ir bem, me

davam os parabéns”. Entretanto, revela: “mas, no meu modo de ver, a escola era normal”, fala que sugere não querer exprimir esse sentimento.

Durante esse percurso, disse nunca ter enfrentado dificuldades nos estudos e que se considera uma pessoa muito estudiosa. Contudo, reconhece que não é das mais dedicadas, como pode ser percebido em sua alocução: “eu estudo, mas falar que eu dedico, da minha vida, uma hora por dia para estudar, não, mentira, não faço isso. Eu prestava atenção nas aulas, nas matérias que o professor ensinava, porque depois eu ia trabalhar e não tinha tempo de ficar estudando em casa e eu também sempre joguei pela escola”.

Diante das condições impostas pela vida, Karen disse que sempre procurou “associar o tempo da escola com o tempo da atividade física e o trabalho”. Para isso, buscava se organizar estudando “tudo o que tinha para estudar na escola. Como o São Paulo sempre teve semana de prova, eu já tinha estudado tudo aquilo todo dia, eu revisava e sempre fui muito bem nas provas, mas se não fosse, também minha mãe, ela sempre exigiu que eu fosse bem na escola”.

Por ser a filha mais velha, Karen sempre foi cobrada pela mãe a ser exemplar nos estudos. Conforme contou: “ela cobrava como toda família cobra, mas como eu estudava e minha irmã não gostava muito de estudar, a minha mãe achava que eu tinha de dar exemplo, por ser a mais velha”. Acrescentou: “nada muito exagerado, afinal, eu estava havia dez anos na escola, ia ficar fazendo o que lá? Bagunçando?”. Complementou dizendo ainda “que não haveria outro sentido, a não ser estudar”.

Sobre sua trajetória na escola pública, não admite inferiorizar-se: “eu acho, não é porque estudei em escola pública que preciso ser considerada coitadinha”.

Ao contrário do entrevistado Elton, que vê na escola privada uma melhor oportunidade de aprendizado, Karen avalia que o aluno da escola privada não tem a obrigação de aprender: “se ele está pagando, ele vai ter a matéria; se não alcançar a média, paga uma taxa, faz uma nova prova e pronto”. Já a escola pública, em sua opinião, oferece ao aluno o conhecimento, dando oportunidade igual a todos. Em suas palavras: “a escola pública [...] trabalha mais que a escola particular”. Na sua avaliação, o sucesso, seja na escola privada ou na pública, “depende do esforço de cada um”.

Outra trajetória escolar, tão interessante quanto as demais, é de Tatiana. A moça considera que sua passagem pelo ensino básico foi “muito tranquila mesmo”. Relatou que, apesar da pouca escolaridade, seu pai, que estudou até a 4ª série primária, gostava muito de livros e que “ele tinha muitos livros em casa, um exagero de coleções, que a gente acabou doando quando ele faleceu, mas ele tinha muitos livros”.

Mencionou, com enlevo, que aos 5 anos de idade já sabia ler, conquista que atribui aos pais, que sempre a incentivaram a estudar.

Tatiana contou que cursou a maior parte da educação básica em uma mesma escola. Para ela, uma escola pública tradicional, forte à qual atribuiu o seu sucesso no Enem, pela base tida no ensino fundamental e médio. Para Tatiana:

A escola era muito boa, a Padre Anchieta. Até uns dois anos depois que eu saí de lá, eu saí em 95 me formei em 95, ainda era muito forte. Tive um amigo que saiu da Padre Anchieta, fez meio ano de cursinho no Anglo e entrou em primeiro lugar em Economia na USP. Ele era uma pessoa dedicada, mas o ensino era muito forte tanto que minha base para o Enem foi o que eu aprendi nela, comparada com o que temos hoje no ensino de 2º grau.

Estudar na Padre Anchieta é tido por Tatiana como um privilégio, pois considera ter estudado em uma boa escola, muito tranquila, organizada e com ótimos professores. Resumiu sua passagem pela referida escola dizendo: “eu fui extremamente privilegiada”.

Os personagens aqui entrevistados, com os olhos no presente, voltaram-se ao passado, revelando experiências peculiares e ao mesmo tempo análogas do ingresso e da passagem na educação básica.

Cada um, à sua maneira, tem sua visão do vivido, a sua forma de dar sentido e significado ao processo de escolarização. Ao mesmo tempo, as histórias e opiniões se combinam, apresentam uma unidade orgânica que, ao mesmo tempo singular, mostra um grupo de pessoas cujos destinos estão estreitamente ligados, o que permitiu a esta pesquisadora uma imagem mais concreta da realidade: a constatação de que a continuidade na formação escolar aparece como um desafio para todos.

Na visão ora positiva, ora negativa do ensino que receberam no passado, fica a certeza de que a possibilidade de acesso e permanência desses sujeitos sociais na escolarização formal está estreitamente relacionada à sua condição econômica.

Observou-se ainda, por meio dos depoimentos, a ausência de interesse do poder público para com a educação dessa população. Quando há interesse, volta-se para a reprodução de uma escola dual, uma educação que contribui para consubstanciar a contínua produção da desigualdade nacional.

Corroborando com Portella (2007), a exclusão, que anteriormente acontecia pelo não acesso do aluno à escola, hoje apresenta característica diferente: a exclusão hoje compreende a falta de qualidade do ensino público brasileiro, o que provoca uma formação deficitária de grande parte de nossos estudantes.

Diante do exposto, é razoável inferir que, com raras exceções, a educação se move por falácias, conforme os interesses da classe dominante, o que acarreta, certamente, entraves ao oferecimento de uma educação de qualidade, uma educação formal por meio da qual o aluno de fato aprenda, adquira capital cultural.

4.3 – A experiência do emprego, ou da ausência dele. A busca da empregabilidade

De acordo com Duarte, “a relação do indivíduo com as objetivações genéricas em-si caracteriza-se, além da espontaneidade, também pelo pragmatismo, pelo raciocínio probabilístico, pela analogia, pela hipergeneralização, pela imitação e pelo tratamento aproximativo da singularidade” (1993, p. 141).

Esse pensamento pragmático, probabilístico, hipergeneralizado, nos parece, é o que faz os entrevistados acreditarem que o ensino superior proporcionará melhores condições de emprego, como pode ser visto nos seus depoimentos.

Beatriz, por exemplo, mostrou-se surpresa quando, na organização não governamental na qual trabalhava, recebeu a notícia de que cursar o ensino superior seria condição para continuar na equipe. Sentindo-se culpada por sua exclusão, a jovem relatou:

Dificultaram o processo de seleção. Na época, eu era a responsável técnica, e veio a exigência de que o responsável técnico, para assinar o projeto, teria que ter graduação, todos os professores teriam que ser graduados e o coordenador pedagógico também teria que ser graduado. Na nossa ONG só dois eram graduados, tinham feito Educação Artística, tinham se graduado naquele ano, tinham terminado, e eu falei: “gente, continuem, eu não posso mais trabalhar, mas vocês podem trabalhar, não tem problema, eu vou correr atrás do prejuízo, porque eu não fiz antes, eu vou ter que correr atrás agora.

A fala de Beatriz “vocês podem trabalhar, eu vou correr atrás do prejuízo”, além de demonstrar o sentimento de perda por não ter um curso superior, por estar fora do mercado de trabalho, a conformação e o convencimento de que é culpada por sua própria exclusão, carrega em seu bojo a consciência “em-si” da importância imediata do ensino superior. Ela assume como responsabilidade individual um processo que é político, relacionado à profissionalização das ONGs, no Brasil, que se dá na segunda metade da década de 1990 e início de 2000²⁶.

²⁶ Neste período, segundo Steil e Carvalho (2001), a lógica da eficácia e dos resultados passam a definir os critérios de inclusão e pertencimento das instituições. As ONGs adaptam-se a novos modelos de profissionalização e inserem-se em um processo social e cultural que envolvem disputas pelos sentidos e pelo capital simbólico, acumulados ao longo da história dessas organizações.

Elton desde a adolescência questiona a sua condição do estar no mundo. Sabe que precisa separar o seu eu do mundo. Para o rapaz, “uma coisa é ir à busca de seus sonhos, outra coisa é saber de suas reais necessidades econômicas e sociais”. Diante de sua visão da realidade, quando perguntado se a escolha pelo curso técnico tinha relação com o trabalho, assim se pronunciou: “é, eu acho que pode ser que sim, mas é muito complicado isso. A gente mais questionava sobre a nossa condição. Condição de estar aqui, a sua condição que o mundo mostra para você”.

Elton vive a ilusão de que empregabilidade é certeza de uma vida mais tranqüila, e a educação superior, garantia dessa condição.

A gente tem até meio que uma postura de separar o eu do mundo, mas acaba cometendo um equívoco, porque eu estou dentro dele, qual a oportunidade que eu consigo alcançar lá fora, dentro desse mundo econômico, financeiro, social? Essa que é a grande dificuldade. Eu não vejo, antigamente eu até imaginava esse mundo muito distante, mas eu senti com o primeiro emprego, as primeiras dificuldades, os encontros com o patrão, essas coisas todas, e você começa a se ver dentro do mercado de trabalho, e imaginar como é que ele funciona, e quando eu falo esse mundo que está aí, é essa relação de você pegar e buscar uma coisa melhor para si e levar vantagem em determinadas situações, mas não vantagem em relação a golpear alguém, passar para trás, isso não, mas pegar e encontrar uma brecha para você pegar e ter uma vida mais tranqüila, e isso é muito difícil, sinceramente, e isso na minha área principalmente é muito complicado.

Elton demonstra uma consciência “em-si”, menos no imediato. Ele tem consciência de que não se confunde com “esse mundo”, mas que para estar nele é preciso estudo.

A escolha de Elton em relação ao curso superior também está estreitamente relacionada à busca de adaptação às exigências do mundo do trabalho.

Eu preferi a Unip, porque já estava na área, trabalhando no escritório de contabilidade, e pensei: então, vou fazer ciências contábeis, mesmo. Foi uma decisão bem pensada, até então porque é um emprego que dá uma estrutura, uma base mais sólida, entendeu?

Vê-se que “uma decisão bem pensada” significa para o jovem escolher uma graduação que possibilite melhor oportunidade de trabalho. Esta perspectiva adaptativa embasa a fala de muitos outros jovens. Todavia, considerando que ainda não há uma força capaz de abolir a forma capital, não parece haver outra alternativa senão lutar por um trabalho, mesmo que em sua forma alienada e, na maioria das vezes, precária.

Kelly, a menina que “pensa grande”, contou que escolheu o curso de Pedagogia porque, para ela, ele oferece uma gama de possibilidades.

Pedagogia é uma área ampla, pode-se dar aulas, pode escolher a série, pode escolher a matéria, você pode se aprofundar naquela matéria, em história, geografia, pode-se aprofundar. Em mais dois anos da faculdade, então eu penso assim, daqui a alguns anos, não sei quantos, eu vou estar dando aula. Vou saber qual matéria mesmo eu vou querer seguir, se eu vou querer ficar na pedagogia normal, porque com pedagogia se pode dar aulas de várias matérias. Então eu vou saber, daqui para frente eu vou saber se eu vou querer uma determinada matéria ou se eu vou querer pedagogia mesmo.

Ao analisar a fala da jovem, vê-se que esse leque de possibilidades restringe-se às atividades de sala de aula. Contraditoriamente, o que parecia amplo acaba se reduzindo às matérias as quais, supostamente, pode lecionar. Apesar de já cursar Pedagogia, não demonstra conhecer os limites e a amplitude da própria área de atuação.

Repetindo o mesmo clichê proclamado por tantos outros brasileiros, Kelly deixa claro que seu estudo e sua escolha pelo curso estão intimamente ligados ao mundo do trabalho.

Então, eles pensam em só fazer o ensino médio, porque todos pedem o ensino médio para trabalhar. Até para ser gari eles pedem o ensino médio. O que antes era suficiente ter até a 4º ou até a 8º, agora não, agora precisa do ensino médio.

Fica evidente, na sua fala, a crença na promessa da empregabilidade e a confirmação do incentivo ao individualismo exacerbado.

Ao mesmo tempo, Kelly parece enxergar a importância do estudo também na formação individual, e não somente como meio para inserção no mercado de trabalho, como aponta o trecho a seguir:

Então eles ficam só para isso, só para isso que serve, só para conseguir emprego, e não pensam grande, não pensam em ter mais conhecimento, em ver coisas novas, em continuar.

Kelly é uma jovem, como milhares de outras, que acredita que o ensino superior modifica o futuro das pessoas. Em sua visão, somente trabalhar e ficar em casa significa “não fazer nada”, é preciso estudar.

Formada sob a ilusão da “sociedade do conhecimento” – do ponto de vista cultural –, ao considerar que fazer algo é sinônimo de continuidade nos estudos, revela a sua apropriação

da cultura em que se formou, atualizada pelas necessidades atuais de manutenção das relações sociais vigentes: “o futuro para mim é o meu, eu enxergo o meu, é terminar minha faculdade, poder exercer aquilo que eu escolhi, e ainda tentar fazer outra, porque para mim isto não acaba, enquanto eu puder fazer, enquanto eu consegui, eu vou fazer, não importa”. De acordo com Duarte,

é uma ideologia produzida pelo capitalismo, é um fenômeno no campo da reprodução ideológica do capitalismo. Assim, para falar sobre algumas ilusões da sociedade do conhecimento é preciso primeiramente explicitar que a sociedade do conhecimento é, por si mesmo, uma ilusão que cumpre uma determinada função ideológica na sociedade capitalista contemporânea (2001, p. 7).

Ao mesmo tempo em que critica as pessoas que somente trabalham e ficam em casa, Kelly busca no ensino superior uma oportunidade de ingresso no mercado de trabalho, atuando naquilo que escolheu. Kelly percebe que os estudos podem fazer a diferença em suas relações sociais.

Rodrigo, com o intuito de inserir-se no mercado de trabalho, encaminhou seus estudos desde cedo:

Eu fiz eletro, eletricitista de manutenção. Eu fiz elétrica, eu entrei no Senai em 2002, em janeiro de 2002. Eu fiquei 2002 e 2003, era um curso de dois anos. Em 2003 surgiu a oportunidade de trabalhar internamente no Senai. Eu não ganhava nada, não era remunerado, o que eu ganhava era conhecimento, era prática.

Quando perguntado sobre a importância dada ao curso superior, no sentido de mudanças no modo de pensar, responde prontamente: “profissionalmente me ajudou muito, hoje eu penso de uma maneira diferente, consigo enxergar coisas que não enxergava lá atrás, não imaginava que seria tão importante”.

O importante para ele é o seu modo de agir no trabalho. E, neste sentido, acredita terem ocorrido transformações na sua conduta profissional. Hoje, considera-se mais maduro. Consegue fazer a distinção entre trabalho e momentos de lazer: “brincadeiras no serviço, brincadeira, palhaçada, risada, descontração, não é isso. Trabalho é trabalho, você tem o seu momento de descontração, de conversar, de fazer piadas”.

Rodrigo se vê como um trabalhador melhor. É mais um exemplo do que buscam esses entrevistados: melhor adaptação às exigências do mundo do trabalho, ampliando sua empregabilidade. Não há superação da individualidade “em-si” “para-si”, ou seja, não desenvolve

uma “relação consciente, livre e universal com o gênero humano” (DUARTE, 1993, p. 144), mas sim, uma relação pragmática com o trabalho, assumindo a radicalização do histórico individualismo, por meio da busca da empregabilidade.

Esses jovens apropriam-se do curso superior, a partir de suas formações individuais vividas junto à família, suas comunidades e seus amigos. Estas apropriações possibilitam a inserção na cultura, numa sociedade formada sobre relações de dominação que estabelecem os valores necessários.

Conforme Duarte:

Trata-se, portanto, de um processo formativo em-si. Através dele todos nós “ingressamos” no gênero humano. Não estou com isso afirmando, porém, que a apropriação das objetivações genéricas em-si ocorra de forma idêntica para todos os seres humanos, independente do momento histórico e da posição de cada ser humano no interior das relações sociais. Estou apenas afirmando que ninguém pode viver em sociedade sem realizar um mínimo de apropriações dessas objetivações (1993, p. 137).

Em uma sociedade que acredita que o curso superior é sinônimo de garantia de emprego ou de melhores condições de trabalho, apropriação esta determinada historicamente, haverá uma busca constante por uma formação superior visando à empregabilidade.

Em alguns momentos, não ficou muito nítida na fala dos entrevistados essa relação imediata entre ensino superior e trabalho, como pode ser verificado no depoimento de Karen, quando perguntada sobre o futuro.

Eu não tenho essa ilusão. As pessoas, os professores viviam falando: “você não vai crescer, porque você não tem sonho”. Eu falava: “você vai crescer e cair do cavalo porque você só sonha!” Acho que não pode ser tanto para um quanto para outro, mas eu não consigo ficar imaginando – vou me formar, vou fazer isso, vou fazer aquilo. Eu vou muito devagar, vou devagar com o andar da carruagem, vendo o que dá e o que não dá. Me projetar no futuro, não! Porque eu não sei bem o que quero – trabalhar com coração, com idoso, com criança, tem muita coisa para fazer ainda, só de básico são quatro anos, e depois tem especialização para depois trabalhar diretamente, então com três meses não dá para saber o que eu quero ainda, o que eu sei é que não pretendo sair da faculdade.

A voz de Karen espelha a tática dos oprimidos: a da sobrevivência, o que exige uma capacidade de leitura da realidade muito menos idealista e muito mais concreta

Karen dá extrema importância ao trabalho, porém não se verificou em sua fala uma relação direta entre a escolha de um curso superior e uma possível inserção no mercado. Inclusive, em um momento da entrevista, quando perguntada se está contente com o curso, res

pondeu: “eu estou sim. Eu não sei o que vai ser no futuro, mas hoje as pessoas perguntam: ‘você está fazendo faculdade’? Estou. ‘Do quê’? Enfermagem. ‘Onde’? São Camilo. E as pessoas comentam: ‘nossa, está com o futuro garantido, viu’! E eu fico pensando: que bom! Tomara que seja mesmo, porque não é pouco”.

Apesar de mostrar certa resistência quando se refere ao futuro, a fala de Karen sugere um tom de preocupação quanto ao futuro e às possibilidades de conquistar um bom emprego. Preocupação que se justifica ao se considerar que, na atual estruturação do capital, o indivíduo está à mercê da própria sorte frente a uma nova promessa, a da empregabilidade, num mercado competitivo em que não há espaço para todos.

Tatiana, com um perfil de luta por uma sociedade melhor, inserida em projetos e programas voltados para uma classe menos favorecida, cresceu com um projeto pronto de vida: “desde que me entendo por gente, dos quatro anos de idade, eu cresci sabendo que eu ia estudar, fazer faculdade, me formar, casar, sempre foi uma meta! A faculdade foi uma coisa que eu adiei”.

Num dado momento de sua vida, entre as possibilidades de escolha que o ensino superior lhe oportunizou, Pedagogia e Direito, Tatiana, mesmo já cursando o primeiro semestre em Pedagogia, se transferiu para o curso de Direito. Rememorou:

Parei para pensar um pouquinho no seguinte: o que eu, enquanto pedagoga, a princípio, podia fazer. E o que eu Tatiana, como advogada, poderia fazer. Eu pesei os dois para ver [...] pesei a minha condição social, não vou mentir. Pesei, sim, a minha condição pessoal, da minha família, o dinheiro, porque realmente há uma diferença muito grande [...] decidi por Direito.

Tatiana acredita que, com esse curso, alcançará os conhecimentos necessários para amparar a si mesma, à sua família e à sua comunidade.

Em decorrência das verdades que construiu ao longo da vida, teme diante da nova escolha. Não esquece sua formação “socialista”, como caracterizada por ela. Por isso, tem muita preocupação em relação ao exercício da profissão:

Eu fiquei com muito, muito medo. Tenho até hoje medo, estou no segundo ano e tenho medo, até hoje, de não conseguir trabalhar como agente de direito, por conta da minha ideologia, da minha história de vida. Desde que meu pai faleceu, de tudo o que eu cresci, dos 18 anos até hoje, de tudo o que aprendi na vida, o quanto a pobreza é dura, o quanto a discriminação é dura, e que existem pessoas que precisam de ajuda de fato, e que estejam ali amparando, que as motivem a crescer, que resgatem realmente a cidadania dessas pessoas, para que elas possam andar com suas próprias pernas. Por isso, eu tenho muito medo.

Hoje, já atuando como estagiária na área, Tatiana acredita que a formação universitária garantirá a chance de concorrer, de maneira igualitária, por melhores salários. Quando perguntada sobre a importância da universidade em sua formação, respondeu:

Hoje total, porque sem a graduação, hoje em dia, não se consegue mais entrar no mercado de trabalho, a concorrência é gigantesca. Realmente, o ensino médio virou nada, o ensino médio hoje é exigência básica para qualquer emprego, para qualquer nível de emprego. A graduação, hoje, na verdade, já é muito pouco no mercado de trabalho, a globalização acabou engolindo tudo e supervalorizando, nesse sentido, e padronizando. São aqueles que estão na universidade hoje e quem têm dinheiro. Infelizmente, quem não ocupa os melhores cargos, não tem os melhores salários, não tem um bom padrão de vida, mantém a estabilidade do capitalismo, que é a exploração do menos privilegiado. Essa camada menos privilegiada que está entrando nas universidades, que não teve oportunidade como as pessoas que têm dinheiro, entendeu, tem a oportunidade de se igualar realmente e de disputar “pau a pau”, um salário entendeu?

Reflexo da própria educação familiar e do ambiente comunitário no qual cresceu, Tatiana tem hoje um projeto de vida bem definido: ser juíza, seu maior sonho; que, até então, acreditava impossível de alcançar. Mas hoje, vislumbrada com as primeiras aprendizagens adquiridas na academia, volta a idealizar: “porque eu sei hoje que vou disputar a vaga de juíza, que é um grande sonho, porque sempre sonhei em ser juíza de igual para igual, entendeu? O que jamais há dois anos eu sonhava”.

O discurso oficial a respeito da equalização das oportunidades aparece incorporado na linguagem de Tatiana, mais uma entre dezenas de pessoas alimentadas com a ilusão da inclusão e com a promessa da igualdade conquistada por meio da competição individual. Ou seja, ela está trocando o “sonho igualitário” e se apropriando da mentalidade competitiva.

Emília também acredita que após o curso superior terá muito mais preparo para enfrentar o cotidiano do trabalho. Considera que agora tem “noção do que se passa numa empresa, como são feitas as coisas. No nosso trabalho, eu sei montar, fazer esse trabalho para montar uma empresa, montar uma loja, no caso. Crescimento pessoal, maturidade no auge, porque, nossa Senhora!!!, eu era muito colada com a minha mãe, e aprendi a fazer tudo aqui em São Paulo sozinha. Aprendi a andar sozinha aqui em São Paulo, correr atrás”.

Wendy, pela sua própria história de vida, credita ao ensino superior sua possibilidade de qualificar-se para um novo mercado de trabalho, escapando daquilo que desde sua infância lhe foi imposto pelas contingências do mercado em sua cidade natal, para um trabalho que minimamente lhe traga mais prazer.

O ingresso de Wendy no ensino superior se deu, nitidamente, com vistas à conquista de um emprego, pois, assim como Tatiana, o rapaz considera que o ensino médio não é mais garantia de nada. Nas palavras de Wendy: “o ensino médio não era suficiente para conseguir um emprego melhor e ser qualificado para o mercado”.

O rapaz mantém firme a crença de que a faculdade lhe dará essa qualificação. Todavia, sabe que apenas um diploma não é suficiente para uma mudança. Além do diploma, pensa ser necessário demonstrar conhecimento, porém disse que não consegue superar suas dificuldades e se julga sem condições de superação.

No entanto, Wendy se contradisse ao dizer que está tentando mudar o seu comportamento em relação aos estudos. Mudar “a forma de eu levar meus estudos, sabe, começar a estudar mesmo”. Mudar não exatamente em busca do saber pelo saber, mas sim por ver que “o mercado de trabalho não quer apenas o diploma”, conclusão que tirou após passar por inúmeras entrevistas e não ser selecionado.

Wendy avalia que as oportunidades de estágio proporcionadas pela faculdade serão como alavancas que permitirão concretizar um de seus desejos: mudar o registro na carteira de trabalho.

Em sua visão, a faculdade amplia, “primeiramente, a facilidade de conseguir um estágio, porque entrar na área por meio do estágio é mais fácil, sem um diploma, sem uma faculdade, sem ter qualquer qualificação não dá certo”. Assim, a princípio, o estágio é seu ponto de partida para mudar de uma profissão imposta pelas contingências sociais para uma que, acredita, lhe trará maior satisfação.

Embora tenha sonhos e acredite na faculdade como meio facilitador de alcançá-los, Wendy a todo momento traz para si a responsabilidade pelo seu fracasso. A fala “acho que ainda não estou muito interado, eu me atraso muito na faculdade” demonstra isso.

Na verdade, a voz de Wendy entoa a ideologia meritocrática, presente, inclusive, na sua avaliação de sua formação básica. Sua visão o impede de ver uma formação básica deficiente promovida por um sistema educacional também deficiente.

Diante das vozes dos entrevistados, confirma-se a assertiva de Gentili (1998) de que a empregabilidade se incorpora ao senso comum, orientando e definindo as opções ou a falta delas, dos sujeitos, seja no campo educacional, seja no mercado de trabalho.

A empregabilidade apresenta-se como uma nova versão de exploração e, sob a ideologia do capitalismo global, significa que

a educação ou a aquisição (consumo) de novos saberes, competências e credenciais apenas habilitam o indivíduo para a competição num mercado de trabalho cada vez mais restrito, não garantindo, portanto, sua integração sistêmica plena (e permanente) à vida moderna. Enfim, a mera posse de novas qualificações não garante ao indivíduo um emprego no mundo do trabalho (ALVES, 2010, p. 8).

É importante salientar que, conforme dito no capítulo 3, os jovens brasileiros sofrem com a precariedade da inserção no mercado de trabalho. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) (2006) declara que são elevadas as taxas de desemprego e informalidade, assim como são baixos os níveis de rendimento e de proteção social aos jovens.

Nesse contexto, o aparato midiático, quer seja por parte do governo na divulgação de programas como o Prouni, quer seja por parte das instituições privadas na promoção de seus cursos, contribui para a disseminação e inculcação da necessidade de um novo perfil de trabalhador. Preenche a mente dos jovens propagandeando à exaustão “a necessidade dos indivíduos consumirem um conjunto de novas competências através de cursos de requalificação profissional” (ALVES, 2010, p. 8). Sem que, no entanto, a vida da maioria da população pobre do país e, num nível mais amplo, as relações sociais de produção que produz a classe pobre, sofra alterações.

Nas palavras de Alves: “o que ocorre é a operação ideológica sutil de atribuir aos indivíduos, e apenas a eles, a ‘culpa’ pelo fracasso na sua inserção profissional, demonstrando o poderoso recurso da psicologia do neoliberalismo de ‘culpabilizar’ as vítimas” (2010, p. 9).

Assim, a educação, que poderia promover seres genéricos “para-si”, estabelecendo “uma relação consciente livre e universal com o gênero humano”, corrobora, na verdade, com o fortalecimento do capital e, conseqüentemente, com a manutenção de uma relação social imediata e alienada.

Por esse prisma, a educação não se configura como um direito, mas sim como uma opção individual, assim como acontece com as oportunidades de emprego e de renda. Portanto, sob relações sociais alienadas, a maioria dos seres humanos vive quase que exclusivamente no âmbito da genericidade “em-si”.

4.4 – As possibilidades

A possibilidade de se conquistar uma inserção efetiva no mercado de trabalho é vislumbrada pela sociedade a partir das capacidades individuais de consumir conheci

mentos, que supostamente garantiriam essa inserção. A educação, na sua forma institucionalizada, busca reproduzir os valores postos, gerando assim, uma contradição entre o poder fazer e o querer fazer.

Visto por esse prisma, cada sujeito deveria ter a liberdade de escolher aquilo que mais o atrai, aquilo que acredita que o capacitará para melhor competir.

Todavia, quando um dos meios (senão o único) de ingressar no ensino superior é o Programa Universidade para Todos (Prouni), a nota dos alunos no Enem baliza as alternativas possíveis e, conseqüentemente, os cursos e as faculdades a serem escolhidos, o que nem sempre torna concreta a oportunidade de emprego e renda.

As possibilidades postas para os inscritos no Prouni estão condicionadas aos resultados obtidos no Enem, e a escolha já está, então, potencialmente decidida. Na tabela 18 é possível verificar as médias obtidas pelos entrevistados. Esta pontuação é que determinará as oportunidades de inserção no ensino superior.

Da pontuação alcançada pelos aqui entrevistados têm-se

Tabela 18
Último Enem e respectiva pontuação dos entrevistados

Aluno	Ano que realizou o último Enem	Nota geral obtida	Média nacional Prova objetiva	Média nacional Redação
Beatriz	2007	69.7	51.52	52.08
Elton	2007	63	51.52	52.08
Emília	2004	50/52	45.58	48.95
Karen	2007	70	51.52	52.08
Kelly	2008	58	40.54	59.35
Tatiana	2007	65	51.52	55.99
Eduardo	2006	60.5	36.90	52.08
Rodrigo	2006	63	36.90	52.08
Wendy	2007	54	51.52	55.99

Fonte: Inep (2004, 2006, 2007, 2008)

Os cursos disponíveis são apresentados no site do Prouni considerando as médias obtidas no Enem, obrigando os inscritos a optarem por aqueles que suas notas permitem. No quadro 7, é possível observar as mudanças necessárias para se garantir um curso superior, mesmo que este curso não fosse aquele sonhado.

Quadro 7
Cursos efetivados e instituições frequentadas

Aluno	Curso sonhado	O que está cursando	Instituição
Beatriz	Artes	Pedagogia	Renascença
Elton	Letras/História	Ciências Contábeis	Unip
Emília	Jornalismo	Tecnólogo em Marketing	UniSant'Anna
Karen	Ciências Biológicas	Enfermagem	São Camilo
Kelly	Medicina	Pedagogia	Teresa Martin
Tatiana	Pedagogia/Direito	Direito	Mackenzie
Eduardo	Fisioterapia	Pedagogia	Renascença
Rodrigo	Administração	Marketing	UniSant'Anna
Wendy	Informática	Turismo	Uniban

Embora cheios de sonhos, os indivíduos entrevistados se veem, como tantos outros jovens brasileiros, obrigados a aceitar as possibilidades impostas ou as alternativas possíveis.

Todos os personagens dessa história, vidas cruzadas pela mesma política de intervenção social, Prouni, são resultado de um tempo histórico social que delineou generalidades e, ao mesmo tempo, tracejou singularidades.

Cada um tem uma personalidade, um caráter, um temperamento, um jeito de sentir, de se emocionar e de expressar seus sentimentos. Singularidade e generalidade, elementos que de alguma forma se atraem e se integram e os tornam indivíduos ao mesmo tempo singulares e semelhantes em relação a outro.

Almeida (2004), mencionando Lukács, explica o processo dialético generalidade e singularidade. De acordo com esse estudioso:

O ser humano estabelece vínculos tanto com a natureza, quanto com a sociedade, por meio da relação dialética que se desenvolve entre seu ser singular, que não se assemelha a nenhum outro, e o seu ser geral, que se identifica com os outros seres humanos na vida em sociedade e com a espécie, bem como com todos os seres vivos, na natureza. Assim, o homem é, ao mesmo tempo, portador de uma singularidade, que o distingue de todos os outros seres, e de uma generalidade que o torna um ser semelhante a qualquer outro: a relação dialética entre a diferença (singular) e a semelhança (geral) viabiliza a inserção do ser humano na natureza e na sociedade [...]. O singular nega o geral, mas está presente nele e, por outro lado, a generalidade anula a singularidade, porém, só se realiza por meio dela (ALMEIDA, 2004, p. 6-7).

Indivíduos diferentes e, ao mesmo tempo, análogos, que compartilham um mesmo desejo e sonho: um dia poder estudar e trabalhar com algo que realmente lhes interesse ou que contribua para uma busca por conhecimentos pertinentes à sua formação individual.

E, a partir do momento em que percebem a impossibilidade de fazer o curso que tanto almejavam, imediatamente mudam a opção, realizando a significação que têm do ensino superior: porta de entrada para o mercado de trabalho e para uma vida financeiramente melhor do que a que tem hoje.

Kelly, sempre desejou fazer pediatria.

Desde sempre: eu sempre quis ser pediatra. Eu sempre gostei de criança [...] eu acho bonito. É uma profissão dura, tem uma hora que você tem que dar uma notícia para a família, tem que ser uma pessoa neutra, não pode demonstrar emoção. Tudo [...] o que me atraía era poder salvar as pessoas. É uma profissão muito bonita, mas muito difícil também.

Sua rotina de vida, seus estudos a levam, pouco a pouco, a vislumbrar outras possibilidades:

Na verdade, quando eu fiz magistério, já mudou um pouco a minha cabeça. Até a 8ª série, quando eu comecei a fazer o 1º ano do ensino médio e fui fazer o primeiro estágio, ainda pensava em medicina, mas aí mudou, medicina ficou para segundo plano. No 2º ano do ensino médio, pedagogia ficou em primeiro plano, porque era o que eu estava fazendo na época. Eu achava muito interessante, eu gostei muito, eu me identifiquei. É muito difícil, tem muita coisa, tem muita regra, mas, sei lá, eu gostei.

Entre a medicina e a pedagogia, assim ficou dividido o desejo de Kelly.

Quando se inscreveu ao Prouni, o sonho de fazer medicina não havia de todo esmaecido. Farmácia e biomedicina foram a sua primeira e segunda opções, respectivamente. Talvez a jovem ainda não tivesse se dado conta de que critérios meritocráticos fariam a diferença entre o sonho e o possível.

Nem farmácia, nem biomedicina. Kelly foi aprovada na quarta opção, em pedagogia, na Teresa Martin. Pedagogia foi a alternativa possível, e a jovem parece ter encontrado razões para prosseguir seus estudos na área.

Assim, Kelly, talvez até mesmo como um recurso para aceitar internamente a realidade posta, procura fazer uma conexão entre a medicina e a pedagogia. A fala “isso [o sonho de ser pediatra] também foi o que me influenciou a fazer pedagogia, porque eu gosto muito de

criança” justifica o seu estar na pedagogia. A frase “a medicina fica para segundo plano, quando eu puder, porque eu ainda tenho interesse” reforça a justificativa que, antes de tudo, criou para si própria. Kelly acredita simplesmente estar adiando seus estudos na área da medicina.

Quanto à instituição, ao ser interpelada sobre os critérios de escolha, respondeu:

Eu escolhi a Teresa Martin porque um colega meu de trabalho tinha uma tia que já tinha estudado na faculdade Teresa Martin, já tinha se formado. Ela falou que era muito boa na área de pedagogia, o foco era pedagogia na Teresa Martin. Então eu me inscrevi para pedagogia. Meu critério foi à qualidade.

No que se refere à avaliação da entrevistada ao Programa Universidade para Todos, as palavras: “dá muita oportunidade para pessoas que querem, aqueles que buscam mesmo” deixam transparecer o modo positivo como enxerga o programa. Outro aspecto positivo, para ela, é que “o Prouni é para quem quer e para quem não tem possibilidade de pagar uma faculdade boa”.

O programa é visto pela jovem como um mediador que oportuniza a realização de um curso superior em uma boa faculdade. Para Kelly se não fosse o programa, ela não estaria estudando ou, estaria frequentando uma faculdade “barata”.

Talvez eu fosse procurar a mais barata, uma qualidade mais barata, e tentar um desconto para ser acessível para mim. O Prouni para mim foi tudo, porque desde sempre eu quis fazer faculdade, eu nunca fui aquela pessoa que não tinha objetivo, tem pessoas que só querem terminar o ensino médio.

As palavras de Kelly sugerem que o valor da mensalidade define a qualidade do ensino oferecido em uma instituição: mais barata, menos qualidade; mais cara, mais qualidade.

Todavia, avaliar a qualidade do ensino no interior de uma instituição vai além do valor das mensalidades. Como garantir, de fato, “um bom ensino no interior de um estado de coisas em que o uso da política educacional para fins escusos é facilitador por insensata descontinuidade administrativa e pela transformação literal da política educacional em ‘negócios da educação’?” (PATTO, 2005, p. 61).

Corroborando com Florestan Fernandes, na obra *Universidade brasileira*, é pertinente ainda salientar que “as massas de matrículas e de formandos escondem uma ‘mentira

estatística’: em vez de sanar deficiências, agrava-se a situação, difundindo-se a ‘má escola e o ‘mau ensino’ (1975, p 158), conseqüentemente crescimento quantitativo em detrimento ao qualitativo.

Outra história, porém com desfecho semelhante. Emília, como todos os outros entrevistados, sempre cursou o ensino público. Contou que cursar jornalismo era seu sonho: “sempre quis, não sei, sempre quis”. Após terminar o ensino médio, durante alguns anos, Emília tentou ingressar no curso de jornalismo, porém sem obter sucesso.

Sua frustração por não conseguir seu objetivo aparece atrelada à deficiência que atribui aos anos no ensino médio. Emília imputa a culpa do insucesso especialmente ao ensino médio, “porque era muito fraco. Eu nunca ia conseguir, e eu queria fazer jornalismo no começo, mas eu não passava”.

Emília, em busca da superação das dificuldades provenientes do ensino básico, frequentou um cursinho, época na qual disse ter se empenhado muito: “quando eu entrei no cursinho, eu ralei para caramba, no primeiro ano. Nossa senhora!!! Estudava demais, demais, demais. Eu não sabia nada. Nossa, é como se eu estivesse fazendo o ensino médio de novo, em um ano”.

Após três anos de cursinho, mesmo com uma sensação de superação, Emília não teve êxito nos vestibulares para jornalismo: “eu não passava, não passava em federal”, desabafou.

Com isso, iniciou um processo de desânimo e depressão:

Quando eu entrei no 3º ano, que eu fiz só meio, eu já comecei a entrar em depressão de fazer cursinho. Não passava no vestibular, fazia cursinho, fazia cursinho, fazia vestibular, e nada.

As tentativas de Emília para ingressar na área de jornalismo passaram pelas universidades públicas e pelas privadas. Por meio do Prouni, “tudo quanto é faculdade que eu via, eu colocava”.

Diante da realidade do vestibular e da impossibilidade de matricular-se em jornalismo, ela modificou seus interesses: “eu comecei a ver, e comecei a pesquisar as notas que batiam. Eu vi marketing que batia, e comecei a me interessar por marketing. Também coloquei mais umas opções”. Contou:

Eu lembro que eu coloquei administração. Marketing estava em primeiro porque era mais fácil, Administração eu colocava mais para baixo, administração eu colocava como uma das últimas, que era difícil. Cheguei a colocar jornalismo também, mas ficou assim. Eu acho que eram cinco

opções no meio do ano, acho que três foram marketing e uma jornalismo e administração. Por fim, Emília entrou na UniSant'Anna, graduação em marketing. Apesar do desgosto inicial, ela rapidamente incorporou a lógica do que lhe foi oferecido, pois, “afinal, a gente aprende a gostar, no começo eu não gostava muito, não, eu achei que não era isso que queria, mas foi bem no começo, mas eu comecei a gostar, comecei a me inteirar, no domingo trabalhava, estudava bastante, e peguei muito gosto”.

Hoje “eu não sei se eu tento outra faculdade também”, mas se tentasse seria “de jornalismo”. Vê-se com Emília mais uma história de sonho adiado, mais uma decisão determinada pelo campo minado de relações e concepções que estruturam e dão o contorno ao cotidiano, muitas vezes sofrível, da maioria dos jovens da população brasileira.

Mesmo não tendo conseguido entrar no curso dos seus sonhos, Emília faz uma avaliação muito positiva do programa, incentivando inclusive “todo mundo a fazer Enem. Incentivo todo mundo. Eu explico como é que é, explico passo a passo como é que é, porque eu achei que foi muito válido para mim o Prouni”.

Na concepção de Emília, o Prouni é responsável por uma grande mudança em sua vida. Em suas palavras:

Mudou a minha vida completamente. Muito assim, de sair da minha casa, lá de São João, para vir para cá. Foi uma reviravolta na minha vida. Eu era de brigar com a minha irmã, de pegar no soco assim. A minha irmã é mais velha que eu e a gente brigava, brigava muito com a minha mãe. Agora mudou, eu sou uma pessoa mais controlada, sou mais responsável, sabe? Eu entendo mais as coisas, eu dou mais valor às coisas, coisas que eu não dava. Muita coisa, tipo coisa de casa, assim, eu dou muito valor.

Vê-se que, na mente dessa jovem, o Prouni proporcionou não somente o acesso ao ensino superior na grande capital, mas também favoreceu a independência e o amadurecimento pessoal.

Wendy acredita na formação superior como meio de qualificar-se para o mercado: “através da faculdade eu conseguiria um emprego, por causa da qualificação”. Na voz do rapaz, transparece a confiança, aparentemente incontestável, na possibilidade de atingir o pleno emprego por meio da educação. A tese da empregabilidade está nitidamente incorporada ao seu modo de pensar e de avaliar o acesso ao ensino superior.

Sua história de vida não é diferente de tantas outras histórias de jovens brasileiros. Trabalho na infância, dificuldade para estudar, aprendizagem precária, mas mesmo assim chegou em São Paulo e pensou em “fazer faculdade”.

Dentre os cursos oferecidos pelo mercado, informática era o que mais o atraía. “Eu pensava em fazer informática”, contou o rapaz.

Questionado pela pesquisadora sobre o porquê da sua escolha, respondeu: “porque eu gostava muito de mexer com computador, programas, sempre mexia. Já tinha uma familiaridade”.

Wendy prestou vários vestibulares, e percebeu que “os anos foram passando. [...] Mesmo fazendo vários vestibulares para várias faculdades, eu chegava perto para passar”. Para esse sergipano, o motivo para tanta dificuldade está relacionado à concorrência: “e eu não consegui, porque a área é muito concorrida, até para o Enem”.

O jovem, diante das possibilidades indicadas pelo próprio programa, procurou e pesquisou muito para fazer suas escolhas. Após algumas considerações, teve como primeira opção “informática na Uninove, porque você se inscreve de acordo com a média das faculdades”.

Em decorrência da nota de corte, no sistema do Prouni “vinha um aviso aconselhando outra opção”. Então “eu pesquisei muito para a segunda opção”. “Pesquisar muito” significava encontrar compatibilidade entre a nota do Enem e os cursos oferecidos pelo Prouni.

Assim, o jovem optou também por moda, mas, como gostaria de iniciar logo seus estudos no ensino superior e “não ficar perdendo mais tempo”, deixou moda para última opção, decidindo-se por administração, “porque o pessoal me falava sempre que se eu não soubesse o que fazer, que escolhesse administração”. Um critério de escolha que não necessariamente agradou ao jovem, mas que foi visto como a possibilidade naquele momento.

Diante da perspectiva de um curso superior, as preferências e os sonhos foram deixados de lado, e vigorou a lógica do possível. Informática continuou como primeira opção, mas agora já interessavam outros cursos, como administração, por não saber o que fazer, e até moda, que é a profissão de Wendy e que ele deseja abandonar. Entretanto, se é para fazer um curso superior e “não ficar perdendo tempo”, como declarou, vale até aquilo que não se deseja.

Como não obteve sucesso em sua primeira tentativa no Prouni, inscreveu-se novamente. Ao ser indagado sobre suas novas opções, Wendy demonstrou-se um pouco confuso: “eu vou ter que começar tudo de novo, e estou em dúvida entre turismo e informática”. Entre os dois cursos, turismo foi sua primeira opção na segunda configuração para o Prouni. A justificativa da escolha gira principalmente em torno da concorrência:

Porque eu vi que a concorrência era muito grande em sistema de informação, então, como meu namorado já fazia turismo, pesquisei a área em cursos, livro, li muito sobre o mercado e fui fazer turismo. As matérias não são tão difíceis quanto em sistema de informação, que é muito complicado.

Wendy procurou razões que o convencessem. A concorrência, no seu entender acirrada, o grau de dificuldade da disciplina e a influência do namorado parecem ter sido convincentes para ele nesse momento.

Mesmo que em detrimento do seu sonho Wendy tenha sido impelido a aceitar o que a vida lhe oportunizou, o rapaz considera que o Prouni é, “de todos os programas, o que dá a oportunidade de entrar no ensino superior. Eu acho que o Prouni é o melhor, sim”.

Karen, ao dizer “eu sempre pensei em faculdade”, procurou demonstrar que o ensino superior sempre fez parte de suas aspirações. Acreditava que deveria continuar imediatamente após o ensino médio, porque sempre ouviu: “quando você acaba a escola e fica sem estudar, você acostuma com a moleza, e quando volta é uma coisa horrorosa”. Então, logo após terminar o ensino médio, ingressou na faculdade.

Inicialmente, em dúvida sobre qual curso escolher, uma tendência natural, num primeiro momento, povoou seus pensamentos. Ficou entre ciências biológicas e engenharia ambiental.

Porque eu sempre gostei de bicho do mato, o pessoal até me chamava de bicho do mato. Eu sempre ficava procurando bicho, e eu ficava fazendo um catálogo dos bichos que eu encontrava, era uma coisa bem simples: da cor tal, tamanho tal, mas era o meu catálogo.

Apesar de considerar-se uma boa aluna, estudiosa e responsável, vê como um sonho impossível estudar em uma universidade pública.

Já pensei em veterinária, engenharia ambiental, qualquer coisa, mas na USP só tinha os cursos no interior, então eu pensei: vou ficar aqui mesmo. Prestei USP e passei na primeira fase, por milagre de Deus. A nota de corte estava muito baixa para eu passar, porque eu não fui tão bem assim na prova, mas eu passei para a segunda fase, mas eu sabia que na segunda não ia passar. Porque é USP, e eu não tinha me preparado. Se eu tivesse um ano de cursinho, estudado para valer, talvez eu passasse.

Karen expressou em seu depoimento uma grande necessidade de contenção nas projeções de seu futuro, de seus sonhos: “eu sabia que não ia passar nem da primeira fase, mas

passei, e minha mãe ficou naquele sonho: ‘minha filha na USP’, e eu falava: mãe, corta esse sonho”.

Como não conseguiu ingressar na USP, mesmo com notas consideradas bastante competitivas, foi orientada por alguns professores a se inscrever no Prouni.

Outras dúvidas então surgiram:

Eu não sabia exatamente o que queria, então eu fui naquela página de inscrição umas dez vezes, e ficava pensando: meu Deus, que curso?, que curso?, porque eu gosto de educação física, gosto de bicho, gosto de mato, eu gosto de um monte de coisa, e eu ficava pensando.

A trajetória esportiva de Karen influenciou em parte suas escolhas. Como primeira opção, na inscrição para obter uma bolsa pelo Prouni, escolheu educação física. A Anhembí Morumbi e a FMU foram as instituições pretendidas, em primeira e segunda opção, respectivamente.

As decisões de Karen foram influenciadas também pela experiência que obteve quando trabalhou com uma médica que lhe proporcionou conhecer as atividades de atendimento médico. Contou:

Nessa época (final de dezembro) eu estava trabalhando com uma médica [...] em uma clínica odontológica [...] Quando terminou a escola, eu saí e fiz muita amizade com a doutora. Uma vez fui com essa médica em uma espécie de hospital, e tive contato com muitas áreas, e fiquei pensando: nossa, que legal atender as pessoas!, e não conseguia saber o que era mais legal, atender as crianças ou os idosos. Eu vi que a enfermagem atendia em todas as áreas e pensei: vou fazer enfermagem. Perguntei para uma das enfermeiras quais eram as melhores faculdades de enfermagem, e ela falou que a São Camilo, a Unicid e a Unifesp eram boas faculdades.

Diante disso, sua terceira e quarta opções foram enfermagem, na São Camilo, nos períodos matutino e noturno; a quinta opção foi enfermagem, na Unicid, no período noturno.

No final, nem bichos, nem mato, nem educação física: “a quarta foi para a qual eu passei, e também a Unicid, noturno enfermagem”. Contou que optou por estudar na São Camilo e que, mesmo diante da emoção da mãe, procura conter-se: “quando eu entrei na faculdade, foi um rio de lágrimas, até fiquei muito emocionada e disse: mãe, componha-se”.

Para Karen, o Prouni é um programa que preenche uma necessidade de oportunidade: “acho que do que a gente tinha antes desse programa para o que se tem agora, está cem por cento”.

Ela acredita que o Prouni abre portas, sendo o Enem considerado um critério mais justo de promoção, uma vez que leva em conta o aprendizado do ensino médio: “é nesse momento que se vai ver o quanto se estudou no ensino médio. Para prestar o Enem e para tirar uma boa nota e para poder usar essa nota no Prouni”.

Ao ser interpelada se mudaria algo no programa, respondeu: “eu acho que, se pudesse mudar, seria em relação a mais bolsas. Porque eu não sei quantas bolsas dão, mas acho que pelo número de gente que precisa é pouco ainda. Se pudesse mudar alguma coisa, seria isso, o número mesmo”. Na fala da jovem, evidencia-se que ela enxerga o programa como uma excelente oportunidade de inserção no ensino superior para as camadas menos privilegiadas da sociedade.

Ainda, em sua elocução vê-se incorporado o discurso da

promessa de mobilidade social oferecida às classes dominadas como resultado da vitória na “livre competição meritocrática” baseia-se na educação formalmente democrática proposta pelos “liberais” [...]. A igualdade de oportunidades é ponto importante da ideologia capitalista, pois garantiria aos mais capazes, aos mais esforçados, [...] o acesso às melhores posições. A educação tornaria permeáveis as classes sociais, de modo que, quem não “subisse”, ou não teria se esforçado suficiente, ou teria sido menos capaz (ROSSI, 1980, p. 71).

Na avaliação de Karen, o Prouni não é algo que acontece gratuitamente, mas que reconhece o esforço pessoal, e ela se julga merecedora.

Durante muitos anos, Beatriz, outra entrevistada, envolveu-se com atividades de representação, o que a fez inicialmente, pensar em cursar teatro.

Todavia, no momento da inscrição para uma bolsa pelo Prouni, diante da tela de um computador, precisou adaptar-se rapidamente às condições que lhe foram apresentadas.

Quanto às opções, falou: “a primeira vez que eu coloquei, fiquei muito feliz por ter entrado, mas a nota de corte não me possibilitava”. Contou que fez “várias opções até o último momento”, modificando a cada instante as suas escolhas, conforme a nota de corte permitia.

Efetuava mudanças todos os dias, “porque é assim, aparecem para a gente uns quadrinhos. Quando eu fiz as minhas escolhas, as notas estavam entre 59 e 60, mas no outro dia eu olhava e já tinham subido para 70, porque as pessoas que tinham notas maiores que eu já tinham se inscrito para essas vagas”. Era preciso adequar-se ao oferecido.

Beatriz, motivada a cursar o ensino superior, desenvolveu técnicas para ajudá-la a administrar as mudanças que era forçada a fazer: “eu comecei a mudar, comecei a mudar, vascu

lhei no site do Prouni, anotei tudo no caderninho, anotei todas as faculdades que tinha, as notas que tinha por dia, e ali ia mudando, mudando, mudando, mudando”.

Fica evidente que a nota de corte, também para Beatriz, foi a referência e o limite das possibilidades. Num primeiro momento, selecionou aquilo que gostaria de cursar: “eu pensei em teatro, então coloquei teatro. Teatro. A segunda opção foi a Paulista de Artes, educação artística. E na terceira, quarta e quinta opções eu coloquei pedagogia”.

Quando as possibilidades de cursar uma faculdade de teatro esgotaram-se, ela pensou: “tudo bem, sem problema [...]. Eu queria fazer pedagogia, então eu comecei a focar só em pedagogia”. E os critérios de escolha passaram a ser aquelas faculdades mais próximas de sua casa:

Eu fui primeiro nas faculdades que eu conhecia, como em São Bernardo a Metodista, que eu conhecia e que era perto de casa. E, assim, eu levei também em consideração ser próximo da minha casa, porque tinha faculdade que era lá longe, aí eu falei: “como é que eu vou fazer? Saio onze horas da noite da faculdade? ir pra casa como?”

Sobre a importância que atribui ao Prouni, Beatriz considera que o programa possibilitou a realização de um sonho: cursar o ensino superior.

Se não fosse o Prouni, eu não estaria fazendo faculdade agora. O Prouni dá essa possibilidade, entendeu?, de eu ter, este momento. Eu não tenho que me preocupar com o pagamento, a única coisa que eu tenho que me preocupar é a cada seis meses ir lá assinar a renovação de bolsa, só assim eu ganho a minha matrícula, só isso.

A vida continua, e o sonho de cursar teatro continua presente, como pode ser verificado em seu depoimento.

Eu vou terminar de fazer, daqui a dois anos e meio, e vou para uma pós-graduação em arte-educação. Arte-educação direto. A minha opção foi fazer pedagogia e depois arte-educação. E vou ter um filho. E vou ter um filho, eu estou com 31 para 32, se demorar muito não dá. (risos)

Os infortúnios, mesmo que não sejam percebidos assim por ela, não lhe destruíram o sonho. Este permanece vivo, fazendo parte agora de seu projeto futuro, juntamente com o desejo de ter um filho.

Eduardo ainda estava no presídio quando tomou conhecimento do Enem. A ele e aos seus companheiros foi apresentada a ideia de realizarem o exame. Porém, em sua opinião, não bastava expor uma idéia: aderir a ela envolvia convencimento, pois

o nível de escolaridade nestas instituições em que eu passei é muito alto, então tudo é mais difícil, todo mundo pensa, e alguns pensam muito mal de muitas coisas, pensam mal de quase tudo e de uma forma muito negativa, então você tem de convencer [...] sempre que possível e bem argumentado, tudo é abraçado com vontade, ou repellido veementemente, então a questão é você vender uma ideia.

O Enem apareceu para Eduardo como uma oportunidade diferente. Até então, no presídio, eram oferecidos apenas cursos profissionalizantes, que proporcionavam uma formação técnica para aprimoramento profissional.

Prestamos o Enem. Eu cheguei lá em 2003, assisti aulas em 2004, nos propuseram vários cursos profissionalizantes, como cabeleireiro, corte e costura, cabeleireiro não, barbeiro, foram uns quatro ou cinco formados lá, inclusive exercem essas funções. Algumas oficinas que prestavam serviço lá dentro, para aprimorar a situação técnica do indivíduo, aproveitar quem tem e instruir quem não tem, em nível de instrução, nível de prática, então dentro dessas propostas, o que aconteceu, de 2004 para 2005, veio a proposta do Enem, em 2005 o Enem já estava lá.

Eduardo prestou o Enem em agosto de 2005. Em setembro do mesmo ano, foi transferido para o regime semiaberto, o que produziu nele a sensação de retorno à vida e de redescoberta de si mesmo. Naquele momento, “eu não pensei, eu estava em uma situação nova, uma adaptação, quem eu sou, como eu sou. Vou botar o pé na rua, me situar. Fiquei cinco anos no fechado, precisava me situar, tentar retomar a vida, e para retomar a vida eu tinha de estudar, não tinha como”.

Nesse momento da vida de Eduardo, o grande empecilho para dar continuidade aos estudos foi a situação financeira, pois “a minha realidade era assim, vou fazer um curso de 400, mas eu não tenho formação para ganhar 600, eu vou gastar metade do meu salário em uma faculdade, tenho filho, tem isto, tem aquilo, e é uma realidade”.

Eduardo até então disse não conhecer o Prouni e que nunca havia pensado em fazer uma faculdade. Mas, “de repente, chegam lá os resultados oficiais do Enem, e também abrem as inscrições para o Prouni. Aí que eu fui saber o que era Prouni, como funcionava, mas vislumbrar cem por cento não, porque eu nunca pensei em fazer uma faculdade”.

Com o Enem realizado, Eduardo está habilitado a se inscrever para uma bolsa de estudos pelo Prouni, podendo, inclusive, pensar em dar continuidade aos estudos.

Diante da possibilidade de estudar com uma bolsa de cem por cento, Eduardo acredita que vale a pena tentar: “bolsa cem por cento, aí eu falei, se eu conseguir uma bolsa cem por cento, acho que vale a pena tentar”.

Considerou sua formação técnica anterior, pensou em estudar fisioterapia, não considerando sua vontade, mas a praticidade, já que “era massagista prático”.

Não a minha vontade, mas a minha possibilidade de exercer a função. Eu sou massagista prático. Às vezes, as pessoas me perguntam onde foi, como foi que eu aprendi, e eu não consigo dizer, faz parte do meu ser, não sei quando começou.

Frente à necessidade de escolher cursos, seu sonho, como ele disse, ficou nas extremidades das opções. Não acreditava que teria chance de conseguir uma bolsa de estudos para fisioterapia. Então, dentre as possibilidades, também escolheu pedagogia e direito. De maneira confusa, mencionou:

Eu coloquei fisioterapia, uma em cada ponto. E no centro eu coloquei pedagogia, isto é, as quatro primeiras e as três últimas eu coloquei direito, porque eu já tinha estudado alguma coisa sobre nota de corte, então a nota de corte, ela me tirava naturalmente. Eu coloquei pedagogia depois porque eu sabia que eu ia pegar.

Ele narrou como foi o seu processo de escolha:

Eu tinha que ir com certeza, e o que eu tinha certeza era isso. Fisioterapia, que eu conhecia; direito, que eu tinha certeza que não ia, porque a nota não permitia. Eu pensei: vou disputar uma ou duas vagas com muita gente, dentro só do Prouni, então, se eu tenho que concorrer com uma pré-seleção, eu vou fazer pedagogia.

Contou ainda que procurou conhecer o curso de pedagogia, no qual tinha certeza de que conseguiria ingressar.

Então eu fui estudar para saber o que é pedagogia, qual o tipo de formação que tem, o currículo que oferecia, tudo, e como você tem de dizer o curso e a unidade onde você vai fazer, eu pensei: Álvares Penteado é aí do lado, vou dar uma passadinha lá, não dói nada. Fui lá na Álvares Penteado, olhei, olhei, peguei algumas informações com o pessoal ali, pedi um folder, um folheto, alguma coisa, e conversando com uma menina que estava fazendo pe

dagogia ela me entregou uma ementa do curso, com todas as matérias do curso, então, decidido.

Eduardo precisava se adequar. Além do curso, era necessário conciliar horários e localidade, pois precisaria se apresentar todas as noites no presídio, uma vez que estava na condição de regime semiaberto.

A unidade da faculdade foi escolhida pela proximidade do centro, ou seja, facilitando a situação que eu estava vivendo quanto ao desenvolvimento dela, ou seja, eu teria condição de chegar, sem ter problema de horário na unidade, e saindo de lá eu teria condição de me locomover da minha residência para cá.

Para ele, poder cursar o ensino superior, mesmo tendo declarado nunca ter pensado nisso, foi uma vitória e deu-lhe ânimo. Um ensejo para poder superar sua condição de presidiário.

Apesar de considerar-se um estudioso nato, um autodidata, confessou que a faculdade lhe trouxe novos desafios.

O curso superior é uma coisa de louco. É difícil, porque o sistema que é utilizado dentro do curso superior exige uma certa responsabilidade maior do aluno. O interesse do aluno é que demanda a capacidade ou não que o professor vai ter de transmitir aquele conteúdo, aquela ideia, aquele conceito. E o que acontece?. O pessoal mais novo da sala trabalhou com um sistema diferente no ensino médio. Como eu não fiz o ensino médio de maneira tradicional, e o meu fundamental é muito antigo, o que eu tenho é o meu conhecimento autodidata, o que aconteceu, foi um período de adaptação curto, porém muito intenso.

Eduardo se emocionou ao lembrar de seus sentimentos nos primeiros dias de aula, por estar estudando, fato até então excluído de sua vida, de seus quereres.

Ele (o curso) faz parte da minha vida tanto quanto tudo o que eu fiz, com uma semana de curso eu me sentia assim: bem, primeiro tem de passar o êxtase. Eu nem posso falar direito que eu ainda me emociono, o êxtase de estar em uma sala de curso superior, com uma proposta que, dentro da estrutura de tudo que eu passei, de tudo que eu vivi, já tinha sido colocada fora de questão, já não fazia parte dos meus quereres e, de repente, apesar de tudo que eu passei, eu estar ali dentro. Foi emocionante, é emocionante ainda, mas eu não posso espalhar isto por aí, eu choro muito, é uma coisa que já faz parte de mim, de que eu não consigo me separar mais. Hoje eu penso pedagogia, eu penso filosofia, eu penso história da educação. Hoje eu vivo cada uma das matérias que eu tive, e tem um detalhe: eu não deixo de viver porque ela parou, ainda existe um diálogo permanente com coisas que eu tive no primeiro, no segundo semestre.

Diante da grandeza da realização pessoal, Eduardo avalia de maneira altamente positiva o Prouni e acredita que este é o melhor programa em educação: “a melhor coisa que foi feita em matéria de educação”.

Defende também a qualidade do aprendizado dos alunos bolsistas, pois há a necessidade de apresentar bons rendimentos no final de cada semestre para que a bolsa tenha continuidade. Para ele, “nós, agora eu já posso dizer nós, porque eu já estou no quinto, quando eu estava no primeiro não dava para dizer nós, mas nós do Prouni nos destacamos em todos os cursos que fazemos”.

Hoje, Eduardo defende a importância de um curso superior, mesmo que o retorno financeiro não seja atraente. Argumentou:

Ninguém que se interesse muito pelos estudos é visto como normal, não é uma coisa que tenha valor. Normalmente o indivíduo pergunta quanto você vai ganhar com isto. Eu não vou falar para ele quanto é o salário de um professor, em uma escolinha particular de educação infantil está entre 810 e 900 reais, ou seja, eu ganho isto como manobrista, eu não preciso de formação nenhuma. Se eu for dirigir e levar crianças para lá e para cá eu ganho 2000 a 2500 reais. Então, tirando a situação econômica, eu tenho a forma de estudar, então a forma de estudar, não são todos os indivíduos que estão acostumados, e os que estão acostumados, muitos não sabem que o Prouni existe.

Para Eduardo o Prouni e o acesso que proporciona ao ensino superior é “alucinante; emocionalmente, envolvente e delicioso”. A sequência de adjetivos demonstra a sua total felicidade com o curso, com a faculdade, com o que a vida lhe proporcionou.

Elton, apesar de já estar no mercado de trabalho, ao escolher um curso de ensino superior, optou por aqueles que fizeram parte da sua formação, principalmente da formação fora dos muros das escolas. Escolheu aqueles cursos que realmente o fizeram pensar e buscar o conhecimento que interessava para ele.

Eu optei por letras e história. A primeira opção foi história na PUC, a segunda opção foi letras no Mackenzie, a terceira opção agora não me lembro ao certo, o que mais lembro foi que a antipenúltima opção foi ciências contábeis na Unip.

Ao final, Elton, indeciso entre letras e ciências contábeis, optou pela última, porque já estava na área, em um escritório de contabilidade.

Quando perguntado se tinha sido fácil escolher entre uma e outra, prontamente respondeu:

Foi sim, foi uma decisão bem pensada, até então porque é um emprego que dá uma estrutura, uma base mais sólida entendeu?. Se eu quiser fazer um curso de história depois da formação em ciências contábeis, não vou ter muita dificuldade em fazer. Mas se eu chegar e fizer um curso de letras, depois terei mais dificuldades numa pós no curso de ciências contábeis.

Elton acredita na visibilidade que um curso superior proporciona às pessoas: “eu, na área de ciências contábeis, procuro ser visto pelo mercado. Já acabei deixando alguns currículos na Catho²⁷ e já recebi muitas ofertas de outros empregos”.

Para o rapaz, o Prouni, apesar de ter sido uma possibilidade, não foi a única. Caso não tivesse conseguido bolsa, procuraria pagar uma faculdade, como anteriormente já o fizera.

Elton avalia que os programas de políticas públicas na área da educação, como o Prouni, não resolvem o problema de tantos jovens, pois “a escola pública não tem a mínima estrutura em transmitir conteúdo a um aluno, ao ponto dele passar em um bom curso em uma universidade pública, como a USP”. Defende ainda que:

Não adianta você pegar e fornecer bolsas para as pessoas que têm dificuldades na base, entendeu? Eu tive um colega de classe que tinha grandes dificuldades em fazer regra de três, ele não era Prouni, eu não sei se veio de escola pública. Tem pessoas que têm problemas com redação também, uma pessoa que não consegue colocar uma vírgula na redação!

Todavia, acredita que o Prouni cumpre o seu papel de possibilitar melhores qualificações para o trabalho: “se você pensar no Prouni como se fosse uma porta que a pessoa tem para entrar no mercado de trabalho – bem, muito bem!” Para ele:

Hoje em dia, a universidade é um grande portal para uma pessoa que quer buscar seu espaço no mercado de trabalho. As próprias universidades proclamam: se você quer um grande sucesso em sua carreira, se matricule aqui. Ver por esse lado, o Prouni fornece essa oportunidade de a pessoa ingressar na faculdade, de modo gratuito, para se inserir no mercado de trabalho, “poxa”. Aí, maravilha!

Entretanto, Elton “na verdade” não entrou “no mercado de trabalho graças ao Prouni”, apenas na universidade.

²⁷ Catho, é um site de classificados de currículos e de empregos da América do Sul

O jovem tem consciência da utilitariedade do ensino superior. Acredita que a universidade acrescenta novos conhecimentos voltados para o mercado de trabalho.

Eu acho que como experiência de vida acrescenta, sim. Acho que todo e qualquer espaço onde se reúnam pessoas para buscar um objetivo, que é a formação, acaba trazendo experiência pra vida. Percebe-se que cada pessoa tem o seu modo de trilhar em busca de um objetivo. Acaba-se tendo conflitos ou até amizades, como em um trabalho em grupo, cada pessoa com um modo de visão diferente. Você tem que debater, tem que saber conversar. Isso não vai ficar só ali, vai chegar a uma mesa de reunião, com clientes, e será necessário saber discursar e convencer o cliente da maneira mais adequada para a empresa dele. Acho que tudo isto é uma grande contribuição do ensino superior.

Em suma, para Elton, o ensino superior proporciona melhores condições de empregabilidade, sendo o Prouni apenas um dos elementos de acesso.

Tatiana, por estar engajada em projetos comunitários, buscou áreas que considerou afins, como pedagogia ou direito. A necessidade de saber e de conhecer os direitos dos cidadãos instigou-a a pensar em sua própria qualificação:

Comecei a pensar em direito, simultaneamente com pedagogia, no movimento, porque os conflitos que nós passamos acabaram despertando a necessidade de saber, de conhecer seu direito, para saber até aonde se pode e deve ir e o que se pode exigir. Até onde está seu direito, onde está o abuso de autoridade, ver o que o governo está deixando de fazer, entendeu? Essas coisas, sabe, lidando com as crianças, isso foi me despertando uma sede gigantesca de justiça, e para mim educação e direito eram coisas que andavam juntas. Eu não consigo separar. Hoje, principalmente, não consigo separar.

Uma experiência vivida em Criciúma reforçou o interesse de Tatiana pelas áreas de direito e pedagogia, pois “o projeto era uma coisa que ligava educação e direito, e eu sempre gostei muito de direito”. Assim, Tatiana foi

viver essa experiência em Criciúma na área de direito e educação, porque o Cedeca trabalhava com menores infratores adolescentes em conflito com a lei, que vinham de uma história de falta de educação e de falta de amparo educacional por parte do governo, porque é o que acontece, é o que vemos hoje em dia, o descaso da educação no nosso país realmente leva, sim, a uma desigualdade social gigantesca, e que leva o jovem da periferia, sim, não é o principal fator, mas eu acredito que seja um fator muito forte, que leva o jovem da periferia a chegar à criminalidade, principalmente como está hoje. O crime é mais atrativo que a escola. Eu fui conhecendo esse lado. Lá eu trabalhava com um advogado, com a promotora da cidade e com os adolescentes em conflito com a lei no CIPES – que é o Centro de Internação

Provisória. Me apaixonei de vez pelo direito e fiquei apenas três meses e meio, realmente foi relâmpago.

Essa experiência, associada a sua própria história de vida, estimulou-a a disputar uma vaga no ensino superior. Na tentativa de realizar seu sonho, prestou o Enem, objetivando conseguir uma bolsa de estudo.

Como a pontuação alcançada foi de 49 pontos, portanto insuficiente para tentar uma vaga em direito, optou por pedagogia na Unicsul, porém não teve êxito nessa primeira tentativa.

Apaixonada por educação, resolveu então, por conta própria, “prestar vestibular na Unicsul”. Foi aprovada e cursou pedagogia seis meses.

Mas as condições financeiras obrigaram-na a desistir do curso, tornando imperativa a busca por outros meios para continuar estudando. Tatiana não desistiu, tentou novamente o Enem, inscreveu-se novamente para uma bolsa de estudos pelo Prouni.

Agora, julgando-se um pouco mais preparada, procurou sair-se melhor na redação: “eu já tinha entendido que tanto para pedagogia na Unicsul, quanto direito no Mackenzie, as duas instituições avaliam bastante a redação, e eu me lembro que duas semanas antes eu fiquei no Mackenzie e treinei um pouco”. Foi aprovada em pedagogia na Unicsul.

No segundo semestre letivo, abriram-se as inscrições para o Prouni. Tatiana, imbuída de coragem, resolve aproveitar mais essa oportunidade. Desta vez, direito no Mackenzie, sua primeira e única opção. Não importando o resultado, Tatiana pensou

Quer saber? Se der, deu, senão, estou muito feliz na minha faculdade, e estava realmente [...] ou era isso ou não era nada.

Veio então a surpresa:

Num belo dia, saiu o resultado, e estava lá, a bolinha amarela. Tremi dos pés à cabeça, chorei que nem criança, porque a dúvida foi gigantesca. O que eu ia fazer? Já estava certa numa coisa, que eu gostava e que gosto, muito, entendeu? Mas estava diante de um salto gigantesco na vida, que é ser agente de direito, entendeu?

Para Tatiana, a mudança de curso representou uma mudança de patamar que a igualará a outros indivíduos pertencentes à camada mais privilegiada da população. Na verdade, o direito é visto por ela como um

trampolim para brigar de igual para igual com outras pessoas, para estar no mesmo patamar dessas pessoas que hoje dominam o mundo. Eu sei que eu não vou mudar o mundo, não tenho esse idealismo de que vai acontecer uma revolução, porque não vai, mas eu sei que se eu puder ajudar duas ou três pessoas vou estar fazendo o meu papel, mas o meu objetivo realmente é usar o direito para ser uma agente do direito que trabalhe somente em prol de justiça.

Assim que terminar a faculdade de direito, Tatiana pensa em retomar pedagogia,

até porque eu quero trabalhar com criança e adolescente [...]. É a área em que eu quero trabalhar, eu sei que é loucura, por causa dos menores infratores. Eu sei que é loucura, mas eu não consigo enxergar toda essa maldade nos adolescentes infratores. Eu não consigo enxergá-los tão marginais assim.

Para ela, a pedagogia é o único caminho de compreensão da infância e da adolescência. Tanto é que defende a necessidade de

todo juiz de direito, na área de criança e adolescente, todo advogado, todo promotor, tinha que ter feito um curso de pedagogia para entender um pouquinho de todas as matérias, a psicomotricidade, o conviver com a criança, o entender a infância, porque eu acho que faz muita diferença na hora de entender o problema daquele garoto.

O grande sonho da estudante é poder implantar um projeto na Fundação Casa, fazendo uso dos conhecimentos adquiridos no direito e na pedagogia, um agregando ao outro e ambos tornando possível uma vida melhor aos menores infratores.

Apesar de envolta em sua genericidade “em-si”, Tatiana, ao apresentar uma possibilidade de mediação social que proporcionaria a superação, demonstra, mesmo que de forma embrionária, a tentativa de superação de sua relação imediata com a realidade.

Como aponta Duarte: “o fato de que o processo de ascensão à individualidade para-si é um processo contraditório e repleto de conflitos não significa que o indivíduo não aspire a uma vida na qual ele se sinta bem no mundo, mas sim que ele deseja um mundo no qual todos os homens se sintam bem” (1993, p. 192), como é a aspiração de Tatiana.

Tatiana, ao aferir importância ao Prouni, credita-lhe o fato de ser um programa que traz oportunidades. O Prouni, para ela,

apesar de ser um programa a princípio com fins assistencialistas, é um programa que traz oportunidades. Pelo que eu percebo e quase todo mundo que eu conheço é que a oportunidade que é dada é agarrada com muita força, com muita força mesmo. É muito valor que se dá.

Programas como o Prouni, diante da grande dívida social acumulada pela camada dominante e pelo Estado, apesar de procurarem instrumentalizar a razão, ao invés de formarem para a reflexão sobre a realidade, configuram-se, muitas vezes, como única alternativa àqueles que precisam da educação como meio de inserção social.

Quanto aos contemplados, a jovem acredita que são

muito diferentes da maioria da minha sala, por exemplo, que o pai paga a faculdade, não se preocupa em pegar umas dependências, não se preocupa em fazer seis ou sete anos de faculdade. Para o aluno do Prouni faz muita diferença, porque já está correndo atrás de um tempo que não tinha, ele sabe que não teve. O que eu percebo é que agarra com muita vontade essa oportunidade.

Daí a credibilidade dada por Tatiana ao programa.

Os depoimentos dos entrevistados revelam as necessidades criadas socialmente e impostas pelos meios de produção. Estudar em uma faculdade é uma necessidade, construída para manter a empregabilidade, mesmo em situação de não trabalho.

Portanto, “a consciência que reflete a realidade adquire um certo caráter de possibilidade” (LUKÁCS, 1981, p.16). O reflexo na consciência dos alunos entrevistados, frente ao ensino superior, é de possibilidade, de alcance do pleno emprego.

Os depoimentos comprovaram a amplitude das aceitações. As escolhas são realizadas a partir das possibilidades postas.

Neste caso, quando o trabalho é realizado num sentido ainda mais próprio, a alternativa revela ainda mais claramente a sua verdadeira essência: não se trata apenas de um único ato de decisão, mas de um processo, uma ininterrupta cadeia temporal de alternativas sempre novas (LUKÁCS, 1981, p. 18).

A possibilidade de emprego, aberta no curso superior, induziu os depoentes a elaborar no imediato, ou seja, em suas genericidades “em-si”, a importância dos cursos possíveis.

O que vemos então é que o Prouni reforça a significação social posta ao ensino superior. Ou seja, reforça a meritocracia, valor presente na nossa sociedade. Para os alunos, a educação superior é imprescindível para conquistar empregos mais valorizados social e economicamente. No caso do aluno contemplado com uma bolsa do Prouni, verifica-se que a meritocracia como reflexo na consciência mediada pela possibilidade (alternativa) é sintetizada como: melhorar sua condição por meio da conquista de bons empregos.

Certamente o caráter de alternativa da decisão de realizar a posição teleológica se torna mais complexo, mas isto apenas aumenta a sua importância enquanto salto da possibilidade à realidade. Para o homem primitivo, o objeto da alternativa é somente a utilidade imediata em geral, ao passo que, na medida em que se desenvolve o caráter social da produção, isto é, da economia, as alternativas assumem um modo de ser cada vez mais diversificado, mais diferenciado (LUKÁCS, 1981, p. 20).

As alternativas fazem parte das características da cotidianidade social, do “mundo em que vivemos”. Entre os entrevistados, observamos o individualismo “em-si”, característico da formação de todos nós, nas relações sociais postas. Raros foram os depoimentos que indicavam um nível de consciência sobre o fato de que a mudança da condição da precarização humana, social e econômica em que se encontram, poderia se dar de outra forma, talvez, por uma ação de toda a sociedade. Por outro lado, os relatos sobre os cursos reforçam também esta visão, pois voltam-se especialmente para a formação de profissionais “atrativos” ao mercado. Ou seja, estamos diante de um círculo vicioso em que a perspectiva da formação humana plena nem se coloca como possibilidade. Esta constatação será desdobrada nas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como sujeitos de estudo nove alunos de ensino superior com bolsa concedida pelo Prouni. O objetivo principal foi o de verificar se a significação social que esses alunos atribuem ao Prouni ocorre na genericidade do “em-si” ou do “para-si”, posto que a formação, como prática social, pode ser mediadora de uma humanização mais plena pelo acesso do aluno à cultura mais ampla, à ciência e à arte.

Por meio da análise dos depoimentos, buscou-se compreender como esses alunos significam a experiência universitária, considerando os impactos na sua formação e o lugar ocupado pelo Prouni nessa experiência.

Buscou-se, para isso, traçar a trajetória de cada um, considerando a formação escolar, a experiência familiar, com o meio social, econômico e cultural no qual estão inseridos, suas expectativas em relação ao ensino superior e a importância aferida às atividades exigidas pela instituição que os remetem a experiências culturais.

Para responder ao desafio, esta pesquisadora transitou nos sentimentos, nas atitudes, nas lembranças, nas dificuldades, nas lutas e vitórias que compõem a história desses personagens, vidas cruzadas pela mesma política de intervenção social, Prouni.

Os estudos permitiram verificar que esses estudantes universitários significam o ensino superior como meio de inserção no mercado de trabalho. Capacitar-se para o trabalho é assegurar a sua condição de trabalhador. Na voz de cada um deles, a empregabilidade está incorporada como meta a ser alcançada por meio do ensino superior. Não há, por parte dos entrevistados, a demonstração de uma consciência para-si, na discussão das relações de dominação.

A eles, abriu-se a oportunidade, por meio de programas de políticas públicas, de matricular-se em uma faculdade privada. Assim, a realidade é apropriada a partir do que é possível. Desse modo, se adaptam, quase que imediatamente, aos cursos possíveis, pois a necessidade maior é o fazer uma faculdade, possibilidade posta, até então a uma camada muito restrita da população.

Os depoimentos comprovaram a amplitude das aceitações. As escolhas são realizadas a partir das possibilidades postas. As possibilidades postas fazem parte das características da cotidianidade. Revelam a tendência de realizar atividades sem ter certeza de seus resultados.

Os depoimentos mostraram que, quando as oportunidades de acesso ao ensino superior são oferecidas, não há demonstração de uma compreensão crítica da realidade.

Essa pesquisa demonstrou que a simples inserção do jovem no ensino superior não é garantia da objetivação plena que produziria indivíduos livres e universais.

O ensino superior conquistado por meio de um programa de políticas públicas do governo federal, não garante a conquista da igualdade social, pois a competição individual ou a mentalidade competitiva é a conduta imposta pelo capital.

Paradoxalmente, os depoimentos mostraram que a escola é vista, muitas vezes, como a única instituição capaz de promover a superação dos problemas econômicos e sociais que vivenciam, mesmo que muitas vezes criticada pela qualidade oferecida.

A realidade social da possibilidade de um curso superior induziu os depoentes a elaborar no imediato, ou seja, em suas genericidades “em-si”, a importância dos cursos possíveis. Essa elaboração teleológica é realizada a partir da importância dada pela própria sociedade aos estudos superiores, como meio de valorização da capacidade laboral.

Os depoentes demonstraram no decorrer de suas falas um grau de consciência do “em si” diferenciados. O que, não poderia deixar de ser, uma vez que, como aponta Duarte (1993) a genericidade “em si” faz parte da humanização, a apropriação das objetivações genéricas “em-si” não ocorrem de forma idêntica para todos os seres humanos.

Entretanto, esta diferenciação na significação, elaborada por esses alunos, se deu não por conta dos estudos superiores realizados, mas por conta das trajetórias individuais de vida.

Assim, a educação formal veiculada no mundo capitalista, que poderia promover seres genéricos para-si, estabelecendo “uma relação consciente livre e universal com o gênero humano”, corrobora, na verdade, com o fortalecimento do capital e, conseqüentemente com a manutenção de uma relação social imediata e alienada, como visto nos depoimentos dos entrevistados dessa história.

Quando falamos da vida de qualquer pessoa humana, não há espaço para um ponto final, posto que o mundo se transforma a cada instante e as pessoas também, havendo sempre novos conhecimentos a serem descobertos a respeito de um mesmo indivíduo ou de um grupo de indivíduos, de suas vidas, de suas histórias. Deste modo, coloca-se nesta pesquisa um ponto final, mesmo que não definitivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Temas de filosofia*. São Paulo: Moderna, 1992.

BANCO MUNDIAL. *La enseñanza superior*: las lecciones derivadas de La experiência (El Desarrollo en la práctica). Washington, D.C.: BIRD/Banco Mundial, 1994.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto, 1994.

BRESSER PEREIRA, L. C.; SPINK, P. *Reforma do estado e administração pública*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*: lembrança de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARVALHO, Cristina Helena de Almeida. *O Prouni no governo de Lula e o jogo político em torno do acesso ao ensino superior*. Campinas: Educação e Sociedade, vol. 27, nº 96. Ed. Especial, 2006. p. 979-1000.

_____. Políticas para o ensino superior no Brasil (1995-2006): ruptura e continuidade nas relações entre público e privado. In: *XXIX Encontro Anual da ANPED*. Caxambu, s/d.

_____. Política de Ensino superior e renúncia fiscal: da reforma universitária de 1968 ao PROUNI. In: *Reunião anual da associação Nacional de pós-graduação e pesquisa em educação*, 28. Caxambu, 2005.

CHAUÍ, Marilene. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

DUARTE, Newton. *A individualidade para-si*: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas: Autores Associados, 1993.

FERNANDES, Florestan. *A universidade brasileira*: reforma ou revolução. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

FONSECA, Selva Guimarães. *Ser professor no Brasil*: história oral de vida. Campinas: Papirus, 2006.

FREITAS, Sonia Maria de. *História oral*: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP. Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GENTILI, Pablo. *O conceito de empregabilidade*. Avaliação do Planfor, 1998.

GOODSON, I. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. (org.). *Vidas de professores*. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1992.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1989.

HELLER, Agnes. *A sociologia de la vida cotidiana*. Trad. por José Francisco Ivars e Enric Pérez Nadal. Barcelona: Ediciones Península, 1977.

IANNI, Otávio. *Estado e planejamento econômico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

JARDILINO, José Rubens Lima; NOSELLA, Paolo. *Os professores não erram*: ensaios de história e teoria sobre a profissão de mestre. São Paulo: Terras do Sonhar, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LUKÁCS, Georg. *As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem*. Temas de ciências humanas, nº 4. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

_____. O trabalho. In: *Per l'ontologia dell'essere sociale*. Trad. de Alberto Scarponi. Roma: Editori Riuniti. Tradução livre para o português de Ivo Tonet, 1981.

MAGALHÃES, Belmira Rita Costa. O sujeito do discurso: um diálogo possível e necessário. In: VOESE, Ingo (org). *Linguagem em discurso*. vol. 3, nº especial. Santa Catarina: Unisul, 2003.

MARX, Karl. *O capital*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

PATTO, Maria Helena Souza. *Exercícios de indignação: escritos de educação e psicologia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

PERONI, Vera Maria Vidal Peroni; BAZZO, Vera Lúcia; PEGARARO, Ludimar (orgs) *Dilemas da educação brasileira em tempos de globalização neoliberal: entre o público e o privado*. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

PIOVESAN, Flávia. *Temas de direitos humanos*. São Paulo: Max Limonad, 1998.

RIBEIRO, Gustavo Ferreira. *Afinal, o que a organização mundial do comércio tem a ver com a educação superior?* vol. 49, nº 2. Brasília: Revista Brasileira de Política Internacional, 2006.

ROCHA, Sonia. *Pobreza e desigualdade no Brasil: o esgotamento dos efeitos distributivos do plano real*. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.

ROSSI, Wagner G. *Capitalismo e educação: contribuição ao estudo crítico da economia da educação capitalista*. 2ª ed. São Paulo: Moraes, 1980.

SILVA JR, João dos Reis. *A reforma da educação superior dos anos 90: a produção da ciência engajada ao mercado e à produção de um novo pacto social*. Sorocaba: Universidade de Sorocaba/São Paulo: PUC, 2002.

SILVA JR., João dos Reis; SGUISSARDI, Valdemar. *A nova lei de educação superior: fortalecimento do setor público e regulação do privado/mercantil ou continuidade da privatização e mercantilização do público?* n° 29, mai/ago. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação, 2005.

_____. *Novas faces da educação superior no Brasil: reforma do estado e mudança na produção*. São Paulo: EDUSF, 1999.

_____. *Novas faces da educação superior no Brasil: reforma do estado e mudança na produção*. São Paulo: Cortez, 2001.

SPOSITO, Marília Pontes. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel. *Ong's no Brasil: elementos para uma narrativa política*. vol. 16, n° 01. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1993.

TEIXEIRA, Anísio. *Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

Referenciais Bibliográficos de Documentos Eletrônicos

ALMEIDA, Luís Vieira de Almeida. *Trabalho docente: uma categoria ontológica*. Disponível em : <http://seer.fclar.unesp.br/index.php/iberoamericana/article/viewFile/464/344>. Acessado em 10 de março de 2010.

ALVES, Giovanni. *Reestruturação produtiva, novas qualificações e empregabilidade*. Disponível em: [http:// docs.google.com](http://docs.google.com). Acessado em 7 de março de 2010.

BLOCH, Janaína Aliano. *Movimentos sociais, participação e democracia*. Florianópolis: Núcleo de pesquisa em movimentos sociais, 2007.

Disponível em: http://www.sociologia.ufsc.br/npms/janaina_a_bloch.pdf. Acessado em 7 de março de 2010.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Plano diretor da reforma do aparelho do Estado*. Câmara da Reforma do Estado. Brasília, 1995. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/publi_04/colecao/plandi.htm. Acessado em 6 de março de 2010.

_____. *Decreto nº 5.493* – de 18 de julho de 2005. Regulamenta o disposto na Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/Decreto/D5493.htm. Acessado em 7 de março de 2010.

_____. *Lei nº 9.532* – 10 de dezembro de 1997. Altera a legislação tributária e dá outras providências. Diário Oficial da União, 11 dez. 1997. Disponível em: www.advocaciasantos.com.br/lei_9532_97.htm. Acessado em 7 de janeiro de 2010.

_____. *Lei nº 10.172* – 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm. Acessado em 6 de março de 2010.

_____. *Lei nº 10.188* – 12 de fevereiro de 2001. Cria o Programa de Arrendamento Residencial, institui o arrendamento residencial com opção de compra e dá outras providências. Diário Eletrônico Oficial da União de 14 de fevereiro de 2001, p. 4. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/leis/LEIS_2001/L10188.htm. Acessado em 6 de março de 2010.

_____. *Lei n 13.540* – 24 de março de 2003. Institui o programa para a valorização de iniciativas culturais – VAI – no âmbito da secretaria municipal de cultura. São Paulo: Portal da Prefeitura do Estado. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/dec/fomentos/index.php?p=7276>. Acessado em 7 de março de 2010.

_____. *Lei nº 11.096* – 13 de janeiro de 2005. Institui o Programa Universidade para Todos – Prouni –, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior, altera a Lei nº 10.981, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências. Diário Oficial da União, 14 de janeiro de 2005. Disponível em: <http://www.andes.org.br/imprensa/Uploads/LEI%2011096.Pdf>. Acessado em 14 de janeiro de 2005.

_____. *Medida Provisória nº 213* – 10 de setembro de 2004. Institui o Programa Universidade para Todos – PROUNI, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior, e dá outras providências. Diário Oficial da União, 13 de outubro 2004. Disponível em: www.presidencia.gov.br/ccivil/_ato2004-2006/2004/mpv/213.htm. Acessado em 7 de janeiro de 2005.

_____. *Portaria nº 301* – 30 de janeiro de 2006. Dispõe sobre a Comissão Nacional de Acompanhamento e Controle do Programa Universidade para Todos – Prouni. Diário Oficial da União, Brasília, Imprensa Nacional, n. 22, seção 1, 31 de janeiro de 2006. Disponível em: http://prouni-inscricao.mec.gov.br/prouni/pdf/Portaria_nr_301_2006.pdf. Acessado em 13 de maio de 2006.

_____. *Projeto de Lei nº 3.582* – 28 de março de 2004. Dispõe sobre a instituição do Programa Universidade para Todos – PROUNI, e dá outras providências. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: www.camara.gov.br/sileg/integras/219649.htm. Acessado em 6 de janeiro de 2005.

_____. TCU. *Auditoria operacional no Programa Universidade para Todos (Prouni) e o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES)*. Brasília: TCU, 2009. Tribunal de contas da União.

Disponível em:

http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/programas_governo/areas_atuacao/educacao/Sum%C3%A1rio%20ProUni.pdf. Acessado em 7 de março de 2010.

CARLI, Ranieri. *Práxis, consciência e individualidade na filosofia marxista*. Sergipe: Viva Vox – DFL da Universidade Federal de Sergipe, ano 2, nº 4, jul/dez. 2009.

Disponível em:

http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/prometeus/revistas/ARQ_PROMETEUS_4/Arq_Art_PROMETEUSranieri.pdf. Acessado em 07 de março de 2010.

CARVALHO, José Carmelo. *O Prouni como política de inclusão: estudo de campo sobre as dimensões institucionais e intersubjetivas de inclusão universitária, junto a 400 bolsistas no biênio 2005-2006*. Disponível em:

<[www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT11-3336 - int.pdf](http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT11-3336-int.pdf)>. Acessado em 30 de agosto de 2009.

COSTA, Lúcia Cortes da. *Uma abordagem através do pensamento lukacsiano*. Emancipação. 2001.

Disponível em:

http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/prometeus/revistas/ARQ_PROMETEUS_4/Arq_Art_PROMETEUSranieri.pdf. Acessado em 07 de março de 2010.

_____. *O governo de FHC e a reforma do Estado brasileiro*. São Paulo: Pesquisa e Debate, vol.11, nº 1, 49-79. 2000.

Disponível em:

[http://www.pucsp.br/pos/ecopol/downloads/edicoes/\(17\)lucia_cortes.pdf](http://www.pucsp.br/pos/ecopol/downloads/edicoes/(17)lucia_cortes.pdf). Acessado em 7 de março de 2010.

COUTINHO, Karyne Dias. *Educação como mercadoria: o público e o privado no caso dos shopping centers*. Campinas: Educação e Sociedade, vol. 24, nº 84. 2003.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302003000300011. Acessado em 7 de março de 2010.

DUARTE, Newton. *Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev*. Campinas: Caderno Cedes, vol. 24, nº 62. 2004. p.44-63. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acessado em: 15 de janeiro de 2010.

FORGRAD. *Anteprojeto de lei da educação superior*. 2005. Disponível em: <http://www.forumgrad.ufc.br>. Acessado em 7 de março de 2010.

HYPÓLITO, Álvaro Moreira. *Gestão do trabalho docente e qualidade da educação*. 2005. Disponível em: <http://www.isecure.com.br/anpae/16.pdf>. Acessado em 6 de março de 2010.

IBGE. *Síntese de Indicadores sociais de 2006*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia>. Acessado em 13 de março de 2009.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. Disponível em: www.inep.gov.br. Acessado em junho de 2008.

MANCERO, Deisi. *Reforma universitária: reflexões sobre a privatização e a mercantilização do conhecimento*. vol. 25, nº 88, out, ed. Especial. Campinas: Educação e Sociedade, 2004. p. 845-866. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acessado em 06 de março de 2010.

MEDEIROS, João Leonardo Medeiros. *Lukács e os fundamentos ontológicos da ética marxiana: uma interpretação livre*, 2007. Disponível em: <http://www.uff.br/iacr/ArtigosPDF/120T.pdf>. Acessado em 06 de março de 2010.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de. *Da universalização do ensino fundamental ao desafio de qualidade: uma análise histórica*. vol. 28, nº 100. Campinas: Educação e Sociedade, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a0328100.pdf>. Acessado em 05 de março de 2010.

PORTAL REBRIP. *Momentos importantes da negociação na OMC*. nº 2, jun. 2005. Disponível em: <http://www.rebrip.org.br>. Acessado em: 02 de fevereiro de 2010.

RISTOFF, Dilvo; SEVEGNANI, Palmira (orgs.). *Universidade e compromisso social*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

Disponível em: http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/{2A4163CA-8128-466E-A794-61BCD7D2F118}_Volume%204.pdf. Acessado em 6 de março de 2010.

TASSIGNY, Mônica Mota. *Ética e ontologia em Lukács e o complexo social da educação*. nº 25, jan/abr. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100008. Acessado em 6 de março de 2010.

APÊNDICES: ENTREVISTAS

Beatriz Rodeiro Martinez

13/06/2009

Márcia – Beatriz, onde você estuda, que curso você está fazendo e que semestre está?

Beatriz – Bom, eu estou estudando na Uniesp - Faculdade Renascença, no centro de São Paulo, no Anhangabaú, estudo Pedagogia e estou cursando o terceiro semestre, finalizando o terceiro semestre.

Márcia – Está acabando então?

Beatriz – Dia quinze termina, dia quinze não tem prova até o dia dezessete, se eu não me engano.

Márcia – Beatriz, fale um pouco da sua trajetória de vida antes da Faculdade, por que chegou à Faculdade, o que significa o curso pedagogia para você, então como foi até antes da faculdade?

Beatriz – Bom, eu com dezenove anos, comecei fazer teatro na minha cidade aqui mesmo no centro cultural.

Márcia – Qual que é a sua cidade?

Beatriz – Ribeirão Pires.

Beatriz – É, e aí eu comecei fazer teatro com dezenove anos, no centro cultural, que era gratuito e eu estava sempre procurando alguma coisa para fazer.

Márcia – E por que você foi fazer teatro?

Beatriz – Foi uma coisa louca assim, eu tinha terminado um noivado, estava chorando em casa, chorando, minha mãe estava fazendo teatro porque ela tinha entrado na rede da prefeitura.

Márcia – Sua mãe fazendo teatro?

Beatriz – Ela tinha acabado de entrar na prefeitura e a prefeitura estava promovendo um curso de “contação” de histórias.

Márcia – Para as crianças?

Beatriz – Para elas, e aí eles estavam promovendo este curso e a minha mãe estava fazendo esse curso com o Professor Zeca Capelini, ele desenvolveu um curso de teatro e aí teve um dia que eu estava chorando desesperada, minha mãe disse: “levanta daí, vamos comigo.” Eu comecei a chorar (risos). E aí eu fui.

Márcia – Você já tinha terminado o ensino médio?

Beatriz – Já, já tinha terminado com dezessete anos eu terminei.

Márcia – Com dezessete anos?

Beatriz – Com dezessete eu terminei, é que eu sou adiantada.

Márcia - Você é de outubro?

Beatriz – Eu sou de julho. E aí, assim quando eu saí do ensino médio eu cuidei das minhas irmãs, estava cuidando das minhas irmãs, e minha mãe estava fazendo faculdade na época e eu fiquei meio parada assim, cuidando de casa. Fazendo comida, essas coisas. (risos). Levava a irmã para escola, ia a reunião de irmã, era isso que eu fazia, assim mesmo, responsabilidade da minha mãe.

Márcia - Você não pensava na época em fazer faculdade?

Beatriz – Não, porque era meio perdida, não sabia o que eu queria fazer, a única coisa que eu sabia que eu gostava era de cozinhar, aí todo mundo falava você tem que fazer Nutrição, tem que fazer Nutrição, mas eu era meio, por incrível que pareça, tímida, era muito tímida.

Márcia – Era tímida?

Beatriz – Eu não falava, não falava em fila de banco, não pedia, não comprava nada na farmácia, eu era muito tímida eu era muito, assim tinha uma auto-estima baixa, muito baixa, eu não acreditava em mim, eu fazia tudo o que as pessoas me pediam para não contrariar ninguém, para que as pessoas continuassem gostando de mim, eu era assim, era assim, era gordinha aquela coisa. Sempre sofri preconceito na escola e achava que era isso e só, e que a minha vida é isso e que depois eu ia casar, quem sabe alguém me quisesse, e eu pensava em criar os meus filhos.

Márcia – Isso foi aos dezenove anos?

Beatriz – Foi aos dezenove, assim eu pensava tanto, quando eu terminei o meu noivado o meu motivo era morrer, porque eu não via outro caminho para mim, a não ser casar e cuidar de casa, aí foi que a minha mãe me levou para o teatro, aí eu cheguei lá. Na hora que eu entrei assim, porque eu nunca tinha entrado em um teatro na minha vida, quando eu entrei no teatro eu falei: “meu Deus do céu, que mundo é esse?” E aí, eu fui e fiz a minha inscrição, e eu fui entrando aqui, entrando ali, o Alexandre Martim que era o coordenador da época, ele dava aulas para quem era adulto. Ele me viu um dia lá, eu estava lá, estava lá, não tinha o que fazer em casa (risos) eu estava lá, era do lado de casa, eu ia para lá, era julho estava tendo oficinas de artes que eles faziam como curso de férias, estava tendo aula de cenografia e figurino e de maquiagem artística, maquiagem de teatro, e eu estava lá, e eu fui lá, fiquei lá.

Márcia – Você não tinha feito nenhum curso ainda?

Beatriz – Nada, eu só tinha feito a inscrição.

Márcia – Então, você só tinha feito a inscrição?

Beatriz – O curso começaria em agosto.

Márcia – E o que você fez?

Beatriz – Fiquei lá rodeando, e um dia ele me achou e perguntou o que eu estava fazendo lá, quem eu era, e ele me perguntou se eu não queria assistir uma aula, vamos lá. Ele me chamou e eu fui e comecei, e eu não parei mais.

Márcia – Aí começou o curso?

Beatriz – Eu fiquei nesse curso de férias, e em agosto começou a oficina.

Márcia – Já era de teatro mesmo?

Beatriz – Já era de teatro, só que era um curso de coreografia, figurino e maquiagem.

Márcia – Ah, não era representação?

Beatriz – Não, era específico e aí comecei a fazer a oficina em agosto, eu e minha mãe. Eu, minha mãe, minha irmã, nós três fomos fazer oficinas juntas, e eu fiz seis meses de oficina, quando chegou dezembro, ele estava fazendo seleção de pessoas que ele achava interessante entre os alunos para poder darem aula.

Márcia – E aí você fez um curso de representação, então?

Beatriz – Fiz, e fiz nesses seis meses. Fiz de teatro, oficina de teatro para adulto. Nós montamos uma peça, montamos um espetáculo, e nesse meio tempo, eu fui convidada para atuar em outro espetáculo que estava acontecendo e o Alexandre me chamou para fazer uma atuação, porque eu canto também, ele me chamou para cantar em outro espetáculo que os dois têm e assim, em seis meses, a minha vida mudou, eu falei “Jesus!” Do nada eu já estava o dia inteiro no teatro. O Alexandre precisava de doze pessoas, ele precisava escolher doze pessoas que seriam os multiplicadores, e que teriam outras capacitações, e ganhariam uma bolsa de cento e cinquenta reais para poder dar aula para criança e adolescente.

Márcia – Onde?

Beatriz – Lá mesmo, porque ele ia ampliar. A visão dele era ampliar no segundo ano e abrir mais oficinas, porque ele sozinho não conseguia dar aula para todo mundo, e ele usou esse primeiro ano, para identificar algumas pessoas.

Márcia – Sim, com perfil?

Beatriz – Com perfil para poder capacitar e continuar com o trabalho de multiplicação, e eu fui escolhida, graças a Deus, fui escolhida e no ano seguinte já comecei com o trabalho de capacitação. Eu dava aula todos os sábados, era uma turma de interpretação pela manhã.

Márcia – Quando foi isto?

Beatriz – Foi, em, eu fiz aula em 90, em 97, em 98, em agosto de 90, eu comecei com a primeira turma.

Márcia – Onze anos atrás.

Beatriz – Onze anos atrás.

Márcia – Uma vida já.

Beatriz – Uma vida, e aí eu comecei todos os sábados, nós dávamos aula, tinha capacitação às segundas-feiras, e dávamos aula de manhã para uma turma de crianças, à tarde com os adolescentes e à noite nós tínhamos a nossa aula, que era ele quem dava para gente e, nessas capacitações vinham pessoas da Unesp. Eu só confundo Unesp, vieram pessoas da Unesp que eram professores que trabalhavam com ele e vieram dar essas capacitações para nós e eu fiquei de 1994 a 2004. O Alexandre saiu, ele foi embora devido alguns problemas. Problemas políticos de repasse de verbas.

Márcia – E o projeto foi cancelado?

Beatriz – Não, o projeto não foi cancelado. O Alexandre Marques saiu, ele pediu para sair. E veio outra pessoa no lugar dele, o Roberto Lima, uma ótima pessoa.

Márcia – Também de sua cidade?

Beatriz – Não. O Alexandre também não era da cidade, era de São Paulo, de São Paulo, o Roberto Lima também de São Paulo e ele veio para ficar como gerente, gerente de cultura. Ele procurou dar continuidade ao trabalho, com a mesma filosofia do Alexandre, que era de sempre ampliar os multiplicadores com qualidade, num trabalho com qualidade, então sempre tinham as capacitações, tudo direitinho. E foi assim até 2004, quando o Roberto Lima saiu. Ele passou da gerência de cultura para secretário da cultura e entrou o Cássio, de Santo André, que continuou com o trabalho. Quando o PT perdeu, entrou o PV e “amassa” tudo o que se tinha feito e começa tudo de novo, então eu saí. Eu saí em dois mil e quatro.

Márcia – Em meio à mudança política?

Beatriz – Mas eu saí não por causa disso, não foi só por causa da política, porque eu acho que eu tenho que trabalhar em todo lugar, mas em dois mil e quatro, nós abrimos uma ONG. Nós, artistas, nos reunimos em um determinado lugar, em dois mil e dois. Nós precisávamos de nota fiscal, porque nós tínhamos muito problema com emissão de nota fiscal. Então o próprio Gilberto Lima, na época, o secretário, sentou com a gente e contratou um profissional para poder nos instruir como organizar uma cooperativa ou uma associação. Nós decidimos abrir uma associação e eu fui nomeada diretora do departamento financeiro. Eu e mais algumas pessoas começamos trabalhar nessa associação. Em dois mil e quatro, nós conseguimos um projeto grande do Governo Federal que é o Programa Nacional do Primeiro Emprego e eu

como era diretora financeira, fiquei com a parte burocrática do trabalho. Deveria fazer todas as prestações de contas, escrever projetos, fazer todas essas coisas e, eu não estava conseguindo conciliar o meu trabalho como multiplicadora, aqui no centro cultural. Como consequência, começou a ter um rendimento menor porque eu estava dividida, era muito trabalho, era muita coisa burocrática que eu tinha que fazer e, eu não conseguia fazer as pesquisas paralelas que eu fazia antes dos espetáculos. Comecei a perceber que não ia dar mais, porque assim, infelizmente, o Programa Nacional de Primeiro Emprego estava me pagando um super salário e aqui eu era voluntária, porque falar que você ganha cento e cinquenta reais não é um salário, é um trabalho voluntário, e eu terminei esse ano com o trabalho do teatro.

Márcia – Em 2004?

Beatriz – Em 2004, eu fechei, fiz a apresentação dos meus espetáculos, das minhas turmas e eu não dei o meu nome de novo, porque tem um processo, você vai e faz uma ficha, e eu não me apresentei.

Márcia – E você continuou com o projeto?

Beatriz – Continuei com o projeto do primeiro emprego até 2006. Em 2004, nós atendemos 75 alunos daqui de Ribeirão. Daqui de Ribeirão mesmo, pessoas de vulnerabilidade social, de dezesseis a vinte e quatro anos, que tem tudo a ver com o que eu queria, e eu comecei a visualizar assim o que eu queria fazer mesmo, porque apesar de gostar de atuar, nunca foi para mim uma coisa que me desse um prazer esplêndido assim.

Márcia – A atuação não lhe realizava?

Beatriz – O que me dava prazer era a arte-educação, era ver a transformação dos meus alunos que entravam mudos e saíam falantes, como eu entrei muda e sai falante (risos). Sabe, para mim era isso, era ver o meu aluno no palco. No final do trabalho os jovens estavam falando sem timidez e, as mães ficavam muito agradecidas, elas diziam: “você mudou a vida do meu filho. Ele conseguiu arrumar um emprego. Ele consegue se expressar, eu me emociono só em lembrar. Eu vi que eu tinha que fazer isso, tinha que fazer isso, arte-educação. O que eu faço no trabalho de atriz é porque nunca se pode dar aula para um aluno se não está vivenciando, se não está atuando, porque ele tem que ter a referência sua. O aluno tem que ver o professor no palco. Ele tem que ver o professor atuando. Então todo o trabalho que eu faço de atuação é para isso, é para criar referência, para nunca parar, para sempre renovar, trabalhar sempre com diretores diferentes, para não ficarmos limitados.

Márcia – Isso você faz ainda?

Beatriz – Faço apresentações infantis. Eu parei com o espetáculo adulto, parei justamente por causa da faculdade, porque a gente tem temporada de quinta à domingo e não daria mais para fazer temporada de espetáculo adulto.

Márcia – Então, resumindo. Em 2004, você parou o seu trabalho de multiplicadora aqui em Ribeirão Pires e assumiu a ONG que desenvolvia o atendimento aos jovens em relação ao primeiro emprego, até 2006.

Beatriz – Então, quando chegou 2006 nós conseguimos nos inscrever em um edital do governo, que é concorrido. Escrevemos um projeto e ganhamos a concorrência. Atendemos setenta e cinco alunos em 2004, e em 2006 atendemos cento e setenta e cinco alunos. Nós ampliamos, atendemos Ribeirão Pires, Mauá, Santo André, atendemos vários alunos, e a demanda foi maior, a responsabilidade aumentou e assim, aí eles viram que ONGs pequenininhas como a nossa estava crescendo e a política de novo veio.

Márcia – O que aconteceu?

Beatriz – Dificultaram o processo de seleção. Na época, eu era a responsável técnica, e veio a exigência de que o responsável técnico, para assinar o projeto, teria que ter graduação, todos os professores teriam que ser graduados e o coordenador pedagógico também teria que ser graduado. Na nossa ONG só dois eram graduados, tinham feito Educação Artística, tinham se graduado naquele ano, tinham terminado, e eu falei: “gente, continuem, eu não posso mais trabalhar, mas vocês podem trabalhar, não tem problema, eu vou correr atrás do prejuízo, porque eu não fiz antes, eu vou ter que correr atrás agora”. Então me afastei desse projeto, continuei na associação, me afastei do projeto. Mas eles não conseguiram ganhar outros editais, porque quando se tira uma pessoa, desfalca uma equipe. Você tem uma equipe, de repente saem duas pessoas do processo burocrático, complica. Quem é arte educador não sabe, não sabe lidar com isso, que é muito difícil, é muito difícil usar as palavras certas para fazer um projeto e ir a uma reunião que tem só gente importante, saber falar e saber articular.

Márcia – Você levou um tempo para se preparar?

Beatriz – Levei um tempo, eu me preparei desde 2002, e eu saí para ir para a faculdade.

Márcia – Quando mesmo você terminou o ensino médio?

Beatriz – Em 1994.

Márcia – Em 1994, você tinha dezessete anos.

Beatriz – Eu tinha dezessete anos.

Márcia – Quando você parou para pensar que tinha que fazer a faculdade, quantos anos você tinha?

Beatriz – Já tinha vinte e sete anos. E eu falei: “Meu Deus, agora eu tenho que correr atrás.” Financeiramente não conseguiria.

Márcia – Por quê?

Beatriz – Porque eu morava sozinha nos fundos da minha casa, nessa época eu já pagava todas as minhas contas. Foi quando encerrou a pensão de meu pai, não tinha mais pensão. A minha mãe só estava com a prefeitura que pagava somente setecentos, oitocentos reais. Quando eu trabalhava, sempre pagava minhas contas. Eu nunca deixei minha mãe pagar minhas contas, sempre paguei minhas contas. Eu não gosto e nunca pedi dinheiro para mim, para cigarro, por exemplo, para nada, por isso eu sempre trabalhei, desde quatorze anos para me sustentar. Minha mãe sempre pagou a água, luz, alimentação e comida, porque tínhamos pensão alimentícia do meu pai. Quando eu fiz vinte e dois anos, eu falei para ela que queria morar sozinha, porque a minha vida não condizia mais com a vida da minha família. Eu tinha uma vida noturna, eu ensaiava à noite e ensaiar faz barulho (risos). Começou, então, os atritos e nós tínhamos inquilino na casa, quando o inquilino saiu, eu falei para a minha mãe me deixar morar ali nos fundos. Na época, eu estava trabalhando no telemarketing e estava no teatro.

Márcia – E você dava conta de tudo?

Beatriz – Dava. Eu estava apresentando Saltimbancos que era uma peça infantil, daí fechamos com a Prefeitura de Ribeirão e era assim. Fazia apresentação de manhã, saía daqui às seis horas e ia para escola fazer as apresentações, levava a minha roupinha e o meu salto alto na mala (risos), tirava a maquiagem, passava a outra maquiagem. A perua me deixava no centro de Ribeirão, eu pegava o trem meio dia, para estar às duas horas no Jabaquara.

Márcia – Isso quando?

Beatriz – Isso em 2001.

Márcia – E você trabalhava no telemarketing, no Jabaquara?

Beatriz – No telemarketing no Jabaquara. Eu fazia isso todo dia, durante dois meses. Eu saía às vinte horas.

Márcia – E ia ensaiar?

Beatriz – Não, ensaiar não, porque a gente já tinha deixado pronto o espetáculo. Eu tinha que estar com a voz boa, porque eu cantava, era um espetáculo que eu só cantava, tinha que estar com a voz boa, aquela “coisa”, tinha de estar ungida.

Márcia – Foi quando você percebeu que precisava fazer um curso superior? Como foi esse momento?

Beatriz – Eu pensei “tenho de dar um jeito”. A minha preocupação era o quê. Eu sempre quis fazer artes, eu sempre quis fazer artes, desde antes de assumir o programa do primeiro emprego. Meu foco sempre foi fazer artes, eu queria fazer educação artística, artes cênicas, alguma coisa assim, mais educação artística do que artes cênicas, eu sempre quis. Só que quando eu assumi o projeto do primeiro emprego, eu comecei a me questionar. Eu pensei: “gente, será que tudo o que eu tenho de artes não vai agregar mais na pedagogia do que eu estudar tudo de novo?” Eu penso muito nisso, sabe, de concorrer com pessoas que tem até capacitações melhores do que eu, sabe, que já trabalham que estão no mundo. Eu estava em dúvida se eu fazia pedagogia ou fazia educação artística. Eu estava muito em dúvida. Só que o curso de pedagogia era duzentos e oitenta reais e o de educação artística era seiscentos.

Márcia – como você soube dos valores?

Beatriz – Vi na Firp²⁸, que é a faculdade daqui de Ribeirão, só tinha pedagogia e eram duzentos e oitenta reais; lá em Santo André, na Faculdade Coração de Jesus, que é onde tinha educação artística, estava seiscentos reais.

Márcia – Um valor alto para você?

Beatriz – Alto?! Não, não tinha como, não tinha. Não tinha, imagina, eu ganhava no telemarketing seiscentos reais a setecentos reais, não tinha como eu pagar, não dava. Era irreal, porque eu tinha que pagar a minha alimentação, condução, aqui e ali, não, não dava. E eu comecei a pensar, eu tenho que fazer alguma coisa, fui procurar informação sobre o Fies. Fui à Caixa Econômica procurar, porque a minha amiga tinha conseguido pelo Fies. Fui procurar o Fies, o programa Escola da Família, porque outros amigos meus também tinham feito pelo programa Escola da Família. Fui à escola, conversar com o coordenador do Programa Escola da Família, ele falou que eu tinha que escrever um projeto. Só que primeiro eu tinha que fazer a minha matrícula no ensino superior, fazer a matrícula na faculdade e ver se a faculdade tinha um programa.

Márcia – Se a faculdade estava associava a um programa do governo?

Beatriz – É. Se estava associada a um programa. E eu fui procurar essas informações aqui em Ribeirão mesmo. A minha amiga foi comigo e ela falou para mim que tinha que fazer a mesma coisa, entrar na faculdade, fazer matrícula e ver se tinha o programa.

Márcia – Da Escola da Família?

Beatriz – Tanto para a Escola da Família quanto para o Fies. É a mesma coisa.

Márcia –. Você estava vendo as duas coisas?

²⁸ FIRP – Faculdades Integradas de Ribeirão Pires

Beatriz – É. Nesse meio caminho um amigo me falou assim “porque que você não tenta o Prouni?”. Eu já tinha ouvido falar alguma coisa, já tinha ouvido falar muito vagamente.

Márcia – Do Prouni?

Beatriz – É. Estava no começo ainda, estava começando.

Márcia – Isso foi quando?

Beatriz – Foi em dois mil e seis. Então nós não sabíamos muito como que era isso. E aí eu perguntei para ele como que é que funcionava. Ele falou: “olha, eu sei que você tem que prestar o Enem”. E na minha cabeça, esse negócio de Enem era só quando você terminasse o ensino médio. Achava que não poderia prestar depois do ensino médio. Mas guardei isso na minha cabeça.

Márcia – Até o ensino médio você fez na escola pública?

Beatriz – Pública. Sempre, estudei em escola pública. Estudei no Sesi, aqui em Ribeirão. O meu pai era da indústria, e eu estudei no Sesi. Fiquei com isso na minha cabeça. Guardei esse nomezinho.

Márcia – Prouni.

Beatriz – É. E fui trabalhar, eu precisava. Eu fui procurar emprego, fui “caçar”. Foi quando eu comecei a enviar meu currículo para algumas agências. Comecei a trabalhar com recreação, voltei a trabalhar com recreação, que era uma coisa que eu trabalhava há muito tempo, trabalhei como autônoma, fazendo um bico aqui, um bico ali. Nisso, chegou esse a época de inscrição no Enem. Fui e fiz minha inscrição e prestei. Nem estudei, eu tinha parado a escola em 1994. Eu pensei assim: “eu vou na ‘louca’, não vou estudar nada, eu quero ver como que estão os meus esquemas.” Me ferrei, me ferrei. (risos). Porque, a minha pontuação foi 36. Eu não entendi a prova. Na segunda vez foi muito diferente. A prova desse primeiro ano que eu fiz para o outro, foi completamente diferente.

Márcia – Será que você estava mais bem preparada?

Beatriz – Não sei, não sei. Bom, enfim, mas eu sei que depois que eu fiz essa primeira prova do Enem, eu destaquei a prova e pensei. “gente, eu preciso engolir o mundo. (risos)”. Literalmente, eu precisava engolir o mundo para eu me capacitar. Eu nem pensei assim em estudar matemática, não, eu falei assim: “eu preciso engolir o mundo!” Comecei a engolir o mundo. Tudo que eu via, tudo de informação que eu via, eu parava assistia na televisão, o jornal, revista, se alguém estava falando sobre política, eu escutava. Eu gosto de política, mas eu nunca fui aquela pessoa de ficar estudando. E me enfiei, e aí tudo que falava de globalização, todas aquelas palavras estranhas que iam falando, meio ambiente, eu fui querendo saber de tudo. E prestei de novo, quando eu prestei de novo, eu consegui.

Márcia – Quantos pontos você fez?

Beatriz – 69.7 pontos. Eu não acreditei. Eu não acreditei. Nesse ano o meu cunhado fez também, na mesma época. Eu não acreditei. Porque quando saiu o gabarito, meu cunhado conferiu, eu falei: “gente!” E ele também acha impossível minha pontuação. Eu achei fácil a prova, diferente da outra vez que eu tinha feito, eu achei fácil. Eu pensava assim: não, não é possível, mas eu fiquei na minha. Então abriram as inscrições para o Prouni e eu fiz a inscrição.

Márcia – Pela internet?

Beatriz – Pela internet, tudo pela internet.

Márcia - E como foi a inscrição?

Beatriz – Você tem os seus dados lá, eles lhe dão uma carta com os dados.

Márcia – O Prouni?

Beatriz – Não, o Enem. Você tem que ter o número e fazer a inscrição pelo número, você entra lá no site do Prouni e tem que escolher até cinco cursos.

Márcia – Quais cursos você escolheu, você lembra?

Beatriz - Eu fiz várias opções até o último momento.

Márcia – Como assim, eu não entendi?

Beatriz – Porque são alguns dias que você tem de inscrição. Então assim, fecha, por exemplo, eu não lembro agora que horário que fechava, acho que era às oito horas da noite.

Márcia – Você pode ir mudando?

Beatriz – Você pode mudar, você pode mudar.

Márcia – E você mudou muito?

Beatriz – Lógico! A primeira vez que eu coloquei, eu muito feliz por ter entrado, mas a nota de corte não me possibilitava.

Márcia – Que instituições eram?

Beatriz – Anhembi Morumbi. Anhembi Morumbi, lógico.

Márcia – E qual era o curso primeiro?

Beatriz – Eu pensei em teatro, então eu coloquei teatro.

Márcia – Então a sua primeira opção, no primeiro momento foi Anhembi Morumbi, teatro.

Beatriz – Teatro. A segunda opção foi a Paulista de Artes, educação artística. E a terceira, quarta e quinta opção eu coloquei pedagogia.

Márcia – Em que faculdade?

Beatriz – Firp, que foi a última.

Márcia – Em Ribeirão Pires?

Beatriz – É, aqui em Ribeirão, que foi a última, a última opção. Coloquei a Uninove, Uninove, pois a minha nota também estava encaixando e coloquei, como é o nome daquela faculdade? Ai, esqueci, não era muito conhecida assim não, dessas bam-bam-bam, mas era uma que não tinha o que falar.

Márcia – Isso foi a primeira seleção?

Beatriz – Primeira de tudo, primeira.

Márcia – Durante um tempo você foi mudando?

Beatriz – O dia inteiro.

Márcia – Todo dia você mudava?

Beatriz – Toda dia, todo dia.

Márcia – Por que você mudava?

Beatriz – Porque é assim, aparecem para gente uns quadrinhos. Quando eu fiz as minhas escolhas, as notas estavam entre cinquenta e nove e sessenta, mas no outro dia eu olhava e já tinha subido para setenta, porque as pessoas que tinham notas maiores que eu, já tinham se inscrito para essas vagas.

Márcia – E depois?

Beatriz – Eu comecei a mudar, comecei a mudar, vasculhei no site do Prouni, anotei tudo no caderninho, anotei todas as faculdades que tinham, as notas que tinham por dia, e ali ia mudando, mudando, mudando, mudando. Teve uma hora que as minhas opções de educação artística e artes se esgotaram. Eu pensei: “tudo bem, sem problema.” Eu queria fazer pedagogia, então eu comecei a focar só em pedagogia.

Márcia – Quando você focou em pedagogia, você pensou em qual faculdade?

Beatriz – Eu pensei nas faculdades que eu conhecia. A Uniesp eu não conhecia e não era nem Uniesp, era Faculdade Renascença.

Márcia – Então quais foram as suas opções?

Beatriz – Eu fui primeiro nas faculdades que eu conhecia, como em São Bernardo a Metodista, que eu conhecia e que era perto de casa. E assim, eu levei também em consideração ser próximo da minha casa porque tinha faculdade que era lá longe, ai eu falei: “Como é que eu vou fazer? Saio onze horas da noite da faculdade ir pra casa como?” Priorizei isso e no último momento, no último, último, muito último, eu coloquei duas opções cem por cento.

Márcia – O que quer dizer esses 100%?

Beatriz – São 100% de bolsa. Porque você pode colocar opções cem por cento ou 50%.

Márcia – Conforme a renda?

Beatriz – Não, a renda é depois. É que a minha renda dava tanto para 100% quanto para 50%.

Márcia – Você lembra qual foi a sua última opção? Vamos tentar, é que a gente tem que lembrar a última opção.

Beatriz – Eu acho que eu coloquei como primeira opção a Firp.

Márcia – A Firp, aqui, pedagogia. Pedagogia Firp.

Beatriz – É. A segunda opção foi a Faculdade Renascença que era 100%. Ai depois eu coloquei três de 50%, duas na Uninove que foi em recursos humanos, no curso de recursos humanos, uma de recursos humanos e uma eu esqueci, sabe quando você vai colocando porque não tinha mais, teve uma hora num tinha mais opção. Tinha muita para administração e eu odeio, odeio administração.

Márcia – Administração estava fora das suas opções?

Beatriz – Não dá, não dá para eu colocar para uma coisa que não vai. Então eu coloquei recursos humanos porque eu sei que é uma coisa que o teatro ajuda. É próximo e coloquei gestão, acho que era gestão de recursos humanos, era na área. E a última era de 50%, de, eu num vou lembrar.

Márcia – Está bom. Essa foi a sua última configuração?

Beatriz – Essa foi a minha última configuração. E eu fiquei esperando.

Márcia – Ficou esperando o resultado?

Beatriz – Mas tem que ficar esperando. É um sofrimento. (ri).

Márcia – E tudo internet?

Beatriz – Tudo internet. A gente tem que ficar esperando a carta, porque tem primeira chamada, segunda chamada e terceira chamada. Eu fiquei esperando até quando chegou uma carta.

Márcia – Quem enviou?

Beatriz – O Ministério da Educação, dizendo “Parabéns, você foi selecionada no Programa do Prouni para a Faculdade tal, com bolsa integral cem por cento, você tem que comparecer na faculdade levando todos os documentos comprobatórios no prazo de tanto a tanto. Parabéns, cordialmente, não sei o que, não sei o que”. (ri).

Márcia – E o que você fez?

Beatriz – Ai eu falei: “ai meus Deus, onde é essa faculdade?” (risos).

Márcia – Onde é?

Beatriz – Onde é essa faculdade?! (risos). Eu peguei, porque eles mandam o endereço, o telefone, liguei para lá e eles indicaram o campus para eu levar os documentos e são muitos documentos, são muitos documentos, são muitos documentos.

Márcia – Precisa levar todos?

Beatriz – Levar tudo. Os meus documentos, os documentos de todos que moram comigo, carteira profissional como a minha irmã tinha sido mandada embora, eu precisei levar a rescisão, tudo, tudo, tudo, tudo. Por exemplo, eu lembro, na época, que eu peguei o holerite da minha mãe e constava um salário de mil duzentos e quarenta e poucos reais. Eu havia arredondado para mil duzentos e cinquenta e eu pensei assim: “Meu Deus! Será que vai ter problema?” Porque eu tinha uma amiga que não conseguiu fazer a matrícula na faculdade por falta de documento. Eu falei “pronto!” Eu tive que juntar os seis últimos holerites, os seis últimos extratos de conta minha, da minha mãe, da minha irmã, cartão de crédito, extrato de cartão de crédito, extrato de Marisa, de C&A, tudo, tudo, não podia faltar nada. Tudo, ajuntei tudo. Ajuntei tudo, peguei a minha carteira, porque eu estava sem registro.

Márcia – Você levou todos os documentos para a Faculdade?

Beatriz – Levei todos os documentos, mas apresentar todos os documentos não quer dizer que você conseguiu.

Márcia – Não?

Beatriz – Não. A funcionária da faculdade falou que os meus documentos ficariam lá para serem avaliados. Depois da avaliação eu teria de fazer uma prova, que é a prova da faculdade, fazer a prova, a redação, tudo direitinho, e aguardar até que fosse chamada. Depois de tudo fui chamada para fazer a matrícula.

Márcia – E o que aconteceu?

Beatriz – Eles falaram que a unidade de Educação era na Rua Conselheiro Crispiniano. Eu procurar porque eu não queria chegar atrasada no primeiro dia de aula (risos). Quando eu cheguei em frente do nosso prédio, tudo destruído²⁹, tudo acabado (risos), eu pensei: “gente, não vai começar a aula.” E não começou mesmo. Eu fui no primeiro dia de aula, cheguei lá não tinha aula. E foi isso assim, eu comecei assim, engraçado, eu tinha uma expectativa totalmente diferente.

Márcia – Qual expectativa você tinha?

Beatriz – Eu tinha uma expectativa que faculdade tivesse pessoas mais maduras.

Márcia – Em que sentido: maduras, de idade, de conhecimento?

Beatriz – Não, de conhecimento. De conhecimento.

Márcia – Fale um pouco disso.

Beatriz – Sabe, a primeira coisa que eu observei na minha classe, acho que por ser uma faculdade que não tem aula às sextas-feiras, ela agrega muito o pessoal da igreja Adventista,

²⁹ A Mantenedora havia recém comprado o prédio na Rua Conselheiro Crispiniano e estava fazendo as reformas.

setenta por cento dos alunos da minha classe são adventistas, eu já me senti um “ET”. Não que eu tenha nada contra a religião, mas a minha religião é totalmente destoante do que eles acreditam. (ri).

Márcia – Qual é a sua religião?

Beatriz – Eu sou cardecista. Então, é totalmente destoante.

Márcia – Mas você tem conflitos com o pessoal da sala?

Beatriz – Não. Não tenho porque eu sou super aberta e eu acho que a gente discutir futebol, religião, é para crescer, para aprender.

Márcia – Então qual foi o problema?

Beatriz – Culturalmente é muito, muito destoante. É que eu sou muito crítica, eu sou muito crítica.

Márcia – O que você estranhou?

Beatriz – Você não consegue desenvolver uma conversa com alguém, porque eles são todos pautados pela mídia, sabe?

Márcia – Como assim?

Beatriz – Senso comum, essa é a palavra certa. É muito senso comum, então assim, quando eu comecei a fazer o primeiro semestre de aula, eu estava com um pique, eu estava com uma vontade de dividir tudo. Porque eu sou assim, eu não tenho medo de perder território, eu gosto de dividir, eu acho que o objetivo, o meu objetivo quando eu fui fazer teatro é isso, é poder pegar o que me fez crescer como pessoa e dividir, socializar mesmo, entendeu? E aí eu cheguei com um pique muito grande, e eu encontrei nas meninas uma receptividade muito grande. Eu não sei se foi um erro meu, porque eu encontrei ali na Márcia, na Mirna, na Firmina, mesmo elas sendo adventistas, uma visão assim, mas, como é que eu posso dizer, mais política, política no sentido de eu sei que existe, mas eu critico. Eu sei criticar e criticar sem ser preconceituoso, criticar.

Márcia – E vocês ainda continuam juntas?

Beatriz – Ainda continuamos juntas. Nós agregamos algumas pessoas. Nós somos meio críticas e chatas mesmo. Muita gente queria entrar no grupo para levar nota, sabe, e eu sou chata, eu falo para as meninas: “olha, o dia que vocês não me quiserem no grupo porque eu sou assim, vocês podem tirar que eu faço o trabalho sozinha, sem problema.” Eu não gosto de ninguém encostando. Agora, pessoa que eu vejo que tem mais dificuldade, tem uma menina lá, eu percebo que ela é muito, ela é muito compromissada, sabe, mas ela tem dificuldade, ela tem dificuldade. Ela fez, ela fez EJA, ela fez EJA, sabe. Então, a gente vê que ela quer, mas ela tem dificuldade, essas pessoas eu agrego.

Márcia – E você acha que ela está melhorando?

Beatriz – Está. Eu falo para ela. Ela teve crescimento.

Márcia – Mas você estava me falando da decepção que você tem com o grupo no todo. Então como você explica essa decepção? Você diz que é falta de conhecimento, falta de interesse, o que você acha, qual é a sua decepção com o grupo?

Beatriz – As pessoas me falam muito sobre o que é a educação hoje em dia. Ah, quando você for dar aula você vai ver o que é.

Márcia – Que pessoas?

Beatriz – Minha mãe que dá aula. Outros amigos meus que já estão no Estado, estão na Prefeitura. Eles falam assim que é um ninho de cobras, falam com essas palavras.

Márcia – Com essas palavras.

Beatriz – “Cuidado que a educação é um ninho de cobras. Sabe, quando você chegar lá com essa sua idéia de socializar as pessoas vão querer lhe engolir porque é todo mundo individual”. E eu percebo isso na minha classe.

Márcia – O que? A individualidade?

Beatriz – A individualidade. Eu tenho faltado, tenho faltado porque assim, porque, às vezes, eu tenho pouco tempo, estou cansada de ir para faculdade, para chegar lá e as pessoas ficarem falando, falando, falando. O professor tentando falar e não conseguindo, às vezes eu vou fazer uns trabalhos muito longe, em Arujá, é muito longe e eu não consigo chegar. E eu penso que é melhor ir para a casa direto do que chegar às vinte horas na faculdade.

Márcia – Mas essa sua decepção é com o grupo, é com o curso ou é com a faculdade?

Beatriz – Eu acho que em primeiro lugar, eu acho que é com o grupo e está movimentando todas as outras coisas. Por exemplo, o fato da gente não ter uma sala de aula onde nós somos parceiros, reflete na postura do professor.

Márcia – Como assim, fale um pouco disso.

Beatriz – Eu não sei, não sei, parece que alguns professores não têm cronograma, fica uma coisa meio solta, muito solta. E eu sou uma pessoa muito regrada.

Márcia – O que você chama de solta? Uma aula solta?

Beatriz – Aula solta. Cronograma solto. Eu não gosto de falar isso, mas tem umas aulas, são as aulas que eu estava mais esperando, que eram as aulas que trabalham a escrita e as aulas de contextos culturais. E eu sinto, às vezes, que não tem uma sustentação, um sustento, é meio solto. E eu tenho vontade de levantar e sair da aula.

Márcia – Você sente a dificuldade do professor diante da classe? Você acha que essa dificuldade é do professor ou é dele em relação à turma? Como é que você vê essa dificuldade do professor?

Beatriz – No semestre passado, tinham problemas com o professor mesmo.

Márcia – Em relação à didática?

Beatriz – Do professor não ter didática, não ter preparação, em minha opinião. De não ter preparação mesmo para estar dando aula para um grupo de faculdade. Mas eu acho que, por outro lado, é porque trabalhar conteúdos de arte, dependendo da filosofia que a pessoa tem é uma filosofia muito construtivista, então assim, nós vamos compartilhar, vamos socializar, vamos fazer uma troca de conhecimento e nós vamos chegar a um resultado, a um objetivo. Mas eu acho, que a minha classe, não está preparada para essa troca de conhecimento e eu acho que, neste caso, o professor deveria ter um plano B.

Márcia – E não tem?

Beatriz – Não tem. Não tem.

Márcia – Isso lhe frustra?

Beatriz – Muito. Nossa! Muito, muito. Sabe, alguns professores, por exemplo, criaram um plano B, pode não ter sido um plano B eficaz, eficiente, pode não ter sido, mas alguns professores criaram um plano B e socializaram isso na sala de aula com a gente. Ele falou assim “olha, eu não conseguia dar aula para vocês, eu tive que parar tudo que eu estava fazendo, e propor outra atividade para ver se conseguia, pelo menos, chacoalhar alguns de vocês”. E falei, no meio de toda a classe: a gente vem para faculdade, a gente chega cansada, o pessoal fala o tempo inteiro.

Márcia – Mas fala o quê?

Beatriz – Paralelo, paralelo! Paralelo, sem respeito nenhum, sem respeito nenhum, sabe, sem respeito nenhum, nenhum, nenhum. E quando falamos alguma coisa é porque estamos nos achando. É isso que eu falo entendeu, é muito complicado e ficou muita rixa muito grande.

Márcia – Mas, você sente essa rixa?

Beatriz – Eu senti isso mais fortemente.

Márcia – Vamos fazer uma projeção, como é que você está imaginando a metade que falta do curso?

Beatriz – Ah, eu falei para as meninas de nos transferirmos para outra classe, para outra classe.

Márcia – Então, o seu problema me parece, pelo que você está falando é com o grupo.

Beatriz – Com o grupo, com o grupo, com o grupo.

Márcia – Não tanto com a instituição então? Não tanto com os professores?

Beatriz – Não, a instituição tem o problema administrativo, que a gente sabe.

Márcia – Mas, enquanto expectativa pessoal, enquanto pedagogia, você acha que o problema maior é o grupo de alunos.

Beatriz – Para mim é, para mim é.

Márcia – A faculdade proporciona possibilidades de superação do senso comum, como você disse no início?

Beatriz – O professor de filosofia deixou para o nosso grupo um seminário sobre Ana Haydt, e eu senti um desafio, sabe, o professor desafiava a gente, querendo saber nossa opinião perante o texto. Eu não deixo ninguém falar. (risos).

Márcia – Você não deixa, e daí você falou mesmo?

Beatriz – Nossa senhora! Não me desafia. Não me desafia que eu fico louca. E no final do debate, foi o único seminário, não desmerecendo os meus colegas, mas leitura para mim não é seminário, leitura para mim não é seminário, você pode até ter uma colinha para você se nor-tear, porque eu sou uma pessoa que eu viajo. (risos). E no final do debate, porque virou um debate o seminário, eu falei para o professor: “é, quem sabe agora o pessoal se localiza.” Mas eu sei que isso é um problema que o professor tem, eu sei disso, eu me vejo no lugar de vocês, eu tenho empatia o suficiente para me colocar no lugar de vocês e saber que tem uma estrutura atrás de mim que fala assim “você tem que segurar o aluno”, entendeu, e a vontade é fechar, falar “vem cá, vamos trabalhar, vamos desenvolver, vamos”.

Márcia – Você acha que o nível poderia ser outra na sua sala de aula?

Beatriz – Eu acho que isso é geral, das faculdades particulares. Eu acho que a USP é o que é hoje porque não segura aluno, entendeu, mas a faculdade particular, ela precisa do aluno porque ele paga a mensalidade. Então, ela vai segurar, e com isso, para mim, a qualidade cai, ela cai porque o professor não tem como. Eu vejo assim, o professor está dando aula na faculdade para uma turma de semestre.

Márcia – Você tem essa sensação?

Beatriz – Essa sensação.

Márcia – E aí, faltam três semestres e meio. Como é que você está se sentindo, você vai terminar.

Beatriz – Eu vou terminar, vou terminar. Apareceu uma proposta de emprego para mim agora.

Márcia – Por conta da faculdade?

Beatriz – Sim. Se eu não tivesse, eu não teria arrumado.

Márcia – Você não se arrepende, você acha que está no caminho certo?

Beatriz – Não, não, não me arrependo mesmo. Eu acho assim que eu estava com uma, uma visão bem romântica do que é uma faculdade. Agora eu sei o que é. É isso e eu vou ter que levar isso até o final e eu tenho certeza que a cada semestre vai só piorar esse tipo de situação.

Márcia – Mas em que a faculdade está lhe trazendo benefício? Pessoal, não em termos de você conseguir um emprego, mas pessoal.

Beatriz – Pessoal... Eu já era crítica (risos), porque eu sou insuportável (risos). Mas é isso mesmo, eu já era crítica.

Márcia – Mas, a faculdade está ajudando a desenvolver o espírito crítico?

Beatriz – Sim. Muito. Porque assim, quanto mais a gente conhece, engraçado assim que a educação é uma coisa que ela vai ligando, então, depois que eu fiz o seminário da Ana Haydt, menina! Ahhh! Ferveu. Eu estou fervendo até agora. Eu estou fervendo porque ela fala muito da política, política como um problema, para tudo, tudo que gera é político. E eu fico me consumindo, porque assim é aquela coisa de qual vai ser a minha função na sociedade. A formação de pessoas críticas e reflexivas como é que vai ser? De que forma? Porque ela fala que a gente não pode colocar a política na sala de aula, mas como que a gente pode formar uma criança para o mundo que já está. É aquela coisa toda.

Márcia – Mas você acha que a faculdade está lhe trazendo mais conscientização?

Beatriz – Está. Eu acho que assim, não sei se a palavra certa é ideologia, não sei se é, não, não é essa a palavra certa. A faculdade segue uma proposta pedagógica, que eu percebo que é mesmo de criar aquela coisa de incentivar, de fervilhar, de criar essa coisa que eu estou agora, que eu não sei o que é.

Márcia – Inconformismo, talvez?

Beatriz – É. Para por meio disso, tentar mudar tentar fazer com que as pessoas falem “espera aí”. E o trabalho que eu fiz, eu estou levando para o meu trabalho, porque eu faço trabalho com criança, entendeu, falo sobre sustentabilidade, sobre meio ambiente, então assim, tudo da faculdade eu estou conseguindo levar para o meu trabalho e isso está me fazendo crescer lá, porque as pessoas já tão olhando de uma forma diferente. Eu já mandei uns currículos e, no começo do ano fui chamada para fazer uma entrevista para Secretaria do Estado de São Paulo, Prefeitura do Estado de São Paulo para ser consultora temática. Então assim, eu tenho um programa que é um programa que fala de cultura, que atinge nove municípios de São Paulo, com problemas sociais como, Brasilândia, Capão Redondo, Campo Limpo, e a gente está fazendo um trabalho com o tema Villa Lobos esse ano. Vamos montar nove espetáculos com a interdisciplinaridade das artes. Me chamaram para uma entrevista, eu fui fazer a entrevista,

me pediram um esquema de projeto, não um projeto propriamente dito, mas um resumo de tudo o que a gente conversou. Ai eu mandei, mandei e agora eu estou esperando.

Márcia – Então fala uma coisa, só para eu entender essa questão. Na avaliação que você está fazendo do seu curso, você fez uma avaliação da sua turma e para você está clara a deficiência, mas que avaliação você faz do curso?

Beatriz – Tem dois lados? Tem que dividir entre pedagógico e administrativo. Para o administrativo, zero.

Márcia – E o pedagógico?

Beatriz – Acho que tem uma linha legal assim. Eu percebo que os professores têm uma unidade, porque é difícil você encontrar uma unidade.

Márcia – Mesmo que alguns professores não conseguindo um plano B, como você disse?

Beatriz – É, mas eu acho que é uma coisa que, então, faltaria um direcionamento de um coordenador pedagógico para identificar isso e tentar mudar, dar um foco para esse professor em particular, que eu acho que é do perfil.

Márcia – Perfil de quem?

Beatriz – Do professor.

Márcia – O perfil desse professor especial que você está falando?

Beatriz – É. Um perfil pessoal.

Márcia – Você está falando de um professor?

Beatriz – Um que já trabalha há muito tempo na mesma linha, muito tempo de casa, e assim, tem certa resistência na mudança.

Márcia – Então a sua crítica é a um professor e não à instituição.

Beatriz – Não, não. Os outros sentem uma dificuldade muito grande com a minha classe, mas sempre vem falar e procurar desenvolver. Cada um tem um jeito.

Márcia – O que a Uniesp lhe trouxe como formação extra, oportunidade de formação extra-aula? Colocou-lhe em contato com algumas coisas fora da sala de aula, alguma experiência cultural ou o que ela lhe proporcionou só está dentro da sala de aula?

Beatriz – Está dentro da sala de aula.

Márcia – Eu digo em termos de conhecimentos culturais, por exemplo, a Uniesp tem projetos de informação cultural?

Beatriz – Não que eu saiba.

Márcia – Não tem.

Beatriz – Não. E eu sinto muita falta disso, por exemplo, das horas complementares.

Márcia – Você não está fazendo as suas horas complementares?

Beatriz – Eu não estou. Assim, eu gosto de ir a um espetáculo, eu não deixo de assistir a um espetáculo, não deixo de ter acesso.

Márcia – E não vale para as horas complementares?

Beatriz – Então, vale, mas eu não estou sendo direcionada de uma forma que eu consiga ter. Tem que ter carimbo no ingresso. Só que tem peças que eu vou assistir que não têm ingresso. Quer dizer, eu vou assistir teatros alternativos eu não vou assistir teatro em “teatrão”.

Márcia – Então você está com dificuldade em tornar aceito as coisas que você está assistindo?

Beatriz – Não, eu não estou nem me preocupando com isso, por enquanto.

Márcia – Quer dizer que o acesso a cultura já veio com você?

Beatriz – Já.

Márcia – Não foi nada que a instituição tinha lhe oferecido?

Beatriz – Não.

Márcia – As colegas da sua sala estão preocupadas com a questão, aproveitando essas oportunidades de teatro, cinema ou não também?

Beatriz – Não, têm algumas meninas, têm uma menina em particular lá, que ela adora, assim. Tudo o que um professor fala pra ela assistir ela vai ver. E por causa do tempo, enfim, eu acho que cada um tem o seu tempo, tem a sua forma.

Márcia – E os outros?

Beatriz – As outras meninas não têm tempo nem pra respirar. (risos).

Márcia – Mas por que elas não têm tempo, trabalham?

Beatriz – Porque elas trabalham de segunda à sexta. Sexta-feira à noite elas não podem fazer nada, porque são da igreja Adventista, até sábado às seis horas da tarde. Quando chega à noite no sábado, elas vão fazer os trabalhos da faculdade e no domingo vão pra igreja. Não têm tempo. E é assim, cada um frequentando suas reuniões.

Márcia – Que reuniões?

Beatriz – As reuniões que eu fazia do cardecismo. Eu não consigo mais. Não porque são no meio de semana, mas eu faço os meus estudos, eu faço os meus estudos particularmente aqui, leio uns livros, tal e tal, entendeu?

Márcia – Você acha que a faculdade muda a rotina de vida?

Beatriz – Muda, muda, muda. Outro dia eu tive uma crise na faculdade, eu tive uma crise de começar a chorar no meio da aula.

Márcia – Por quê?

Beatriz – Uma crise, crise mesmo porque a professora Zaquie passou um trabalho para gente. Eu não gosto de fazer meia boca, não gosto. E ela passou um trabalho que era de memorização, você tinha que ter umas oito horas seguidas para poder desenvolver o trabalho. E eu não consegui desenvolver. Chegou no dia, eu não consegui desenvolver e eu não gosto de mentir, não gosto de mentir. E eu estava muito estressada, estava acontecendo umas coisas na sala, ajunta um monte de coisas, e eu cheguei na sala de aula e desabei, é bem a minha cara (ri), é bem a minha cara. A Zaquie entrou e perguntou “O que está acontecendo”? A Sueli, que é a “mãezona”, é a minha “mãezona” lá, falou: “ai professora, ela está assim porque ela não conseguiu fazer o trabalho”. Mas foi um momento de estresse, a professora me acalmou, mas é assim, um dia antes tinha sido o seminário da Ana Haydt, então eu estava muito, muito, muito, muito nervosa.

Márcia – Só mais uma coisa para gente encerrar. Como é que você avalia o Prouni? Qual a importância do Prouni na sua formação? Se não fosse o Prouni, que outro jeito você teria para estar estudando? Como é que você vê isso, a sua formação em relação ao Prouni?

Beatriz – É simples, se não fosse o Prouni eu não estaria fazendo faculdade agora.

Márcia – Você não estaria?

Beatriz – Não. Não assim, da forma que eu estou me dedicando como eu estou me dedicando. Porque uma coisa é você ter um compromisso com a família, você trabalhar a semana inteira para prover o seu sustento e ter que trabalhar sábado e domingo, então que horas que você vai encontrar para fazer pesquisas, para estudar? Não tem. Você leva como os meus amigos levaram, você leva a faculdade, mas leva médio. O Prouni dá essa possibilidade, entendeu, de eu ter, momento. Eu não tenho que me preocupar com o pagamento, a única coisa que eu tenho que me preocupar é a cada seis meses ir lá assinar a renovação de bolsa, só, assim eu ganho a minha matrícula, só isso.

Márcia – Tem uma cobrança de rendimento ou não?

Beatriz – Tenho que estar entre os melhores da sala, não posso ter muitas faltas, tenho que ter um envolvimento na sala, mas para mim isso é o de menos. Eu faria por mim mesma. (risos).

E assim, se não fosse, de verdade, se não fosse o Prouni eu não faria a faculdade.

Márcia – Qual é o seu projeto de vida, terminando o curso superior?

Beatriz – Eu vou terminar de fazer, daqui dois anos e meio e vou para uma pós-graduação em arte-educação. Arte-educação, direto. A minha opção foi fazer pedagogia e depois arte-educação. E vou ter um filho. E vou ter um filho, eu estou com trinta e um para trinta e dois, se demorar muito não dá. (risos).

Márcia – Agora me fala, você pretende trabalhar então com o terceiro setor?

Beatriz – É, eu acho que sim. Eu acho que com essa falta de emprego, o terceiro setor é um setor que está crescendo muito e está sendo reconhecido pelo Ministério do Trabalho e Emprego. O Ministério já está começando a abrir o olho para “se não for assim num vai, o Brasil cai”.

Márcia – Você sente isso?

Beatriz – Sinto. Já sentia quando eu estava dentro da associação e, sabe, a gente participava muito de coisas assim relacionadas à política, tinha que estar sempre no meio. E é um assunto que se discute muito. Ou a gente foca no terceiro setor como precursor da atividade de trabalho e renda para pessoas ou, daqui a pouco, a gente não vai ter mais possibilidades de empregos, porque as empresas não vão sustentar.

Márcia – O que não teremos?

Beatriz – Trabalho. Trabalho. As pessoas não vão conseguir, não vão conseguir sustentar os seus filhos porque ou a gente faz o emprego informal virar formal através do terceiro setor ou a presidência cai, tudo cai, tudo cai. A presidência já está mal das “pernas”, a gente sabe disso. Por isso que toda vez eles vem e fazem um selo novo para aposentadoria e aí vai dificultando mais para as pessoas idosas. O que eu só acho é que tem que ser mais estruturado, eu acho que ainda está precisando de uma estruturação maior no terceiro setor.

Márcia – Mais uma coisa, para nós terminarmos, dê seus dados assim, com quem você mora, quantos irmãos, a sua condição social assim de trabalho, se você tem filhos, etc.

Beatriz – Bom, eu moro com a minha mãe e com uma irmã e meia (risos), porque tem uma irmã minha que é comissária de bordo, então assim, ela tem as coisas dela aqui e tem as coisas dela em São Paulo. Então, aqui ela mantém as coisas dela aqui, porque ela fala para gente que ou ela volta para casa para renovar, se renovar espiritualmente ou ela morre em São Paulo por causa do estresse. Então ela deixa o quatinho dela. Mas ela vem falar as coisas com a minha mãe, resolve e vai embora. Tenho a minha irmã Juliana que é a mais nova, ela está trabalhando agora na farmácia. Conseguiu emprego na farmácia. Ela tem vinte e quatro anos, está trabalhando numa farmácia e ganha mais ou menos quatrocentos e cinquenta reais, eu não sei quanto que é, assim muito bem, ganha bem pouco, dá para ela pagar o xampu, o creme, as coisas dela. E aí ela comprou, coitadinha, o guarda-roupa que ela tanto queria, agora está pagando em dez vezes. (risos). E, e ela trabalha, não estuda, já briguei com ela, falei vai fazer, mas ela assim, ela pegou uma era do estudo público muito ruim, então assim, eu ainda tinha um pouco de base, eu na minha época, é verdade, eu tive um pouco de base no estudo público. Ela num teve nada, num teve nada. E aí agora eu estou ajudando-a, vai lendo essas coisas a

qui, vai lendo aqui (ri), para você melhorar seu vocabulário por. A minha mãe, ela é, trabalha no Estado, dá aula para turma de terceira série.

Márcia – Ela é efetiva no Estado?

Beatriz – Efetiva, efetiva. Quando eu entrei no Prouni, ela trabalhava só na Prefeitura, tanto que os documentos que eu tenho lá são da Prefeitura. E aí, logo que eu entrei na faculdade ela passou no Estado. Aí ela largou a Prefeitura e foi para o Estado, porque o salário é mais ou menos o mesmo, mas dá alguns benefícios diferentes que ela acaba tendo por ser servidora pública do Estado. Eu trabalho assim esporadicamente, sou atriz, e faço recreação. Então assim eu trabalho para algumas agências, as agências me contratam por dia de trabalho. Tem dia que eu vou atuar, tem dia que eu vou ficar lá na portaria falando para as pessoas entrarem, “seja bem vindo” (risos), tem dia que eu trabalho pela manhã que é a que eu mais trabalho, que é a que eu mais gosto, eu trabalho diretamente com as crianças, em Santo André, no Alto Shopping Global, que a gente faz um trabalho de direcionamento para educação do trânsito. Temos uma mini cidade e eu direciono as crianças e faço esse trajeto com elas, de como andar nas ruas, de como atravessar, de como se comportar no trânsito.

Márcia – Como free-lance?

Beatriz – É free-lance, eu ganho por dia e o pagamento varia entre trinta, quarenta até cinquenta reais por dia, quando o trabalho é bom.

Márcia – Você é casada?

Beatriz – Não. Solteiríssima.

Márcia – Ah é, é que o seu projeto de filho vem depois da faculdade.

Beatriz – Vem depois. Sou solteira, como diz um menininho lá, eu estou largada. (risos).

Márcia – Muito bem Beatriz, eu quero lhe agradecer pelo seu depoimento e por você ter colaborado com a minha pesquisa.

Rodrigo Lourenço Gonçalves

20/06/2009

Márcia – Então Rodrigo, qual seu nome completo, onde você estuda, qual curso está e em qual semestre?

Rodrigo – Bom, o meu nome é Rodrigo Lourenço Gonçalves, eu estudo no Centro Universitário UniSant’Anna, mais conhecido como UniSant’Anna, eu faço o curso de Tecnologia em Marketing, estou no quarto e último semestre.

Márcia – Você trabalha?

Rodrigo - Então, hoje eu sou auxiliar administrativo.

Márcia – Por conta do curso superior?

Rodrigo – Foi por conta do curso, por conta do curso.

Márcia – É estágio?

Rodrigo – Eu comecei como estagiário, mas fui efetivado. Tenho 23 anos, sou o filho mais velho de três, moro com os meus pais.

Márcia – Aqui em São Paulo?

Rodrigo – Aqui em São Paulo. São Paulo, capital. Zona Norte, na Vila Maria.

Márcia – Você é o mais velho de três?

Rodrigo – Mais velho de três.

Márcia – Que idade tem os seus irmãos?

Rodrigo – O meu irmão tem 19, não, o meu irmão fez 20 e minha irmã fez 15.

Márcia – Seus pais? Você mora com os seus pais?

Rodrigo – Eu moro com os meus pais. O meu pai tem 55, a minha mãe tem 45, não, a minha mãe tem 49. A minha mãe tem 49 e o meu pai tem 55. Sou formado em técnico de administração também.

Márcia – Onde você estudou o ensino médio?

Rodrigo – Foi sempre em escola pública.

Márcia – Sempre em escola pública. Lá na Vila Maria?

Rodrigo – Lá na Vila Maria. Da primeira a 8º série foi no Tamandaré³⁰, ali na Alberto Byngton. E do 1º colegial ao 3º eu estudei no Imperatriz³¹.

Márcia – E como é que foi a sua trajetória na escola pública?

³⁰ EMEF Almirante Tamandaré Vila Maria

³¹ EE Imperatriz Leopoldina, situada no Jardim Japão

Rodrigo – Olha, eu tive dificuldades quando eu estava na 3ª série do ensino fundamental.

Márcia – Por quê?

Rodrigo – Porque eu não tinha aula. Eu não sei como está hoje o ensino, mas quando eu fiz era muito ruim.

Márcia – Você lembra em que ano você fez a 3ª?

Rodrigo – Foi em 1995. Em 1995, eu estava na 3ª série.

Márcia – Quais foram as dificuldades?

Rodrigo – Falta de professor porque naquela época, era um professor para lecionar todas as matérias. Foi horrível. Aí eu cheguei à quarta série e assim, a gente, o pessoal misturava, eles misturavam os alunos, pegavam um pouquinho de cada classe e montavam uma para poder aumentar o círculo de amizade, dentre outras coisas. E eu senti muita dificuldade porque a maioria dos alunos da minha classe, no ano anterior, no caso na terceira série, eles estavam muito mais avançados.

Márcia – E você lembra-se disso tão bem?

Rodrigo – Eu me lembro disso muito bem.

Márcia – Deixou uma marca em você.

Rodrigo – Eu lembro que eu queria parar de estudar, eu tinha muita dificuldade em matemática, a professora precisou conversar muito comigo, conversou com a minha mãe, virava e mexia eu chorava na sala, queria embora.

Márcia – Você lembra-se disso, da sensação que você teve?

Rodrigo – Lembro, tudo perfeito. Daí, consegui e na quarta série foi a minha reviravolta, da quinta série até o segundo colegial foi tranquilo.

Márcia – Você era estudioso, gostava de estudar?

Rodrigo – Gostava de estudar. Quando eu entrei no segundo colegial, eu entrei também para o Senai³².

Márcia – Você fez as duas coisas?

Rodrigo – Eu fiz as duas coisas.

Márcia – Em que área você fez Senai?

Rodrigo – Eu fiz eletro, eletricitista de manutenção. Eu fiz elétrica, eu entrei no Senai em 2002, em janeiro de 2002. Eu fiquei 2002 e 2003, era um curso de dois anos, em 2003 surgiu a oportunidade de eu trabalhar internamente no Senai. Eu não ganhava nada, não era remunerado, o que eu ganhava era conhecimento, era a prática.

³² Senai – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Márcia – Aceitou?

Rodrigo – Aceitei. Aí eu tive que mudar o meu horário da escola porque no meu primeiro ano de Senai eu estudava de manhã e fazia Senai à tarde, à noite eu ficava em casa, estudava alguma coisa. No último ano de Senai eu fazia o estágio de manhã, fazia o curso a tarde e fazia o terceiro colegial a noite. E aí mudou tudo porque eu fiz o básico, não me esforcei, eu fiz o básico, a sala era boa, os professores eram bons.

Márcia – Mesmo sendo à noite?

Rodrigo – Mesmo sendo à noite, não tenho o que reclamar.

Márcia – Fez a noite no Imperatriz.

Rodrigo – Foi no Imperatriz no ano de 2003.

Márcia – Então você tem a sensação que você fez um bom ensino médio apesar de que você não pode se dedicar completamente.

Rodrigo – Não pude me dedicar, chegava cansado a noite, fiz o que eu achei necessário, mas eu não tenho do que reclamar. As matérias fundamentais como português e matemática os professores eram excelentes, a estrutura da escola também. Apesar de ser a noite, não tinha baderna, não tinha bagunça. Se rolava droga, bebida, não chegava ao meu conhecimento, nunca. Eu tive sorte. Quando eu terminei o ensino médio eu prestei o Enem a primeira vez.

Márcia – Como foi?

Rodrigo - Fiz a prova, não fui tão bem, mas também não fui tão mal.

Márcia – Você lembra a nota?

Rodrigo – No meu primeiro ano de Enem eu tirei uma média somando as questões alternativas mais a redação, acho que foi 5.3 pontos.

Márcia – Você tentou o Prouni, nesse ano?

Rodrigo – Não tentei, eu não lembro se já tinha o Prouni.

Márcia – Não tinha.

Rodrigo – Eu não lembro se tinha.

Márcia – Não, não tinha. O Prouni começa em 2005.

Rodrigo – Aí eu parei e comecei a trabalhar. Só trabalhei. Em 2004, que era meu ano de exército, consegui um emprego e só trabalhei, até o final do primeiro semestre de dois mil e seis. No primeiro semestre de 2006, eu fiz uma inscrição numa escola técnica do Estado, na Etec³³, no curso de técnico em administração, fiz a prova, passei e fiz o curso durante um ano e fiz o Enem naquele ano também, em 2006.

³³ Etec: Escola Técnica Estadual de São Paulo

Márcia – Em 2006, você prestou o Enem também?

Rodrigo – Isso.

Márcia – Já tinha o Prouni.

Rodrigo – Já tinha o Prouni que foi dessa prova que eu vim com média 6.3 pontos, e eu passei na inscrição do final do ano, porque o Prouni tem duas inscrições, passou a inscrição do final do ano e eu não corri atrás, eu não vi a bolsa, eu esqueci, quando eu fui ver já era tarde. Esperei, até o final de 2006, e eu fiz o técnico, no começo de 2007 eu continuei com o técnico, quando foi em maio de 2007, eu fiz a inscrição no Prouni.

Márcia – Maio de 2007?

Rodrigo – Isso. Maio ou junho, não vou me recordar da data certa, mas foi entre esses dois meses.

Márcia – Você precisou fazer o Enem outra vez?

Rodrigo – Não.

Márcia – Valia a última nota?

Rodrigo – Valia a nota. Não sei como será esse ano, mas no ano que eu fiz, fazendo o Enem podia-se tanto se inscrever no final do ano para começar no começo, quanto na metade do ano seguinte, e foi assim que eu entrei na faculdade.

Márcia – Você lembra qual foi a primeira configuração de escolhas que você fez?

Rodrigo – Lembro. Foi para o curso de administração geral na Uninove, na Vila Maria. A segunda opção foi administração geral, na Uniban da Vila Guilherme. A terceira opção foi, se não me falha a memória, administração geral na Uniban de Santana. A quarta opção foi a tecnologia e marketing da UniSant’Anna, que é onde eu estou hoje. A quinta opção foi tecnologia e marketing, também na Uninove da Vila Maria.

Márcia – Isso é da primeira configuração?

Rodrigo – Primeira e única.

Márcia – Primeira e única.

Rodrigo – Eu fiz escolhas em instituições mais próximas da minha casa. Eu preferi fazer essas escolhas. Eu não fui pelo nome porque a minha média comparada com a dos outros na nota de corte, eu ia perder a oportunidade, era gastar “pixe³⁴”. Então eu fiz escolhas por as universidades serem mais próximas da minha casa.

Márcia – Mas e o curso? Porque você fez dois técnicos diferentes. Você fez elétrica e administração?

³⁴ Segundo o entrevistado essa gíria significa perder oportunidade.

Rodrigo – Eu estou fazendo tecnológico agora em marketing porque é uma área que eu gosto, eu vou ser sincero, eu fiz a escolha porque estava na relação.

Márcia – Você nem pensava em fazer isso?

Rodrigo – Eu nem pensava em fazer.

Márcia – A sua vontade seria administração?

Rodrigo – A minha vontade é administração geral, é de tudo um pouco. Pegar o conceito para poder administrar. Mas daí, eu entrei na tecnologia e marketing, e agora com o passar do curso eu aprendi a gostar, tem coisas que a gente gosta mais, tem coisas que a gente gosta menos, é normal. Mas é um curso bom.

Márcia – Como é que você ficou sabendo que você passou na UniSant'Anna?

Rodrigo - Como que eu fiquei sabendo? Quando você faz a inscrição você tem a data lá que eles falam que vai sair o resultado. Eu fui, eu lembro como se fosse hoje, eu estava na sala de uma aula no curso técnico, eu não tinha adquirido o meu computador ainda, saí da aula e eu parei numa lan-house e vi que tinha saído, as outras opções que eu tinha escolhido, elas estavam em vermelho. Ele tem como se fosse um farolzinho assim em cima e a única opção que estava verde tinha sido essa da UniSant'Anna.

Márcia – O que você pensou na hora?

Rodrigo – Ai, eu pulei de alegria.

Márcia – Gostou do resultado?

Rodrigo – Gostei, gostei. Fazer faculdade!

Márcia – Mesmo tendo sido a quarta opção?

Rodrigo – Mesmo sendo a quarta opção. De todas que estavam ali, qualquer uma que saísse para mim já me agradaria bastante. No outro dia, eu estava trabalhando e não estava gostando do estágio porque eu fui enganado na entrevista, me falaram uma coisa, uma função, e era outra e eu aproveitei, já saí do estágio, eu saí acho que eram duas ou três horas da tarde, saí do estágio e já passei na faculdade para pegar a relação de documentos.

Márcia – Você entrou com bolsa 100%?

Rodrigo – Com bolsa 100%.

Márcia – E qual foi o pedido da faculdade, você teve que apresentar documentos?

Rodrigo - Tive que apresentar uma série de documentações: comprovante de renda, comprovante de endereço, meu e de todos os componentes da casa. Tive que apresentar o imposto de renda do meu pai, o comprovante de renda e de endereço dos demais além dos documentos escolares. Certificados de conclusão do primeiro grau e do segundo grau.

Márcia – Apresentou tudo?

Rodrigo – Apresentei tudo.

Márcia – Precisou fazer alguma prova?

Rodrigo – Precisei fazer a prova na faculdade também. Eu tive que aguardar, eu fui apresentei a documentação, passou por uma auditoria, eles me deram uma data, eu retornei, me falaram que eu tinha que fazer um vestibular e eu fui, fiz o vestibular, sincera e honestamente eu não sei qual é a minha nota do vestibular.

Márcia – Não informaram para você?

Rodrigo – Não passaram, e eu também não corri atrás. Eu só liguei no dia que, no caso, eles me deram, liguei numa sexta-feira à noite, perguntei se eu tinha sido aprovado, eles falaram que tinha e aí foi que começou a faculdade.

Márcia – Como é que você vê, hoje, esse curso que você? Você acha que ele vai contribuir para a sua vida profissional?

Rodrigo – Ele vai, aliás, já está. A faculdade, em si, o físico dela não é dos melhores, mas é um lugar bom.

Márcia – Quais as observações que você pode fazer sobre a instituição?

Rodrigo – O físico dela não é das melhores.

Márcia – O que você chama de físico?

Rodrigo – A estrutura, o prédio.

Márcia – Em geral a UniSant'Anna não tem bons prédios?

Rodrigo – O prédio não é dos melhores.

Márcia – Por quê?

Rodrigo – Não sei se a construção já é antiga. Eu estou no bloco I. No quinto andar do bloco I. Não é dos melhores, mas também não é dos piores.

Márcia – Mas o que lhe incomoda na parte física?

Rodrigo - Com relação a isso eu não vejo como culpa da faculdade, mas, que nem, banheiros, bebedouros, escadas, que nem na escada rolante que tem horas que funciona, horas que não, não sei se eles param para economizar energia, eu já até pensei, se eu tiver oportunidade, eu vou desenvolver alguma coisa para fazer a escada rolante funcionar, sem energia, nem que seja para descer. Só com o peso em cima, a gente só bota o pé com o peso ela desce. (risos).

Márcia – Ela vai sem energia.

Rodrigo – Ela vai. Porque se for para economizar energia pelo menos isso daí já ajuda, fica só pra subir mesmo que é o mais difícil.

Márcia – E, enquanto biblioteca, laboratórios?

Rodrigo – A biblioteca é uma biblioteca boa, eu pouco frequentei a biblioteca.

Márcia – Por quê?

Rodrigo – Tudo que eu precisei eu busquei na internet. Consegui buscar em site, por sinal eu vi com um pessoal amigo que já tinha, eu pouco procurei, mas é uma biblioteca estruturada, tem um lugar onde você entra, você senta, você digita o nome do livro que você quer, ele já mostra na prateleira que ele está, o corredor que ela está, tudo certinho.

Márcia – Laboratório?

Rodrigo – Laboratório, laboratório é bom.

Márcia – Você precisou de laboratório no seu curso?

Rodrigo – Não.

Márcia – Não teve.

Rodrigo – Não teve. A gente teve aquele laboratório de informática no primeiro semestre. Não eram lá essas coisas, eu não sei como que está hoje, mas quando eu fiz, eu particularmente, eu não considerava adequado.

Márcia – Por quê?

Rodrigo – Faltavam máquinas, as máquinas meio devagar, eram dois às vezes até três alunos por micro, e, querendo ou não, isso dificulta um pouquinho.

Márcia – Atendimento administrativo?

Rodrigo – O atendimento, olha, eu, do tempo que eu precisei do administrativo, foi mais no começo para fazer matrícula, essas coisas, eu até que fui bem atendido, fui bem atendido.

Márcia – Os professores?

Rodrigo – Os professores, um ou outro que às vezes não vai com a cara, não gosta da matéria ou não tem uma boa didática, mas, no mais, os professores eram bons.

Márcia – Culturalmente o que a universidade lhe proporcionou? Não em termos só de formação do conteúdo do seu curso, mas culturalmente? Possibilidade de você ter tido acesso à teatros, exposições.

Rodrigo – A faculdade exige atividades complementares, uma carga total de 120 horas. Eu fui à teatros, fui ao Museu da Língua Portuguesa, cinema, fui a exposições.

Márcia – Qual o interesse nessas atividades?

Rodrigo – Vamos dizer que foi cinquenta por cento. Cinquenta por cento, no sentido pessoal, mas os outros cinquenta por cento naquele sentido de obrigação, você ter que ter o comprovante, fazer uma resenha da atividade e entregar.

Márcia – E me fala uma coisa, se não fosse a bolsa do Prouni, o que você acha que estaria fazendo?

Márcia – Só trabalhando. Financeiramente falando, eu não teria condições de fazer uma faculdade. Independente de ser uma faculdade de quatro anos onde o valor é maior ou essa tecnológica que o valor é menor, eu não teria condições.

Márcia – Então, de alguma maneira o Prouni ajudou a sua entrada no curso superior?

Rodrigo – 100%.

Márcia – Você tem de cem por 100%?

Rodrigo – 100%.

Márcia – Qual a importância de um curso superior?

Rodrigo – Ele me ofereceu a oportunidade de evoluir como pessoa, fazendo uma faculdade e com isso a gente evolui em outras áreas da vida: família, emprego.

Márcia – Você sente isso?

Rodrigo – Muito. Nossa!

Márcia – Em dois anos você mudou?

Rodrigo – Em dois anos, eu tenho ciência de como eu entrei na faculdade e como eu estou saindo.

Márcia – Profissionalmente?

Rodrigo – Profissionalmente me ajudou muito, hoje eu penso de uma maneira diferente, consigo enxergar coisas que eu não enxergava lá atrás, não imaginava que seria tão importante.

Márcia – Por exemplo?

Rodrigo – Brincadeiras no serviço, cianice, palhaçada, risada, descontração, e não é isso. Trabalho é trabalho, você tem o seu momento de descontração, de conversar, de fazer piadas.

Márcia – Você fez estágio?

Rodrigo – Eu comecei onde eu estou, como estagiário.

Márcia – Ah, é verdade.

Rodrigo – Eu comecei como estagiário.

Márcia – Qual a empresa você trabalha?

Rodrigo – Autofax.

Márcia – Qual o segmento dessa empresa?

Rodrigo – Nós fornecemos soluções tecnológicas para as empresas.

Márcia – Qual que é a sua função?

Rodrigo – O meu trabalho é auxiliar administrativo, assistente de CRM.

Márcia – O que é CRM?

Rodrigo – Costumer Relationship Management, ou seja, relacionamento com o cliente. E, eu trabalho lá, dou suporte para o pessoal que trabalha na rua.

Márcia – Você entrou como estagiário?

Rodrigo – Eu entrei como estagiário.

Márcia – Nessa mesma função?

Rodrigo – Nessa mesma função.

Márcia – Quando tempo você ficou?

Rodrigo – Eu fiquei de estágio um ano. Eu fiquei um ano como estagiário, vou para o meu segundo ano de emprego agora.

Márcia – E quando você foi admitido?

Rodrigo – Eu fui efetivado em junho de 2000.

Márcia – E o que você acredita que ter sido básico para a sua efetivação? A empresa poderia só ter você como estagiário.

Rodrigo – Poderia renovar meu contrato de estágio. Eu creio que foi o conhecimento tanto na área profissional, o conhecimento que a gente adquire trabalhando, a gente começa a enxergar, e o amadurecimento como pessoa.

Márcia – E hoje você desenvolve o quê?

Rodrigo – O meu trabalho, eu trabalho com pessoas.

Márcia – Portanto, está exercendo a mesma função?

Rodrigo – A mesma função, com tarefa a mais que os demais porque os demais são mais novos que eu na empresa, então eu faço algumas coisas além deles. Hierarquicamente eu também sou um grau acima deles.

Márcia – Você está em qual grau?

Rodrigo – Eu sou assistente de CRM pleno e o pessoal que começou é júnior, tem júnior, pleno e sênior. Eu ainda sou pleno.

Márcia – Tem perspectiva lá na empresa para o teu futuro ou não?

Rodrigo – Tem a perspectiva de assumir a supervisão do departamento, estou trabalhando para isso. Se vai acontecer ou não, eu não sei, mas (risos). Mas a minha perspectiva é fazer a supervisão do departamento, a empresa está crescendo, vai adquirir sede própria.

Márcia – Está pensando em crescer junto com a empresa?

Rodrigo – Eu estou pensando em crescer junto com a empresa, a não ser que a empresa não queira que eu cresça com ela. (risos).

Márcia – Como é que você avalia o Prouni. Você mudaria alguma coisa, mudaria o quê?

Rodrigo – Olha, o Prouni, eu, particularmente, eu não tenho o que mudar, eu acho o processo seletivo deles muito bom e, no caso, honesto, sincero, a única coisa que eu talvez mudasse seria, isso eu não sei nem sei é por parte do programa ou por parte das universidades, aumentaria a quantidade de bolsas em universidades mais conceituadas: Mackenzie, PUC, Metodista.

Márcia – Fala um pouco disso.

Rodrigo – Na minha visão, porque hoje, infelizmente, o nome conta muito, não tem como, independente da experiência profissional eu não consigo enxergar, por exemplo, se eu chegar hoje e se eu for demitido, amanhã eu vou cair no mercado, correr atrás de um emprego com o meu currículo tendo a UniSant'Anna e na mesma formação alguém do Mackenzie ou da PUC.

Márcia – Você sente que vai ter diferença?

Rodrigo – Tem diferença, tem sim. Pode ser que eu esteja vendo pelo em ovo, mas eu vejo essa diferença.

Márcia – Então você tem a sensação de que há poucas vagas nas instituições com conceitos mais elevados?

Rodrigo – Com conceito mais elevado. O nome, não sei, não é nem o nome.

Márcia – Você tem idéia da média que você precisaria ter no Enem para entrar, por exemplo, no Mackenzie?

Rodrigo – No Mackenzie, dependendo do que você escolhe, daria uma média de sete e meio a oito. O primeiro curso é mais ou menos isso.

Márcia – Uma média alta e com poucas vagas. Você constatou que tinha um número menor de vagas.

Rodrigo – Tinha. Era uma vaga para administração, era o curso que eu tava focado, era uma vaga para administração, duas para psicologia, e assim sucessivamente e, a UniSant'Anna não. A UniSant'Anna já tinha quinze vagas para tecnologia e marketing, administração geral, administração geral, que é um valor mais elevado, já eram cinco vagas, é mais ou menos isso.

Márcia – Muito interessante. A única coisa que eu acho que faltou é dizer se você é casado.

Rodrigo – Sou solteiro. Namoro, mas sou solteiro.

Márcia – Você faz parte de algum movimento estudantil, religioso?

Rodrigo – Não. Eu só frequento a igreja.

Márcia – Ah, você frequenta a igreja?

Rodrigo – Frequento a igreja católica.

Márcia – Você é atuante na igreja?

Márcia – Você teve alguma dificuldade para se manter no curso, financeiramente? Você recebeu algum tipo de apoio?

Rodrigo – Olha, financeiramente, assim, livros eu não comprei nenhum, não comprei livros durante o curso todo.

Márcia – E se tivesse que comprar?

Rodrigo – Eu não teria condição.

Márcia – Não teria condições.

Rodrigo – Não teria condições.

Márcia – Condução?

Rodrigo – Condução a gente, nós estudantes nós temos a facilidade de pagar meia. Então, a instituição, ela tem parceria com o SPTrans, que é da prefeitura, então a gente paga meia condução. Não só com o SPTrans, mas também com o governo, paga meia no ônibus e meia no metrô. Mas, de vez em quando assim, a gente olha na carteira e não tem dois reais para comer um lanche.

Márcia – Você já teve essa situação?

Rodrigo – Já. De vez em quando só. Graças a Deus nunca passei fome aqui na faculdade. Mas de vez em quando o estômago aperta e aí a gente olha na carteira, está meio complicado, a gente segura, chega em casa e janta.

Márcia – Mas vale à pena?

Rodrigo – Mas, vale à pena. E faculdade é... , eu nunca me esqueço, uma professora minha no curso técnico, quando comentei com ela, eu falei: ah professora, eu ganhei uma bolsa, eu vou ter que parar o curso aqui para poder ganhar a bolsa, porque até eu perguntei lá, se eu podia trancar e entrar no próximo semestre para poder terminar o curso por completo e falaram que não. Ela disse: “Não perca essa chance. Vai porque a faculdade você vai ver, é outro mundo. Você vai amadurecer como homem, como profissional”, e isso não saiu da minha cabeça e hoje eu vejo que é verdade. Hoje eu vejo esse amadurecimento tanto pessoal quanto profissional.

Márcia – Você não se arrepende de nada?

Rodrigo – Não. Não me arrependo de nada.

Márcia - Muito obrigada. Seu depoimento foi riquíssimo.

Emília Mara Lima Silva

20/06/2009

Márcia – Qual o seu nome completo, quantos anos você tem, onde você estuda, que curso está fazendo, em qual semestre está?

Emília – O meu é Emília Mara Lima Silva, tenho 22 anos, estudo na UniSant’Anna , estou fazendo o curso de Marketing, último semestre.

Márcia – Onde você mora?

Emília – Eu moro na Rua Jaguaribe.

Márcia – Mora sozinha?

Emília – Eu moro com mais duas amigas.

Márcia – Duas amigas que estudam também?

Emília – Estudam. Estudam e trabalham.

Márcia – Na UniSant’Anna?

Emília – Não. Uma estuda no Mackenzie e a outra faz USP.

Márcia – E você, é de onde?

Emília – São João da Boa Vista.

Márcia – Onde que é São João da Boa Vista, Minas?

Emília – Não, fica em São Paulo, interior de São Paulo, fica umas três horas daqui. É para lá de Campinas. Mas é pertinho.

Márcia – Você está sozinha aqui, e a sua família toda mora lá?

Emília – A minha mãe mora em São João da Boa Vista e o meu irmão mora em Botucatu.

Márcia – E aqui, você não tem família?

Emília – Não. Só tenho mais duas amigas que moram em outro lugar. De São João também. As meninas que moram aqui são de São João.

Márcia – E elas fazem outras faculdades?

Emília – Sim.

Márcia – Elas também têm bolsa do Prouni?

Emília – Não, não.

Márcia – Conta um pouquinho, Emília, como foi a sua trajetória escolar. Onde você fez o seu Ensino Básico, o seu Ensino Médio, como é que foi?

Emília – É, o Básico eu fiz sempre em escola pública.

Márcia – Sempre foi?

Emília – É sempre foi. O Básico foi numa escola boa, assim, de lá. Agora já o Ensino Médio não foi tão bom assim, porque eu comecei a trabalhar, eu tive que trabalhar cedo.

Márcia – Com quantos anos?

Emília – Com dezesseis anos. Quinze anos eu já trabalhava, mas eu estudava de manhã.

Márcia – E porque você trabalhava?

Emília – Ah, porque eu precisava ajudar. É. Enfim, eu nem ajudava em casa, mas a minha mãe queria que a gente trabalhasse, então comecei cedo. Eu nunca ajudei em casa assim, mas era mesmo para ter o meu dinheiro. Aí, com dezesseis anos comecei a trabalhar registrada e tive que mudar para noite e o ensino à noite era muito fraco, muito, muito fraco.

Márcia – O que é fraco para você?

Emília – Por exemplo, os professores não davam aula, iam lá para ficar de bobeira, tinha um que sempre faltava, o de química nunca ia dar aula e era uma bagunça, ninguém estava a fim de estudar. A escola pública a noite é a pior coisa que tem.

Márcia – De um modo geral, as escolas da sua cidade são assim?

Emília – Tem uma lá que dizem que é um pouco melhor, mas a noite, esquece.

Márcia – Não tem jeito?

Emília – É.

Márcia – Você tem mais irmãos?

Emília – Tenho dois irmãos. Aí eu estudei, eu fiz dois anos de cursinho também.

Márcia – Ah, você fez dois anos de cursinho?

Emília – Depois que eu acabei o ensino médio, eu fiz dois anos e meio de cursinho.

Márcia – Lá mesmo?

Emília – É, lá em São João. Só que eu fiz em escola particular.

Márcia – O cursinho foi particular.

Emília – É. No primeiro ano eu tinha meia bolsa e do segundo para o terceiro eu tinha bolsa inteira.

Márcia – Por que você quis fazer cursinho?

Emília – Porque, porque era muito fraco. Eu nunca ia conseguir, e eu queria fazer jornalismo no começo.

Márcia – Por que jornalismo?

Emília – Sempre quis, num sei, sempre quis.

Márcia – Fez algum trabalho de reportagem na escola?

Emília – Não, não. Sempre quis, desde sempre, nem sei. Mas eu não passava, eu não passava, não passava em Federal.

Márcia – Você tentou então antes?

Emília – Tentei, em Federal. Prestei tudo quanto é Faculdade Federal que tem possível. Eu fui até para o Paraná fazer prova.

Márcia – Foi até o Paraná e não conseguiu?

Emília – Fui para tudo quanto é canto.

Márcia – como você avalia a sua formação inicial?

Emília – Foi muito fraca. Quando eu entrei no cursinho, eu ralei para caramba, no primeiro ano. Nossa! Senhora!!!

Márcia – Estudou muito?

Emília – Estudava demais, demais, demais. Eu não sabia nada. Nossa, é como se eu tivesse fazendo o Ensino Médio de novo, em um ano.

Márcia – Essa era a sua sensação?

Emília – Nossa, eu não sabia nada. Ainda mais da parte de física, química, matemática, nada.

Márcia – E resolveu, melhorou?

Emília – Melhorou, melhorou muito. Nossa senhora!!! No fim do ano eu já estava bem, já sabia fazer tudo. Ai quando eu entrei no terceiro ano, que eu fiz só meio, eu já comecei a entrar em depressão de fazer cursinho. Não passava no vestibular, fazia cursinho, fazia cursinho, fazia vestibular e nada.

Márcia – Mas porque fazer só para a Federal?

Emília – Ah, porque eu não tinha condição de pagar uma privada, porque geralmente é muito caro.

Márcia – Você sabe mais ou menos qual o valor da mensalidade?

Emília – Oitocentos reais em uma faculdade mais ou menos. Lá em São João, por exemplo, é esse preço.

Márcia – Tem faculdade em São João?

Emília – Tem, tem duas faculdades lá. Tem duas faculdades e um Cetec³⁵. Ai também eu tentava o Prouni em jornalismo, eu nunca conseguia, eu nunca conseguia. E a minha nota não era alta, eu não lembro exatamente quanto era, não era alta, mas também não era baixa, era uma média assim.

Márcia – A sua nota de vestibular você diz?

Emília – Do Enem.

Márcia – Ah, então, me fala, quantas vezes você fez o Enem.

³⁵ Centro Tecnológico

Emília – Enem, “vixe”, eu acho que foi uma no colegial e mais quatro vezes.

Márcia – Você lembra as notas que você obteve?

Emília – Era tudo a mesma média. Eu não lembro assim, mas era 50, 52, era uma coisa assim.

Márcia – Todas elas?

Emília – Todas elas. O que eu ia melhorzinha era na redação, aí eu ia melhor.

Márcia – O seu último Enem, você obteve essa média também entre 50 e 52?

Emília – Foi essa média, eu não lembro quanto foi não. É foi por aí.

Márcia – E o Prouni, como é que ele surge na sua vida?

Emília – Ah, não dava para pagar a faculdade, eu não passava na Federal, aí eu comecei tentar o Prouni, eu tinha que fazer o Enem, sempre, só que jornalismo, eu sempre tentava.

Márcia – Você lembra a primeira vez que você tentou Prouni, em que ano?

Emília – Deixa-me ver, eu acabei em 2004, me deixa pensar, eu estou com 22 anos, foi em

Márcia – Em 2004 ainda não tinha Prouni, o primeiro Prouni foi em 2005.

Emília – Ah é. Então foi só o ENEM em 2004.

Márcia – Foi só o ENEM.

Emília – É, então deve ser, então foi só o ENEM em 2004. E comecei a tentar o Prouni, eu lembro que eu não tentei, eu não tentei o Prouni quando eu fiz colegial mesmo, isso eu sei, eu tenho certeza, aí no colegial que eu comecei a tentar. Mas eu acho que não foi no primeiro, não, no colegial não, no cursinho. Nos três anos de cursinho que eu fiz eu tentei.

Márcia – Você tentou o Prouni?

Emília – O Prouni.

Márcia – E me conta. Quais eram suas opções de curso quando se inscrevia para o Prouni?

Emília – Só jornalismo.

Márcia – Só jornalismo.

Emília – Só jornalismo não, me desculpa, jornalismo e rádio-tv.

Márcia – E que opções de faculdade você colocava?

Emília – Tudo quanto é faculdade que eu via eu colocava.

Márcia – Mas aqui em São Paulo?

Emília – Em São Paulo, no interior.

Márcia – Você lembra qual faculdade lhe interessava?

Emília – Ah! a PUC/Campinas.

Márcia – PUC/Campinas, você colocava como primeira opção?

Emília – Sim. A PUC/Campinas e a Metodista de Piracicaba também me interessavam bastante, porque era mais perto de lá e eu conhecia assim um pouco.

Márcia – E como últimas opções, você colocava qual?

Emília – Aí assim, eu tentava São João, é não, São João, não tentava era ali na Unifeob³⁶, aí aqui São Paulo tinha uma que é de artes, eu não me lembro como o que é, eu não sei o que de artes eu tentei na PUC de São Paulo.

Márcia – Sempre jornalismo?

Emília – Sempre jornalismo.

Márcia – E aí o que acontecia?

Emília – Não passava por causa dessa nota eu não era selecionada. Na última vez que eu fiz em foi em 2007.

Márcia – Em 2007, você prestou Enem outra vez?

Emília – Não, eu prestei Enem em 2006 que eu fiz a prova, é eu fiz a prova em 2006, aí tem uma chamada no final e no meio do ano. Eu peguei no meio do ano de 2007.

Márcia – 2007.

Emília – Aí eu já não tentei jornalismo, eu comecei a ver, e comecei a pesquisar as notas que batiam, aí eu vi Marketing que batia, e comecei a me interessar por Marketing também eu coloquei mais umas opções lá.

Márcia – Tenta lembrar quais as opções que você colocou, na ordem.

Emília – Eu lembro que eu coloquei administração, marketing estava em primeiro porque era mais fácil, administração eu colocava mais para baixo, administração eu colocava como uma das últimas que era difícil, cheguei a colocar jornalismo também, mas ficou assim, eu acho que eram cinco opções no meio do ano, acho que três foram marketing e uma jornalismo e administração.

Márcia – E a UniSant’Anna estava em qual opção?

Emília – A UniSant’Anna, coloquei a UniSant’Anna, acho que foi primeiro a UniSant’Anna, aí eu coloquei uma de artes aqui em São Paulo que eu não lembro o nome, agora eu não lembro a faculdade.

Márcia – Mas a UniSant’Anna estava em uma das primeiras opções?

Emília – Estava.

Márcia – Como você ficou sabendo que passou?

Emília – Foi a seleção do meio do ano, eu passei, minha mãe não acreditou. (risos)

Márcia – Como foi a questão de você vir para São Paulo?

Emília – Eu morava com a minha mãe e com os meu irmãos, meus irmãos casados.

³⁶ Centro Universitário da **Fundação de Ensino Octávio Bastos**.

Márcia – Seus pais são separados?

Emília – Meu pai já faleceu.

Márcia – Qual a reação de sua família quando souberam que você foi aprovado no vestibular em São Paulo?

Emília – Então, a minha mãe me apoiou, porque ela sabe que eu sempre quis sair de São João, eu não queria fazer faculdade em São João, eu queria fazer faculdade fora, uma amiga, melhor amiga daqui de São João morava aqui em São Paulo. Eu liguei para ela e pedi para ficar uns tempos na casa dela, “não vem morar comigo”, e eu fiquei morando com ela até que ela se mudou para Butantã.

Márcia – Onde é que ela morava?

Emília – Na Vila Leopoldina, só que ela estudava na USP e foi morar lá perto da USP que é no Butantã, é muito longe pra mim!

Márcia – E o que aconteceu?

Emília – Eu vim morar, aí eu fiquei perdida, não tinha onde eu ficar.

Márcia – Quer dizer que com a sua família não teve problema nenhum?

Emília – Não.

Márcia – Financeiramente, como é que você fazia?

Emília – Como eu fui morar com ela, eu não pagava aluguel, porque o apartamento era da avó dela, e eu não pagava aluguel e não trabalhava, no primeiro semestre eu não trabalhei, mas em janeiro a avó dela colocou o apartamento a venda, porque era um apartamento muito grande para nós duas, sabe, não valia a pena, colocou a venda e vendeu. Eu precisaria ir para o aluguel, minha mãe falou que eu teria que voltar, pois não daria conta de me bancar: “você volta e vai para outra faculdade aqui em São João”. Falei não, não vou voltar, não vou voltar, nisso era final de semana e eu fui para São João, quando voltei, nesta semana eu conversei com um amigo meu da minha faculdade, ele falou para eu ir fazer um teste em uma loja de eletrônica, mas não deu certo porque eu nunca trabalhei com esse negócio de eletrônica, não entendia nada, aí voltando, eu estava passando em frente ao Shopping Bourbon que tinham acabado de abrir. Na primeira loja que eu entrei, a moça falou “você não quer ficar para fazer um teste?”, já fiquei na primeira loja que eu entrei comecei a trabalhar.

Márcia Loja do quê?

Emília – É loja de roupas, eu fiquei lá seis meses, e por isso que eu fiquei aqui em São Paulo.

Márcia – E o problema da moradia, como você resolveu?

Emília – Aí não tinha lugar para ficar, o meu namorado conhecia uma menina lá em São João que tinha morado na casa de uma senhora aqui, que aluga quartos para estudante, e eu fui morar lá com ela.

Márcia – Onde?

Emília – Na Pompéia

Márcia – Perto do Shopping Bourbon.

Emília – É pertinho, eu ia até trabalhar a pé, era muito perto, aí eu fiquei acho que lá três meses, só que eu não estava gostando, porque não tinha muita privacidade, assim sabe, era só ela e eu, mas ela ficava muito perto de mim (risos). Então o meu namorado conhecia outra menina que morava aqui na São João, aqui em São Paulo, aí eu fui eu vim morar num apartamento aqui na Dona Veridiana, na rua de baixo.

Márcia – Pertinho.

Emília – É. Quando eu vim, eu entrei na casa e tinha uma menina que eu conhecia, que é a que eu moro junto hoje, que é lá de São João também.

Márcia – Coincidência.

Emília – É. Eu fiquei lá, fiquei lá, agosto, setembro, janeiro, fevereiro, fiquei lá seis meses nesse apartamento, mas as meninas brigavam muito entre si, muito, muito, muito, era uma maior loucura.

Márcia – E você?

Emília – A gente se dava bem, elas brigavam, eu não brigava não, elas brigavam muito entre si, a que é amiga do meu namorado começou a falar, falava, isso eu não sabia, falava para elas: “se vocês quiserem mudar, pode mudar daqui, eu e a Emília temos lugar para ficar”. Sabe como as meninas a odiavam, elas vão mudar, chegaram um dia em janeiro, em fevereiro, falou assim oh, “daqui uma semana nós vamos mudar”, eu não tinha lugar para ficar outra vez.

Márcia – Quantos dias você teria para se ajeitar?

Emília – Uma semana, para arrumar outro lugar para morar. Uma delas já tinha arrumado mesmo, uma foi morar em Pinheiros saiu, aí ficou essa menina que foi morar com o namorado dela e eu e outra menina de São João também, ela me ajudou a procurar, a gente correu atrás no fim de semana, não achamos lugar nenhum, aí ela veio morar aqui, só que veio ela, a irmã dela, e o pai dela, o pai dela mora aqui também, é de São João, e ele trabalha aqui em São Paulo. E ela falou “Emília vamos lá ficar com a gente”, você fica por um tempo, e ela me trouxe para cá e veja, a minha cama está desmontada, está tudo socado ali, faz uns três meses que eu estou aqui.

Márcia – Então, quem mora aqui?

Emília – O pai, minha amiga e eu.

Márcia – E você está aqui há quanto tempo?

Emília – Coisa de seis meses que a gente mudou, quando eles mudaram, eu mudei junto com eles, mas eu estou aqui provisório, estou esperando acabar a faculdade para poder procurar outro lugar.

Márcia – E agora me conta sobre o curso, que no final de toda essa história, você acabou entrando em Marketing na UniSant’Anna. Como foi começar um curso diferente do que você tinha pensado?

Emília – No começo eu não gostava muito não, eu achei que não era isso que eu queria, mas foi bem no começo, mas eu comecei a gostar, comecei a me interar, no domingo trabalhava, estudava bastante e peguei muito gosto.

Márcia – Você está trabalhando na área?

Emília – Não, não trabalho na área.

Márcia – Pensa em trabalhar, como você pensa o futuro quando terminar o curso?

Emília – Eu quero fazer uma pós.

Márcia – Como é que você vai fazer essa pós?

Emília – Então (risos) eu não sei, eu vou ver se eu faço, então primeiro eu preciso arrumar um emprego melhor para poder pagar a minha Pós, eu estou correndo atrás também, quero fazer minha pós no Mackenzie.

Márcia – Em que área você quer fazer pós?

Emília – Administração. E eu não sei se eu tento outra faculdade também.

Márcia – Qual?

Emília – De jornalismo.

Márcia – Jornalismo está no seu coração ainda? Você não desistiu.

Emília – Então...

Márcia – Como você avalia o curso na instituição que você está?

Emília – Ah, eu achei que foi muito válido.

Márcia – Como é o curso, os professores, a parte administrativa, como é a instituição de um modo geral?

Emília – Eu acho que eles são organizados lá sim, tinha um ou outro professor que não levava a sério, mas de maneira geral a sala, todo mundo levava a sério o curso. Eu achei que deu para aproveitar muito assim, aprender muita coisa.

Márcia – Como é a biblioteca?

Emília – Ah, a biblioteca é muito fraca, meio fraca, mas eu também não frequentava a biblioteca.

Márcia – Você não frequentava. Como é que você fez para estudar, ou preparar seus trabalhos?

Emília – O pouco que precisou, ou tirava xerox ou comprava.

Márcia – O que é pouco, por que pouco?

Emília – Porque não precisava de muito livro assim, era um ou outro. Esse ano é que pediram mais livros, e eu queria ter os livros, eu gosto de ler e eu comprei todos os livros.

Márcia – Como é que você fez essa compra? Foram caros os livros?

Emília – Não foi porque tem um amigo de uma amiga que trabalha numa livraria, e conseguia um contato assim para gente.

Márcia – Só nesse semestre?

Emília – Só nesse semestre.

Márcia – Você acha que o curso superior acrescentou algo para você, que mudanças você teve nessa trajetória de dois anos e meio, em termos de formação pessoal?

Emília – Ah, eu acho que eu tenho muita noção do que eu não tinha antes.

Márcia – Em que sentido?

Emília – Noção do que se passa numa empresa, como que são feitas as coisas. No nosso trabalho, eu sei montar, fazer esse trabalho para montar uma empresa, montar uma loja, no caso. Crescimento pessoal assim, maturidade assim no auge assim porque, Nossa Senhora!!! Eu era muito colada com a minha mãe, eu aprendi a fazer tudo aqui em São Paulo sozinha. Aprendi a andar sozinha aqui em São Paulo, correr atrás.

Márcia – Se não fosse o Prouni, você acredita que estaria estudando?

Emília – Eu acho que eu estaria fazendo jornalismo lá em São João.

Márcia – Pago?

Emília – Pago.

Márcia – Como é que você iria pagar?

Emília – A minha mãe no começo me incentivava a estudar fora, agora ela quer que eu volte para São João, ela não quer que eu fique aqui. Todo dia ela me liga. Nesse meio tempo que eu saí lá do apartamento, que eu precisei trabalhar, ela queria que eu voltasse. Ela conversou com uma pessoa lá, com quem ela trabalha, que é bem influente assim, e ele ia conseguir um desconto na faculdade lá para mim.

Márcia – E com esse desconto você daria conta de pagar?

Emília – A minha mãe ia pagar porque para eu poder voltar ela estava fazendo de tudo, ela estava topando qualquer parada. (ri). E ela ia pagar, mas eu não queria, mesmo que era jornalismo que eu sempre quis, eu não queria parar o que eu comecei. O meu namorado que falava “você sonhou tanto com isso, de sair de São João, para no primeiro imprevisto, você voltar? Agora que você conseguiu uma bolsa, você não vai conseguir outra com tanta facilidade. Não vai”.

Márcia – Seu namorado é daqui mesmo?

Emília – Não, ele é de lá.

Márcia – Ah, ele é de lá, ele mora lá?

Emília – Mora lá.

Márcia – Quando vocês se encontram?

Emília – No final de semana.

Márcia – Ele vem para cá?

Emília – No final de semana passado ele veio, eu não pude ir. Eu acho que ele vem sábado agora.

Márcia – Só para eu entender. Quer dizer que o fato de você conseguir a bolsa de estudo pelo Prouni além de possibilitar fazer uma faculdade aqui em São Paulo, trouxe também independência pessoal?

Emília – Nossa!!! Mudou a minha vida completamente. Muito assim, de sair da minha casa, lá de São João para vir para cá, foi uma reviravolta na minha vida. Eu era de brigar com a minha irmã, se pegar no soco assim. A minha irmã é mais velha que eu e a gente brigava, brigava muito com a minha mãe. Agora mudou, eu sou uma pessoa mais controlada, sou mais responsável, sabe, eu entendo mais as coisas, eu dou mais valor as coisas, coisas eu não dava. Muita coisa, tipo coisa de casa assim eu dou muito valor.

Márcia – Você ajuda nas tarefas diárias?

Emília – Aqui tem a faxineira. Porque todo mundo trabalha.

Márcia – Você tem o hábito de frequentar espaços culturais? A faculdade a incentivou a essa prática?

Emília – Por meio das atividades complementares. Em São João, eu gostava de ir ao teatro, mas era bem fraco.

Márcia – Que teatro?

Emília – Tiquinha. O teatro é lindo, mas as apresentações não eram tão boas, agora que está melhor, mas eu não fico lá também. Só que aqui em São Paulo, por eu ficar sozinha, eu não saio, eu não saio.

Márcia – Você não sai?

Emília – Eu conheço aqui em São Paulo o Museu da Língua Portuguesa.

Márcia – Só?

Emília – Só. Assim, eu sempre quis ir ao MASP, eu quero muito ir lá.

Márcia – Na sua área, não há lugares importantes para você visitar? Na área de Marketing?

Emília – Para ser sincera, eu não conheço.

Márcia – Você não conhece? Então não fez diferença, a faculdade nesse sentido não acrescentou? Como você deu conta de entregar as atividades complementares?

Emília – Ah, eu fazia inglês, eu faço inglês, e contou inglês, contou o curso libras que eu fazia, o museu que eu fui, palestras na faculdade etc.

Márcia – Então acabou dando conta? Que perspectivas o curso que você está fazendo lhe proporciona?

Emília – Tem muita gente que tem essa mentalidade: “eu quero só um diploma”. Eu não, eu não estou fazendo faculdade para isso, eu quero trabalhar na área, não estou fazendo faculdade só pra ter um diploma. Eu sei que eu não trabalho exatamente no Marketing, mas, pelo menos na área administrativa, eu quero.

Márcia – Você tem de manter uma nota para continuar no Programa Prouni?

Emília – Não, eles falavam que tinha, mas, o Rodrigo, por exemplo, ele fez prova substitutiva no semestre passado, não deu nada.

Márcia – Não aconteceu nada?

Emília – Não. Tem um menino que é do Prouni, lá da faculdade também, que ele pegou DP. Ele só vai pagar a DP a parte, ele não perdeu a bolsa.

Márcia – Você não ficou de DP, não ficou nada?

Emília – Não.

Márcia – Você está terminando o curso agora, esse semestre?

Emília – É.

Márcia – Vai voltar para a sua cidade?

Emília – Por enquanto não, esse ano eu ainda vou ficar aqui. Vou procurar um emprego melhor, eu quero me aperfeiçoar no inglês.

Márcia – Você quer fazer um curso de inglês?

Emília – Eu já faço?

Márcia – Onde você faz?

Emília – Eu fazia no Senac, agora eu fiz um semestre no CNA, vou voltar a fazer no Senac.

Márcia – Muito obrigada. Você tem alguma coisa a mais que gostaria de falar em relação ao Prouni?

Emília – Eu incentivo todo mundo a fazer Enem. Incentivo todo mundo. Eu explico como é que é, explico passo a passo como é que é porque eu achei que foi muito válido para mim o Prouni.

Márcia – Então você acaba sendo uma divulgadora do Prouni?

Emília – Oh, para todo mundo eu falo.

Márcia – Para quem?

Emília – Para os meus primos quem estão em idade, eu falo para o pessoal lá em São João que está fazendo faculdade, que está parado, eu falo que vale a pena fazer em qualquer idade.

Márcia – E você acha que as pessoas não sabem sobre o Enem?

Emília – Sabem pouco viu, porque a minha prima, a minha prima conseguiu um bolsa no Prouni. Acho que ela está em Santos, acho que é, nem lembro mais, mas eu peguei, eu expliquei para ela passo a passo como fazia, ela foi certinho, conseguiu uma nota e conseguiu entrar. O meu primo também foi nesse caminho, ele vai fazer a prova agora, o Enem agora e vai tentar também.

Márcia – Então você está sendo uma divulgadora do Prouni. Emília, muito, muito obrigada.

Emília – Eu gostaria de perguntar. Você entende o programa Prouni assim, bem a fundo, certinho. Tem bolsa para fazer pós?

Márcia – Não tem bolsa para fazer pós.

Emília – Nada, nem ajuda, nada?

Márcia – Não, nem ajuda. O Prouni é exclusivamente para graduação e para quem nunca fez nenhuma faculdade.

Emília – E dá pra fazer outra vez?

Márcia – Não, é para quem nunca fez nenhuma faculdade. Ele é exclusivo para quem tem uma renda determinada e para as pessoas que fizeram o ensino médio em escolas públicas.

Emília – Obrigada.

Tatiana de Oliveira Cruz Barbosa

14/08/2009

Tatiana – Meu nome Tatiana de Oliveira Cruz Barbosa, estudo na faculdade Presbiteriana Mackenzie no curso de Direito, estou no 3º semestre.

Márcia – Fala de sua trajetória escolar.

Tatiana – Eu estudei a vida inteira no mesmo colégio, no Padre Anchieta³⁷, aqui na Celso Garcia, na Rua Visconde de Abaeté. Estudei a vida inteira lá. Só não me formei neste colégio, porque no meio do terceiro ano, achei que ia trabalhar e mudei de escola. Tive um ensino muito tranquilo mesmo. Meus pais sempre me incentivaram a estudar. Meu pai era uma pessoa que só tinha a 4º série primária, mas gostava muito de livros. Ele tinha muitos livros em casa, um exagero de coleções que a gente acabou doando quando ele faleceu, mas ele tinha muitos livros.

Márcia – Em quantos irmãos vocês são?

Tatiana – Tenho duas irmãs, a Michele e a Cristiane. A Michele tem vinte e cinco anos. Foi a primeira a se formar. Ela é psicóloga e se formou na São Marcos³⁸.

Márcia – Pelo Prouni?

Tatiana – Não, se formou beneficiada pelo Programa de Financiamento Estudantil (Fies) e a Cristiane, que estuda na Uniesp, está se formando no próximo semestre em Administração. Eu tive uma infância muito tranquila. Meus pais sempre me incentivaram muito a estudar, muito mesmo, desde o “prézinho”. Aprendi a ler muito cedo, já com cinco anos eu já estava lendo. Então eu fiz um ensino básico muito bom.

Márcia – Como era sua escola?

Tatiana – A escola era muito boa, o Padre Anchieta. Até uns dois anos depois que eu saí de lá, eu saí em 95, me formei em 95, ainda era muito forte. Tive um amigo que saiu do Padre Anchieta, fez meio ano de cursinho no Anglo, e entrou em primeiro lugar em Economia na USP. Era uma pessoa dedicada, mas o ensino era muito forte, tanto que minha base para o Enem foi o que eu aprendi na escola. Comparada com o que temos hoje no ensino médio, eu fui extremamente privilegiada.

Márcia – Como eram os professores?

³⁷ EE Padre Anchieta, localizada na Rua Visconde de Abaeté, no bairro do Brás.

³⁸ Universidade São Marcos

Tatiana – A escola era muito tranqüila, muito bem organizada, tinha ótimos professores. Professores que me conheciam desde pequena, então acompanharam toda minha trajetória e conheciam meus pais.

Márcia – Como era a estrutura da escola?

Tatiana – Era muito boa.

Márcia – Como eram os alunos?

Tatiana – Na minha época, por incrível que pareça, quem frequentava, eram filhos dos comerciantes da região do Brás. Então, digamos, que de pobre, classe média baixa éramos poucos. Eu estava incluída neles, mas meus pais, para ser sincera, nunca me deixaram perceber que eu era tão pobre. Eu vim perceber depois que meu pai faleceu.

Márcia – Como assim?

Tatiana – Porque a minha mãe e meu pai nos criaram de uma maneira incrível, não é Cris³⁹? A gente nunca percebeu que era tão pobre. A gente morava ali no Brás, na Rua Müller, numa vila fechada, numa casa alugada. Era um quarto e cozinha grandes, a gente vivia super bem, comíamos muito bem, nos vestíamos muito bem. Eu lembro que meu pai, todo fim de mês, trazia um pacote de roupa para a gente, sabe.

Márcia – O que seu pai fazia?

Tatiana – Meu pai era vendedor de roupa, minha mãe também, no Brás. Meu pai trabalhava na Rua General Carneiro e minha mãe no Brás. Então assim, a gente cresceu com muito luxo, perto do que a gente enxerga hoje como pobreza, muito luxo. Eu nunca soube o que era pedir um tênis e não ter, e mesmo quando eu era adolescente quando surgiu Nike, esses tênis mais caros. Então a gente cresceu numa vila fechada com uma educação muito rígida. A gente dormia às sete da noite, sabe (risos). Íamos para a escola, chegávamos, tomávamos banho e dormíamos, mas assim, brinquedos à vontade, mesa fartíssima, graças a Deus.

Márcia – Nada lhes faltou na infância?

Tatiana – Nada. Eu cresci achando que eu não era tão pobre, na verdade, eu era sim, porque faixa etária, quer dizer, a faixa social era de pobreza sim, num nível de classe média baixa. Os pais trabalhavam, mas não tinham um emprego estruturado, digamos assim, eram empregados terceirizados que ganhavam um salário, se esforçavam muito para nos dar tudo. Morávamos de aluguel “entendeu”, a primeira linha telefônica que minha mãe comprou foi com muito esforço. O primeiro carrinho que ela comprou foi com muito esforço, era um fusquinha, sabe. Era tudo pouquinho, mas parecia muito perto do mundo em que eu vivia. Então, na escola, eu

³⁹ Cris é o apelido da irmã de Tatiana que estava presente no momento da entrevista.

nunca, nunca, nunca me senti diferenciada dos meus amigos que eram filhos de dono de lojas, porque vestíamos a mesma roupa, íamos às mesmas festas, íamos à praia, íamos ao clube. A gente era sócia do Corinthians desde pequeninha, então, final de semana inteiro era clube.

Márcia – O que vocês faziam nas horas de lazer?

Tatiana – Basicamente clube, a Cristiane jogava no clube. Ela jogava federada, jogou dois anos vôlei, então a gente vivia no clube, nosso lazer era o clube, saíamos da vilinha nos finais de semana ou nas férias, e passávamos o dia no Corinthians, praticando esporte na piscina. A gente teve uma criação muito tranquila, tanto na escola quanto em casa, violência, droga e pobreza eram coisas muito distante para mim. Eu sabia que existia, meus pais me criaram com muita consciência de que existia pobreza, que existia muita gente que passava fome, que tinha menos do que nós, que tínhamos que valorizar o que tínhamos, e essas coisas. Nossa, era muito longe de mim, e hoje como adulta, eu vejo que não era tão longe, que foi muito esforço dos meus pais em nos proteger dessa pobreza que nos rodeava a todo instante. A gente tinha vizinhos que passavam mais necessidade que a gente, mas, mas a gente não percebia, porque minha mãe nos ensinou a dividir absolutamente tudo. Então todos os brinquedos que nós tínhamos eram excelentes eram da Estrela, a gente dividia com a criançada. Então, a gente não percebia que as crianças não tinham, porque para a gente não fazia diferença elas terem ou não. Nós tínhamos, e era o suficiente. Todo mundo brincava assim, como comer, a gente ia lancha lanchava e todo mundo junto. Era uma vila fechada de portão trancado e tudo.

Márcia – Qual o bairro?

Tatiana – No Brás, na Rua Müller. Hoje ela virou um grande estacionamento, não é, primeiro um estacionamento, hoje é uma grande loja gigantesca. Era uma vila constituída basicamente de nordestinos da cidade do meu pai, Sergipe – Itabaianinha. Todo mundo se conhecia, era muito agradável o ambiente. A gente andava de bicicleta, a gente andava de patins, jogava vôlei, jogava bola. Eu tive uma infância maravilhosa. Então, tanto eu quanto minhas duas irmãs, crescemos muito saudáveis, nesse sentido. A gente sabia que existia violência, pobreza, mas como isso nunca se aproximou da gente, a gente não tinha medo de viver, não tinha medo de conhecer as pessoas, não fazíamos diferença entre as pessoas. Podia estar bem vestido ou mau vestido, a gente estava tratando de igual para igual, porque a pobreza não era tão feia para gente (risos). Realmente era uma redoma de vidro.

Márcia – E isso foi bom, você acha que isso foi positivo?

Tatiana – Foi e não foi. Na verdade, foi positivo porque eu cresci muito bem, muito saudável até a fase da adolescência. A crise foi bem menor, aquela coisa de brigar com os pais, de fugir de casa, era aquela coisinha muito pequeninha – minha mãe é uma chata, hoje ela não me

deixou ir para o clube, estou de castigo. Então, era muito tranquilo, até as brigas com os pais foram sempre muito tranquilas.

Márcia – E o lado negativo?

Tatiana – Porque quando meu pai faleceu, eu tinha dezoito anos de idade, e nunca tinha trabalhado. Eu inventei de trabalhar com dezessete anos numa lojinha, mas cansei trabalhei, cansei e falei - não quero mais pai, e ele disse - então sai e vai estudar na verdade. O que meus pais queriam é que a gente estudasse, isso sempre foi assim. Eles se esforçavam muito para isso, minha mãe incentivava muito, sabe, meu pai na maneira dele bem simplória, com a quarta série primária, nunca deixou de incentivar a gente. Então, quando meu pai faleceu, eu era uma menina de dezoito com cabeça de quinze ou dezesseis anos.

Márcia – Quantos anos você tem?

Tatiana – Hoje tenho trinta e um anos, e até eu colocar os pés no chão, e ajudar minha mãe que tinha ficado com três filhas e um salário mínimo, porque meu pai era um vendedor registrado, portanto, só tinha uma pensão de um salário mínimo. Minha mãe tinha que trabalhar e que eu ia ter que trabalhar para ajudar minha mãe e minhas duas irmãs, a Cris com dezesseis anos e a Michele com doze anos.

Márcia – E você tinha quantos anos?

Tatiana – Eu tinha dezoito anos, e demorou muito para eu enxergar.

Márcia – O que é muito?

Tatiana – Dois anos até eu engravidar da minha filha, da minha primeira filha que eu tive com vinte anos.

Márcia – Quais foram as dificuldades que você enfrentou?

Tatiana – De conflito, de conflito assim, eu sabia que eu precisava de ajuda, mas tudo o que eu tinha vivido antes, toda a vida que eu tinha, não conseguia largar. Então, eu fui sim trabalhar no shopping. Eu ganhava muito bem, mas eu gastava tudo. Eu estava na fase da balada, então “x” era para roupa de marca, “x” era balada, entendeu? Compra alguma coisinha para casa, não era para casa, era bolacha, Danone, mas não era uma ajuda para minha mãe realmente. Sabe, depois que meu pai faleceu, minha mãe batalhou muito para criar a gente, muito mesmo. E eu só fui perceber isso, quando eu engravidei, porque aí, a coisa se reverteu contra mim. Eu era a mãe. Eu tinha outra responsabilidade, com outra pessoa, aí eu fui enxergar o quanto eu fui irresponsável nesses dois anos, mas que eu também não tinha maturidade.

Márcia – Mas por que você fala irresponsável?

Tatiana – Por não ter ajudado a minha mãe, não ter crescido na hora, foi imaturidade realmente, porque eu fui criada numa redoma de vidro, e eu não percebi que a vida tinha mudado.

Minha mãe continua se esforçando para manter, só que não dava mais para manter, era muito difícil, mas ela continuou se esforçando, e eu não fui madura o suficiente para ajudá-la, para tirar um pouco do peso sobre ela.

Márcia – Mas você acha que estava preparada?

Tatiana – Não, e não fui preparada para isso. Eu fui preparada para sair do terceiro ano e entrar na faculdade, e a partir daí a gente nem tinha noção do que seria faculdade, sabe, se eu ia começar a trabalhar depois.

Márcia – Então, isso você chama de lado negativo?

Tatiana – Sim. Porque com tudo isso, eu não amadureci tanto o quanto eu deveria. Meus pais, com essa redoma, acabaram me podando um pouco, nesse sentido, eu não amadureci tanto quanto eu deveria. Não amadureci com a situação financeira que existia, classe média baixa. Eu tinha que ter tido mais consciência disso, e eu não tinha, mas não culpo meus pais, nem ninguém por isso, pelo contrário, eu agradeço muito hoje tudo que eu vejo. Agradeço muito, o que eles fizeram por mim, pelas minhas irmãs. É bem claro para mim.

Márcia – Então, com dezoito anos, você engravidou?

Tatiana – Não, não, com vinte anos! Tinha um namorado, eu já namorava há quatro anos com pai da minha filha. Eu não cheguei a casar com ele, mas nós namoramos muito tempo. Sete anos nós ficamos juntos, bastante tempo. Eu namorava há quatro anos, quando eu engravidei. Quando engravidei, a minha mãe falou - vê se não vai casar só porque engravidou, para e pensa, graças a Deus foi a melhor coisa, porque eu fiquei dentro da casa da minha mãe e continuei trabalhando. Tive a minha filha e quando ela tinha um aninho, a gente terminou o namoro e cada um seguiu a sua vida. Hoje eu sou casada. Eu casei quando minha filha tinha quatro anos. Sou casada, casei como eu sempre sonhei na igreja. O pai dela também casou. Eu tenho um bebê de dois anos e ele tem um bebê de um ano. Então, é assim, seguimos as nossas vidas tranquilamente. Um pai super atencioso com a minha filha. A família dele ama minha filha, me dou muito bem com todo o mundo. Então, foi tranquilo. A fase da gravidez que foi conturbada sabe. Eu tive que crescer da noite para o dia, mas valeu, valeu porque eu cresci realmente. É porque você tem que amadurecer, tem que crescer, porque ali você tem uma pessoa que dependia de mim, e minha mãe em momento algum me julgou, graças a Deus, ficou brava no começo é claro, normal, mas não me julgou, me apoiou e me fez pensar. Se eu tivesse casado, era só o trabalho de casar e descasar, não teria realizado o sonho que eu tive, que eu realizei de casar da maneira que eu quis, entendeu?

Márcia – E você continuou trabalhando? Terminou os estudos?

Tatiana – Terminei o ensino médio com dezessete anos, aí em 97, eu comecei trabalhar. Meu pai faleceu no final de 96, então em 97, comecei a trabalhar, depois que meu pai faleceu, eu só voltei a estudar em 2005 com vinte e sete anos.

Márcia – E por que só com vinte e cinco anos você resolveu voltar a estudar?

Tatiana – Então, vamos voltar um pouquinho, quando meu pai faleceu, nós morávamos e AE Carvalho⁴⁰, numa vilinha. Minha mãe tinha comprado uma casa lá, mas era um lugar muito longe. A gente cresceu no centro no Brás, não sabia morar longe, na verdade. Aí a gente decidiu voltar para o Brás.

Márcia – Quando vocês voltaram para o Brás?

Tatiana – Nós voltamos para o Brás em 97, assim que meu pai faleceu, meses depois, a gente voltou para o Brás. A gente morou só seis meses em AE Carvalho, até então, continuei trabalhando, já pensava na faculdade, porque sempre foi um sonho.

Márcia – Por quê?

Tatiana – Porque, porque eu cresci com isso, e a princípio, educação física. Porque eu cresci com o esporte quando era mais nova, ou biologia até que eu descobri que eu tinha muito medo de aranha, aí não consegui fazer biologia e ficou só educação física. A gente gostava muito de esportes. A Cris jogava no Corinthians, eu joguei em outras entidades, na igreja. Eu e a Cristiane crescemos na igreja metodista, meus pais não eram, mas desde pequenininha nós crescemos lá, confesso que faz muito tempo que não vou, mas crescemos lá. Então, nós jogávamos vôlei na metodista e na presbiteriana. A gente sempre estava fazendo esportes, então para mim, educação física era decisão, estava decidido, mas depois que tive a minha filha, amadureci um pouquinho mais e achei que eu não ia conseguir fazer educação física e decidi fazer pedagogia.

Márcia – Mas por que não ia conseguir?

Tatiana – Eu achei que eu não ia conseguir sobreviver com educação física.

Márcia – Você achou que educação física não lhe daria o sustento?

Tatiana – Economicamente, eu achei que não ia conseguir sobreviver, e também pela questão da idade, eu já estava com vinte e sete anos. Na educação física tem um teste prático para entrar, tem que fazer esse teste e, eu achei que não ia dar conta, e optei por pedagogia, porque quando a gente foi morar no Brás, em noventa e sete, a minha mãe que já fazia parte do movimento de moradia do centro, que é um movimento que já existe há uns vinte e oito anos, na

⁴⁰ AE Carvalho – Cidade Antonio Estevão de Carvalho, bairro do município de São Paulo, zona leste.

época, já existia há vinte anos, porque estou nele há oito ou nove anos, e minha mãe já fazia parte, mas muito moderadamente, ela ia às reuniões.

Márcia – Que movimento é esse?

Tatiana – É um movimento que luta por moradia no centro de São Paulo, que por ideologia luta por ocupar os prédios públicos, principalmente aqueles desocupados, para que ele virem moradia e modifique um pouco essa coisa de “dormitórios” que as vilas têm, para que o trabalhador que trabalha no centro também possa morar no centro, para ter um pouco mais de vida, para passar menos tempo no trânsito, para poder chegar mais cedo em casa e poder olhar o caderno dos seus filhos, brincar com os seus filhos antes de dormir, a princípio, a princípio, não é essa a idéia principal do movimento de moradia.

Márcia – Tem alguma bandeira partidária?

Tatiana – Não! Não, nós não estamos ligados a nenhum partido político. É um movimento social que luta realmente por um mundo melhor, que luta por moradia digna. O pessoal tem o costume de confundir: lutar por moradia como sendo como moradia de graça. Então, é lutar por moradia digna com preço que a população da classe média baixa possa pagar, que é a população de três a seis salários mínimos, então de um a seis ou de três a seis.

Márcia – Como sua mãe entrou nesse movimento?

Tatiana – Então, a minha mãe entrou nesse movimento para ser sincera, eu não sei, mas foi há muito tempo.

Márcia – Depois que seu pai faleceu?

Tatiana – Não, não, muito antes. Acho que ela ouvir falar quando eu era muito pequenininha, quando meu pai faleceu, minha mãe fazia parte há uns seis ou sete anos, só que era muito simploriamente. Eu acho que uma vizinha ficou sabendo que havia reuniões desse movimento, aí, eles se reuniam para discutir sobre essas moradias, com a promessa de lutar por projetos. Ela começou a ir para ver se conseguia uma casa própria.

Márcia – Que ações ela fez nesse tempo?

Tatiana – A princípio nenhuma, simplesmente era ouvinte. Ela ia e ouvia as reuniões que tinha como seu principal líder, o Luís Gonzaga da Silva que é o GG e Luiza que ainda hoje são coordenadores do movimento, e a princípio, esse movimento trabalhava com cortiços, então essas pessoas saíam e conversavam com as pessoas que moravam aqui na região central, na Santa Cecília, na Luz, conversavam com as pessoas, lutavam por água, saneamento básico dentro desses cortiços e dessas pensões, com o tempo, esse movimento foi crescendo. Essas pessoas foram se agregando ao movimento e o movimento começou a lutar por moradia propriamente dita, realmente em ocupar prédios, em chamar a atenção do governo para tanta gen

te que trabalhava no centro e necessitava de moradia aqui, e principalmente o tanto de prédios públicos desocupados.

Márcia – Ainda tem prédios desocupados nesta área?

Tatiana – Muito. Eu ouvi uma pesquisa essa semana da faculdade de arquitetura da USP, que só aqui na região central tem cerca de noventa e oito prédios públicos desocupados e totalmente sem utilidade. O que vai contra a Constituição, é inconstitucional porque se falta moradia e moradia é um direito garantido da constituição, e se o governo tem esse dever e se tem prédio público desocupado, tem o dever de transformar, o dever de procurar projetos.

Márcia – Vocês são atuantes no movimento?

Tatiana – Sim, o movimento está atuante, mas com a prefeitura do PSDB é bem difícil conversar, quando era o PT, foi quando conseguimos esse prédio e tantos outros prédios que a gente conseguiu, mas com o PSDB e eu vou citar aqui o partido, porque aqui cabe dizer que não temos nenhum vínculo partidário, mas é bem mais fácil negociar com os partidos de esquerda ou de quase esquerda, porque não sei se dá para falar que o PT é de esquerda, mas, de qualquer forma, como boa petista que sou, desiludida, mas boa petista, mas todos os partidos que passaram pelos governos são melhores que o PSDB para classe média e média baixa, até a classe média mesmo, que já deixou de existir, agora é média baixa e a média baixa virou miserável, infelizmente. É bem por aí e em novembro de noventa e seis o movimento fez a primeira ocupação, aqui na Rua do Carmo, no Casarão⁴¹ da Rua do Carmo, e foi ali, a primeira ocupação, e minha mãe foi convidada para participar dessa ocupação como militante do movimento, e nessa ocupação, ela acabou de revelando uma grande líder, e até hoje, minha mãe é uma das coordenadoras, em nível nacional. Ela é uma mulher muito lutadora, com muita coragem, e a Rua do Carmo foi a primeira ocupação, foi quando a minha mãe entrou de vez e encarou verdadeiramente a luta. Minha mãe é uma lutadora, teve uma vida muito difícil e até hoje é, está com cinquenta e sete anos, e cursa uma faculdade. É uma mulher incrível, aí ela encarou a luta e foi atuar no movimento de moradia do centro. Em noventa e sete, nós mudamos para o Brás, e minha mãe estava participando ativamente. Foi quando houve uma segunda ocupação, que foi na Rua do Ouvidor, aqui em baixo, perto da Secretaria de Segurança, aqui no centro. Nós ficamos oito anos lá, e em 98, quando eu engravidei, eu me cadastrei no movimento, porque eu estava grávida, e independente de casar ou não, eu tinha que ter um canto com a minha filha. Eu tinha que pensar num futuro a partir dali. Minha filha nasceu em janeiro de 99. Mais ou menos em março ou abril, nós fomos morar em uma ocupação da

⁴¹ Casarão – É um belíssimo casarão, situado na Rua do Carmo, 81 que fora abandonado por muitos anos.

Rua do Ouvidor, porque o aluguel ficou muito caro e nós fomos morar na ocupação. Foi quando eu comecei a participar ativamente do movimento. Eu já era cadastrada, então era apenas base militante, só para você entender um pouco: o prédio da Rua do Ouvidor era um prédio de doze andares, ocupado totalmente por moradores. Moravam cerca de mil e duzentas pessoas ali, cerca de cem a cento e vinte famílias, famílias essas oriundas do nordeste, moradores de rua, pessoas que sofreram despejo, pessoas de cortiços que já faziam parte do movimento, que com a ocupação passaram a morar na ocupação. Era muito bem organizada, havia uma portaria vinte e quatro horas, os próprios moradores faziam a portaria vinte e quatro horas, todos os moradores tinham carteirinha, só com apresentação que se podia entrar no prédio. Tinha horário de visita, eu que era moradora só podia levar minhas visitas das oito horas às dezoito horas da tarde, porque eram salas muito grandes e foram divididas com madeirite, para não incomodar o vizinho. A limpeza de cada andar era feita pelos moradores, havia escada, cada dia um morador limpava o banheiro e as escadas. Era proibido beber, morador que chegava bêbado dormia do lado de fora.

Márcia – Por quê?

Tatiana – Porque a bebida é fogo, a gente nunca conhece a pessoa que bebe, e aí morando tão próximo um do outro, podiam acontecer agressões, coisa desse tipo. A gente cobrava muito dos pais que colocassem as crianças na escola. Isso era regra básica para morar lá. As crianças tinham que estar estudando, e regras normais de convivência.

Márcia – Você disse anteriormente, que foi pelo movimento que surgiu o interesse por pedagogia? Por quê?

Tatiana – Porque eu trabalhava no shopping. Eu saí do shopping porque eu trabalhava em Guarulhos, era muito longe. Então, eu estava morando aqui no centro, e trabalhando em Guarulhos. Eu saí da loja e fiquei desempregada, foi quando a pastoral da moradia que tinha uma parceria com o movimento criou um projeto, em conjunto com a pastoral da moradia, a princípio, de reforço escolar para as crianças, porque o que a gente viu era que as crianças ficavam muito ociosas no período que estavam fora da escola, ela estudavam pela manhã, e ficavam fazendo bagunça à tarde ou vice-versa, e em conjunto com a pastoral da moradia, a gente criou essas aulas de reforço, e eu fui dar aula.

Márcia – Você tinha formação pedagógica?

Tatiana – Não, não tinha nenhuma formação pedagógica. Tinha terminado o ensino médio e fui dar aula, mas tive ajuda, tive ajuda de duas coordenadoras, duas ex - coordenadoras do movimento, a Ana Maria e a Marta, ambas já formadas já, a Ana Maria em letras e filosofia, e a Marta em história que trabalhavam muito com o Paulo Freire, então me deram algumas di

cas. Eu comecei a ler Paulo Freire e comecei a dar aula de reforço para as crianças e comecei a dar aula para as crianças com a metodologia de Paulo Freire, que é uma educação libertadora, porque além do reforço escolar, o que a gente começou a perceber com o reforço escolar foi o dia a dia das crianças. Veio à tona a agressividade, a fome, o desprezo, a discriminação que elas sofriam, a história de vida delas. E eu fui me envolvendo com todas essas crianças, então ensinar a ler e a escrever não era o suficiente, eu tinha que aprender a trabalhar com a vida delas e trabalhar com a vida dessas crianças era prepará-las para que elas pudessem se defender do mundo ali fora. Elas moravam numa ocupação sim, mas não eram invasoras, não eram marginais, porque elas tinham ocupado um prédio, porque elas não tinham onde morar, e a culpa não era delas, e sim, de uma situação social que existia no país, que não era culpa nem dela nem dos pais delas. A gente começou a trabalhar além da alfabetização, e as conscientizá-las realmente da vida que elas tinham. Então, era um trabalho de educação e política, baseado na educação libertadora de Paulo Freire. A gente começou isso em 99 e em 2001, a Marta⁴² ganhou a prefeitura, ela retomou o movimento Mova – Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos e eu comecei a participar do recomeço do Mova. Desde dois mil e um, montamos uma sala de alfabetização, à noite, na ocupação, na Rua do Ouvidor para os pais também, porque era feito todo um trabalho com as crianças de manhã e à tarde, e quando elas voltavam à noite para casa, elas voltavam a mesma rotina de violência, de relaxo, descaso e desprezo dos pais, e eu comecei a perceber que eu também tinha que começar a trabalhar com os pais, e com os pais, além do analfabetismo, analfabetismo funcional, eles não liam, não escreviam, mas sabiam lidar muito bem com dinheiro, pegar ônibus, tudo isso. Eles tinham vontade de aprender também, então, assim o filho chegava em casa com a lição, e o pai e a mãe não sabiam ensinar, aí eram brutos, ignorantes. Então eu vi que o meu trabalho com as crianças estava sendo em vão, eu senti que a gente tinha que trabalhar com os adultos também, e aí, nós começamos dar aulas, eu dei aula no Movimento do Centro, a Cristiane deu aulas para os adultos, à noite, com o apoio da prefeitura e com o material da prefeitura. Com o apoio do Mova, nós trabalhamos um ano e meio sem nenhum centavo.

Márcia – Sem nenhuma remuneração?

Tatiana – Sem nenhuma remuneração, a princípio. Para começar o projeto, quando o Mova saiu, nós nos agregamos a eles, entramos no projeto, e em dois mil e dois, uma das coordenadoras do Mova, uma professora chamada Marilene, me informou que tinham mais vinte e duas salas, porque tinha outra entidade que não conseguiu fazer convênio com o Mova, por

⁴² Marta Suplicy, prefeita da cidade de São Paulo de 2000 a 2004 pelo Partido dos Trabalhadores

que não tinha documentação. Perguntaram se a gente não queria assumir essas salas, então o movimento acabou assumindo mais vinte e duas salas que ficavam na zona sul de São Paulo no Jardim São Salvério, em Heliópolis, na Vila Cristina, em Santo Afonso, que fica ali na Água Rasa e no Colégio Renovação que fica ali na Rua Padre Bento. Assumimos essas salas. Hoje o projeto ainda existe, eu coordeno esse projeto junto com outra pessoa que é a Lurdinha, a Maria de Lurdes, uma coordenadora pedagógica formada em Letras, fazendo pós e agora faz psicopedagogia. Hoje, nós só temos oito salas, porque assim o projeto tem algumas exigências, precisam ter vinte alunos inscritos, doze diários para que as salas permaneçam abertas, então, realmente as salas que iam diminuindo, a gente ia fechando, porque dava muito trabalho, ajudar a prefeitura e com a saída do PT, ficou muito difícil lidar com a prefeitura, porque o pessoal do PSDB não percebe que o Mova é um movimento e não é uma instituição e acabou institucionalizando o Mova, exigindo coisas demais e como é o dinheiro público, a gente entende e respeita. Então, quando uma sala está pequena, a gente passa os alunos para outra sala e fecha a sala. Então, hoje ainda temos oito salas todas na zona sul de São Paulo.

Márcia – E você viu que precisava estudar pedagogia?

Tatiana – Então, a partir daí de dois mil e dois, quando eu entrei no Mova realmente, a prefeitura de São Paulo deu muitos cursos, ela capacitou muito os agentes do Mova, muitos professores do Mova, porque a grande maioria eram pessoas que apenas tinham o magistério, e para trabalhar com adultos, era necessário ter um pouquinho mais, e o que a prefeitura fez foi promover cursos de capacitação em parceria com a PUC⁴³, então eu fiz muitos cursos para aprender a trabalhar com alfabetização, na área da geografia, língua portuguesa, da matemática, todos baseados na pedagogia libertadora de Paulo Freire, de trabalhar com o a conscientização, tanto das crianças quanto dos adultos, e tudo isso adaptado para as crianças, porque elas necessitavam dos mesmos mecanismos de defesa, para que crescessem melhor. Trabalha com a realidade do adulto é o que eu acredito que funcione, que eu acredito que dá certo, e o Mova faz isso, então, com esses cursos eu me apaixonei por educação, e aí foi em dois mil sete, que eu resolvi prestar vestibular na Unicsul⁴⁴.

Márcia – Pelo Prouni?

Tatiana – Sem o Prouni, tentei pagar a faculdade!

Márcia – A Unicsul?

Tatiana – Em 2007, não, perdão, em 2005, eu prestei vestibular na Unicsul para pedagogia, e fiz apenas três meses, porque eu não consegui pagar, e em 2005, mesmo logo após eu ter en

⁴³ PUC – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

⁴⁴ Unicsul – Universidade Cruzeiro do Sul

trado na faculdade, eu fiz uma viagem para o Rio Grande do Sul, em janeiro. Pouco antes de começar às aulas, participei de um encontro de jovens da América Latina, chamado Jam Latina, é um encontro patrocinado por uma ONG dos EUA chamada YES⁴⁵, que junta jovens militantes são coordenadores, para trocar experiência da América Latina inteira, eu fiquei vinte e dois dias no Rio Grande do Sul, entre Rio Grande, Santa Catarina fui até Buenos Aires, porque tinha um pessoal da Argentina em troca de experiência, e quando eu voltei, eu recebi um convite de uma pessoa, um doutor em direito, o André Vianna, que morava em Criciúma para trabalhar em Criciúma, na verdade, para abrir, para criar um centro de defesa dos direitos da criança e do adolescente o Cedeca⁴⁶, na cidade de Criciúma em parceria com uma ONG, que é a ONG criada pelo Andre Vianna, chamada Ócio Criativo⁴⁷ que trabalha na denúncia da exploração do trabalho infantil, com o Conselho Municipal de Educação da Criança e Adolescente da cidade.

Márcia – E o que você decidiu?

Tatiana – Então, eu fui pra Criciúma com a minha filha e passei quatro meses em Criciúma, peguei as coisas e fui, fui porque acreditei no projeto. O projeto era uma coisa que ligava educação e direito, e eu sempre gostei muito de direito, porque achava que não ia sobreviver que não ia conseguir atuar.

Márcia – Então, nesse momento da sua vida, você pensa em estudar direito?

Tatiana – É.

Márcia – Você pensou em educação física, pedagogia e agora direito?

Tatiana – Comecei a pensar em direito simultaneamente com pedagogia, no movimento, porque os conflitos que nós passamos acabou despertando a necessidade de saber, de conhecer seu direito, para saber até onde você pode ir, até que ponto você deve ir, o que você pode exigir, qual é seu direito, onde está o abuso de autoridade. Ver o que o governo está deixando de fazer, entendeu? Essas coisas, e lidando com as crianças, tudo isso foi me despertando uma sede gigantesca de justiça e para mim, educação e direito eram coisas que andavam juntas. Eu não consigo separar, e hoje, principalmente, não consigo separar. Então eu fui viver essa experiência em Criciúma, na área do direito e educação, porque o Cedeca trabalhava com menores infratores adolescentes em conflito com a lei, que vinham de uma história de falta de educação, de falta de amparo educacional por parte do governo, porque é o que acontece, é o que

⁴⁵ YES – Rede Yes, é uma iniciativa da ONG Global Rework the World que luta pela inserção dos jovens no mercado de trabalho

⁴⁶ Cedeca – Centro de Defesa da Criança e do Adolescente

⁴⁷ O Instituto Ócio Criativo tem como missão, mobilizar pessoas e organizações para a prevenção e erradicação do trabalho precoce e a garantia dos direitos fundamentais da criança e do adolescente.

vemos hoje em dia. O descaso da educação no nosso país realmente leva sim a uma desigualdade social gigantesca, e que leva o jovem da periferia sim, não é o principal fator, mas eu acredito que seja um fator muito forte, que leva o jovem da periferia chegar na criminalidade, principalmente como está hoje. O crime é muito mais atrativo do que a escola. Aí eu fui conhecendo esse lado, e lá, eu trabalhava com advogado e com a promotora da cidade e com os adolescentes em conflito com a lei no CIP⁴⁸, que é o centro de internação provisória, me apaixonei de vez pelo direito e fiquei apenas três meses e meio, realmente foi relâmpago, porque eu não consegui ficar longe da minha família e do meu marido que ficou aqui, eu já era casada!

Márcia – Você já era casada?

Tatiana – Eu casei em 2003. Meu marido ficou aqui e eu fui. É que eu sou assim, quando eu acredito, quer dizer, eu era assim, hoje eu não sou mais assim. Eu era muito corajosa nesse sentido, porque eu acreditava de verdade no projeto e queria conhecer. Era uma coisa que me emocionou muito, e o André me incentiva muito a prestar vestibular, e lá eu iria prestar, não cheguei a prestar porque voltei para cá, e quando eu voltei em dois mil e cinco mesmo, foi logo no comecinho de 2005. Eu voltei no meio de dois mil e cinco, e quando eu voltei, fui trabalhar no diretório de direito do Mackenzie. A minha irmã do meio, a Cristiane, trabalhava lá, à noite. Eu fui trabalhar de secretária.

Márcia – Onde você morava?

Tatiana – Já morava aqui! Nós viemos para cá em 2001.

Márcia – Este prédio é ocupação?

Tatiana – Não. Aqui foi um prédio negociado com a Caixa Econômica Federal. Nós tínhamos a ocupação da Rua ou Ouvidor, nós tínhamos a ocupação há um ano e meio, aproximadamente, e o movimento tinha mais duas outras ocupações na Rua São Francisco e outra na Floriano Peixoto, que era um prédio da Caixa Econômica Federal, que foi o que gerou a negociação com a Caixa para poder comprar esse prédio. Então, a Caixa Econômica Federal, em parceria com a prefeitura, comprou e reformou esse prédio, e financiou através de um programa chamado Programa de Arrendamento Residencial, era um programa que estava jogado dentro de alguma gaveta em Brasília, alguém pegou esse programa, reativou a Caixa, viu que era uma boa idéia e negociou junto com a prefeitura de São Paulo a reforma deste prédio. Então, hoje eu moro num apartamento financiado, um financiamento de quinze anos, para pessoas que ganhavam de três a seis salários mínimos, e para conseguir morar aqui, o critério era

⁴⁸ CIP – Centro de Internação Provisória

participar do movimento, porque o movimento é que indicou as pessoas para morarem aqui. Então, as pessoas que hoje moram aqui são as pessoas que mais têm lutado pelo movimento. Eram as mais antigas, as que mais participavam realmente. Foram as primeiras a conquistar a sua moradia, e mais o critério normal da Caixa Econômica que é ter o nome limpo, renda dentro desse parâmetro. O programa tinha essas exigências para poder morar aqui. Em 2005, quando eu fui para Criciúma viver essa experiência em direito, eu já morava aqui na Fernão Sales e, quando eu voltei para São Paulo, eu fui trabalhar no diretório de direito do Mackenzie, e aí foi quando eu acordei de verdade para a vida universitária, porque eu já vim de Criciúma com uma gana muito grande. Eu já estava muito sentida de ter largado a faculdade no começo em 2005. Eu já estava muito sentida de não ter conseguido pagar. Fui para Criciúma para tentar me estruturar e tentar outra coisa.

Márcia – Faculdade, para você, era uma continuidade lógica?

Tatiana – Sempre foi, desde que me entendo por gente, dos quatro anos de idade que eu cresci sabendo que eu ia estudar, fazer faculdade, me formar, casar, sempre foi uma meta! Foi uma coisa que eu adiei, muito mais por vontade minha, porque depois que eu ganhei a minha filha, continuei a trabalhar e ganhando muito bem. Eu podia ter ido fazer faculdade, mas ia fazer outras. Saí, criei minha filha e acabei deixando a faculdade um pouco de lado. Mas em momento algum eu desisti. Eu sabia que uma hora eu ia voltar, e a hora foi realmente em 2005, que eu tentei e vi que não ia conseguir pagar. Parei, fui para Criciúma, vi que não ia conseguir ficar longe da minha família, voltei e quando eu entrei no Mackenzie como secretária, então a vontade explodiu, porque eu trabalhava no diretório direito no Centro Acadêmico, diretamente com os estudantes, e fiz uma amizade gigantesca com eles. O Mackenzie é uma instituição privada de classe média alta e têm pessoas ótimas, que sempre apoiaram e davam uma força para mim e para minha irmã entrar em uma faculdade. Em dois mil e seis, nós fizemos nosso primeiro Enem – difícilíssimo fui péssima!

Márcia – Você lembra a sua nota?

Tatiana – 49.

Márcia – Por que você não foi bem?

Tatiana – Porque eu não tinha noção do que era a prova, realmente eu fui despreparada. Fui pensando que era uma coisinha e fui, cheguei lá, não era uma prova difícil, mas uma prova cansativa que exigia um preparo, realmente exigia uma dedicação para leitura no momento, e eu tinha um bloqueio muito grande em escrever, então a redação no primeiro Enem foi o que pesou, não me lembro a nota, sei que somando os dois e dividindo deu quarenta e nove, por

que eu tinha muito medo de escrever, não acreditava que eu podia escrever. Então fui muito mal mesmo. E aí não consegui entrar em nenhuma universidade.

Márcia – Você se inscreveu para o Prouni?

Tatiana – Sim. Eu me inscrevi para o Prouni.

Márcia – Então em dois mil e seis, com quarenta e nove pontos você tinha o direito de tentar o Enem que exige uma nota mínima de quarenta e cinco pontos?

Tatiana – Eu tinha o direito, mas na verdade o critério de seleção é das faculdades. Eles acabam selecionando por pontuação e minha pontuação era muito pequena.

Márcia – Qual o curso que você pensava fazer, no primeiro Enem?

Tatiana – Pedagogia.

Márcia – Você lembra suas opções no Prouni?

Tatiana – Lembro! Primeira opção foi pedagogia para a Unicsul, a segunda opção foi direito no Mackenzie. Eu coloquei somente duas não coloquei mais nada. Eu não usei. Foi só isso, e aí eu não consegui, porque era uma pontuação muito baixa mesmo. Assim eu desisti, passou 2006, e em 2007 eu fiz novamente o Enem.

Márcia – Você se preparou?

Tatiana – Não, não, em 2006 eu engravidei, em 2007 eu tive meu neném e fui fazer o Enem, com os seios pingando, mas fui. Meu bebê era novinho, e eu fiz às três horas de prova. Eu me lembro que quando eu saí de casa, eu não tinha estudado porque não tinha condições, porque ele era muito novinho, quando saí de casa, dobrei os joelhos e orei a Deus por sabedoria, calma para fazer a prova, e que ele me iluminasse na redação, porque eu já tinha entendido, que tanto para pedagogia na Unicsul, quanto direito no Mackenzie, as duas instituições avaliam bastante a redação. Eu me lembro que duas semanas antes fiquei no Mackenzie, treinei um pouquinho de redação com uma amiga minha, a Maria Eugênia, que é estudante de direito, e ela foi me ensinando a fazer redação, e eu fui me aperfeiçoando e criando coragem para escrever, e quando eu cheguei na prova, eu cheguei tranquila. Fiz às três horas de prova com muito cuidado. Eu fiz a prova e aí sim, eu entendi o Enem. Não era tão difícil. Acredito que agora vai estar mais concorrido por causa das universidades federais. Mas não era tão difícil, mas muito cansativa, realmente testa o adolescente, porque o adolescente que está na idade de fazer o Enem, não tem paciência de fazer uma prova deste tamanho, não tem.

Márcia – Você acha que ele não é preparado para esse tipo prova?

Tatiana – Não! Hoje em dia não. Não é preparado, porque muita gente que eu conversei, ali no Mackenzie, muitos colegas meus, ali do Prouni, fizeram o Enem, mas porque faziam cur

sinho antes, tinham bolsas de estudo em cursinho também, então eles estavam preparados, mas o que se vê na escola publica hoje realmente não dá!

Márcia – A quais fatores você atribuiu o seu não sucesso no primeiro Enem?

Tatiana – Foi falta de atenção, falta de preparo. Acho que de conhecimento próprio, deveria ter lido melhor as questões. Sabe, achei que fosse uma coisa simples e não é tão simples.

Márcia – Qual foi a sua nota no segundo Enem?

Tatiana – Então, eu fiz 8.0 na redação, e 7.4 nas questões, nas, não, eu fiz 6,5 nas questões e a media geral foi 7.9 ou 7.95, uma ótima pontuação.

Márcia – Você tentou se inscrever para o Prouni novamente?

Tatiana – Aí sim, fui para o Prouni outra vez.

Márcia – Quais foram as suas opções?

Tatiana – Fiz a inscrição para o Prouni e coloquei como primeira opção, mas achei que a nota ainda não era suficiente para o Mackenzie.

Márcia – Pedagogia?

Tatiana – Na Unicsul. Porque como em dois mil e cinco, eu comecei lá, a faculdade de pedagogia, e eu gostei do curso, achei que era uma boa instituição. Pesquisei no site do MEC e a nota é B em pedagogia, então, essas universidades, digamos, não menores com menos prestígio, digamos assim, é uma boa faculdade, está ali junto da São Judas. É uma boa faculdade, só coloquei pedagogia e direito Mackenzie de novo, mais nada.

Márcia – Não aproveitou as outras três opções?

Tatiana – Não! Nenhuma outra, não tinha outra opção para mim, então eu fui selecionada pelo Prouni em pedagogia, fiquei felicíssima. Cursei seis meses na Unicsul, fiz o primeiro semestre na Unicsul, aí eu estava sentada no diretório do Mackenzie, na Internet, quando eu vi que havia sido abertas as inscrições para o Prouni, e eu podia aproveitar ainda a mesma nota do último Enem. Então, pensei - quer saber, se der deu se não, estou muito feliz na minha faculdade, e estava realmente. Coloquei a primeira opção - Mackenzie, direito noturno, mais nenhuma, ou era isso ou não era nada. Num belo dia, saiu o resultado e estava lá, a bolinha amarela. Tremi dos pés à cabeça, chorei que nem criança, porque a dúvida foi gigantesca sobre o que eu ia fazer. Já estava certa numa coisa, que eu gostava e que gosto muito, entendeu? Mas estava diante de um salto gigantesco, na vida que é ser agente de direito, entendeu? Que é trabalhar a educação em outro patamar, porque não adianta esconder, é muito diferente para a população leiga, o que uma advogada fala e o que uma pedagoga fala. Infelizmente, o patamar que se vê hoje em termos de cultura no nosso país é a palavra doutor, que vem na frente, injustamente, porque doutor é quem faz doutorado, e bacharel em direito não é doutor. Mas

esse título, que é dado culturalmente, faz muita diferença para a sociedade. E aí eu parei para pensar um pouquinho no seguinte - o que eu quanto pedagoga, a princípio, podia fazer e o que eu Tatiana, como advogada poderia fazer. Eu pesei os dois para ver.

Márcia – Você pensou em você ou na sociedade?

Tatiana – Para a sociedade, para a minha família também, e também pesei a minha condição social, não vou mentir, pesei sim a minha condição pessoal, da minha família. O dinheiro, porque realmente há uma diferença muito grande, pesei a instituição. A Mackenzie é uma grande universidade, é a terceira maior do país em termos de universidade privada, ela está atrás, é a segunda na verdade, ela está atrás da PUC, a terceira, num patamar geral, porque vem USP, PUC e Mackenzie em São Paulo. Ela é a segunda, é uma instituição de peso em direito. Tem nome, a Mackenzie é conhecida por formar ótimos técnicos, ótimos advogados. Então realmente faz diferença no mercado de trabalho, e aí eu realizei um pouquinho, tudo o que eu vivi em Criciúma, e eu decidi por Direito. Pesou mais, pesou poder ajudar mais, pesou o bolso, o financeiro para mim, e por eu estar dentro da Mackenzie, já trabalhar lá há alguns anos, já ter muitos amigos e resolvi e fui fazer direito.

Márcia – Também pesou abandonar a educação?

Tatiana – Pesou, pesou muito, eu fiquei com muito, muito medo. Tenho até hoje medo, estou no segundo ano e tenho medo até hoje de não conseguir trabalhar como agente de direito, por conta da minha ideologia, da minha história de vida. Desde que meu pai faleceu, de tudo o que eu aprendi, dos dezoito anos até hoje, de tudo o que aprendi na vida, o quanto a pobreza é dura, o quanto a discriminação é dura, e existem pessoas que precisam de ajuda e de pessoas que as ajudem de fato, e que estejam ali, aparando, que as motivem crescer, que resgatem realmente a cidadania dessas pessoas. Para que elas possam andar com suas próprias pernas, e eu tenho muito medo, porque a faculdade de direito é muito pesada, pelo menos para mim, que tenho essa consciência socialista de um mundo melhor, que acredito mesmo que as pessoas deveriam ter um patamar de igualdade, pelo menos um pouco mais, não digo uma vida com grana, entendeu? Mas um pouco mais sim. No nosso país, um pouco mais de responsabilidade do poder público, na faculdade de direito, e principalmente na Mackenzie, que é uma instituição Presbiteriana, que preza muito pelo legalismo, pela postura escrita, que não tem uma postura muito extensiva dos códigos, entendeu? Tem uma visão fechada de sociedade, formada por professores extremamente legalistas, onde existem pessoas ricas, de classe média alta, da mais alta, estudam no Mackenzie.

Márcia – Como você se sente na universidade? Há discriminação? Há discriminação com alunos do Prouni?

Tatiana – Há bastante sim. Hoje sou do diretório acadêmico de direito como gestão, não mais como secretária, a Mackenzie tem diretório acadêmico e todo ano tem eleição, e uma coisa que a gente percebe muito, dentro da Mackenzie, é a discriminação, principalmente com os alunos que possuem bolsa pelo Prouni. A Mackenzie é uma instituição de São Paulo que mais aderiu ao Prouni, e o curso de direito dentro Universidade Presbiteriana Mackenzie foi o curso que mais tem bolsa pelo Prouni, então o que a Mackenzie fez? Por conta das bolsas do Prouni, ele cortou as bolsas que dava enquanto instituição filantrópica, então esses alunos que tinham trinta, quarenta, cinquenta por cento de bolsa acabam perdendo e perdem lugar para o Prouni.

Márcia – E como fica a relação entre os alunos?

Tatiana – Fica uma relação diplomática, porque é um curso diplomático que ensina a gente a agir até com um certo, um certo fingimento, não sei se essa é a palavra certa, mas é um certo fingimento mesmo, então na verdade é assim, a camada da elite da Mackenzie no meio daqueles gatos pingados do Prouni, pois em cada sala deve ter em média cinco a seis pessoas com bolsas pelo Prouni, contra setenta alunos pagantes, a média de alunos por sala é de oitenta. Tem cinco a seis alunos com bolsa do Prouni, não chega a dez por cento da sala, ainda sim, é uma grande quantidade de bolsas, e esses alunos enxergam os alunos bolsistas como pessoas oportunistas, pois não precisaram prestar vestibular, a pontuação no Enem foi suficiente.

Márcia – Por quê?

Tatiana – Porque não prestam vestibular, então para eles, é uma grande “mamata” não ter passado por todo aquele estresse do cursinho, outra coisa, realmente se dá oportunidade para as camadas mais pobres, por estarem no mesmo patamar de igualdade, ao menos de disputa, embora os currículos deles sejam excelentes (na minha sala tem uma moça que faz administração na Getúlio Vargas, e simultaneamente Direito na Mackenzie, difícilíssimo concorrer com o currículo desses, mas de qualquer forma, o patamar de concorrência está ali par a par, uma vez que se está dentro da Mackenzie, de qualquer forma, é diferente de eu estar fazendo uma Unicsul, por exemplo, embora seja uma ótima universidade, mas é diferente.

Márcia – Você tem algum exemplo sobre melhores oportunidades?

Tatiana – Tenho. Tenho um exemplo na própria diretoria. As vagas que chegam para a Mackenzie, a grande maioria de vagas de estágios que os escritórios mandam, vem escrito: alunos da USP, PUC ou Mackenzie, entendeu? Um estagiário da Mackenzie de segundo ano, assim como eu, já ganha seiscentos ou setecentos reais, fora o vale refeição e vale transporte entendeu? É um salário que uma pessoa ganha para trabalhar seis horas por dia, é um salário de uma pessoa que trabalha oito a dez horas por dia.

Márcia – Mas em termos de sala de aula, qual a relação com colegas de sala? Ela é velada, discriminada?

Tatiana – Não, não, não é, existem sim sempre aqueles, mas é algo escondido, não há aquela discriminação exposta, em nenhum momento. Se escuta “bochicho”, um ou outro falando - olha esses pobres do Prouni, aqui!

Márcia – Eles sabem quem são?

Tatiana – Não, não sabem não é revelado pela universidade, só realmente que é que sabe, mas de um modo geral, a pior reclamação vem de quem perdeu a bolsa, por causa do Prouni, porque a faculdade de direito acabou por perder a filantropia por conta disto.

Márcia – Em termos de nota?

Tatiana – A média do Mackenzie cinco e meio.

Márcia – Em relação aos alunos bolsistas, existe alguma diferença de rendimento?

Tatiana – Não, não, o sistema de notas para os alunos bolsistas do Prouni é igual ao dos alunos pagantes, existe, existe, setenta e cinco por cento de aprovação. É isso que você quer saber?

Márcia – Quero saber se o aluno que tem uma bolsa de estudos pelo Prouni tem rendimento diferenciado?

Tatiana – Não, pelo contrário, eu não sei em outras faculdades, mas na Mackenzie e na minha sala, os alunos do Prouni são os mais esforçados, entendeu? Alguns acabam pegando algumas dependências, aliás, a Mackenzie é uma fábrica de dependência. O professor deixa a gente por um décimo de ponto. Entendeu porque o que faz a Mackenzie ganhar dinheiro são as dependências. A “molecada” pega muita dependência, mas os estudantes do Prouni, de maneira nenhuma, deixam a desejar. Até porque, o próprio Enem é um obstáculo gigantesco. Para um aluno que saiu agora do ensino médio, imagina para mim que terminei o ensino médio há doze anos, então o próprio Enem já é uma dificuldade em si, passou dali você já está, praticamente, no mesmo patamar, porque assim, a minha pontuação no Enem, os meus 80 pontos, na redação do Enem significam 90 pontos na redação da Mackenzie, então na verdade, é excelente, de igual para igual. A média do Prouni para entrar no Mackenzie é acima de sessenta e nove pontos, menos que isso dificilmente entra-se no Mackenzie, a menor que teve agora no meio do ano foi 79 pontos, tudo isso em direito. Eu conheço uma caloura que entrou com 69 pontos, entendeu? Mas é de 69 para cima, o que é muito difícil no ENEM, para quem está saindo de uma escola pública, com o ensino que tem hoje, com a base, principalmente, interpretativa que a interpretação é tudo no Enem, até a área de cálculo no Enem exige uma

interpretação muito boa, entendeu. Então é complicado para o aluno, hoje em dia, o ensino médio, hoje em dia é muito defasado.

Márcia – Se não fosse o Prouni, o que você estaria fazendo?

Tatiana – Aí sim, eu estaria fazendo pedagogia, numa faculdade modesta, que eu pudesse pagar e com certeza fazendo pedagogia, mas realmente numa faculdade que eu pudesse pagar, na Uniesp ou Unicsul, entendeu? Sem desmerecer, de maneira alguma, nenhuma instituição educacional, nenhuma mesmo, mas assim, em questão de valor há uma diferença muito grande e na Mackenzie pedagogia é novecentos e sessenta e quatro reais, quase o mesmo valor que direito que é mil e sessenta e oito reais.

Márcia – E na Uniesp?

Tatiana – Está em torno de duzentos reais, é o que eu poderia pagar realmente.

Márcia – Que avaliação você faz do Prouni?

Tatiana – De início, eu até critiquei um pouco, pelo governo colocar dinheiro em uma instituição privada e não na pública, porque eu que sempre sonhei em entrar na USP, não vou conseguir entrar, e depois eu fui enxergando que vai muito mais além do governo, da verba, o governo poderia colocar toda essa verba na USP, mas se ele não mudar o método de seleção, só continuará estudando os que estão lá, hoje, porque menos de dez por cento da USP são de pessoas que fizeram cursinhos populares, ou que estudaram por conta própria. O resto mesmo é uma grande elite, e a gente sabe disso.

Márcia – Então o Prouni é uma oportunidade?

Tatiana – Hoje eu vejo como uma grande oportunidade para o estudante de classe média baixa, para o estudante que sonha com a universidade, mas que não pode pagar, que sonha com uma grande carreira.

Márcia – Que diferença faz uma universidade na vida de um jovem?

Tatiana – Hoje total, porque sem a graduação não se consegue entrar no mercado de trabalho. A concorrência é gigantesca e realmente o ensino médio virou nada. O ensino médio, hoje, é exigência básica para qualquer emprego, para qualquer nível de emprego. A graduação, na verdade, já é muito pouco no mercado de trabalho. A globalização acabou engolindo tudo e super valorizando nesse sentido e padronizando, porque quem está na universidade hoje, quem tem dinheiro, infelizmente é quem ocupa os melhores cargos. Aqueles que não conseguem estar nas universidades, continuam não tendo os melhores salários, não tendo um padrão de vida melhor. Mantém, assim, a estabilidade do capitalismo, que é a exploração dos menos privilegiado. E essa camada, que está entrando de estudantes pelo Prouni, que vem dessa camada menos privilegiada, que não teve oportunidades como essas pessoas que tem

dinheiro, entendeu? É a oportunidade de se igualar realmente a essas pessoas, e de disputar “pau a pau” por um salário, porque eu sei que hoje eu posso disputar uma vaga de juíza, que é um grande sonho, porque sempre sonhei em ser juíza de igual para igual, o que jamais há dois anos eu sonhava.

Márcia – Como é que você se mantém no curso? Você tem dificuldades em se manter como universitária na Mackenzie, em termos de alimentação, livros?

Tatiana – Olha, tem, tem, na verdade, eu não tenho grandes dificuldades, como outras pessoas, mas eu tenho sim, porque se gasta muito enquanto universitário, o Prouni dá a chance de estar lá dentro, mas se manter na universidade é muito difícil, e numa universidade de padrão como a Mackenzie mesmo eu tendo consciência de que eu não tenho o mesmo padrão de vida que eles têm, não vivo como eles, não vou aos bares todos os dias, não passo no barzinho, não vou às festas, mas eu tenho necessidades sim de ter livros, porque apesar de ter uma ótima biblioteca, e eu a utilizo, a maioria dos livros da biblioteca, mas tem um livro ou outro que se tem que ter, ainda mais em direito que é necessário consultar muito. Então se tenho que comprar o conjunto de códigos que eu vou precisar para todas as provas, e que vai chegar uma hora que vai faltar na biblioteca, tem que ter um livro, ou o outro que se tem que estudar um pouco mais de uma matéria ou outra, então na verdade, o que eu faço: para comprar meus livros em três ou quatro vezes, e passo o semestre pagando. Eu utilizo a condução do estágio, eu estou estagiando em frente ao Mackenzie, então a condução que eu recebo uso para a faculdade.

Márcia – Seu estágio é remunerado?

Tatiana – Sou remunerada no estágio, a facilidade de estar dentro do Mackenzie como eu falei é o estágio, é fácil de conseguir mesmo no primeiro semestre se consegue, estou no terceiro semestre, mas já estou estagiando, mas mesmo quem entrou no Mackenzie hoje, já está estagiando, e é um pouco mais fácil, mas é o que eu lhe disse, passo o semestre pagando esses livros e começo ou outro pagando outros, eu utilizo muito a biblioteca, essa é a vantagem, por exemplo, do Prouni no Mackenzie.

Márcia – Por quê?

Tatiana – Porque a gente tem uma ótima biblioteca, uma biblioteca muito ampla. São cinco bibliotecas, então facilita o estudante da Mackenzie, nesse sentido.

Márcia – Que oportunidades a instituição oferece além do ensino acadêmico?

Tatiana – Na verdade a Mackenzie é uma instituição religiosa, mas que infelizmente como toda religião hoje em dia é, vive um pouco de hipocrisia, na verdade porque dentro da universidade, a universidade é muito burocrática, extremamente burocrática, tudo no Mackenzie se

tem que fazer um requerimento, os dirigentes do Mackenzie são pessoas extremamente formais dentro da faculdade de direito, exigem uma formalidade gigantesca em exatamente tudo o que se faz.

Márcia – Isso é positivo ou negativo?

Tatiana – Isso é muito negativo, porque atrapalha muito o aluno, no sentido de: se eu perco uma prova, por exemplo, e eu chego e falo com o professor - “professor, você me dá essa prova de novo?” Não, você tem que fazer um requerimento para o diretor e se o diretor não deferir, eu perdi a prova, e perdi a matéria, com isso estou com dependência, entendeu? Então os professores seguem muito esse rito, na verdade, os professores não têm muita liberdade, não tem muita autonomia dentro do curso. Tem uma questão de faltas muito rígida, vinte por cento de faltas, a média é cinco e meio, vinte e cinco por cento de faltas a média é sete, e parece pouco, mas é extremamente difícil tirar cinco e meio na Mackenzie, eles exigem muito, muito, muito no curso.

Márcia – E culturalmente, houve uma ampliação de conhecimento?

Tatiana – Ampliou sim, a Mackenzie oferece muitas oportunidades, muitas palestras, existe o diretório acadêmico que também faz muitas palestras, até politicamente, inclusive, e até mesmo politicamente contra a instituição, que é muito burocrática e acaba impedindo tudo, é muito formalista, tem uma influência muito grande do PSDB, que acaba impedindo um pouco da realidade daqui de fora, chegar dentro da Mackenzie, a Mackenzie tem um pouco de bloqueio com questões socialistas, então não dá muito para falar, eu acabei encontrando um grupo lá dentro, chamado Práxis, é um grupo de estudantes de direito que participam de vários movimentos sociais, que hoje são os representantes legais do diretório acadêmico. Nós fazemos as eleições, mas vivemos numa pressão gigantesca dentro da universidade, todo ano de gestão, nossa é simplesmente repressão, meio que como na época da ditadura que a Mackenzie apoiava aquele grupo que caçava os comunistas, é bem assim, para gente fazer, por exemplo, nós fizemos uma palestra em dois mil e seis em apoio à candidatura do LULA, chamava-se a discriminação dos movimentos populares, a criminalização não a discriminação. Sofremos uma repressão gigantesca dentro da faculdade, inclusive com os professores em sala de aula. Os professores têm uma posição muito positivista, muito legalista, como disse, e que foge totalmente a esse âmbito da questão social. É um movimento social baderneiro, é claro que tem sociologia, se estuda Karl Marx, dentre outros, se estuda todas as pessoas, todos os pensadores, e são colocados de uma maneira positiva, mas na há abertura para se trabalhar esse tipo de coisa, não há mesmo, eles realmente vedam qualquer tipo de trabalho. Então, o que a gente faz, a gente modifica. Ao invés de criminalização, a gente põe discriminação, en

tendeu? A gente põe a situação racial no país e convida um grande palestrante, um de direita outro de esquerda, chama os alunos para “pegar fogo” e quando a faculdade vê, já foi, porque na verdade o que o grupo Práxis acredita, e que eu acredito, que não faz sentido discutir política ligada a realidade, numa faculdade de direita, por isso a hipocrisia da Mackenzie, por ser uma instituição evangélica, por ser uma instituição cristã deveria vedar todo tipo de discriminação, mas acaba não incentivando, não tratando como deveria a realidade do nosso país, como deveria para um estudante de direito, formando agentes que vão trabalhar e vão mexer diretamente com vida, sabe, é um juiz que vai decidir ali a liberdade de alguém, a pensão alimentícia, seja que área for.

Márcia – Você tem como meta continuar sua luta pelos seus ideais e pelos seus movimentos.

Tatiana – Sim, na verdade, o direito para mim é meu trampolim, para brigar de igual para igual, com outras pessoas, para estar no mesmo patamar dessas pessoas, que hoje dominam o mundo. Eu sei que eu não vou mudar o mundo, não tenho esse idealismo que vai acontecer uma revolução, porque não vai, mas eu sei que se eu puder ajudar duas ou três pessoas, que eu consegui ajudar, eu vou fazer o meu papel, mas o meu objetivo realmente é usar o direito para ser uma agente do direito que trabalhe somente em prol de justiça, e o que a gente aprende na faculdade que justiça e direito são coisas diferentes, que o direito busca a justiça e a justiça é um ideal, e é realmente a justiça é um ideal, e o agente de direito faz da justiça o que ela quer, porque não dá para saber o que se passa na cabeça de um juiz, embora o juiz tenha que ter discernimento, tenha que ser uma pessoa de boa fé, mas não dá para saber, entendeu, o que se passa na cabeça de um juiz, e nem de um advogado, porque o que a gente aprende é que para um advogado a verdade é a verdade do seu cliente. E aí o que eu digo, o direito para mim é o trampolim para eu estar no mesmo patamar das pessoas que dominam o mundo, e que eu possa me intrometer ali e mexer meus dedos.

Márcia – E a educação? Tem lugar ainda ou não?

Tatiana – Assim que eu terminar a faculdade de direito, eu começo, eu retomo pedagogia, até porque eu quero trabalhar com criança e adolescente. É a área que eu quero trabalhar, eu sei que é loucura, por causa dos menores infratores. Eu sei que é loucura, mas eu ainda não consigo enxergar toda essa maldade nos adolescentes infratores. Eu não consigo enxergá-los tão marginais assim, eu ainda acho que tem conserto. A educação e o direito para mim são inseparáveis, então, terminando direito eu vou para pedagogia, aí vem pós, mestrado, doutorado se Deus quiser.

Márcia – Mas o que você pretende seguir mesmo?

Tatiana – Seguir na educação, porque o direito para mim veio para me fortalecer, entendeu? Eu gosto muito de direito, estou amando a faculdade, mas educação é minha paixão e é o sentido da minha vida. Eu não vou conseguir separar, para mim trabalhar com criança e adolescente, mesmo como agente de direito, se eu não entender de educação, se eu não tiver a sensibilidade que o curso me passar, eu não vou conseguir trabalhar da maneira que eu quero. Para mim, todo juiz de direito, na área de criança e adolescente, todo advogado, todo promotor tinha que ter feito um curso de pedagogia para entender um pouquinho de todas as matérias, a psicomotricidade, o conviver com a criança, o entender a infância, porque eu acho que faz muita diferença na hora de entender o problema daquele garoto, porque será que ele entrou para o tráfico, porque será que ele matou. Sabe, é a primeira vez dele, será que vale a pena jogá-lo na Fundação Casa, o que ele vai viver lá dentro, na verdade, eu sonho muito, e eu sonho, quem sabe um dia, em estar lá, na Fundação Casa, imaginou eu conseguir implantar um projeto lá dentro, como agente de direito e pedagoga, eu vou poder juntar as duas coisas, é um grande sonho quem sabe...

Márcia – É um grande sonho, quem sabe!

Tatiana – É um grande sonho e eu vou lutar por isso.

Márcia – Você quer acrescentar mais algum comentário?

Tatiana – Só para complementar, que na verdade acho que é importante frisar que o Prouni, apesar de ser um programa a princípio com fins assistencialistas, é um programa que traz oportunidades, e o aluno do Prouni, o que eu percebo e quase todo mundo que eu conheço, é que a oportunidade que é dada é agarrada com muita força, com muita força mesmo. É muito valor o que se dá, é muito diferente da maioria da minha sala, por exemplo, que o pai paga a faculdade, não se preocupa em pegar uma dependência, não se preocupa em fazer seis ou sete anos de faculdade, para o aluno do Prouni faz muita diferença, porque já está correndo atrás de um tempo que não tinha, sabe, que ele não teve, e o que eu percebo é que agarra com muita vontade essa oportunidade, só por isso para mim o programa já é bastante válido.

Márcia – Muito obrigada pelo seu depoimento.

Karen Jaqueline Santana Gomes

16/08/2009

Márcia – Estou aqui começando a entrevista com a Karen, na Rua Fernão Sales, ela é estudante de enfermagem da Faculdade São Camilo e está cursando o primeiro semestre. Quantos anos você tem?

Karen – Tenho dezoito anos!

Márcia – Como foi o seu ensino básico, você sempre estudou em escola pública?

Karen – Da primeira até a terceira série, estudei no Colégio Duque de Caxias⁴⁹ aqui no Glicério, aí a gente mudou de casa, saímos daqui do Centro e fomos morar na Vila Mariana, e eu passei a estudar no Gomes Cardim até a quarta série, da quinta à oitava, eu fui automaticamente para o Oscar⁵⁰, lá eu estudei da quinta à sexta série, fiz um monte de amigos e amigas, a gente jogava futebol, vôlei pela escola, só que a minha mãe voltou para cá⁵¹ nesse prédio, e quando a gente voltou não consegui vaga no São Paulo nem eu nem minha irmã.

Márcia – O nome da escola é São Paulo⁵²?

Karen – É! E não conseguimos vaga porque é uma escola renomada, pública e a gente continuou morando aqui, mas estudando lá na Vila Mariana.

Márcia – Era bom?

Karen – Ótimo para a gente, não queria voltar.

Márcia – Vocês já estavam entrosados?

Karen – Já! Quando eu estava na sétima série, consegui a vaga aqui, eu e minha irmã e viemos, as duas, e eu estudei a da sétima do ensino fundamental até o terceiro ensino médio.

Márcia – Como era o ensino?

Karen – O que estudei no Duque, apesar de que todo mundo falava que era bagunçado, eu sempre achei muito bom. Eu saí sabendo muita coisa. Assuntos tratados na sexta série tinham aluno que nunca tinha ouvido falar, mas eu já tinha aprendido na terceira série a mesma coisa no Oscar, mas dava para sentir a diferença, e era tudo público só que tinha diferença de ser Municipal e Estadual. Quando eu fui para o São Paulo que era considerada uma escola muito

⁴⁹ Escola Municipal de Ensino Fundamental “Duque de Caxias, localizada na baixada do Glicério”.

⁵⁰ EE Oscar Thompson - Cambuci

⁵¹ Centro de São Paulo, local onde a entrevista foi realizada – Rua Fernão Sales

⁵² EE São Paulo, originalmente denominada Ginásio do Estado de São Paulo, localizada no Parque Dom Pedro II – Centro de São Paulo

boa, porque o patrão da minha mãe falava que essa escola bem antes, tinha que prestar vestibular para entrar.

Márcia – Era uma escola muito concorrida e não tinha vaga para todos?

Karen – E eu estava esperando uma bomba de ensino, porque eu estava acostumada com um ritmo de ensino.

Márcia – Bomba em que sentido?

Karen – Muita matéria, professores cobrando demais, mas para mim não foi nada puxado, porque eu estava acostumada.

Márcia – Você já estava acostumada com um ritmo forte na escola?

Karen – É! Porque não cobravam, mas eu me cobrava e eu sempre estudava.

Márcia – Você sempre estudou muito?

Karen – Sempre, então eu acabei ficando mais tranquila e todo mundo ficava admirado por eu estudar na Escola São Paulo e ir bem, me davam os parabéns, mas no meu modo de ver, a escola era normal.

Márcia – Você sempre teve horário de estudo, sempre foi disciplinada?

Karen – Eu estudo, mas falar que eu dedico da minha vida, uma hora por dia para estudar não, mentira, não faço isso. Eu prestava atenção nas aulas, nas matérias que o professor ensinava, porque depois eu ia trabalhar e não tinha tempo de ficar estudando em casa e eu também sempre joguei pela escola.

Márcia – O que você jogava?

Karen – Eu jogava handball, a aula acabava às doze horas e vinte minutos, eu pedia para a professora me deixar sair às doze horas para o treino.

Márcia – Você era federada?

Karen – Não! Só jogava pela escola mesmo e a maior parte das meninas foi por esse caminho, mas eu trabalhava e não tinha como federar.

Márcia – Você começou a trabalhar com que idade?

Karen – Com quatorze anos! Mas era estágio! Eu estudava até as doze horas e das doze as treze eu ia treinar, e às treze horas e trinta minutos eu tinha que estar no serviço, então eu não tinha tempo de ficar depois estudando, eu estudava tudo o que eu tinha para estudar na escola, como o São Paulo sempre teve semana de prova, eu já tinha estudado tudo aquilo todo dia, eu revisava e sempre fui muito bem às provas, mas se não fosse também minha mãe. Ela sempre exigiu que eu fosse bem na escola.

Márcia – Por que a sua mãe a sua família sempre cobrou seus estudos?

Karen – Ela cobrava como toda família cobra, mas como eu estudava e minha irmã não gostava muito de estudar, a minha mãe achava que eu tinha de dar exemplo por ser a mais velha.

Márcia – Você é a mais velha e era cobrada por ser a mais velha?

Karen – É! Mas nada muito exagerado afinal eu estava há dez anos na escola, ia ficar fazendo o que lá, bagunçando? Mas eu nunca tive notas baixas não.

Márcia – Não teve notas baixas, mas você falou que com quatorze anos já estava trabalhando?

Karen – Como estágio.

Márcia – Estágio com quatorze anos?

Karen – Quatorze não! Com dezesseis anos, porque tem que estar no ensino médio! Eu consegui este estágio por meio do Núcleo Brasileiro de Estágio, o Nube.

Márcia – Então não era um estágio para universitários?

Karen – Não, tem o estágio universitário, mas o que eu fiz precisava ter o ensino médio. Cadastrei-me, fiz meu currículo, e eles me encaminharam para as vagas. Eu comecei a trabalhar aqui bem perto de casa, mas eu trabalhava para ter meu dinheiro, porque já no segundo ano do ensino médio, meus amigos já estavam falando em um cruzeiro de formatura que ia ter no final. No terceiro ano eu disse para minha mãe que eu queria ir, mas minha mãe disse que não podia pagar, então eu falei: “posso trabalhar e eu pago”, e ela concordou, e eu pensei: “agora vou ter que trabalhar”.

Márcia – Então você começou a trabalhar por causa do cruzeiro?

Karen – É! Minha mãe disse para eu pagar em várias vezes para pagar menos por mês, mas eu paguei em seis meses, porque minha intenção era trabalhar, pagar o cruzeiro e sair do trabalho para poder treinar.

Márcia – E aconteceu isso?

Karen – Foi! Paguei o cruzeiro, sai do emprego só que não fui treinar, fui trabalhar em outro.

Márcia – Por que você quis trabalhar em vez de treinar?

Karen – Porque você se acostuma a ter dinheiro, depois voltar a ficar dependendo do dinheiro de pai de mãe e nem sempre eles podem dar, então eu pensei – “eu preciso de dinheiro”.

Márcia – E foi para aonde o cruzeiro?

Karen – Búzios e Ilha Bela!

Karen – Mas da minha turma de amigos só eu fui. Aquele bando de “bolhas” (risos), todo mundo fala – vamos, vamos e na hora só eu assinei o contrato, paguei e fui.

Márcia – Você se arrependeu?

Karen – Eu não! O pessoal vendo as fotos no Orkut falava “nossa, nossa” (risos) e eu falava: “então paga que você vai”.

Márcia – E isso foi quando, Karen?

Karen – Foi nesse final de ano, agora! Aí eu prestei USP.

Márcia – Você terminou o ensino médio, mas até antes disso você estudava aqui perto, seu grupo de amigos era daqui?

Karen – Meu grupo de amigos, incrível, nunca foi daqui, todo mundo é da zona leste, uns de Itaquera outros de Guaianazes, Cidade Tiradentes, todo mundo sempre é de muito longe.

Márcia – Quando vocês se encontravam?

Karen – A gente se via todo dia, todo dia, virou uma família praticamente, todo dia mesmo. No terceiro ano, quando separaram quatro para uma sala, e os outros quinze em outra sala, foi uma comoção nacional. A diretora quase expulsou todo mundo, porque foram todas as mães, ninguém queria ir mais para escola, as mães se ligaram e combinaram de ir conversar com a direção da escola, tentar mudar, doce ilusão. A diretora disse aos pais que se nós não voltássemos para a escola, tudo bem, poderíamos ficar em casa e repetiríamos o ano, então todo mundo voltou para escola, mas era pior.

Márcia – O que vocês fazem nos finais de semana?

Karen – Hoje mesmo o pessoal está indo para o Ibirapuera, eu não vou.

Márcia – Mas não por minha culpa?

Karen. Não, eu tinha outras coisas para fazer, eu ia jogar, mas o jogo foi cancelado e agora eu vou assistir outro jogo (adoro). Eles ficam me xingando, porque a gente sempre marca, vai à casa de um na casa do outro, então a gente já conhece a mãe de todo mundo. Um dia estávamos aqui no prédio, e os vizinhos já ligaram reclamando do barulho, “ô está muito barulho pelo amor de Deus”. Quando acaba a escola, a gente continua se falando do mesmo jeito, um pouco menos porque agora praticamente todo mundo trabalha, antes tinham uns mais boyzinhos que não trabalhavam, mas agora todos trabalham.

Márcia – Mas por que boyzinho?

Karen – Por que eu a Camila a Laura, deixa-me ver quem mais, o Lê o Chiquinho, sempre trabalhamos, porque queríamos ter dinheiro quando precisasse, por vários motivos, mas tinham outras pessoas também muito queridas, mas que não trabalhavam porque não precisavam.

Márcia – E por que não precisavam?

Karen – Porque os pais tinham mais condições, ou eles também não queriam, ou não precisavam e também eu não vou falar que estou indo trabalhar porque preciso porque não tenho condições, mas eu queria trabalhar, queria meu dinheiro e eles não. Quando queriam, pediam para os pais e os pais davam, não precisava correr atrás do dinheiro deles, hoje não, boa parte

está na faculdade então tem um gasto e nem todos tem bolsa. Só eu tenho bolsa e todos que estão na faculdade pagam. Uma das minhas amigas a Maira até trancou o curso na Faculdade Osvaldo Cruz, porque era muito caro. Então trabalham, ajuntam para pagar a faculdade, hoje, por exemplo, quando a gente marca uma coisa e um deles fala que está cansado, eu falo: “está vendo, quando você marcava na escola e eu falava que estava cansada, está vendo como é”.

Márcia – Fazer uma faculdade sempre foi seu objetivo? Fez o ensino médio pensando na faculdade?

Karen – Não, não sei, acho que não! Eu queria acabar a escola e continuar estudando, porque dizem que quando você acaba a escola e fica sem estudar, você acostuma com a moleza e quando volta é uma coisa horrorosa. Eu sempre pensei em faculdade, mas não exatamente no quê.

Márcia – Você sempre pensou que ia fazer uma faculdade, mas não pensou em quê?

Karen – É. Pensei em fazer ciências biológicas, fazer biologia, mas fiquei sabendo que biologia tinha mais em Santos, e eu não ia mudar de cidade, esqueci biologia e comecei a pensar em engenharia ambiental.

Márcia – Ainda no ensino médio?

Karen – Sim! Fiz o Enem, e no final do ano, prestei USP para gestão ambiental, também na área biológica.

Márcia – Por quê?

Karen – Porque eu queria mexer no meio do mato, e fazendo biologia teria que fazer uma especialização, daí depois da especialização, então eu pensei: “não é para mim isso”.

Márcia – E fazendo engenharia ambiental já iria direto?

Karen – Isso!

Márcia – E por que o interesse por essa área?

Karen – Porque eu sempre gostei de bicho do mato, o pessoal até me chamava de bicho do mato. Eu sempre ficava procurando bicho, e eu ficava fazendo um catálogo dos bichos que eu encontrava, era uma coisa bem simples: da cor tal, tamanho tal, mas era o meu catálogo. Mas eu fiquei doente e minha mãe disse que se eu continuasse no meio do mato de novo “ela me mataria”.

Márcia – Mas você ficou doente por causa do contato com os bichos?

Karen – É! Fiquei com um caroço que dá na nuca, tem um nome bem estranho.

Márcia – Tudo por conta de bicho?

Karen – É! Eu quase morri por causa do remédio, o caroço está aqui ainda, mas não tem mais nada o que afetar em mim, eu não vou lembrar o nome agora é muito estranho, o médico dava o remédio muito caro e eu tomava quando era pequena.

Márcia – Então esse seu apego pelos animais é desde cedo?

Karen – Sim. Desde sempre! E eu lembro que o remédio era muito ruim, muito mesmo, era uma cápsula que se abre e põe na água, é uma coisa absurda de ruim, depois disso eu me negava a ir para o meio do mato, mas ainda gostava muito de bichos, até hoje eu tenho uma pasta enorme cheia de papel com as minhas anotações dos bichos.

Márcia – Você pensa ainda em estudar nessa área?

Karen – Já pensei em veterinária, engenharia ambiental qualquer coisa, mas na USP só tinha os cursos no interior, então eu pensei: “vou ficar aqui mesmo”. Prestei USP e passei na primeira fase, por milagre de Deus, a nota de corte estava muito baixa para eu passar, porque eu não fui tão bem assim na prova, mas eu passei para a segunda fase, mas eu sabia que na segunda eu não ia passar.

Márcia – Por quê?

Karen – Porque é USP, e eu não tinha me preparado, se eu tivesse um ano de cursinho, estudado para valer, talvez eu passasse. Eu sabia que não ia passar nem da primeira fase, mas passei e minha mãe ficou naquele sonho – minha filha na USP, e eu falava: “mãe corta esse sonho, porque eu não vou passar”, e ela ficava falando: “não seja pessimista não”.

Márcia – Você prestou vestibular para engenharia ambiental na USP?

Karen – É, engenharia ambiental!

Márcia – Quando você fez o Enem?

Karen – No final do ano passado.

Márcia – Como é que você foi no Enem?

Karen – Eu fui bem.

Márcia – Qual foi a sua nota?

Karen – Eu sabia que você ia perguntar (risos), porque eu nunca lembro a minha nota, ainda mais porque as notas são separadas é de zero a cem nas questões e de zero a cem na redação, na redação eu tive 8.5, eu sei que fui bem, agora nas questões eu não lembro exatamente a nota, eu sei que a média dos dois foi 7, alguma coisa assim.

Márcia – Bem acima da média nacional?

Karen – Isso! Quando eu recebi o resultado nos gráficos, minha mãe ficou muito orgulhosa, ela não estudou, só foi até a 4º série, porque minha mãe é da Bahia, e ela trabalhava na roça

desde pequena, então a escolinha na roça é até a 4º série só, mas para mim, ela é uma das mulheres mais inteligentes que eu conheço.

Márcia – Por quê?

Karen – Muita coisa que ela fala desde que éramos pequenas em casa, eu fui ver na faculdade, os professores falando que realmente tem estudos, que comprovam, e ela fala que ela aprendeu com a vida e com a mãe dela que não teve nem a 4º série. Ela falava olha não pega nisso que vai lhe dar isso e a gente nunca acreditava, mas fui ver na faculdade e é verdade e ela tem muita vontade de me ver formada. Quando eu entrei na faculdade, foi um rio de lágrimas, até fiquei muito emocionada e disse – “mãe componha-se”.

Márcia – Você acha que ela tem vontade de estudar?

Karen – Ela ia fazer enfermagem também, mas eu soube só depois que eu decidi e entrei para fazer enfermagem, ela disse que o sonho dela sempre foi fazer enfermagem.

Márcia – Mas você não sabia?

Karen – Não! Não fui influenciada?

Márcia – Quando você se inscreveu para o Prouni?

Karen – Eu prestei o Enem o ano passado, mas não me inscrevi para o Prouni, porque as inscrições acabaram antes, eu acho, da prova do Enem, eu pensei em trabalhar e juntar dinheiro.

Márcia – Em 2009?

Karen – É! Olha o que eu pensava trabalhar juntar dinheiro, fazer um daqueles cursos preparatórios para faculdade de novo.

Márcia – Pensava em algum curso específico?

Karen – Eu ia decidir o curso, mas eu ia fazer USP, eu pensava, vou fazer o cursinho vou estudar muito, mas aí veio o Prouni.

Márcia – E como foi?

Karen – Eu falei com um professor que a gente tem contato, e ele disse: “se inscreve Karen, sua nota foi boa no Enem, vai que você ganha uma bolsa e não precisa nem prestar vestibular”. Então eu me inscrevi, mas eu não sabia exatamente o que eu queria, então eu fui naquela página de inscrição umas dez vezes e ficava pensando: “meu Deus que curso que curso, porque eu gosto de educação física, gosto de bicho, gosto de mato, eu gosto de um monte de coisa”, e eu ficava pensando.

Márcia – Você lembra suas opções?

Karen – A primeira opção foi educação física na Anhembí Morumbi, a segunda foi educação física na FMU⁵³. Nessa época eu estava trabalhando com uma médica, porque depois que eu saí daquele primeiro emprego, eu fui trabalhar em uma clínica odontológica no final de dezembro, quando terminou a escola, eu saí, mas fiz muita amizade com a doutora. Uma vez fui com a essa médica em uma espécie de hospital e tive contato com muitas áreas, e fiquei pensando: “nossa, que legal atender às pessoas”, mas não conseguia saber o que era mais legal, atender crianças ou idosos. Eu vi que a enfermagem atendia em todas as áreas e pensei: “vou fazer enfermagem”, perguntei para uma das enfermeiras quais eram as melhores faculdades de enfermagem e ela falou que São Camilo, a Unicid⁵⁴ e a Unifesp⁵⁵ eram boas faculdades, então eu coloquei São Camilo e Unicid, Unicid de manhã foi a última opção, porque eu não queria estudar de manhã, então minhas opções foram – Anhembí Morumbi a primeira, FMU a segunda, enfermagem noturno porque eu ia trabalhar durante o dia, terceira opção, enfermagem matutina, a quarta foi para qual eu passei e também a Unicid noturno enfermagem.

Márcia – Como você recebeu a notícia que tinha sido aprovada para a bolsa de estudo na Faculdade São Camilo?

Karen – A minha nota para algumas faculdades era baixa, cada uma tem sua nota, cada faculdade estipula a sua para bolsas naquele curso. Teve faculdade que a minha nota ficou a baixo da média ou já tinha completado os alunos. Eu vi pelo site que eu estava aprovada para o curso de Enfermagem no São Camilo, eu estava meio que não acreditando, porque me falaram que eu teria de passar por um processo de entrevista, aquelas coisas de vir alguém na casa para ver realmente se você não tem condições. Pediram-me um monte de documentos, vai e volta até ter tudo certinho.

Márcia – E você conseguiu juntar tudo?

Karen – Não! Porque eu não entendia o que estava precisando, ou era um ou era outro, aí fui levando um sim um não, chegando lá um papel servia, outro não servia, e eu tinha levado três documentos, aí a atendente da faculdade achou melhor me dar uma lista com todos os documentos necessários e eu saí como uma doida.

Márcia – Você estava feliz?

Karen – Agora?

Márcia – Não, quando você recebeu a notícia, quando soube que ia fazer enfermagem?

⁵³ FMU – Faculdades Metropolitanas Unidas

⁵⁴ Unicid – Universidade Cidade de São Paulo

⁵⁵ Unifesp – Universidade Federal de São Paulo

Karen – Até a hora que assinei a minha matrícula eu não estava nem acreditando ainda. Eu não estava levando fé, porque eu não tinha passado por nenhuma entrevista por nenhum agente, eu achava que estavam me enrolando, aí fui lá, e a funcionária disse que eu tinha passado e eu respondi: “mas eu não fiz a entrevista ainda”, e a funcionária pediu para eu assinar a minha matrícula, aí eu fiquei muito feliz.

Márcia – Aí você acreditou?

Karen – Eu fiquei pensando: “será que vai dar certo”, quando cheguei em casa e falei para a minha mãe, ela ficou muito mais feliz que eu, porque eu estava tão acostumada, seis meses em casa dormindo e eu pensava: “vou estudar de manhã, vou ter que trabalhar, vou ter que fazer isso aquilo, já estava cansada antes de começar, mas vai indo, vai indo e a gente se acostuma”.

Márcia – Como foi o seu primeiro ano?

Karen – Eu comecei em agosto, porque isso tudo foi em julho, estamos em outubro e estou adorando.

Márcia – É isso mesmo que você queria?

Karen – Até agora, é sim! Estou vendo que tem várias especializações em várias áreas diferentes que eu posso fazer. É muito bom, dá para trabalhar com tudo o que eu quero.

Márcia – Você está sentindo dificuldades para se manter no curso?

Karen – Não!

Márcia – Em termos de livros, material?

Karen – Não, porque a Faculdade São Camilo dá todo o apoio, tem a biblioteca com todos os livros do curso.

Márcia – Você não precisou comprar nada?

Karen – Não! A gente pode pegar e ficar um mês com o livro, é só ir lá e sempre renovar a retirada, tem laboratório de informática, também não se paga nada para fazer pesquisas. Os professores estão ali, a todo o momento, dão telefone, e-mail, e tem o próprio portal da São Camilo em que existem debates e fóruns, fala-se ao vivo com a outra pessoa sobre, por exemplo, trabalhos que não estamos conseguindo fazer, então em questão de apoio de estudar ótimo.

Márcia – Nenhuma dificuldade?

Karen – Não! E ainda o pessoal do meu curso é muito variado, a turma é de sessenta alunos, tem pessoal com dezoito anos, umas cinco pessoas até os trinta e oito anos, e esse pessoal de

trinta e oito mais ou menos, já trabalham no Incor⁵⁶, então eles têm muita coisa para passar e ao mesmo tempo muita coisa para aprender, porque para eles é mais difícil pegar aquelas coisas microbiológicas dos estudos, então eu ajudo, por exemplo, a gente formou um grupo de estudo, eu explico a matéria que o professor passou para uns cinco ou seis alunos e quando chegar aquelas matérias de procedimentos que eles já sabem eles vão acabar ajudando a gente, também porque eles já estão há dez anos fazendo aquilo, porque tem muitos técnicos em enfermagem.

Márcia – Pelo fato de você ter apenas estudado em escola pública, você tem algum tipo de dificuldade de aprendizado?

Karen – Não! Porque eu ia para a escola para estudar, então eu estudava, eu sei que muita gente da minha sala, meus amigos entraram e saíram da faculdade, eles não aguentaram e comentavam – nossa nunca imaginei que isso ia ser cobrado na faculdade, questões básicas como fazer pesquisas e trabalhos de acordo com as normas Abnt⁵⁷, nós fizemos vários no ensino médio só que muitos não fizeram, muitos compraram, muitos se encostaram aos outros, então agora dá para ver se vale à pena ou não, vestibular também não é fácil de passar.

Márcia – Você acha que isso é pessoal, de cada um mesmo?

Karen – Eu acho, não é porque estudei em escola pública que preciso ser considerado como coitadinho, não tive a matéria – mentira – porque escola pública, eu tenho pra mim, trabalha mais que a escola particular, porque na escola particular o aluno não tem a obrigação de aprender, pelo menos é essa visão que a gente tem, ele está pagando, ele vai ter a matéria ali, se não alcançar a média, paga uma taxa, faz uma nova prova e pronto, a escola pública pode não ser grande coisa na questão do todo, mas as escolas que eu estudei, os professores eram ótimos, davam tudo o que tinham, não era todo aluno que estava interessado e eles não vão fazer nada contra isso.

Márcia – Por você ser bolsista na faculdade, você sente alguma discriminação?

Karen – Não, nunca, na minha sala tem muitos bolsistas do Prouni, eu não sei se têm tantos, mas tem muitas bolsas, porque eu fui a algumas reuniões dos sem-terra bolsistas, porque fizeram uma prova especial no São Camilo e conseguiram bolsas de estudo, enfim tem muito bolsista lá na minha turma então não tem essas coisas não.

Márcia – Você pensou que iria ter discriminação?

Karen – Eu achei que os alunos pagantes pensariam assim: “você é bolsista, eu pago sua parte também”, quando na verdade não é, as instituições abrem bolsas, mas elas ganham per

⁵⁶ INCOR – Instituto do Coração

⁵⁷ ABNT – Associação Brasileira de Normas e Técnicas

centual de descontos em alguma coisa lá do governo, mas não tem nada não, um dia desses, eu estava até pensando que geralmente, sempre que passa uma “neguinha” na faculdade alguém está “zuando”, mostra, pelo menos na televisão, que sempre tem algum idiota “zuando” alguma coisa com um bolsista ou alguém diferente, mas lá nunca teve nada, nada mesmo, é uma integração assim muito bacana entre todos os cursos, as pessoas se conhecem, tem o núcleo básico de saúde, então ajuntam todas as turmas na minha turma de núcleo, têm pessoas da nutrição e enfermagem do primeiro semestre, então a gente já conhece o resto da turma deles, porque estão com o resto da nossa turma, então tem uma integração muito grande.

Márcia – Como foram suas notas?

Karen – Até agora estou bem.

Márcia – Você acha que tem diferença do aluno bolsista para outros alunos, em termos de rendimento?

Karen – Eu acho que se interfere, interfere muito pouco.

Márcia – Não dá nem para perceber?

Karen – Tem aquela questão, você é bolsista não pode ficar em dependência.

Márcia – Não pode?

Karen – Mas pelo que eu vi ali não tem isso não, o aluno bolsista ou não bolsista, preto, branco ou japonês se ficar de “DP⁵⁸” em três matérias, ele repete, não falaram nada de perder a bolsa, se ficar de “DP” vai ter que cursar no próximo ano essas duas matérias a parte, para passar nessas duas matérias e para fechar aquele ano e ganhar o certificado, lá no final do curso, quer dizer, vai de aluno para aluno, tem aluno ali como em todo lugar que se encosta, tem aluno que estuda o que estuda tira nota o que se encosta não.

Márcia – O que você pensa que esse curso de enfermagem vai lhe proporcionar?

Karen – Ainda não estou pensando, vamos devagar porque eu sempre fui assim muito “retrancuda”.

Márcia – “Retrancuda”, essa palavra é nova! O que é “retrancuda”?

Karen – É ficar sempre com o pé atrás, eu nunca fui de voar muito alto, porque o tombo é maior ainda.

Márcia – Você não sonha tão alto?

Karen – Eu não tenho essa ilusão, as pessoas, os professores viviam falando: “você não vai crescer”! Porque você não tem sonho, e eu falava: “você vai crescer e cair do cavalo, porque você só sonha”! Acho que não pode ser tanto para um quanto para outro, mas eu não consigo

⁵⁸ DP – dependência, ou seja, o aluno deverá cursar novamente a disciplina

ficar imaginando – vou me formar, vou fazer isso, vou fazer aquilo, eu vou muito devagar, vou devagar com o andar da carruagem e vendo o que dá e o que não dá, me projetar no futuro, não! Porque eu não sei bem o que quero – trabalhar com coração, com idoso, com criança, tem muita coisa para fazer ainda, só de básico são quatro anos e depois tem especialização para depois trabalhar diretamente, então com três meses não dá para saber o que eu quero ainda, o que eu sei é que não pretendo sair da faculdade.

Márcia – Então você pretende terminar o curso?

Karen – Não! Mas projetar, não! Mas sair, não passa pela minha cabeça não, ainda mais agora que estou me acostumando com o ritmo de estudo, de pegar livro e arrumar tempo para ler livro, não é que eu tenho tempo, eu arrumo tempo.

Márcia – Você vê alguma mudança nesses três meses como universitária?

Karen – Já! Responsabilidade está mexendo com pessoas muito mais velhas do que eu, a pessoa tem vivência de trinta anos a mais, e eu com dezoito anos, ele sabe tudo o que está se falando, às vezes, você sabe: de eu poder ensinar uma pessoa que tem mais que o dobro da minha idade, eu fico muito feliz, eles até falam: “nossa, não acredito como você, na sua idade, já sabe isso”. Dá um orgulhinho, mas já volta para retranca, ó calma vai devagar!

Márcia – Você é muito pé no chão!

Karen – Porque sonhar, sonhar, viver sonhando!

Márcia – Você namora?

Karen – Estou enrolada. Agora então eu não tenho mais tempo para mim, vou para faculdade, vou trabalhar, chego do trabalho, vou estudar e depois vou tomar banho e vou dormir.

Márcia – Seu namorado também faz faculdade?

Karen – Era para ter feito, mas não fez. Agora está vendo a questão de bolsa atleta.

Márcia – Ele é atleta?

Karen – Ele joga handball também, porque acaba ficando muito tempo nesse mundo de handball, e acaba conhecendo somente gente assim, eu parei muito namoro porque falavam para eu escolher entre o esporte e eu falava: “filho, obrigada, beijo”. Vou jogar, “porque ninguém é obrigado a aceitar que a pessoa passe todo final de semana jogando de manhã até a noite jogando, quando não está treinando e falam: “vamos até tal lugar?” e a resposta é: “Não, preciso dormir porque amanhã tenho treino”“. Ele não é obrigado a aceitar, mas eu também não sou obrigada a abrir mão do que eu gosto por causa disso, e ainda falavam para mim que isso não daria em nada. Gente, para mim é diversão. O que eu posso fazer? Vou largar o handball para ir para o shopping? Não vou mesmo – mas apanhar, ser xingada se errar o gol, para mim é diversão!

Márcia – Ainda é diversão?

Karen – Hoje em dia mudou! É isso que eu ia falar! A gente vai crescendo e antes era prioridade, não importa se eu estava estudando, trabalhando, handball era prioridade. Então eu tinha que comer, porque eu tinha que estar bem para treinar, hoje, handball é hobby, desde o final do ano, eu treino só de final de semana. Antes não, antes eram todos os dias. Mas eu comecei a trabalhar de sábado até as vinte horas mais ou menos e aí, só no domingo, faz uns três ou quatro anos que eu não vou. Aí ele liga: “você não vai treinar”? Eu falo: “não, estou no trabalho, ou, tenho trabalho da faculdade para fazer”.

Márcia – Você participa de algum movimento estudantil, movimento comunitário?

Karen – Ainda não.

Márcia – Porque eu sei que este prédio é resultado do movimento de moradia do centro.

Karen – A gente participava, só que agora eu não participo mais. Faz um tempinho que não tem nada. A minha mãe ainda vai.

Márcia – Sua mãe ainda vai?

Karen – Sim! Desde que eu era pequena que ela faz parte desse movimento de moradia. A gente ia para as reuniões, para as pastorais, para mim e para minha irmã era tudo diversão, festa no meio da rua, todo mundo gritando. Era festa (risos).

Márcia – Existe um grêmio na faculdade? Você participa?

Karen – Ainda não! Mas já vi que tem hand.

Márcia – Você está interessada?

Karen – Mas eu não tenho tempo para treinar, não sei como fazer, que horas que é o treino.

Márcia – Você já pesquisou sobre isto?

Karen – Já! Já verifiquei, estou vendo se encaixa na minha agenda um tempo para treinar.

Márcia – Você estaria estudando sem a bolsa de estudo do Prouni?

Karen – O que aconteceu nos três primeiros meses. Meus planos eram um, eu estaria ou procurando trabalho ou trabalhando, fazendo cursinho provavelmente não, porque é muito mais caro do que achei que fosse. Eu não teria dinheiro para pagar, eu estaria trabalhando e treinando e jogando quando desse.

Márcia – O Prouni abriu portas?

Karen – Com certeza!

Márcia – Você poderia estar estudando sem a bolsa de estudo?

Karen – Não! Porque quando se trabalha, se sabe o quanto custa, se ganhar “x” de dinheiro por dia, só para prestar uma provinha, você vê o tanto de dinheiro que tem que dar, e às vezes

a faculdade não é tão renomada assim. Eu acho que setenta ou oitenta reais para prestar um vestibular, é um absurdo.

Márcia – Você acha muito caro?

Karen – E só para prestar, nem se sabe se vai passar, a mensalidade de faculdade, pelo amor de Deus! Minha mãe fala; “você é muito mão fechada”, eu falo: “mãe, se eu for abrir a mão assim, não faço mais nada, não tenho mais dinheiro para dar”. Eu fiz as contas, no mínimo novecentos reais por mês. Eu não ganho isso, como é que eu ia fazer? Jogar nas costas do meu pai? Nem “ferrando”, então eu ia estar em casa.

Márcia – Então o Prouni abriu essa possibilidade de você poder estudar?

Karen – Exatamente! Porque, ou era bolsa ou era bolsa. Amigos meus que não prestaram o Prouni, e ficaram esperando a bolsa de outros lugares, não conseguiram a bolsa. Uma amiga está fazendo ETE⁵⁹ e o estágio, ela está trabalhando. Eu falei: “filha, você tem que arrumar um tempo para respirar”. Ela sai do trabalho, vai para o estágio e para a ETE. Ela pensava em enfermagem e jornalismo, e eu engenharia ambiental e biologia. Ela prestou ETE para engenharia ambiental e eu desisti da ETE em engenharia ambiental, e fui para enfermagem. Hoje ela está fazendo esse estágio e está gostando de mais!

Márcia – Você está contente com as condições oferecidas pela faculdade?

Karen – Eu estou sim! Eu não sei o que vai ser no futuro, mas hoje as pessoas perguntam: você está fazendo faculdade? Estou, respondo. Do quê? Enfermagem. Onde? Eu falo, São Camilo e as pessoas comentam: “nossa, está com o futuro garantido, viu!” E eu fico pensando: que bom tomara que esteja mesmo, porque não é pouco.

Márcia – O curso é de quanto tempo?

Karen – São quatro anos de curso! E a São Camilo tem todo um esquema, tem as matérias fixas e tem as matérias optativas. Pode-se optar por fazer até o final do ano, as duzentas horas complementares, entre cursos, palestras ou alguma coisa que acrescente para a área.

Márcia – Você está fazendo as horas complementares?

Karen – Já! Já fui a palestras de cuidados paliativos, sobre o investimento do governo na saúde pública, mas não foram coisas assim muito grandes, porque não tenho tempo. Trabalhar, estudar, e geralmente é de segunda ou de sexta feira, que é o dia que não tem aula no meu campus Pompéia, não tem aula de segunda, mas dependendo da hora, não posso ir, porque estou trabalhando.

Márcia – você costuma ir a cinema, teatro, exposição?

⁵⁹ ETE – Escola Técnica Estadual

Karen – Eu gosto, mas faz um tempo que não vou, mas tem algumas coisas que a gente participa que também contam horas, se forem voltadas para a área, como feiras e essas coisas assim. É como um professor falou que o primeiro semestre não é para se pensar nas horas complementares. Mas todo mundo pensa, pois se passar em todas as matérias e não tiver as duzentas horas, não se recebe o certificado no final do ano. Então ficamos preocupados o tempo todo com isso. Chega ao fim do semestre, tem TCC⁶⁰ para fazer, tem isso, tem aquilo, mas vai indo. Enquanto der para ir levando, eu vou levando. Uma hora vou ter que parar uma coisa, para poder fazer as horas complementares. Vou fazer dez matérias, mas eu faço as dez matérias.

Márcia – Você mudaria alguma coisa no Prouni?

Karen – Não! Acho que o que a gente tinha antes desse programa, para o que se tem agora, está cem por cento.

Márcia – Por quê?

Karen – Nada são cem por cento na vida. Mas, esse programa, literalmente, abre portas. Não precisa prestar vestibular para entrar na faculdade, se ganha a bolsa de graça. É nesse momento que se vai ver o quanto estudou no ensino médio, para prestar o Enem e para tirar uma boa nota e para poder usar essa nota no Prouni. Então, para se conseguir bolsa, em âmbito nacional, isso é muita coisa. Não é que ganhou de graça, eu só não fiz a prova da faculdade para passar, mas pegaram todo o meu histórico escolar, e fala com os professores sobre ser ou não boa aluna. Teve todo um estardalhaço, então todo mundo da escola sabia que eu estava concorrendo a uma bolsa pelo Prouni.

Márcia – Então você não mudaria nada?

Karen – É, eu acho que se pudesse mudar, em relação, a mais bolsas. Porque eu não sei quantas bolsas dão, mas acho que pelo número de gente que precisa é pouco, ainda se pudesse mudar alguma coisa seria isso, o número mesmo.

Márcia – Muito obrigada pelo seu depoimento.

⁶⁰ TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

Wendy Francisco Pereira

16/08/2009

Márcia – Fale sobre a sua trajetória escolar.

Wendy – Complicado!

Márcia – Complicado Wendy? Por quê?

Wendy – Primeiro eu comecei a estudar aos dez anos.

Márcia – Por que aos dez anos?

Wendy – Acho que meu pai não queria.

Márcia – Você sempre morou em São Paulo?

Wendy – Não! Sou de Sergipe, interior de Sergipe, da cidade de Itabaianinha. É a cidade dos anões.

Márcia – A cidade que passa na televisão? E é mesmo a cidade dos anões? Tem muita gente pequena?

Wendy – Sim! Não é que você sai da rua e vê assim um monte, mas têm várias famílias que têm anões.

Márcia – Você nasceu lá em Itabaianinha, Sergipe?

Wendy – Eu nasci e morei até os vinte anos.

Márcia – O que você fez até seus dez anos? Quando você começou a estudar?

Wendy – Brinquei como toda criança, mas trabalhei também!

Márcia – Onde você trabalhava?

Wendy – Trabalhei com o meu pai na zona rural, no comércio, vendendo banana.

Márcia – Isso antes dos dez anos, antes de ir para a escola? Mas a roça era do seu pai?

Wendy – Não! Morei em outra cidade com a minha irmã, voltei para minha cidade Itabaianinha e continuei trabalhando no comércio.

Márcia – Com quantos anos, você lembra?

Wendy – Com uns doze ou treze anos eu já estava na escola.

Márcia – Você já estava na escola. Por que você começou estudar com dez anos?

Wendy – Porque minha irmã me colocou, na zona rural, em outra cidade.

Márcia – Foi quando você aprendeu a ler a escrever. Foi fácil aprender com dez anos?

Wendy – Sim! Porque minha mãe antes dos dez anos, minha mãe me colocava numa espécie de banca.

Márcia – O que é banca?

Wendy – É um tipo de escola. Algumas crianças da cidade se reúnem no fundo do quintal, montam uma sala de aula, pagam uma pessoa para ensinar. Mas não tem certificado de nada, só o ensino mesmo, a leitura e a escrita.

Márcia – Interessante! Com dez anos você se matriculou em uma escola oficial?

Wendy – É! Minha irmã me matriculou na zona rural!

Márcia – Você morava com a sua irmã?

Wendy – Morei até os sete anos com meus pais, e até os dez anos com a minha irmã. Fiz a primeira série na zona rural, passei em primeiro lugar da sala, Saí da roça e voltei a morar na cidade Itabaianinha. Comecei a estudar direto. Só que quando vim da roça para Itabaianinha eu não consegui mais vaga, porque eu vim no meio do semestre. Não consegui vaga e perdi um ano.

Márcia – Você já estava com doze anos?

Wendy – Perdi mais tempo. Fiz a segunda e a terceira série e não parei mais até a quinta série, estava com dezesseis anos, mais ou menos, então tive que começar a trabalhar.

Márcia – Você fazia a quinta série e trabalhava?

Wendy – Passei para a quinta série e no segundo semestre já comecei a trabalhar.

Márcia – Mas você não parou de estudar? Estudava de manhã e trabalhava à tarde?

Wendy – É!

Márcia – Em que você começou a trabalhar?

Wendy – Comecei a trabalhar como costureiro, que é o meu trabalho atualmente, mas eu não gosto.

Márcia – Por que você não gosta?

Wendy – Eu não gosto dessas coisas de linha de produção, sempre é muito puxado, não é fácil e também tanto tempo que já me “encheu”.

Márcia – Por que você foi trabalhar como costureiro?

Wendy – Para ajudar em casa.

Márcia – Não tinha outra opção de trabalho?

Wendy – Não! Porque a cidade era pequena, tinha pouca coisa para trabalhar.

Márcia – Como você fez para continuar os estudos?

Wendy – Na quinta série comecei a trabalhar e tive que pagar escola particular por um ano e meio, quase dois anos, porque não consegui escola pública. Trabalhava e pagava a escola particular, terminei a quinta e a sexta série do ensino fundamental.

Márcia – Você queria estudar? Nunca quis parar?

Wendy – Sempre buscava isso. Minha mãe como tinha pouca interferência, ela falava: você tem que estudar se quiser ser gente. Você tem que estudar sempre, estude, estude”. Ela sempre tentou colocar a gente na escola, mas tinha o bloqueio do meu pai.

Márcia – Por que o bloqueio do seu pai?

Wendy – Ele dizia que estudo não era nada. “Para que estudar?”

Márcia – Você acha que o pensamento do seu pai influenciou você?

Wendy – Durante a infância sim, até os dez anos toda criança fala sobre escola, se está ou não se está.

Neste instante, a irmã de Wendy que estava presente na entrevista, pois estávamos na casa dela, interrompe a fala do irmão e completa o que o pai falava a respeito dos estudos.

Irmã – Para que estudar? Vagabundo! Meu pai falava que não tinha que estudar, que tinha que trabalhar, ele dizia que quem estudava em colégio era tudo vagabundo!

Márcia – Talvez ele tenha aprendido isso com o pai dele.

Wendy – Provavelmente, porque a maioria deles não veem motivo para estudar.

Márcia – Em quantos irmãos vocês são?

Wendy – Somos em dez irmãos!

Márcia – Todos desta mesma cidade, Itabaianinha?

Wendy – Sim todos!

Márcia – Bem, então você foi trabalhar?

Wendy – Isso, na indústria de confecção, mas sempre pensando nos estudos lá na frente. Fiz a sétima e a oitava série, depois da oitava série veio o ensino médio. Então a minha mãe veio para São Paulo, passei a morar sozinho lá em Sergipe.

Márcia – Quantos irmãos vieram com ela?

Wendy – Ela veio com quase todos, lá em casa ficaram eu e outro irmão. Para São Paulo vieram minha mãe e mais cinco irmãos. Fiquei só.

Márcia – Você não quis vir?

Wendy – Não! Continuei trabalhando na mesma indústria de confecção, e estudando. Fiz o primeiro ano do ensino médio.

Márcia – A escola era boa?

Wendy – Era sim! A questão era eu (risos). Eu não era nada bom.

Márcia – Em que sentido?

Wendy – Acho que mais pelo cansaço, eu trabalhava muito puxado. Então não ajudava, eu acabava não estudando, passava sempre na média.

Márcia – Você acabava passando sem saber de verdade?

Wendy – Mais ou menos isso mesmo! Passava por nota.

Márcia – Você sentia isso?

Wendy – Com certeza. Aprendia o mínimo.

Márcia – Quando você terminou o ensino médio?

Wendy – Em 2003. Mas eu não terminei o ensino médio lá, em Itabaianinha, lá eu fiz o primeiro ensino médio. Depois eu me mudei para São Paulo.

Márcia – Então você decidiu vir. Sua mãe já estava aqui e parte dos seus irmãos. Por que você quis vir para São Paulo?

Wendy – Depois de dois anos, eu pensei: “vou ver se vou gostar, vou mudar essa rotina aqui porque já está ficando cansativa”.

Márcia – Quando você chegou em São Paulo, para onde você foi?

Wendy – Vim aqui mesmo, nesse prédio! Minha mãe já morava aqui,

Márcia – Quantos anos você tinha?

Wendy – Vintes anos.

Márcia – O que você fez quando chegou em São Paulo?

Wendy – Cheguei e procurei começar a estudar.

Márcia – Então você já chegou pensando em estudar?

Wendy – É. Queria terminar o ensino médio.

Márcia – Onde você se matriculou?

Wendy – Na Escola Estadual São Paulo, que é aqui do lado. Mas foi complicado. Eles não queriam aceitar a transferência. Quase eu não consegui.

Márcia – Por quê?

Wendy – A diretora estava vetando a transferência dizendo que não tinha vaga. Mas tinha, eles é que são muito burocráticos. Retornei à escola e falei que eles eram obrigados a aceitar a transferência. Insiste até que eu consegui e fizeram a minha transferência. Comecei a estudar em 2003 e em 2004 terminei o ensino médio.

Márcia – Você aproveitou mais os estudos?

Wendy – Também não (risos). Acho que eu me habituei a não estudar.

Márcia – Você não se dedicou aos estudos?

Wendy – Eu estudava pouco, somente para ficar na média mesmo. Mas eu percebi que mesmo sem eu estudar tanto eu me saía bem, comparando com muitos da sala. Eu era igual a muitos da sala.

Márcia – Além de estudar você conseguiu trabalho aqui em São Paulo?

Wendy – Sim. Nos primeiros três meses eu recebi o seguro desemprego. Depois fiquei enrolando e não conseguia emprego. Eu também não queria mais costurar. Eu tentava em outra área, mas não conseguia porque eu tinha quatro anos de registro na área da costura e as empresas falavam que não tinha nada haver com o que eu queria.

Márcia – E o que você queria?

Wendy – Procurei trabalho em escritório, logo que cheguei, procurei também trabalhar em supermercado, mas não consegui. Continuei procurando, procurando e vi que não dava para ficar sem dinheiro. Então eu entrei em uma oficina de costura. Passei seis meses e sai da oficina. Fiquei enrolando de novo, ficava fazendo bico em casa, costurando. Fiquei nessa situação por dois anos. Foi quando minha mãe voltou para Sergipe, porque aconteceu um problema e teve que voltar. Eu fiquei, mas sempre estudando sem parar e em 2004 eu tentei entrar na faculdade, mas não consegui.

Márcia – Por que você queria entrar para uma faculdade?

Wendy – Porque eu estava vendo que o ensino médio não era suficiente.

Márcia – Suficiente para quê?

Wendy – Para conseguir um emprego melhor e ser qualificado para o mercado.

Márcia – Você acredita a faculdade lhe dá essa qualificação?

Wendy – Através da faculdade eu conseguiria um emprego por causa da qualificação.

Márcia – E você pensava em fazer qual faculdade?

Wendy – Eu pensava em fazer informática.

Márcia – Por que informática?

Wendy – Porque eu gostava muito de mexer com computador, programas, sempre mexia. Já tinha uma familiaridade.

Márcia – Então você achava que fazer uma faculdade de informática seria bom para você?

Wendy – Ia sim! Mas os anos foram passando. Eu já tinha tentado fazer o Enem desde o primeiro ano do ensino médio, lá em Sergipe.

Márcia – Então você já fez Enem?

Wendy – Desde o primeiro Enem.

Márcia – Você lembra das suas notas?

Wendy – A primeira, que eu fiz lá em Sergipe, eu não lembro, mas era 6.0, acima de 60. Na redação eu sempre me saia melhor, 7.5 na redação e na prova objetiva eram 4.0 ou 4.5.

Márcia – E você prestou o Enem aqui em São Paulo?

Wendy – Prestei.

Márcia – Como você se saiu aqui em São Paulo?

Wendy – A mesma coisa, sempre a mesma média, variando da redação para a parte objetiva, quando a objetiva saia alta, a redação saia baixa e vice-versa.

Márcia – Qual foi o último Enem que você fez? Foi em que ano?

Wendy – Foi esse último, em 2008.

Márcia – Você lembra a sua nota?

Wendy – Acho que foram 5.4!

Márcia – E nesse tempo você estava trabalhando?

Wendy – Estava! Onde já estou há três anos e meio

Márcia – Na confecção?

Wendy – Depois que eu concluí o ensino médio, eu comecei a trabalhar porque fiquei sozinho depois que minha mãe foi para Sergipe.

Márcia – Então você foi levado à confecção.

Wendy – É foi! Mesmo fazendo vários vestibulares para várias faculdades, eu chegava perto para passar.

Márcia – Quais faculdades você tentou?

Wendy – Tentei Fatec.

Márcia – Sempre na área da informática?

Wendy – É! E eu não consegui, porque a área é muito concorrida, até para o Enem.

Márcia – Então você prestou o Enem no ano passado, obteve a nota 5.4! Então você se inscreveu no Prouni?

Wendy – Foi, no começo do ano mesmo! Porque no final do ano saiu o resultado do Enem / 2008.

Márcia – Quais foram suas opções?

Wendy – A primeira opção foi informática na Uninove, porque você inscreve-se de acordo com a média das faculdades.

Márcia – Então a sua opção dependia da nota de corte que a faculdade informava?

Wendy – É que quando eu colocava o curso no sistema do Prouni, vinha um aviso aconselhando outra opção. Eu pesquisei muito para a segunda opção.

Márcia – E qual foi a sua segunda opção?

Wendy – Administração, porque o pessoal me falava sempre se eu não soubesse o que fazer que escolhesse administração.

Márcia – Então suas opções eram informática e administração?

Wendy – Cheguei a colocar até moda Mas era para entrar num curso superior logo, e não ficar perdendo mais tempo.

Márcia – Moda era uma opção mais para o final?

Wendy – É mais para o final mesmo! Mas aí não sei o que eu fiz. Não prestei muita atenção. Fiz minha inscrição no último dia e consegui fazer o cadastro direito. Nem olhei as últimas chamadas, não sei se fui chamado ou não.

Márcia – Então você perdeu a primeira inscrição?

Wendy – Perdi!

Márcia – Quando você fez a segunda inscrição?

Wendy – Em 2007. E não consegui nenhuma classificação.

Márcia – Mas você lembra se eram as mesmas opções?

Wendy – Foram! Administração e informática.

Márcia – Você teve sucesso?

Wendy – Consegui uma bolsa na Faculdade Cantareira, mas parcial. O pessoal falou que a faculdade era muito ruim.

Márcia – Você não tem bolsa integral?

Wendy – Não!

Márcia – Você tem uma bolsa parcial de 50%?

Wendy – Isso! Minha renda não permite uma bolsa de 100%.

Márcia – Por que você não se matriculou na Faculdade Cantareira?

Wendy – Eu pensei: eu não vou pagar uma faculdade que não é muito aceita no mercado. Complicaria e eu não quis. Tentei no ano seguinte. Fiz o Enem de novo.

Márcia – Qual foi a sua nota desta vez?

Wendy – 6.3 pontos!

Márcia – Melhorou então? Este foi o último?

Wendy – Não. Esse foi o penúltimo. Eu não consegui nenhuma classificação.

Márcia – Em 2008, você faz seu último Enem. Qual foi sua nota?

Wendy – Foram 5.4! Foi o que eu consegui.

Márcia – Diminui?

Wendy – Foi.

Márcia – Quais foram as opções no Prouni?

Wendy – Primeiro foi sistema de informação na Uniban- São Judas.

Márcia – E as outras opções?

Wendy – Eu não lembro do outro curso que eu coloquei, porque tinha outro curso, acho que era administração.

Márcia – E a última opção?

Wendy – Sistema de informação também!

Márcia – Mas você cursa Turismo?

Wendy – É mesmo, tem Turismo.

Márcia – Que é a que você foi classificado.

Wendy – Ai desculpa a minha cabeça, nossa.

Márcia – O turismo foi qual opção?

Wendy – A primeira opção

Márcia – Então, na última configuração, turismo ficou sendo a primeira opção Por que Turismo?

Wendy – Porque eu vi que a concorrência era muito grande em sistema de informação, então como meu namorado já fazia turismo, pesquisei a área em cursos, livro, li muito sobre o mercado e fui fazer turismo. As matérias não são tão difíceis quanto em sistema de informação, que é muito complicado.

Márcia – Então quando você muda a configuração das opções, deu certo? Como você ficou sabendo da sua classificação?

Wendy – Mandaram um e-mail e uma carta para casa.

Márcia – Então você foi classificado em Turismo na Uniban?

Wendy – É assim mesmo, a gente verifica no sistema. Fiquei ansioso para ver.

Márcia – O que você sentiu quando viu o resultado?

Wendy – Fiquei contente! Porque depois de tanto tempo mesmo sendo o que eu não queria.

Márcia – Por que você ficou contente mesmo sem ser o curso que você queria?

Wendy – Fiquei sim! Há tanto tempo tentando, na luta, então eu vi a oportunidade de eu entrar na faculdade mais rápido, já estava tentando há cinco anos.

Márcia – E fazer faculdade continuava sendo importante para você?

Wendy – Com certeza! Continuar porque já estava parado há tanto tempo. Fui me dando conta que estava há muito tempo sem estudar, apenas trabalhando.

Márcia – O próximo passo foi preparar a documentação?

Wendy – A documentação foi bem burocrática, mesmo sendo bolsa parcial, tive que voltar na faculdade umas três vezes, saía do meu trabalho, foi bem complicado. Quase não consegui a bolsa, tive que pedir um documento em Sergipe, um comprovante de residência da minha mãe em Sergipe, foi muito complicado para conseguir toda a documentação, mas consegui.

Márcia – Você teve dificuldades para acompanhar as aulas?

Wendy – Sim! Acho que o cansaço do trabalho. Não acompanho bem as disciplinas. Mas fico sempre na média.

Márcia – Qual o motivo de sua dificuldade?

Wendy – Meu conhecimento anterior me prejudica um pouco.

Márcia – E o que você faz para suprir sua dificuldade?

Wendy – Tento o máximo prestar atenção nas aulas, porque em casa eu não estudo.

Márcia – Você não estuda em casa?

Wendy – Não! Não leio nada em casa, até as meninas da sala perguntam como eu consigo, e eu falo: “meio que embromei”. Minhas notas no primeiro semestre não foram boas.

Márcia – Então você está fazendo o curso, praticamente, apenas assistindo às aulas?

Wendy – Sim! Minhas notas foram acima de 4.5, só tirei uma vermelha.

Márcia – Qual é a média na Uniban?

Wendy – Média 5. Eu tirei acima de 4.5, só tirei uma vermelha, fiquei em DP em uma matéria, quer dizer, ainda nem é DP, porque lá o curso é anual na Uniban.

Márcia – Entendi! Você frequenta a biblioteca?

Wendy – Não.

Márcia – Você comprou livros?

Wendy – Não! Eu não leio nenhuma apostila.

Márcia – Você não lê as apostilas, não frequenta a biblioteca e não compra livros?

Wendy – Isso.

Márcia – Você utiliza o laboratório de informática?

Wendy – Eu fui só uma vez, o tempo é muito curto, só de final de semana que eu posso ir, mas o cansaço, essa rotina do trabalho já me saturou tanto.

Márcia – E você acha que vai dar conta de terminar a faculdade, assim nesse seu ritmo?

Wendy – Acho que posso pegar o diploma, mas....

Márcia – Então você acha que vai lhe ampliar suas possibilidades de trabalho?

Wendy – Então é o que já estou tentando mudar.

Márcia – O que você está tentando mudar?

Wendy – Meus estudos, a forma de eu levar meus estudos, sabe, começar a estudar mesmo.

Márcia – Por quê?

Wendy – Porque eu estou vendo que o mercado de trabalho não quer apenas o diploma.

Márcia – Não quer? Você acha isso ou está ouvindo isso?

Wendy – Eu acho e presencio.

Márcia – Por quê?

Wendy – Porque eu passei por entrevistas e não fui selecionado.

Márcia – Então o diploma não é tudo?

Wendy – Não mesmo!

Márcia – Em que a faculdade está mudando o seu modo de pensar?

Wendy – Acho que ainda não estou muito interado, eu me atraso muito na faculdade.

Márcia – Atrasa como?

Wendy – Chego muito tarde.

Márcia – Você já tem um grupo de amigos na faculdade?

Wendy – Tinha, mas agora não, porque eu mudei. Agora eu mudei, vim para a Vila Mariana, e ainda não tenho um grupo.

Márcia – Você sente discriminação por ser bolsista?

Wendy – Não! Nenhuma, o pessoal até acha legal e dizem: “nossa você é bolsista”!

Márcia – E por que eles acham que é legal?

Wendy – Porque eu não pago (risos).

Márcia – Você tem amigos que são bolsistas?

Wendy – Meu irmão e uma amiga.

Márcia – E essa questão da nota, você tem que ter uma média por ser aluno Prouni, ou não, você só não pode repetir?

Wendy – Eu acho que é a mesma coisa para todos os alunos, mesmo eu não tendo lido todo o manual do Prouni, mas.

Márcia – Como você avalia sua faculdade?

Wendy – Acho que não posso nem avaliar tanto.

Márcia – Ela é uma boa faculdade?

Wendy – O ensino é bom, pelo menos a maioria dos professores são bem dedicados.

Márcia – Quando você diz a maioria, o que não estaria bom.

Wendy – Tem uns professores que brincam muito, eu acho que tem poucas aulas.

Márcia – se você pudesse, estaria fazendo o curso em outra faculdade?

Wendy – Eu queria estar na São Judas.

Márcia – Você queria estar mesmo na São Judas, está pensando em mudar?

Wendy – Eu fiz o Enem esse ano para ver se eu consigo uma bolsa integral.

Márcia – Mas que curso, o mesmo?

Wendy – Agora estou em dúvida. Se eu for começar com bolsa integral, eu vou ter que começar tudo de novo, e estou em dúvida entre turismo e informática.

Márcia – Turismo e informática, a informática é o curso que você sempre quis fazer.

Wendy – Mas aí tem toda uma coisa, um processo, tem a dificuldade da matéria.

Márcia – Você se sente capaz de enfrentar isso?

Wendy – Acho que eu não me sinto preparado não.

Márcia – Você está buscando se preparar ou não.

Wendy – Estou deixando. Como sempre.

Márcia – Que dificuldades você tem para se manter no curso, em termos financeiros mesmo, você tem uma bolsa de 50%, mas você teria livros para comprar, alimentação, condução?

Wendy – Tenho dificuldades sim, com certeza, tanto que não estou pagando a faculdade.

Márcia – Você não está pagando os 50%?

Wendy – Não. Para eu passar para o segundo ano, eu vou precisar fazer um acordo e efetivar o acordo.

Márcia – Que dificuldades você teve.

Wendy – Dificuldade financeira mesmo, eu só não saí ainda, porque eles não cancelam a bolsa nem a faculdade cancela a matrícula.

Márcia – Então você está tendo dificuldades para se manter e pagar esses 50% , você não tentou outro tipo de financiamento?

Wendy – Não. Primeiro porque me falaram que o Fies tem juros horríveis. Eles cobram muitos juros, eu não pesquisei, mas falaram para eu não fazer o Fies.

Márcia – Certo! É para terminarmos, que oportunidades você acha que a faculdade lhe proporciona no mercado de trabalho?

Wendy – Primeiramente, a facilidade de conseguir um estágio, porque entrar na área por meio do estágio é mais fácil, sem um diploma, sem uma faculdade, sem ter qualquer qualificação não dá certo.

Márcia – Você está feliz em São Paulo? Pretende ir embora?

Wendy – Eu gosto daqui! Não pretendo não, vou fazer a vida aqui mesmo.

Márcia – E o Prouni, você acha que é um bom programa do Governo?

Wendy – De todos os programas que dão a oportunidade de entrar no ensino superior, eu acho que é o ProUni é o melhor sim.

Márcia – Por quê?

Wendy – Porque tem a questão que o pagamento da bolsa é fixo, não têm regras para cancelar a bolsa, e os outros programas como a Bolsa Universidade, que é para os sem-terra, que dá 50% de desconto, mas se não pagar no dia certo, terá que pagar o valor integral, e outros que eu busquei como o Mérito Acadêmico, não dá uma bolsa suficiente.

Márcia – Então você acha que o Prouni é uma boa bolsa de oportunidade de quem não tem condições financeiras?

Wendy – É a melhor, sim.

Márcia – Você mudaria alguma coisa no Prouni?

Wendy – O sistema de seleção por renda.

Márcia – Você está dentro da exigência para bolsa integral?

Wendy – Não, eu não consigo bolsa integral. Eu nem conseguia fazer o cadastro, eu não sabia porque, fui verificar e depois eu vi que era a renda.

Márcia – Então você mudaria a renda, aumentaria um pouco mais? Por quê?

Wendy – Porque, por exemplo, para mim que moro sozinho, tenho despesa de aluguel, com a casa alimentação, e esta renda que eles estipulam não seria suficiente para pagar 50% da faculdade e manter a casa sozinho.

Márcia – Você participa de algum movimento estudantil?

Wendy – Não.

Márcia – E social?

Wendy – Só o MMT

Márcia – O movimento de moradia do centro?

Wendy – Isso

Márcia – O que você faz nas horas vagas?

Wendy – Acho que dormir (risos).

Márcia – Não vai ao cinema ou teatro?

Wendy – Eu sou muito preguiçoso, para sair não é só por dinheiro. Porque lazer pode ser um parque, museus e muitos são gratuitos. A questão é que prefiro dormir, ficar em casa e ir para a balada também.

Márcia – Muito obrigada pela entrevista e pelo tempo que você disponibilizou.

Kelly Cristina Pereira

21/10/2009

Márcia – Muito bem, estou começando minha entrevista com a Kelly, estou na Uniesp, local onde a Kelly estuda. Então Kelly, qual sua idade e seu nome completo.

Kelly – Meu nome é Kelly Cristina Pereira, tenho 22 anos.

Márcia – Fale um pouco de sua família.

Kelly – Então, meu pai morreu quando eu tinha quatro anos. Eu fui morar com minha avó, eu moro com ela desde então. Casei e agora eu moro com meu marido.

Márcia – E a sua mãe?

Kelly – Eu não conheço a minha mãe. Ela mora aqui perto da minha casa, mas eu não a conheço. Ela mora no Itaim e eu em Itaquá. É perto. Eu já a visitei há muitos anos, mas se eu a vir eu não a conheço. Eu fui na casa dela uma só vez. Depois ela se mudou de lá e a gente se desencontrou, agora ela voltou para lá.

Márcia – Você morou com a sua avó até agora. Você tem irmãos?

Kelly – Morei com meu pai, meu avô e minha avó até quando eu casei. Hoje minha avó já faleceu. Eu tenho mais três irmãos, e tenho mais dois irmãos por parte de mãe. No total somos seis irmãos e eu sou a mais velha.

Márcia – Seus avós maternos ou paternos?

Kelly – São de parte de pai.

Márcia – Quantos anos você tem?

Kelly – Eu tenho 22 anos.

Márcia – Você é casada?

Kelly – Eu casei com 19 anos. Tive meu filho com 20. Perdão com 21, o ano passado. Ele vai fazer um ano agora, neste mês.

Márcia – Onde você mora?

Kelly – Em Itaquá, Manoelfei, é uma estação de trem, na Vila Bartira.

Márcia – Como foram os seus estudos? Sempre em escola pública?

Kelly – Sempre em escola pública.

Márcia – Como foi o ensino fundamental?

Kelly – Foi bom, assim. Na 1º série eu entrei na metade do ano. Daí eu fui daqui lá para o

norte.

Márcia – De São Paulo para o norte do país?

Kelly – Fui para a Paraíba. Minha avó morava lá e eu fui com ela. Daí eu entrei na primeira série na metade do ano. A diretora pensava que eu não iria conseguir acompanhar. Mas eu acompanhei e passei de ano. Só que ela me voltou para o primeiro ano, porque eu entrei na metade. Tive que fazer tudo outra vez.

Márcia – Na Paraíba, você fez a 1º série?

Kelly – Fiz da 1º à 8º série na Paraíba.

Márcia – Na mesma escola?

Kelly – Não. Eu passei por três escolas. O ensino fundamental em uma mesma escola e o ensino médio em duas escolas diferentes.

Márcia – Todas elas eram escolas públicas?

Kelly – Todas públicas, inclusive quando eu fiz o magistério, fiz em uma escola de freiras que era anteriormente particular, mas depois se transformou em pública. Era um colégio muito grande, tinha regras para entrar, tinha uniforme composto de saia pregueadinhas, blusinha com gravatinha, boina, meias e sapatos.

Márcia – O magistério era um bom curso?

Kelly – Eu gostei muito, eu aprendi muito. Achei o magistério maravilhoso, eu absorvi mais coisas do que o ensino médio normal, que eu fiz.

Márcia – Você fez o ensino médio normal também?

Kelly – Fiz, enquanto eu estava fazendo o magistério...

Márcia – Por que você escolheu fazer magistério?

Kelly – Eu tinha a opção de fazer o ensino médio e o magistério. Só que o magistério dava direito de eu dar aulas. Agora tem uma lei que obrigada o professor estar cursando a faculdade. Eu sei que ainda tem gente hoje, na Paraíba que dá aulas só com o curso do magistério.

Márcia – E dão aulas para que séries?

Kelly – Para a 4º, 5º série. Tem gente que encara até a 8º série.

Márcia – É mesmo? Só com o magistério?

Kelly – Só com o magistério. Eles vão para campo mesmo, para sítios.

Márcia – Para a zona rural. Por que você escolheu fazer Magistério?

Kelly – No começo eu ficava procurando estágio, depois eu fui gostando, fui fazer estágio, fui dar aulas numa escolinha do ensino rural lá, eu via que precisava bastante, fui tendo interesse, e achei interessante, achei assim, não é fácil, mas nos dá um retorno bem maior.

Márcia – Você chegou a dar aulas depois que se formou?

Kelly – Não. Quando eu estava para me formar, mudaram o tempo de curso do Magistério. Era até então de três anos e eu já estava terminando, mas neste ano passou a ter quatro anos, como eu já estava voltando para São Paulo, eu não pude terminar.

Márcia – Quem decidiu voltar para São Paulo?

Kelly – A minha avó, porque ela não tinha nenhum parente lá, somente ela, eu e meu avô, todos os filhos dela estavam aqui. Ela tem 14 filhos, todos aqui em São Paulo, não tinha nenhum lá. Meus avós tinham muita idade, longe dos filhos, muito longe, são três dias daqui para lá. Então, ela resolveu voltar para São Paulo. Eu vim na frente, quando acabei o terceiro, e tinha o quarto ano que tinha de fazer, que era só estágio, TCC, mas eu acabei não fazendo, Eu não concluí. Quando eu cheguei aqui, eu não encontrei mais o curso de magistério, não tinha mais. Então não pude terminar. Fiquei lá em casa com o primeiro ao terceiro no papel, mas não tenho a conclusão e nem posso mais.

Márcia – E aí o que você fez?

Kelly – Eu fui para Itaguá, fora isso, eu já morei em Caraguatatuba, quando eu tinha nove anos, lá eu fiz a quarta e a quinta série. Eu já morava , lá no norte, aí eu vim para Caraguatatuba. Nós passamos dois anos, foi quando eu tive uma noção de como era atrasado, o ensino daqui era bem mais adiantado do que lá.

Márcia – Por quê?

Kelly – Lá em uma determinada série, não tinha aula de história, era ciências. Não tinha geografia, não tinha física, não tinha química. Tinha o básico: português, matemática, ciências, e história, algumas, às vezes nem história tinha, eram estudos sociais. Então, quando eu vim para cá, era totalmente diferente, a escola lá em Caraguatatuba era muito boa.

Márcia – Era pública?

Kelly – Era pública. Tinha laboratório, também exigia farda para entrar.

Márcia – Mesmo assim, você acompanhou o curso?

Kelly – Acompanhei bem, do fundamental até o 3º do médio, eu fui ótima. No começo deu um trabalhinho, mas depois eu consegui. Depois quando eu voltei para lá, para mim eles já eram meio lentos. Tudo o que eles passavam para mim, eu já tinha visto. Por exemplo, eu estava na 4º, eu fui ver na sexta a mesma coisa, então eu sabia de cor e salteado.

Márcia – Quando você voltou para São Paulo, você foi procurar uma escola pública de ensino médio normal?

Kelly – Então, eu estava fazendo o magistério lá, terceiro ano e fazendo o 1º ano, eu estava fazendo os dois ao mesmo tempo, terceiro ano do magistério e primeiro ano do médio normal, daí quando eu vim para cá, eu já vim com o primeiro ano, eu concluí os dois, conclui o tercei

ro e conclui o primeiro, concluí os dois, estudava pela manhã e a noite, e à tarde a gente fazia estágio. Quando eu vim pra cá, eu já tinha o primeiro, me matriculei para fazer o segundo e o terceiro, para terminar e fazer o Enem.

Márcia – E a escola aqui em São Paulo era de qualidade?

Kelly – No Bairro que a gente morou, a gente morou num bairro chamado Jardim Odete, em Itaguaquecetuba, a escola era meio bagunçadinha, era à noite. Eu estudava à noite, eu nunca tinha estudado à noite, eu sempre estudei de manhã.

Márcia – Bagunçada em que sentido?

Kelly – Assim, os alunos não deixavam os professores darem aulas, se você quisesse aprender mesmo, você precisava ficar bem na frente, porque senão você não conseguia ouvir nada. Era muito difícil mesmo, uma turma muito difícil mesmo, muito dos professores não conseguiam mesmo, não conseguiam tomar a rédea da sala, a sala é que “levava”. Os professores chegavam e iam ler revistas, alguns, outros não, outros chegavam e davam aula mesmo, davam aquela aula, e o pessoal prestava atenção. Quando o professor era firme, chegavam passavam na lousa, e aquilo e aquilo e pronto. O pessoal fazia. Então, eu estudei seis meses, quando a minha avó mudou-se. Nós nos mudamos para Manoelfeio, na Rua Limeira.

Márcia – Você já tinha terminado o segundo ou estava no meio?

Kelly – Eu estava no meio, foi quando eu pedi transferência. A outra escola era muito boa, a Édina⁶¹, muito boa.

Márcia – Em que período você estudou, no Édina?

Kelly – Período da manhã.

Márcia – Você acha que tinha diferença entre os períodos manhã e noite?

Kelly – Com certeza, porque é assim, de manhã o pessoal vai mais interessado, bem mais interessado, porque à noite o pessoal mais maduro, pessoal que trabalha, alguns estão lá só para terminar, só para ter o diploma em casa, e pela manhã não, são jovens mesmo que querem terminar. Eles querem terminar, querem fazer faculdade. Eles vão para estudar, daí é bem mais fácil, de manhã a gente tem a mente bem mais limpa, para conseguir entender.

Márcia – Você acha que aprende melhor?

Kelly – Eu acho, a aprendizagem é melhor, com certeza, o foco é melhor.

Márcia – E você foi bem no 2º e no 3º ano do ensino médio?

Kelly – Então no 2º, neste ano que eu me transferei, eu consegui transferi minha matrícula, mas não consegui concluir, então eu perdi um ano. No ano eu precisei fazer o supletivo. O

⁶¹ Escola Estadual Profa. Édina Álvares Barbosa

supletivo é assim, é meio diminuído, você não vê tudo o que precisa ver, é uma aprendizagem bem minúscula.

Márcia – Mas por que você não conseguiu terminar?

Kelly – Quando eu me transferi, eles demoraram para me devolver os documentos para eu me matricular na outra escola, fiquei lá sem matrícula, daí chegou uma hora que eles falaram: “não, você vai precisar trazer os documentos, se não tem como”. Eu fui, pedi na outra escola, mas tive esperar, porque o meu documento original era da Paraíba.

Márcia – Então você perdeu o ano por conta de documentação. Não é que você não foi bem, foi por causa da documentação?

Kelly – Não, eu sempre fui bem.

Márcia – Então no ano seguinte, você se matriculou nesta mesma escola?

Kelly – Isso, nesta mesma escola.

Márcia – Matriculou-se outra vez no segundo ano ou fez o supletivo?

Kelly – Eu fiz o supletivo.

Márcia – Você fez supletivo referente ao segundo e terceiro ensino médio?

Kelly – Do 2º e 3º. Seis meses para cada ano. Então eu fiz no Edna, à noite. Os professores eram bons lá, a maioria o pessoal, alguns da sala se salvavam, alguns bagunceirinhos, alguns não queriam nada com nada, não deixavam a classe estudar, os professores precisam ter jogo de cintura, eles brincavam, mas também davam aulas, e era legal, o ensino foi bom, apesar de ser resumido, muito resumido, o básico do básico. Mas foi bom, foi bom.

Márcia – Neste meio termo, você morava em Itaguaquecetuba e o que você fazia além de estudar?

Kelly – Eu estudava a noite e trabalhava de manhã, das 8h às 18h como costureira de bolsas em uma fábrica. Mas eu não era registrada. Passei três anos trabalhando sem registro. Eu não sabia nem o que era registro. Para mim não fazia diferença.

Márcia – Você não tinha nem os seus documentos, carteira de trabalho?

Kelly – Eu tenho carteira de trabalho desde 2007. Eu trabalho desde os 14 anos.

Márcia – Você já exerceu outras profissões?

Kelly – Trabalhei em sorveteria, já trabalhei em loja de noivas como atendente, já trabalhei como babá, já trabalhei em uma escola de informática, nesta escola de informática eu estava fazendo o curso, e com o meu trabalho eu pagava o curso. Nesta escola, eu era monitora. O que eu aprendia eu passava para os outros alunos.

Márcia. Onde você exerceu essas profissões?

Kelly – Na Paraíba, quando eu vim para cá, eu já trabalhei como costureira.

Márcia – Você fez curso de costureira?

Kelly – Não, eu só olhava a costureira com a qual eu trabalhava. Minhas roupas foram sempre feitas por ela, ela sabia minhas medidas, olhava a roupa na revista e fazia igual. Eu ajudava, e recebia as roupas novas como pagamento do meu trabalho. Eu aprendi com ela e comecei a fazer minhas roupas também. Depois eu arrumei emprego de costureira aqui. Só que eu sabia costurar naquela máquina de pé. Sabe aquela bem antiga, quando eu fui para a máquina industrial eu tomei um susto. Ela era muito rápida, mas eu aprendi em uma semana eu aprendi.

Márcia – Além de trabalhar e estudar, o que você fazia em suas horas vagas?

Kelly – No fim de semana eu saía, ia para a balada.

Márcia – No seu bairro mesmo?

Kelly – Não, eu ia para Suzano, com meus amigos da escola mesmo. Às vezes ia para um parque, tem um parque lá em Itaguaquecetuba, perto do hospital Santo Marcelino. A gente ia para o parquinho.

Márcia – Mas, parquinho de quê?

Kelly – Parquinho de diversão. Então, a gente ia para lá, eu tinha amigos que eram D.J. Em salão, nós íamos também para o salão, ia para a pizzaria, o normal, às vezes ia para a praia no final de semana, uma porção de coisas.

Márcia – Quando você termina o supletivo, o que você pensar fazer?

Kelly – Ainda no segundo ano do ensino médio, eu já queria fazer o Enem.

Márcia – Por quê?

Kelly – Porque eu trabalhava e via a dificuldade de fazer uma faculdade. Mas eu queria fazer. Na verdade o que eu queria fazer era medicina.

Márcia – Você queria estudar medicina? Você pensava no Enem por causa do Prouni?

Kelly – Não, eu não pensava no Prouni ainda, este Programa ainda não existia.

Márcia – E por que você queria prestar o Enem?

Kelly – Porque os professores mesmos falavam: “façam o Enem, vocês conseguem um pontos nos vestibulares públicos.”

Márcia – E você pensava em medicina?

Kelly: Isso.

Márcia – Desde quando você pensava em estudar medicina?

Kelly – Desde sempre. Eu sempre quis ser pediatra. Eu sempre gostei de criança. Isso também foi o que me influenciou em fazer pedagogia, porque eu gosto muito de criança. Quando eu

fiz estágio, nossa eu adorava a sala, eu fiz estágio em sala da pré-escola, eu fiz no primeiro, no segundo, no terceiro. Eu adorava dar aula.

Márcia – E a Medicina. Por que medicina?

Kelly – Medicina por que eu acho bonito. É uma profissão dura, tem uma hora que você tem que dar uma notícia para a família, tem que ser uma pessoa neutra, não pode demonstrar emoção. É tudo.

Márcia – É isso que lhe atraia?

Kelly – Não, o que me atraia era poder salvar as pessoas. É uma profissão muito bonita, mas muito difícil também.

Márcia – Então você passou parte da sua vida pensando que ia fazer medicina?

Kelly: Isso.

Márcia – Quando você terminou o supletivo, ainda pensava em estudar Medicina?

Kelly – Na verdade, quando eu fiz magistério, já mudou um pouco a minha cabeça. Até a oitava série, quando eu comecei a fazer o primeiro ano do ensino médio, e fui fazer o primeiro estágio, eu ainda pensava em medicina, mas aí mudou, medicina ficou para segundo plano, no segundo ano do ensino médio, pedagogia ficou em primeiro plano, porque era o que eu estava fazendo na época. Eu achava muito interessante, eu gostei muito, eu me identifiquei. É muito difícil, tem muita coisa, tem muita regra, mas sei lá, eu gostei.

Márcia – Então quando você terminou o supletivo, e já prestou o Enem?

Kelly – Eu prestei o Enem em 2007. Eu estava terminado o segundo ensino médio e eu prestei Enem.

Márcia – Foi a primeira vez? Como você se saiu nas provas?

Kelly – A prova do primeiro Enem não foi muito difícil, para mim não foi, eu achei, não se porque eu estudei muito, eu achava que ia ser muito difícil, eram muitas questões, mas na redação eu não me saí bem, eu não sou muito boa em redação, mas quando eu recebi a nota em casa eu fiquei muito feliz.

Márcia – Você lembra a nota?

Kelly – Nota? Lembro! 64. Achei que eu fui bem, adorei. Eu lembro que eu chorei, eu fiquei muito feliz. Aí eu me inscrevi no Prouni. Não, eu ia me inscrever, daí aconteceu que eu não consegui, não deu tempo. As inscrições se fecharam. Eu pensei que era só uma vez. A primeira vez, eu não consegui me inscrever, na segunda eu tornei a perder a inscrição, mas por boabeira, porque eu não sabia que eram duas vezes que eles abriam. Eu achava que a segunda chamada era para quem já tinha se inscrito na primeira, então, eu era totalmente leiga, eu não sabia de nada. Depois eu conversei com a minha professora, com a diretora da escola também,

que até hoje eu converso com elas, foram elas que me indicaram o Prouni, e elas falaram que eu podia me inscrever na primeira e na segunda chamada também. Então, eu prestei o Enem outra vez, nessa vez eu achei muito difícil, porque eu estava grávida, e as questões eram muito grandes, parecia um livro, cada questão, eram muitas questões e parecia uma história cada questão, tinha de ler muito. O tempo era curto, era só um dia para fazer a redação e a prova tinha 64 questões mais a redação. As questões eram grandes, depois as alternativas também eram grandes. Eu achei que eles colocaram muitos textos, eu tive dificuldade, porque não deu tempo. Eu queria ler, eu queria pensar direito para poder responder. Eu tive muita dificuldade, quase eu não consegui terminar a prova, quando eu terminei, já estava no finzinho, sabe aquela chamada que eles dão para acabar, a monitora da sala me ajudou, disse para eu ir marcando. Eu primeiro marco na folha e depois eu marco no gabarito, e eu deixei tudo para o fim, eu tive de correr, e algumas questões eu marquei errado. Não marquei no gabarito aquela que eu queria, aquela que eu tinha marcado, por causa da pressa, e quando eu fui corrigir aquelas que eu tinha marcado na prova, eram as que estavam certas. Acho que eu perdi umas quatro questões, eu fiquei muito nervosa. Daí quando a recebi na nota, eu tirei 5.8. Eu achei que eu ainda fui bem, porque pelo tempo que foi curto, e as questões que eu não respondi.

Márcia – Você estava grávida quando prestou o Enem? Quantos meses você estava de sua gravidez?

Kelly – Eu já estava quase para ganhar, o meu filho vai fazer um ano agora.

Márcia – Você estava quase com nove meses?

Kelly – Isso.

Márcia – O que aconteceu após o Enem?

Kelly – Eu fui me inscrever no Prouni, eu sabia que a minha nota não era muito alta. Eles sempre dão as notas que estão concorrendo às bolsas, quando a gente abre a ficha de inscrição e olha a faculdade aparece a nota de corte.

Márcia – Qual foi o seu critério de escolha? Que cursos você escolheu?

Kelly – A primeira opção, eu coloquei farmácia.

Márcia – Próximo de medicina?

Kelly – Isso, a segunda eu marquei biomedicina, a terceira, a quarta e a quinta foram RH.

Márcia – Você podia escolher as faculdades?

Kelly – Isso, podia escolher a faculdade e o curso.

Márcia – Você lembra quais foram as faculdades escolhidas?

Kelly – Farmácia eu escolhi Drummond, Biomedicina eu escolhi Mogi, Faculdade de Mogi das Cruzes, a terceira opção foi Pedagogia, em Arujá, a quarta opção foi Pedagogia na Teresa

Martin e a quinta foi RH na Cruzeiro do Sul. Quando eu estava me escrevendo, a nota máxima da Cruzeiro do Sul, das pessoas que estavam inscritas, era 57.3, e eu me inscrevi porque a nota era aproximada da minha, só que eu não entendi, quando eu me inscrevi em Pedagogia na Teresa Martin, a nota era mais alta que a minha, e eu consegui, e não consegui recursos humanos

Márcia – Quais foram os seus critérios de escolha?

Kelly – Pelo mercado. Eram faculdades bem conhecidas.

Márcia – Você conhecia Teresa Martin?

Kelly – Eu escolhi a Teresa Martin porque um colega meu de trabalho, tinha uma tia que já tinha estudado na faculdade Teresa Martin, já tinha se formado. Ela falou que era muito boa na área de pedagogia, o foco era pedagogia na Teresa Martin. Então eu me inscrevi para pedagogia. Meu critério foi a qualidade da faculdade.

Márcia – Como foi quando você recebeu a notícia que tinha obtido sucesso?

Kelly – Nossa! Primeiro na primeira chamada eu não passei. Passei na segunda chamada.

Márcia – Você precisou prestar um vestibular?

Kelly – O vestibular mesmo. Eu prestei o vestibular normal, sem o Prouni. Daí quando eu olhei no site, eu disse: “não acredito que eu fui escolhida para a segunda chamada, várias pessoas foram escolhidas, várias pessoas não conseguiram comprovar documento, às vezes não fizeram a prova, não passaram na prova da faculdade, se não passaram não tem como, porque na segunda chamada se você vai fazer a prova da faculdade, tem de passar nela, também, se você não passar no vestibular interno da faculdade, mesmo tendo passado no Prouni não tem como matricular-se.

Márcia – Você já conhecia onde era a faculdade?

Kelly – Não, o endereço que estava lá era da Freguesia do Ó, quando eu procurei na Internet e vi que era no centro eu disse: “Meu Deus, como é longe! Como é longe! Como eu vou chegar lá”, eu pensei assim, eu pensei em não fazer, porque era muito longe, porque eu não sabia ir, mas eu que eu não ia trabalhar, quando eu consegui emprego, logo em seguida veio a faculdade e as duas eram bem próximas.

Márcia – Onde você trabalha?

Kelly – Eu trabalho na Atendo, no setor de telemarketing. Por algum momento eu pensei em não fazer a faculdade, eu nem fui comprovar os documentos. Quando foi no dia 16, mandaram-me um e-mail, eu vi na caixa de e-mail, abri e estava lá. A Teresa Martin – Uniesp, agora já estava escrito que o endereço era no centro da cidade. Vi o endereço, e eu disse: “agora

eu vou comprovar os documentos”, quando eu cheguei aqui e trouxe os primeiros documentos, eles falaram que ainda estava faltando documentos.

Márcia – Você entrou com 100% de bolsa?

Kelly – Isso, 100%.

Márcia – Então você tinha de comprovar renda de um salário mínimo e meio?

Kelly – Isso, tinha de juntar o salário das pessoas da casa, e tinha de dar o valor que pede lá, esse é o critério. Em casa, dava, porque eu não estava trabalhando ainda, só era o trabalho do meu esposo. Mesmo assim, quando eu cheguei aqui e fui comprovar. Eles pegaram a minha carteira e eles perguntaram se eu estava trabalhando, pois quando eu fiz a inscrição eu estava empregada, portanto somariam o meu salário e o do meu esposo. Então vai ter de somar o seu salário com o do seu esposo, e também não tinha colocado que eu tinha um filho. É necessário colocar os que têm renda, mas têm de colocar os que não têm renda também. Eu não sabia e não coloquei o meu filho. A atendente da faculdade colocou de última hora e falou que ia mandar analisar, se eles aceitassem tudo bem. Aí eles juntaram os dois salários, mas mesmo assim deu certo. Por pouco, muito pouco, acho que por dois reais.

Márcia – Os dois salários não ultrapassaram um salário mínimo e meio?

Kelly – Por três ou quatro reais. Ela falou que eu tinha sorte! Daí juntando pequenas coisas, eu fui vendo que era para eu fazer, porque primeiro era longe, eu não sabia onde era, eu já ia desistir por causa disso, eu ia tentar novamente, do nada fico sabendo que era perto, perto do meu trabalho, nem cinco minutos do meu trabalho, um local fácil de achar. Então a questão da renda, que eu achava que não ia conseguir e consegui por pouco. Juntando estas coisas, estas pequenas coisas, eu fui pondo na minha cabeça que era para eu fazer. Quando é para você fazer é para você fazer. Então em vim, comprovei a renda, e falaram eu tinha de fazer a prova. Fiz a prova. Eu me preparei para a prova, fiz a prova e passei. A secretaria da faculdade me chamou para fazer a matrícula. Eu fiquei muito feliz, muito aliviada, vim toda feliz para a matrícula, daí me matricularam em Letras.

Márcia – Por quê? Foi engano?

Kelly – Isso, engano. Matricularam-me em letras pela manhã. E eu falei que meu curso era Pedagogia. Por isso, até que fui matriculada em pedagogia, as aulas já tinham começado e eu fiquei um pouco perdida.

Márcia – As aulas já tinham começado?

Kelly – Já, há quase um mês. Eu cheguei totalmente desorientada. Quando eu fui para casa eu pensei que não iria conseguir. Falei para o meu marido que não conseguiria. Eu achei muito

difícil. Tem muita coisa que eu não sabia, mas eu fui vendo que não era só eu, várias pessoas tinham dificuldades, um ajuda o outro, e assim que leva.

Márcia – E agora? Você já está quase terminando o primeiro semestre. Como você avalia o curso, a sua evolução?

Kelly – O curso de Pedagogia é muito bom.

Márcia – Você está contente com o curso?

Kelly – Estou. Estou aprendendo muita coisa, muita coisa que eu não vi, às vezes eu tenho muita dificuldade, mas nada que a gente não possa ir estudando para melhorar, mas é bom, porque a gente aprende coisas novas. Tenho bastantes dificuldades ainda, mas eu sei que vou conseguir passar por isso. Eu já passei por tantas coisas, tantas etapas, eu consegui chegar até aqui, por que eu não vou conseguir passar por essa?

Márcia – E aqui na faculdade, você utiliza a biblioteca, o laboratório de informática?

Kelly – O laboratório, muito. Eu saio do serviço às 13h ou às 15h. Às vezes, eu venho para cá às 15h horas, vou para o laboratório, e faço umas pesquisas, vou para a biblioteca ler os meus livros mesmos. Eu tenho muitos livros em casa.

Márcia – Você gosta de ler?

Kelly – Eu tenho quase uma biblioteca. Agora eu estou meio preguiçosa, mas eu lia muito, depois que eu engravidei, não sei, eu tenho muito sono, eu ia ler um livro, não conseguia ler nem um parágrafo direito, mas agora eu estou retomando, porque agora tenho de ler muitos livros, e eu estou retomando.

Márcia – Que perspectivas você tem do seu curso? Como o curso superior poderá ajudá-la em seu futuro?

Kelly – Pedagogia é uma área ampla, pode-se dar aulas, pode escolher a série, pode escolher a matéria, você pode se aprofundar naquela matéria, em história, geografia, pode-se aprofundar. Em mais dois anos da faculdade, então eu penso assim, daqui a alguns anos, não sei quantos, eu vou dar aulas. Vou saber qual matéria mesmo eu vou querer seguir, se eu vou querer ficar na pedagogia normal, porque com pedagogia se pode dar aulas de várias matérias. Então eu vou saber, daqui para frente eu vou saber, se eu vou querer uma determinada matéria ou se eu vou querer pedagogia mesmo.

Márcia – E a medicina?

Kelly – A medicina fica para segundo plano, quando eu puder, porque eu ainda tenho interesse. Eu gosto muito de genética, eu gosto muito destas coisas que mexem com o sentido da vida. Acho muito interessante. Eu estava vendo uma reportagem ontem, sobre o descobrimento de como funcionam as células do envelhecimento. Achei muito interessante, muito interes

sante. Eles estão quase chegando ao objetivo da vida eterna, eu acho interessante demais, também teve outra matéria que eles descobriram o DNA do boi, como funciona. Eu acho muito interessante, eu acho muito legal, eu acho assim, eu também gosto da área da biologia.

Márcia – Então isto ficou para outro momento? Você ainda pensa em fazer medicina?

Kelly – Com certeza, quando eu terminar esta faculdade, eu vou fazer Prouni de novo.

Márcia – Vai fazer o Enem?

Kelly – Vou tentar outro curso, este eu vou fazer bem feito, mas eu vou poder prestar novamente, mesmo que eu não possa me inscrever pelo Prouni, porque eu tenho 100%, eu não posso me inscrever.

Márcia – É pelo Prouni não, o Prouni dá direito a um curso só.

Kelly – Mas eu posso tentar, como eu tenho tempo, eu posso tentar fazer outra coisa, como eu me inscrevi agora para fazer informática, eu posso fazer inglês, eu vou fazer a prova, você passa e eu vou fazer inglês.

Márcia – Agora me fala sobre o Programa Prouni, que opinião você tem sobre este programa?

Kelly – Então, o Prouni é bom, é bom, dá muita oportunidade para pessoas que querem, aqueles que buscam mesmo. De 2007 até hoje, eu conheci muitos que estão no programa e se esforçam mesmo, que querem mesmo e procuram. O Prouni é para quem quer e para quem não tem possibilidade de pagar uma faculdade boa.

Márcia – Se não fosse o Prouni você estaria estudando?

Kelly – Não. Talvez, com um apertinho. Mas eu não sei se era em uma faculdade boa, talvez eu fosse procurar a mais barata, uma qualidade mais barata, e tentar um desconto para ser acessível para mim. O Prouni para mim foi tudo, porque desde sempre eu quis fazer faculdade, eu nunca fui aquela pessoa que não tinha objetivo, têm pessoas que só querem terminar o ensino médio.

Márcia – Você conhece pessoas assim?

Kelly – Muita gente, muita gente. Muitos jovens.

Márcia – Você tem amigos com este pensamento? Que querem só terminar o ensino médio?

Kelly – Tenho, só querem ter um diploma para ficar guardado.

Márcia – O que seus amigos pensam fazer?

Kelly – Então, eles pensam em só fazer o ensino médio, porque todos pedem o ensino médio para trabalhar. Até para ser gari eles pedem o ensino médio. O que antes era suficiente ter até a quarta ou até a oitava, agora não, agora precisa o ensino médio. Então eles ficam só para isso, só para isso que serve, só para conseguir emprego, e não pensam grande, não pensam em ter mais conhecimento, em ver coisas novas, em continuar.

Márcia – Você ouviu muito, isto?

Kelly – Muito, muito, muito, eu ficava revoltada, falava: “gente que futuro vocês têm? O que vocês farão em casa? Trabalhar e ficar em casa! Sem fazer nada.

Márcia – O que é o futuro para você?

Kelly – O futuro para mim é o meu, eu enxergo o meu, é terminar minha faculdade, poder exercer aquilo que eu escolhi, e ainda tentar fazer outra, porque para mim isto não acaba, enquanto eu puder fazer, enquanto eu consegui, eu vou fazer, não importa. Eu conheço muita gente assim.

Márcia – Você conhece muita gente como você?

Kelly – Muita gente.

Márcia – Você conhece pessoas que tiveram a mesma oportunidade que você teve com o Prouni?

Kelly – Conheço, a minha cunhada, ela está fazendo agora RH, também pelo Prouni, tem uma colega dela que conseguiu uma bolsa de 50% em ciências biológicas. Ela começou fazer o curso agora, porque não teve formação de turma e ela não pode começar. Começou agora, ela está há meses e está querendo desistir.

Márcia – Por quê?

Kelly – Porque não é o que ela achava. Ela achou que o curso é muito difícil. Ela não está acompanhando, diz que tem muita coisa.

Márcia – E o que será que ela gostaria de fazer?

Kelly – Ela gosta de biologia.

Márcia – Mas é o que ela está fazendo.

Kelly – Mas eu disse a ela que ela não tem opinião formada, eu disse: “eu acho que você não sabe se gosta de biologia para dar aulas, ou para exercer a profissão de bióloga mesmo, que faz testes, estas coisas”. Eu falei para ela: “você tem de ver, você tem de ver o que você quer de verdade. Se quer atuar fazendo testes, na área biológica mesmo, ou se quer dar aula de biologia.

Márcia – Licenciatura?

Kelly – Isso, licenciatura em biologia. Ela disse que não sabe.

Márcia – Agora de tudo o que já aprendeu aqui na faculdade, em que medida tudo isto já contribuiu para uma mudança de pensamento?

Kelly – Então, o pouco tempo que eu passei, eu já vi que para ser professora é preciso ter garra mesmo, porque não é fácil. Eu vejo, às vezes, os professores vêm e os alunos ficam dor

mindando na sala.

Márcia – Aqui na sua sala?

Kelly – Isso, dormindo literalmente.

Márcia – Por que você acha que eles dormem?

Kelly – Então, pode até ser cansaço. Mas eu também me canso. Eu trabalho, eu acordo cinco horas da manhã, chego ao trabalho às sete horas, porque da minha casa é muito longe. Todo dia eu acordo às cinco horas, e é aquela correria. Eu venho correndo, por que não posso chegar atrasada, se chegar atrasada a gente volta. Então eu saio às 13h ou às 15h, e eu fico até as 18h esperando o início das aulas. Eu fico lendo, quer dizer, a maioria das vezes eu não leio, porque se eu leio o meu olho começa a arder, acho que é o cansaço, porque eu não durmo muito bem, e eu fico aqui até as 10 horas da noite, depois eu vou para casa, chego em casa quase meia noite, vou comer, vou dormir.

Márcia – E seu filho, quem cuida dele?

Kelly – Minha sogra, minha sogra cuida dele, e o meu esposo quando chega, porque ele chega mais cedo. Ele chega em casa às três e meia ou quatro horas. Eu chego em casa e quase não vejo meu filho, vejo muito pouco, às vezes eu chego, ele está dormindo, às vezes eu chego ele acorda, porque ele também sente falta. Ele vai fazer um ano, só que eu penso assim, se eu consegui, eu tenho de tentar. Porque Deus não dá as coisas na hora errada, foi na hora certa, às vezes eu acho que não é a hora, mas se deu agora é porque tem de ser agora.

Márcia – O que o seu marido acha?

Kelly – Então, ele no começo, dizia que não ia dar certo, que eu ia ficar muito tempo fora de casa, mas agora ele está me dando apoio, porque ele viu em mim uma certeza. Ele achou que eu não ia conseguir, ele falou: “você não vai conseguir, é muito cansativo, você vai desistir.” Mas eu falei que eu não irei desistir.

Márcia – Ele tem curso superior?

Kelly – Não.

Márcia – Ele pensa em fazer?

Kelly – O meu marido é muito inteligente, ele é inteligente, só que ele é preguiçoso. Eu que fico empurrando-o, eu fiz a inscrição dele para o Enem. Eu o inscrevi para o Prouni. Só que ele se inscreveu em faculdades que a nota era impossível, justamente para não ganhar.

Márcia – Você acha que foi para não ganhar ou porque ele tem um sonho.

Kelly – Não, foi para não ganhar. Esse ano, quando eu me inscrevi, eu falei para ele, vamos inscrever outra vez, sua nota foi boa. A nota dele foi boa, foi mais que a minha. Eu falei incentivei ele a se inscrever. Ele gosta de física, ele gosta de biologia, de química, ele gosta de

cálculo, ele é muito inteligente. Ele pode atuar nesta área, ele pode atuar na área de desenho industrial, ele desenha muito bem, ele tem uma mão ótima para desenho. Eu falei para ele, tem várias faculdades que você pode escolher naquilo que você gosta.

Márcia – E o que ele fala?

Kelly – Ele começa a ver. Este ano ele não conseguiu se inscrever para o Prouni. Ele foi tentar se inscrever no Enem, mas ele não conseguiu e eu também não consegui. Eu tentei muitas vezes, a gente ficou horas no computador, porque a inscrição antes era pelo correio, agora é só pela internet. Tentei muitas vezes, como é só pela internet, é muita gente tentando, quer dizer, tem congestionamento. Eu conheço muita gente que falou que não conseguiu se inscrever.

Márcia – Você que está incentivando ele a continuar?

Kelly – Estou, porque ele está deixando passar a vida, ele já tem 26 anos.

Márcia – Ele trabalha em quê?

Kelly – Ele trabalha na Telefônica, no suporte técnico do Speedy, ele é muito inteligente, e ele está deixando a inteligência se esvaír, ele está perdendo o tempo dele.

Márcia – Bem, nós já falamos das oportunidades que o Prouni lhe deu e que está lhe dando. Você tem alguma crítica ao Programa, algum comentário?

Kelly – Crítica? Crítica eu não tenho, eu teria crítica de outras faculdades públicas mesmo. Assim, pelo pouco que eu vi, eu conheço muita gente, muitos se inscreveram para cursos na USP. Lá eles são muito exigentes. É difícil, tem que dar o máximo para poder passar. Só que tem aquelas pessoas que conseguem comprar gabaritos. Eu sei, conheço pessoas que compraram gabaritos, e que passaram. Eu não acho justo com aquela pessoa pobre mesmo, que não tem como pagar, que estuda mesmo. Eu vejo, eu conheço muita gente que não tem condição mesmo, e estuda muito para fazer o vestibular, e quando chega na hora, consegue uma nota mais alta e não consegue o curso porque uma pessoa vem que comprou o gabarito e conseguiu passar.

Márcia – Ou conseguiu fazer um cursinho.

Kelly – Isso, também tem isso. Porque tem dinheiro, a maioria do pessoal é porque tem dinheiro, as pessoas que vão para a escola pública têm dinheiro, porque a USP é renomada no mercado. A USP é bem rica, então quer dizer, as pessoas que têm dinheiro, que poderiam estudar em escolas particulares, que fazem um curso preparatório bom, pagam duzentos, trezentos reais num curso, num cursinho pré- vestibular, fazem vestibular, passam e pessoas que estudam em casa mesmo não passam.

Márcia – E essas pessoas estudam em escola privada.

Kelly – Isso, eu também participei de um cursinho. Eu estava grávida, para não ficar parada em casa, eu participei de um cursinho chamado Educafo, são pessoas, ou melhor, é uma fundação aqui perto.

Márcia – É uma ONG?

Kelly: Isso, são pessoas que já fizeram faculdade. Eles preparam os alunos para o vestibular.

Márcia – Para qualquer aluno ou existe um segmento? Qualquer aluno. Mesmo que o nome da fundação refira-se aos afrodescendentes, qualquer uma pessoa pode estudar lá?

Kelly – Qualquer um, não tem nada a ver.

Márcia – Precisa comprovar renda?

Kelly – Não. É totalmente grátis, você só compra a apostila, o resto é por conta deles.

Márcia – Você fez este cursinho?

Kelly – Fiz.

Márcia – Foi bom?

Kelly – Muito bom, os professores sabem o que estão fazendo, são pessoas que atuam na área.

Márcia – Em que sentido, foi bom você fazer este cursinho?

Kelly – Eu vi o esforço deles, porque não é brincadeira, você não ganha nada, você está ali porque quer ver a outra pessoa conseguir o que você conseguiu. Então eu achei muito interessante. Eu achei muito bom. São pessoas que saíram da Educafo, estudaram na Educafo mesmo, e resolveram montar o cursinho, em lugares como em Itaguá. Lugares longes, daí eles montaram o cursinho lá. Os professores moram muito longe, demoram três a quatro horas para chegarem, e eles vão, dão aulas, às vezes, sábado e domingo, porque muita gente trabalha.

Márcia – Por que estas pessoas fazem isto?

Kelly – Eu acho que eles fazem isto porque eles se dedicam à pessoas que se dedicam a eles, eles querem ajudar as pessoas que querem a mesma coisa que eles quiseram.

Márcia – O que eles querem?

Kelly – Os alunos ou os professores? Da parte dos universitários que vão dar aulas para os alunos, eles querem ver as pessoas no mesmo lugar que eles estão, porque eles sabem a dificuldade.

Márcia – Quando você diz: a gente, a quem está se referindo?

Kelly – Às pessoas que não têm condição de pagar mesmo. Então eles fizeram pensando nisso. Eles mesmos falaram no primeiro dia, eles estavam explicando o que era o Educafo, porque eles estão fazendo aquilo, e eles explicam que eles passaram pela mesma situação, de não ter um real no bolso, e precisarem estudar em casa. Mas estudar em casa não é a mesma coisa,

não tem uma pessoa explicando, às vezes você entende uma coisa, mas fica uma lacuna, aí outra pessoa que já entendeu melhor, ajuda o outro. É bem melhor, e lá eles fazem isto. São pessoas que deixam a família no domingo, podiam estar no lazer, mas não, eles vão ensinar pessoas que eles nem conhecem.

Márcia – Então isto é uma crítica importante que você faz ao acesso à escola pública. Mas eu pergunto, em relação de haver a oportunidade de se ter uma bolsa de estudo do governo. Você se sente discriminada aqui na faculdade por ser bolsista?

Kelly – Aqui não, mas tem gente que é discriminada.

Márcia – Na Uniesp, você não se sente discriminada? Por exemplo, você não é identificada por aluna bolsista Prouni?

Kelly – Não, aqui não. Os alunos nem sabiam. Mas como eu entrei na metade do mês, eu senti sim, diferença. Eu preciso correr atrás de muita coisa que eu não sei, muita coisa que eu não vi, têm pessoas que têm mais habilidade. Eu sinto como se eu tivesse mais dificuldade de aprender. Eu me comparo com pessoas aqui que são bastante inteligentes. Sabe, demonstram domínio do assunto.

Márcia – Você não se sente inteligente?

Kelly – Eu sou, mas não ao ponto de demonstrar domínio no assunto. Eu sinto dificuldades, e eu vejo pessoas que demonstram que não sentem dificuldades.

Márcia – Como você justifica sua dificuldade? Na sua formação?

Kelly – Como eu já falei, eu venho lá do Norte, Paraíba, e lá o ensino é bem baixinho mesmo, eles não se atualizam muito.

Márcia – Então você acha que este estudo fez diferença no seu conhecimento geral?

Kelly – Não fez tanta diferença, porque eu estudo em casa também. Eu tenho muitos livros, meu primo é muito esforçado também, ele me ajudou muito lá em casa.

Márcia – Retomando, você não é identificada como aluna Prouni. Você não sente discriminação nenhuma aqui na Uniesp. Agora, você disse que conhece pessoas que são discriminadas?

Kelly – São alunos do Prouni em outras instituições de ensino, na classe que estudam tem 105 alunos.

Márcia – Qual é a faculdade?

Kelly – Cruzeiro do Sul. A sala é dividida em três, são aqueles que têm 50% de descontos conseguidos pela própria faculdade, tem aqueles que pagam 100%, que tem dinheiro para pagar, e tem os bolsistas.

Márcia – Mas como sabem quem é quem?

Kelly – Porque eles discriminam.

Márcia – Mas eles quem? Os professores ou os próprios alunos?

Kelly – Os próprios alunos. Eles se separam em grupos, é como se fosse assim, quem paga a faculdade 100%, que tem dinheiro senta na frente. Não, na verdade não é isso, na verdade os bolsistas é que sentam na frente.

Márcia – Por quê?

Kelly – Porque os bolsistas é que precisam correr atrás, porque eles sabem que podem perder a bolsa e então precisam correr atrás.

Márcia – Então o bolsista tem de correr atrás? Você tem de correr atrás?

Kelly – Tenho. Eu tenho de manter a média se não perco a bolsa. A gente fica naquela, bolsista é assim: ele é inseguro pela parte da bolsa, mas a insegurança ajuda, porque faz você correr atrás. Assim, quanto mais você sabe que pode perder uma coisa, mais você corre atrás: eu não vou perder, eu vou bater o martelo. Eu não vou perder, mas quem paga 100% não está nem aí.

Márcia – Você sente isto, na Uniesp?

Kelly – Por enquanto não. E isto é muito bom, a gente tem um entrosamento maior.

Márcia – Por que você acha que aqui não existe discriminação?

Kelly – Então, pelo pouco que eu vi, aqui tem pouca gente que paga 100%. A maioria é bolsista, bolsista mesmo de 100%, pelo Prouni, só tem eu e mais uma menina, os outros alunos têm desconto. Alguns pagam 100% mesmo, mas estes também não fazem diferença, não discriminam, até agora não. Então, a minha colega, está tendo a maior dificuldade aqui, porque os alunos daqui não ajudam, eles atrapalham, aqueles que pagam que dizem que tem dinheiro para pagar, eles não estão nem aí, se não passarem eles fazem de novo. Bolsista não, eles estão sentados na frente, querem estudar, e os outros às vezes atrapalham o desempenho dos bolsistas. Às vezes caem no mesmo grupo, porque grupo é assim, caiu com aquela pessoa, ela não quer fazer prejudica você. Então é assim, ela já falou que teve muita dificuldade no começo, porque eles faziam isto, discriminavam muito, então começaram a se agrupar bolsistas com Prouni, para poder se desviar dos alunos pagantes 100%, que eram a maioria.

Márcia – Eu acho que nós conseguimos falar de tudo, tudo o que precisávamos. Tem alguma coisa que você gostaria de falar para encerrar?

Kelly – Não.

Márcia – Então muito bem, eu vou encerrar a nossa entrevista, eu agradeço muito, foi muito importante tudo o que você falou. Muito obrigada.

Eduardo Pires de Oliveira

26/10/2009

Eduardo – Meu nome é Eduardo Pires de Oliveira, estou fazendo o quinto semestre de pedagogia, tenho quarenta e seis anos, um pouco tarde para pensar em uma formação universitária, mas é um sonho que a gente sempre persegue uma possibilidade que se tornou assim com o horizonte que se abriu um pouco mais tarde.

Márcia – Onde você estuda?

Eduardo – Eu estudo na Uniesp, na unidade da Conselheiro Crispiniano, faço licenciatura em Pedagogia.

Márcia – Fale sobre a sua trajetória escolar. Como foi a sua formação no ensino básico. Quais escolas você frequentou?

Eduardo – Bem eu fiz o fundamental, eu iniciei em escola da prefeitura, e depois passei para o colégio do Estado, e efetivamente em sala de aula, dentro deste período inicial eu fui até a sétima série, na sétima eu tive problemas de currículo.

Márcia – Como assim de currículo?

Eduardo – Eu me atrapalhei um pouco com o currículo, eu entrei em atrito com os professores, e por “marra” minha mesma, o que eu não posso fazer bem feito ou que venha atrapalhar as outras pessoas, normalmente eu deixo de fazer.

Márcia – Mas o que tinha o currículo?

Eduardo – Me enrosquei em Geografia. Geografia não, porque na época que eu estava cursando, em 1977, 1978, a disciplina era Estudos Sociais. E essa estrutura de Estudos Sociais, como eu já era muito crítico, eu já tinha uma visão muito crítica, pela minha própria formação familiar.

Márcia – Por que pela própria formação familiar?

Eduardo – Minha mãe é empregada doméstica, meu pai foi funcionário público até se aposentar, minha mãe inclusive ainda exerce a função de doméstica.

Márcia – Qual a idade de sua mãe?

Eduardo – Sessenta e quatro anos. Mas ela sempre foi totalmente engajada em movimentos políticos, inclusive dentro deste engajamento nós nos ambientamos.

Márcia – Que tipo de movimento político? De comunidade?

Eduardo – É. Movimentos comunitários, a favor de abertura de creches, contra a carestia. Eu nasci dentro do regime da ditadura, então falar era proibido e pensar mais ainda, então isto me

criou muitos problemas, porque o meu próprio desenvolvimento, quer dizer, eu fui alfabetizado e a partir que eu me senti no controle com a própria língua eu comecei a ler e não parei nunca mais.

Márcia. Por incentivo de sua mãe?

Eduardo. Também, minha mãe me apoiava, ela me incentivava, não, ela me motivava, é, ela me motivava muito, ela tem a terceira série primária, da época dela, e o ensino tinha uma qualidade superior. A gente não consegue definir o porquê, e isto também é uma problemática dentro do curso que eu estou seguindo, mas as matérias em si, a estrutura em si, ela formava melhor e mais cedo. Era um pouco mais dura, mais firme a disciplina, mas em contra partida, o ensino era um pouco melhor, ele fluía melhor.

Márcia – Por que você acredita que ele fluía melhor?

Eduardo – Bom, seria bem pelo meu pai e minha mãe. Meu pai só tinha a segunda série do primário e a minha mãe a terceira. Meu pai era almoxarife da prefeitura, se aposentou nesta função, uma pessoa muito inteligente, muito desenvolta. Meu pai escrevia muito bem, argumentava muito bem. Então com este pequeno suporte de duas três séries do primário, o indivíduo tinha como se desenvolver. Hoje em dia, se exige nível médio até para gari. E antigamente não, antigamente o indivíduo se posicionava em relação ao estudo, ele só ia estudar se estivesse com disposição, com vontade, imbuído de estar estudando. Então o fluxo era diferente, aquilo fluía melhor, desenvolvia melhor porque o estudo era de interesse do próprio aluno. Hoje em dia não, hoje em dia se apresenta como uma obrigação, uma obrigação para os pais, uma obrigação para as crianças, fica aquela coisa forçada, o indivíduo não consegue se situar dentro da própria necessidade dele, ou seja, o aprender a gostar da escola. Todos, pelo menos dentro da região que eu me criei, todos os que eu conheço, os mais antigos, os da minha época, da Zona Sul de Santo Amaro (Capão Redondo), extremo sul da capital, essa desenvoltura era muito maior, muito maior. Até dentro da minha própria turma, eu acredito que até por ser muito crítico, eu acabei sendo recalcitrante demais, nesse remoer as coisas, eu acabei ficando um pouco estagnado, parado mesmo. Eu sempre fazia questão de ter certeza do que estava fazendo, mas ter certeza com dez ou onze anos é uma coisa meio que estranha.

Márcia – E você acabou tendo problemas com geografia?

Eduardo – Com a professora especificamente.

Márcia – Em relação a quê?

Eduardo – Para ser sincero, eu consegui meio que bloquear isso. E eu não consigo me lembrar o porquê, eu sei que perdi o respeito por ela.

Márcia – Você não lembra o motivo?

Eduardo – Não, não, não lembro o que foi que levou a discussão. Eu também estava passando por uma situação um pouco crítica, familiar. Meu pai era alcoólatra, e nós estávamos no início do tratamento dele com os alcoólatras anônimos. Eu tive crises de gastrite nervosa, e em geral, isso acabou se acumulando e gerando uma tensão muito grande, tanto dentro da escola, como em casa, e eu parei um pouco para voltar meu ânimo.

Márcia – Você tinha quanto anos?

Eduardo – Eu estava com quatorze anos. Na minha época, a gente entrava com sete anos, como o meu aniversário é no final de ano, então eu já comecei com oito anos e fui até os quatorze anos.

Márcia – Então você parou? O que você fez, e quanto tempo você ficou sem estudar?

Eduardo – Na realidade, eu fiquei este tempo todo sem estudar, parei na sétima, depois eu fiz supletivo, mas já velho, eu tinha vinte e três para vinte e quatro anos, eu fiz o supletivo.

Márcia – E o que você fez dos quatorze até os vinte e três anos?

Eduardo – Vivi. Eu vivi. Eu fui estudar a vida. Eu tive uma crise existencial. Eu era o segundo filho. O meu irmão era estruturalmente um trabalhador, usando um termo que eu aprendi no curso de pedagogia, ele vivia na fase psicomotora. Tudo nele era fazer, ele aprendia fazendo coisas que o indivíduo comum precisa estudar uma vida e às vezes não aprende. Mas ele não conseguia sentar atrás de uma carteira escolar, de jeito nenhum. Este sistema não funcionava com ele. É uma coisa que o angustiava, ao contrário, eu era o estudante nato, aquele sistema eu conseguia aprender, assimilar, trabalhar com aquilo, inclusive eu tive muitas rugas com o meu pai, por causa disso. Porque do mesmo jeito que o meu irmão aprendia fazendo, ele não conseguia verbalizar isso. Ele conseguia fazer qualquer coisa, mas não verbalizava diante do meu pai. Era uma coisa, a autoridade que o meu pai exercia sobre ele. Num dada posição, e eu por ter desenvolvido mais pelo lado intelectual, eu não só pensava, criticava, como falava, não tinha papas na língua. Então o meu irmão era submisso, resignado e eu era o crítico, revoltado, duas personalidades completamente diferentes. Foi nessa crise existencial que eu entrei também em função da escola, pois a escola era muito carente, como as maiores das escolas da periferia as são, longe da carência que outras escolas tiveram no mesmo lugar. As pessoas se desenvolveram longe da fatura que podem ter em relação aquilo hoje, e não ser aproveitado. Mas eu precisava de mais, eu precisava de um laboratório, minha diversão era ficar dentro de uma biblioteca, lendo, não tinha noção de pesquisa, de elaboração de pesquisa, essas coisas técnicas não eram ensinadas no meu tempo de escola. Quando pediam uma pesquisa para mim, eu me enterrava dentro de uma biblioteca o dia inteiro, dois, três dias, às ve

zes uma semana, para construir aquilo que eu imaginava e aquilo que eu pensava que o professor merecia de mim.

Márcia – Neste período então você estava envolvido com você mesmo?

Eduardo – É, quando eu entrei em crise existencial, eu entrei em função da morte, de elaborar a morte, não a morte acontecida, ocorrida, mas a morte provável, possível. O que eu farei sem o meu pai e a minha mãe? Eu não sei trabalhar, eu não sei fazer nada. Eu tinha uma constituição física muito frágil, pouco disposto para trabalhos físicos, porque o meu pai exigia muito do meu irmão, em contra partida, ele me deixava de lado. Então, enquanto o meu irmão aprendia fazendo, eu aprendia olhando. Não tinha o mesmo desempenho que ele, eu gastava mais tempo raciocinando para levar menos tempo para fazer. Era um sistema que o meu pai não acreditava muito, não dava muita credibilidade para ele, mas sempre funcionou para mim. Pensar mais para fazer menos besteira, sempre foi a minha política. Aí, dentro desta crise existencial, eu pensava, meu pai vai morrer, minha mãe vai morrer, eu vou fazer o que da vida. Eu não sei fazer nada. Então eu resolvi por mim mesmo aprender, aprender levando em consideração o exemplo de meu irmão, se ele consegue fazer tudo só vendo, se ele consegue, eu também consigo, se eu conseguir aprender tudo o que ele aprendeu, que o meu pai ensinou, olhando, eu aprendo qualquer coisa, eu faço qualquer coisa, só que eu tenho de testar, preciso saber se eu posso fazer qualquer coisa mesmo, e aí eu comecei.

Márcia – A fazer o quê?

Eduardo – Tudo, comecei a trabalhar. Passei para o horário noturno. O sistema de crise que vai se estendendo da sexta para a sétima série, daí eu comecei a trabalhar como office –boy, trabalhar como office –boy é controlar determinadas situações que pressupõe um novo desafio, automático. Então, quanto mais rápido eu aprendo uma função mais rápido eu preciso de outro desafio. Então eu aprendi datilografia, expedição, arquivo, tudo, todo o manuseio de um escritório, assim coisa de um ano, um ano e meio eu aprendi na prática, sempre na prática, sempre curioso, sempre perguntando. E as pessoas têm ciúmes do conhecimento que têm, e se preocupam muito com a função deles, é como eu já havia dito, qualquer coisa que eu possa fazer, que eu possa prejudicar alguém. Às vezes, minha mãe me lembra de coisas que eu nem me lembrava. Eu abro mão daquela situação em função de outras necessidades que a pessoa tem, então na minha primeira carteira de trabalho, eu tinha um novo registro a cada três meses, se dava um pequeno atrito, se a minha posição punha em risco o emprego de alguém e aquela pessoa precisava do emprego mais do que eu, eu saía. Eu já tinha aprendido o que eu precisava, na verdade, não existia uma ambição em torno daquela função, e não existe ainda, não é uma coisa que eu tenha nascido com ela. Meu pai me criticava muito por isso, ele falava

– você não tem ambição. Eu dizia – eu tenho, mas a minha ambição é um pouquinho maior, eu ambiciono coisas que o dinheiro, que o mundo que eu vivo não pode me oferecer. Eu gosto do conhecimento, conhecimento pelo conhecimento. Eu com vinte anos já carregava a alcunha de cientista, em muitas situações falavam – pergunta para o sabe – tudo. O sabe – tudo sabe. Eu ainda carrego um pouco desta alcunha, é um pouco pejorativo e ao mesmo tempo é um afago no ego. Então o conhecer não era uma opção, é uma filosofia de vida, me interessa saber, eu aprendo mais pelo mérito da questão do que qualquer outra coisa que envolva esta questão. Ah não, este vai ser promovido, aquele vai ser promovido, não interessa o cargo, me interessa o mérito da questão em si, quem é que tem razão dentro da questão. Em que o que nós estamos fazendo juntos vai colaborar para isto que nós estamos fazendo flua direito. Eu não faço questão nenhuma de seu cargo, e às vezes as pessoas não acreditam, às vezes não, as pessoas não acreditam. O sistema ensina para as pessoas que ninguém pode ser desinteressado. Então você não pode trabalhar solidariamente com alguém, porque a pessoa sempre vai desconfiar que está tendo interesse de alguma coisa, de qualquer coisa. Ela nunca vai acreditar que você está trabalhando só pelo prazer de trabalhar, conhecendo pelo prazer de conhecer. Então as pessoas que têm o conhecimento se apropriam daquele conhecimento e vão soltando aos poucos, em doses homeopáticas, exercendo o poder que a coisa tem, o controle que se pode exercer com aquilo.

Márcia – Retornando, com vinte anos você decidiu fazer o supletivo.

Eduardo – Com vinte anos, não. Quando eu fiz o supletivo eu já estava saindo do exército. É dos quatorze aos dezessete anos, dezoito anos, eu passei vivendo, vivendo, vivendo intensamente. Socialmente, vendo tudo, tudo que pode ser visto em uma cidade como São Paulo. Eu dormi em algumas calçadas desta cidade, por pura opção, não que a situação me obrigasse, mas porque eu não tinha um lugar que eu quisesse estar. Eu não queria estar em casa, eu não podia estar na escola, não tinha como ter um serviço que me sustentasse a vida, fazia as minhas contas, todas as minhas contas davam em nada, eu vou gastar tanto aqui, tanto ali, tanto ali, tanto ali, eu vou trabalhar tanto, mas para que, em função do quê? Era mais fácil eu trabalhar onde eu estivesse por um prato de comida, pois eu vou me magoar menos do que esta situação de competição. A ambição das pessoas era uma coisa que me magoava, ainda me magoa muito. A pessoa o desrespeita em função desta ambição, então o que era uma filosofia de vida acabou-se tornando uma pedra fundamental, um modo de vida que eu não tenho mais como fugir dele. Às vezes, eu lamento quando as pessoas não me entendem, mas também fui aprendendo, segurando minha revolta em relação ao sistema, não que ela não deva existir, mas como ela deva se manifestar. E foi o próprio conhecimento, sempre o conhecimento, co

nhecer pessoas, fazer amigos, viver intensamente mesmo que aquilo lhe cause dor, não ter medo da dor, junto com a perda do medo da dor eu perdi o medo da morte que me levou adiante. Não que eu abuse dela, eu abuso da vida, mas a morte, o meu problema inicial, se tornou em uma fase de solução, ou seja, o medo que eu tinha de perder o meu pai e a minha mãe, se tornou apenas a espera da dor egoísta que eu vou sentir por mim mesmo. Eu vou perder qualquer um deles, não mais uma coisa desesperante, não uma coisa que vai me desestruturar. Ainda vivi uma vida até acontecer isto daí com o meu pai, e vou tentando voltar para a escola.

Márcia – Você vai tentando voltar, como?

Eduardo – Tentando sabe, você se propõe a fazer, mas voltar à escola normal eu não consegui mais, dentro desta época não. Na minha adolescência, quando eu saí da escola, encerrou, encerrou. Não consegui mais voltar, não consegui esquecer, ela ficou ali, em estado latente, mas foi uma soma. Não posso dizer que foi só currículo, foi uma soma muito grande, uma coisa muito forte, tanto no meu embate com a vida, quanto dos desafios que a vida estava me oferecendo. Então eu fiz um bolo só, não consegui resolver, e optei por uma solução que foi conhecer a vida. Conheci a vida e com dezessete, dezoito eu já estava formado.

Márcia – Formado em quê?

Eduardo – Garçom. De uma hora para outra eu resolvi, nunca tinha feito nada para terminar, por causa desta coisa da não ambição de não entrar em atrito. Eu não entrava em nada que tinha uma briga. Nada, nada. Se você precisa mais do que eu, então você fica e eu vou. Não vamos perder nossa amizade por causa disso. Se preocupar com a vida por causa disso, eu não queria me preocupar com nada. Então eu fiquei nessa estrutura por um bom tempo, e um dia passando pela Liberdade, nesse vai e vem, passei a mão num folheto do Senac divulgando um curso de garçom. Eu disse - eu faço isso, eu sei fazer isso, e o que eu não sei eu aprendo. Fui da Liberdade até aqui na Francisco Matarazzo, aqui do outro lado, na zona oeste. Vim, fiz minha inscrição porque precisava da autorização dos pais, pois eu era menor ainda, então levei o papel para minha mãe assinar, e pedi uma ajuda para condução. Efetivamente não conversei de depender, não depender era precisar, porque a gente nunca teve o suficiente para depender de alguém em casa. Então, era a condução no primeiro mês, até vir a ajuda de custo do curso, eram quatro meses de curso. Nesses quatro meses, viajei para Goiânia umas quatro ou cinco vezes.

Márcia – Tudo por conta do curso?

Eduardo – Não, não em função do curso por ser garçom. Eu me destaquei dentro da turma, e eu ia a eventos específicos, onde precisava de um certo domínio. Eu era solicitado para esse tipo de serviço, ganhava mais nesses finais de semana do que no meu curso todo. Então fiz

um nome, uma estrutura de vida em torno desse curso, e isso foi por um período de quatro meses, então eu fui convidado para trabalhar em Goiânia. Saí na última quinzena e no último mês o curso. Eu fiz minha última arte de menino.

Márcia – O que você fez?

Eduardo – Eu sumi, desapareci. Eu fui segunda feira para trabalhar na Francisco Matarazzo. Nós tínhamos uma parte teórica e uma parte prática, exercidas todas no mesmo dia. Então, nós servíamos o almoço dentro do restaurante da escola, e até esse período do almoço, nós tínhamos a estrutura prática, ou melhor, teórica. Depois dessa estrutura teórica, eu simplesmente desci já pronto para trabalhar e falei - não, não quero não. Avisa para um dos meus amigos que eu não estou muito bem. A palavra amigo é muito forte, eu gosto de fazê-los, mas são poucos que considero nessa situação, e um dos meus poucos amigos do curso, o mais chegado mesmo, foi para quem eu avisei, e eu disse - avisa que eu não estou muito bem, e eu parei na porta do elevador, não desci, voltei para o vestiário, troquei de roupa, peguei minhas coisas e fui de carona para Goiânia.

Márcia – Você foi para Goiânia? Você tinha sido convidado para trabalhar mesmo sem terminar o curso?

Eduardo – É, sem terminar. Não tinha terminado mesmo, eu estava na fase final mesmo. O curso encerraria no dia quinze de agosto, e isso era finalzinho de outubro, era igual tensão pré-menstrual.

Márcia – Mas aí você foi trabalhar em Goiânia. Você já tinha um emprego prometido?

Eduardo – Não, não. Fui na "orelhada" mesmo, na louca. Porque isso eram eventos específicos que tinham por lá, "fui na doida". Cheguei lá, sai daqui na segunda feira e cheguei na quarta feira. Na quinta feira eu já estava empregado, na sexta eu já tinha recebido um convite pra assumir uma chopperia, no centro de Goiânia.

Márcia – Aceitou?

Eduardo – Aceitei. Voltei para casa em São Paulo, apanhei da minha mãe, foi a última vez que apanhei da minha mãe. Ficou um pedaço da cara assim, sem nascer barba por muitos anos.

Márcia – É mesmo?

Eduardo – Minha mãe me pediu para sentar, eu era pequeno. Meu pai falou muito antes comigo, pelo telefone, porque eu só voltei na segunda feira seguinte, já com tudo isso pronto, já com o convite feito e aceito. A idéia era terminar o curso e voltar para Goiânia. Meu pai estava muito tranquilo, eu deitado no hall de entrada da escola, umas seis e meia da manhã, mais ou menos. Meu pai telefonou para lá e me disseram - olha seu pai está aí para falar com você.

Meu pai muito, muito calmo. Isso queria dizer que minha mãe estava muito nervosa, e minha mãe raramente ficava nervosa. Minha mãe já tinha se habituado com as minhas aventuras, e só se incomodar comigo após o terceiro dia. Até três dias, eu ficava na rua e ela não se incomodava. Ela sempre confiava muito no meu juízo, palavra que eu uso muito, mas não sei o que significa. Então esse passo que eu dei nesses quatro meses foram fundamentais na minha estrutura, na minha forma de ser na minha família. Uma porque foi decisão minha, e duas porque eu fui até o fim, e a terceira ficou mais complicada, porque eu não pude dar continuidade a esta profissão, porque fui convocado para o Exército. Convocado para o exército, por ser uma formação estruturada em cima de conhecimento, condicionamento e várias outras coisas que eu aprendi dentro da estrutura do curso que eu estou fazendo, aquilo ali me encantava. Eu lidava com animais, lidava com cavalos. Então, daquilo ali todas as minhas fantasias de criança, de menino, como eu sempre gostei de filmes, não de soldados, mas de academia, então academia para mim, a palavra academia para mim, significava espaço onde eu pudesse aprender e aprender o que se gosta e o que não se gosta também. Mas estruturalmente aprender. Então assistia muito filme de academia de formação, lá dos Estados Unidos, as mais importantes, muitos filmes sobre colégios, colégios antigos, formas de ensinar, formas de aprender. E dentro disto daí, a primeira coisa que me apareceu é você ser para o mundo aquilo que gostaria de ter tido durante as minhas diversas fases. Por exemplo, dentro do colégio eu pretendo ser um professor que eu gostaria de ter tido deste jeito, ou me fundamentar dentro daqueles que eu tive e que gostei, que souberam me incentivar dentro daquilo, dentro daquela estrutura de ensino. Não tivéssemos estruturas de ensino, porque o ensino dentro do exército é totalmente técnico. Então eu sou perito em muitas coisas, eu não tenho diploma de nada, mas tenho formação, assim em medidas de segurança, segurança assim de três presidentes, o vice que assumiu, o general que saiu e o falecido.

Márcia – Como assim?

Eduardo – Eu estava lá, no meio da transição, na transição do governo do Brasil. Eu estava dentro do exército, eu entrei no governo militar e sai dentro do governo do Sarney. Era uma estrutura interessante, porque tudo aquilo que eu assisti, que eu vi, aquilo que eu tentei formar da minha personalidade, vinculado diretamente a esta estrutura da não ambição. Então, palavra feia, todo mundo briga. Vocação, vocação não é para uma profissão. Vocação é pela forma de se investir na profissão, algumas pessoas precisam de vocação. Militar é um, policial é outro, um médico, médicos sanitaristas, que são termos que eles usam mais, mas é o médico que atende o público, que é vinculado ao trabalho com o público, direto, não pela função em si, mas pelos benefícios que aquela função vai trazer para alguém. Então, algumas têm de ser

estruturadas dentro de uma vocação, uma vocação para ser, se não tem vocação para ser não faz, não faz e se fizer faz mal feito, ou seja, presta um mau serviço. A história do poder, da ambição. Eu acredito que o poder corrompe muito mais, o poder corrompe muito mais do que o dinheiro, muito mais. O poder corrompe em qualquer nível, ele não depende da capacidade que o indivíduo tem de mexer com o dinheiro, se ele tiver poder ele dá um jeito, de melhorar numa situação, ou piorar uma situação, muito rapidamente, e também se perder em seus ideais. Eu fui me estruturando dentro do exército, a minha válvula de escape era trabalhar com os animais, uma coisa que eu fiz muito bem, bem o suficiente para sair de lá e exercer essa função por mais de um ano.

Márcia – Em que função? Como tratador de animais?

Eduardo – Trabalhar com cavalos. Na realidade, o cavalo é um bicho muito simbiótico com o ser humano, onde você for, você vai descobrir que o ser humano passou por cima de um lombo de um cavalo, de um equino de qualquer espécie, para poder chegar aonde ele chegou. Faz parte da história do ser humano, da história da humanidade, é uma pretensão de um estudo mais para frente.

Márcia – É a sua tese.

Eduardo – É. É uma tese bem mais lá para frente. Até lá eu vou ter de aprender muito.

Márcia – Mas aí, você terminou o exército?

Eduardo – Terminei o exército e retornei para São Paulo, trabalhava em um meio muito poderoso, muito poderoso mesmo, era uma coisa acima, em nível de fechado, mais fechado que a hípica, mais fechado que o Jockey Clube, muito restrito, cavalos muito caros, e pessoas entre si muito selecionadas, só Deus sabe. Como eu nunca fui chegado em ambição, a estrutura de poder não me interessava, me interessava ali, as pessoas, as crianças, ali eu me estruturei como professor.

Márcia – Professor de quê?

Eduardo – Eu sou professor de equitação. E o gosto, o gosto de formar alguém, o gosto de ensinar para alguém alguma coisa. Ali eu tive noção de tudo o que eu havia feito no exército, do que eu tinha feito na vida, o tanto que eu havia aprendido, o tanto que eu havia ensinado. E ali veio uma história que eu vim confirmar depois, confirmar não, foi reafirmado durante o curso, aprender e ensinar sempre. Tudo está envolvido na educação, em tudo a gente se educa. E também era interessante, por exemplo, eu trabalhei sempre com classes, bem, esta divisão não existe para mim, mas como eu preciso me situar, então que seja classe, com classes inferiores, com menos possibilidades do que a minha, menos, menos. Eu posso me considerar privilegiado, nunca passei fome, a não ser por opção. Eu posso não ter comido caviar, mas

nunca faltou uma mortadela, um pão quente, um cafezinho para tomar, comida na mesa. Meu pai sempre me ensinou que o trabalho lhe proporciona isto e qualquer nível de trabalho. Então eu nunca passei necessidade deste gênero, e já dentro desta estrutura, eu trabalhava com pessoas infinitamente superiores, financeiramente, economicamente, que a minha, e aquilo não me assustava, não me punha medo nem barreiras. Eu não olhava para as pessoas, nem cobrava das pessoas aquilo que eu ensinava. Isto me colocou em papos de aranha com todos os mestres de equitação, dentro desta escola.

Márcia – Você não cobrava pelas aulas?

Eduardo. É. O conhecimento nunca teve um preço para mim.

Márcia. Mas os alunos pagavam?

Eduardo – Normalmente sim.

Márcia – Por conta deles. Não que você colocasse um valor?

Eduardo. Para mim não, eles pagariam se eles perguntassem para qualquer um dos outros, aquilo seria uma consulta com psicólogo, quarenta minutos, uma hora, psicoterapeuta, assim que funciona também dentro desta função. E eu não me incomodava com nada, se alguém tocasse no meu ombro e me perguntasse alguma coisa, eu respondia automaticamente, então o que eu fazia? Eu tornava vulgar um conhecimento que deveria ser restrito, pois para eles deveria ser restrito. Era uma questão de poder, e para mim, o poder estava no transmitir. Então isto me colocou filosoficamente no sentido contrário dos indivíduos que trabalhavam comigo. Eu com quatro anos de exército, mais uns cinco meses de função dentro deste círculo fechado, dizem questão de escolas de equitação, alguns com séculos de existência, Colônia, Versalhes, e mais uma que tem, Marselles e Madrid, que são escolas estruturadas em cima de equitação.

Márcia – Escolas de equitação.

Eduardo. De equitação. Só que a escola de equitação tem as mesmas simbologias que tem uma escola normal. Era em torno dela que se desenvolviam as escolas antigamente.

Márcia – Eu não entendi.

Eduardo. A formação, o caráter. A escola sempre começava em torno da cavalaria. Ela se estruturava em torno da cavalaria, porque era uma condição de nobreza, e eu queria vulgarizar isto, dentro de uma escola em que todo mundo era aristocrata, tinha descendência aristocrática, de tudo quanto é lugar do mundo. Conheci pessoas muito importantes, digamos assim. Fiz-me respeitar por muitas pessoas que eu aprendi a respeitar dentro do mundo delas, ou seja, como pessoas não de sete cabeças, mas pessoas como nós que brigam, discutem, se posicionam, porque tem uma estrutura bem formada para isso. Então já existia um debate, eu

estava li com vinte e três, anos mais ou menos. Finalzinho de mil novecentos e oitenta e três, eu conheci a minha primeira esposa, o conhecê-la limitou a possibilidade que eu tinha. Não que ela tenha me limitado. Eu me limitei, porque eu fui convidado para ir para a França, para ser um cavaleiro, lá, que para mim já seria demais. Mas alguma coisa me dizia que não era o momento. Eu ainda não conhecia suficientemente o meu país, o meu mundo, para poder me aventurar em outros lugares e, eu ia misturar muitas coisas. Optei por não ir e também em função, na época, de minha namorada, e sosseguei meu facho por aqui. Primeiro passo, já que eu não vou para lugar nenhum, eu acabei de segurar a carreira que eu tinha me colocado e tinha me posicionado com quatorze anos, que estava começando a parar ali. Ela seguiu vários rumos, mas em nenhum momento ela parou para voltar, repensar aquilo que eu deixei de fazer. Ali foi o momento de repensar, e pensar em voltar para a escola. Quando eu saí da escola, eu estava frequentando a sétima série, então eu comecei o supletivo na sétima série. O supletivo era um semestre para cada ano, ou seja, em dois anos eu concluiria o Ensino Fundamental. Então eu entrei no primeiro semestre do segundo ano, para eu fazer a minha sétima série, noturno, e neste mesmo ano eu fiz a o exame de eliminação de matéria. Quando eu fui promovido para a oitava série, que seria a quarta série do ginásio na minha época, eu já tinha eliminado todas as matérias. Eu eliminei todas as matérias com uma prova só, e com notas boas, exatamente por causa de humanas. Matemática é uma matéria que você tem que trabalhar com ela se não você enferruja, mas humanas não, humanas continua sendo para mim uma coisa fácil, e como eu lia muito, eliminei e conseqüentemente, eu não fiz a oitava série, fui direto para o ensino Médio, e no ano seguinte eu me matriculei na Roberto Conte, Instituto Educacional Roberto Conte, uma instituição de ensino do Estado, que ainda existe na zona Sul, que tinha só o nome de Instituto, já não era o que fora outrora, mas ainda era o melhor lugar para fazer o ensino médio. Fiz o "vestibulinho", entrei e aí aconteceu a greve mais longa dos professores do Estado que eu tenho notícia, isto foi em mil novecentos e oitenta e oito. Conseqüentemente, eu perdi um pouco em algumas matérias e ganhei em outras. Tinham alguns professores muito importantes que não participaram da greve, naquela época já existia a condição de se ter trinta por cento funcionando, e professores antigos de cargo, com mais idade, com diferentes posições definidas, que não eram contrários a greve, mas não participaram, posição que eu também ocupava em algumas situações que eu vivi, apoio cem por cento a greve, mas não participo. Eu não acredito, eu não acreditava. Então eu peguei uma professora de matemática e uma de química. Então os três meses que praticamente durou a greve, eu "esmerilhei" o que me fazia falta. Faltava no meu currículo: laboratório em que eu pudesse, os professores utilizam o termo mastigar, mastigar, faltava alguém com que eu pudesse promo

ver um diálogo, que me fizessem aprender aquilo que eu pretendia ensinar. Eu via ali um bom espaço, apesar de que as duas professoras foram muito duras na disciplina, era química e matemática, mas aquilo me deu sustentação justamente para prestar o SESU do Ensino Médio. Eu fiz o exame de suplência do ensino médio, e eliminei cinco matérias, ficaram três. Eu fiquei retido em português, ciências e inglês. Estruturei-me, no ano seguinte fui fazer. Mas aí eles desmembraram ciências, então foi matemática, física, química e biologia, aumentou então o número de matérias, tanto é que eu fiquei enroscado em matemática por mais dez anos, eu só consegui passar em matemática, quando se fundiu novamente em ciências.

Márcia – Como mais dez anos? Quando você se formou?

Eduardo – Efetivamente eu fiquei oitenta e oito, oitenta e nove e noventa. Em mil novecentos e noventa, meu filho nasceu. Eu me casei com aquela moça que eu comecei a namorar em oitenta e seis, e em noventa meu filho nasceu. Aí só restava matemática, porque quando elas se desmembraram, eu fui eliminando ano a ano. Em alguns anos tinham dois exames e outros um só. Eu eliminei inglês e física no primeiro ano, mais um ano, eu me inscrevi para as matérias de novo, e eliminei química e biologia e fiquei enroscado em matemática, matemática eu prestei dez anos seguidos. Não consegui passar dos quatro pontos e meio, justamente por não ter feito a oitava série, porque a oitava série me dá base para entrar no ensino médio, aquela base eu não tinha. Durante todo esse tempo de noventa a noventa e dois, eu entrei para a polícia. Já tinha casado, já tinha separado, e a trajetória foi esta, voltar para a escola e fazer supletivo. Mas efetivamente em sala de aula, eu só voltei no ensino superior, para assumir todas as matérias, vou assimilar a rotina, as exigências, os desafios.

Márcia – E para você é um grande desafio?

Eduardo – É, só voltei mesmo no curso superior, muito pelas minhas posições, e minhas posições me custaram muito caro, sustenta-las durante a vida, me custaram muito caro. Muitas possibilidades que eu teria na vida eu perdi, em função de não ter ambição suficiente para refrear os meus posicionamentos. Nunca tentei impô-los, mas também nunca deixei de expor, e nem nunca permiti que o meu ponto de vista se submetesse a nada. Conciliar sim, submeter nunca, nem submeter ninguém. Então, estes questionamentos me complicaram dentro daquela escola de equitação, com quem eu me embati direto com a tradição. Para ser sincero, na equitação, eu me senti como Paulo Freire, a minha proposta era uma coisa inaceitável, é como você romper uma tradição, não tem como, não existe como, não tem porquê. A fundamentação da minha pedagogia é para isso.

Márcia – Romper?

Eduardo – Não. Dentro deste sistema, onde eu não consegui fazer isto, um dia retornar para ele.

Márcia. Na equitação? É seu projeto?

Eduardo. Minha aposentadoria.

Márcia. Você acha que vai ter espaço?

Eduardo. É uma coisa cara, eu não quero espaço, eu não ambiciono muita coisa.

Márcia – Eu digo espaço para ensinar. Você acha que vai ser bem vindo para ensinar?

Eduardo – Não dentro daquele sistema, o que eu quero propor, é justamente levar isto daí para quem possa usufruir mais do que se possa oferecer. Então ensinar, para uma criança simples, montar. Eu tive o prazer de ver alguém, quase que com a mesma formação que eu participar de uma olimpíada. Eu faço parte da formação de um dos campeões olímpicos, olhar para uma pessoa e vê-la lá, é muito gratificante. Nós éramos meninos, vinte e dois, vinte e três anos. Ele olhava para mim assim, ele bebia o que eu falava e eu comia o que ele fazia. Sempre os dois. Nós estávamos sempre juntos, não importava quantos metros tinha entre a gente. A gente se identificava e eu me identificava com muitos dos meninos que estavam lá, e é onde, apesar de eu ter vivido uma situação que nos iguala também, mas é onde a gente se sente igual, quando as crianças que estão com a gente se encontram. Elas não vêem diferença, elas não enxergam diferenças. Elas nos enxergam como iguais, ambos e todos. Então é essa forma que eu quero levar para a minha prática, que eu quero manter na minha prática, e levar para tudo, para equitação, para a sala de aula.

Márcia – Então, quando você prestou o Enem, você já tinha pretensão para área da educação?

Eduardo – Literalmente, diretamente, não.

Márcia – Diretamente, não?

Eduardo – Não, a palavra pedagogia não existia na minha vida, no meu vocabulário.

Márcia – Então quando você presta o Enem, você pretende que curso superior?

Eduardo – Mas a graduação, quando eu pretendi uma graduação, digamos que eu estudei para saber o que é pedagogia, o ela me oferecia, e até ela em si, como profissão, tem como eu trabalhar, porque normalmente eu estudo. Mas retomando, dentro da equitação eu aprendi que a melhor coisa que tem é você estudar aquilo que você faz, então, para eu fazer qualquer outra graduação eu tinha que estar trabalhando dentro de uma escola, dentro daquele ambiente, dentro daquela estrutura, para eu não perder o contato com ela. Eu acredito que a minha próxima graduação será filosofia, se não for filosofia, vai ser uma graduação dentro da área, ou seja, uma estruturação para que eu dê um passo adiante, gradualmente, graduar as coisas. Aprendi a graduar as coisas, então enquanto o mundo se atropela, eu vou como uma tartaruga,

disputando a corrida com o coelho, eu vou fazer sempre no meu ritmo. Então, dentro deste ritmo eu fui me educando a vida inteira e trabalhando em torno da educação, aí na hora de escolher eu me senti um adolescente.

Márcia – Então, explica esta questão do Enem, como você chega ao Enem?

Eduardo. Bom, por um descuido da vida, o que algumas pessoas chamam de injustiça, outros de fatalidade, todo mundo dá um monte de nome, eu dou o nome de vida, então eu continuo vivendo, do jeito que a gente tinha de viver, umas coisas a gente sofre, outras não, e num destes percursos da vida, quando eu saí da polícia, eu saí da situação oposta. Eu saí de policial para ser um preso. Então, eu já convivía com o embate, na minha filosofia de vida, já dentro da polícia há nove anos, ou seja, não é porque eu estava na situação de ter o poder que este poder conseguia me corromper. A briga nem era com o sistema, era comigo mesmo, então onde você consegue sustentar os seus ideais, independente da função que você está ocupando, e eu posso dizer que consegui. O meu ponto de vista já era humanista na função de polícia, num dado momento me vejo como preso, uma coisa do outro lado do sistema, do outro lado da parede, do outro lado da moeda, ou qualquer outra coisa que possa estabelecer esta diferença, se bem que dentro de uma eu descobri que todas as situações são prisões. Eu aprendi que depende como você as encara, se você encarar com liberdade você não é só livre como você faz os outros livres, se você se prender dentro dela, até sapateiro consegue prender os outros. Dentro da sistemática que ele se prende, que ele se impõe e impõe aos outros. Então, desta estrutura eu acabei um ano e um mês dentro de um distrito policial, da zona leste. Quatro anos dentro de uma penitenciária estadual em Taubaté, e como qualquer animal em qualquer outra situação, e sendo o ser humano auto – adaptável e com instinto de sobrevivência enorme, o meu instinto era de sobreviver, mais do que sobreviver o meu corpo, tinha de sobreviver minha mente. E não tem coisa melhor para fazer quando não se tem nada para fazer, do que ler. Um dos meus grandes prazeres da vida, um pouco de silêncio, em um lugar que eu possa me encostar e ler, e nós tínhamos uma biblioteca com um acervo muito grande e rico. Eu tendi um pouco para o direito, quando eu não tinha o que fazer, queriam-me “aloprar” que estava preso. Eu estudava o meu caso, e estudando o meu caso eu estudava direito por osmose, ou seja, para mim, não bastava alguém vir me dizer que baseado nisto daqui você tem direito, não é isso, meu português não permitia isso. Eu tinha de interpretar aquilo e achar que eu tinha, se eu achasse que não, eu até concordaria, mas se não fosse essa vírgula, esse ponto, que isso dá um entendimento diferente, se dá uma possibilidade de dois entendimentos, pode ser que eu tenha pode ser que não. Então, eu vou aproveitar o meu tempo. É uma coisa massacrante ainda, estudar direito, falar sobre direito, estudar sobre leis. A estrutura, acho que, é a

pior coisa que o sistema tem, porque é onde é mais hipócrita. O sistema no geral, a pessoa diz assim, você passou por uma injustiça grande, levando a vida que eu vivia, estruturada em cima de direitos como ela era. A possibilidade que eu podia pensar que aquilo poderia acontecer comigo, era nenhuma. Se aconteceu comigo, pode acontecer com qualquer um, e ao longo deste tempo eu fui conhecendo diversas pessoas inocentes e “ferradas” dentro deste sistema, porque se eu sou, eu tenho por obrigação racionalmente acreditar que existem outras pessoas que podem ser, como conhecer a alma humana? Esta foi a minha escola de quatro anos, não só aquilo que eu fiz a vida toda, de que todo ser humano é meu amigo até que se prove o contrário. Quebrei muito a cara, tive muita desilusão, sofri muitas desilusões neste meio do caminho, desilusões não com o que as pessoas tinham para oferecer, mas sim, com que eu esperava delas. Então eu aprendi a adequar as minhas expectativas, estas expectativas bem adequadas dentro da penitenciária me ajudaram muito, dentro deste sistema, como eu nunca consegui fazer nada sem mudar alguma coisa.

Márcia – Você já tinha terminado o ensino médio?

Eduardo – Não tinha terminado ainda. Eu estava pendurado em matemática ainda. Quando eu entrei na polícia, o fato de eu estar na polícia, aquilo ocupa muito tempo.

Márcia – Você tinha outras prioridades?

Eduardo – Não. Mas matemática era uma coisa que não adiantava estudar. O único jeito de estudar matemática era tendo um cérebro para eu devorar. Se não tivesse um cérebro para eu devorar, não tem jeito, porque matemática é mais conceito do que elaboração que você possa fazer em qualquer aula, mas é conceito mesmo. Se eu apreender o conceito, qualquer coisa que você ensinar a partir daquele conceito eu aprendo, agora se eu não apreender aquele conceito, não adianta. Matemática não é difícil, o que é difícil é um professor que ensine bem. Não é uma prática corrente dentro do ensino da matemática.

Márcia – É lá então, que você resolve terminar a matemática?

Eduardo – Eu cheguei, já estava com um ano perdido, um ano perdido, que vai ser à base do meu TCC, sobre o tempo que o indivíduo perde enquanto espera uma decisão judicial. Eu já tinha perdido um ano e um mês, lá não dá para se fazer nada, absolutamente nada, onde não só o ócio físico, mas o espaço psicológico que o indivíduo tem. Ele precisa ser ocupado com alguma coisa, é como prender dentro de uma gaiola para dez ratos, você prender vinte. Todos eles podem ser castrados, nenhum deles se reproduz, não aumenta a população, tem comida para todos, mas a própria situação de estarem presos produz uma tensão incrível, e ele vai desenvolver alguma coisa para fazer. Se isto acontece com os roedores, você imagina com os humanos. Então você imagina as coisas que eu vi dentro deste presídio. Então, aquela socie

dade que cria ali, que se cria em cima do ócio, em cima da tensão, em cima da justiça, e olha, para acreditar nela lá dentro. É difícil, aí dentro de tudo isto, vou começando a me estruturar ali, fui de novo, como eu já tinha feito em outras situações, fazendo o meu nome. Eu pus a minha posição em relação ao ser humano, respeitando e sendo respeitado, começo a mudar as coisas, fui candidato a Presidente Bernardes quando foi inaugurada.

Márcia – Candidato a quê?

Eduardo – A ser o inaugurador da primeira cadeia de segurança máxima.

Márcia – Você tinha alguma vantagem?

Eduardo – Vantagem nenhuma, não, eu era um líder político lá dentro.

Márcia – Mas você interessava ao sistema daquele lugar?

Eduardo – Não, não interessa para o sistema. Então eu comecei a fazer o que eu fiz a vida inteira, caçar encrenca de novo, não porque eu não goste do que eu estou criticando. As pessoas não aceitam as críticas, então eu fui questionar poderes, poderes enraizados dentro da estrutura, institucionalizados por pessoas de dentro e de fora daquela estrutura. Eu, como um remanescente nativo da ditadura, estava lidando com ferramentas que eu conhecia de cor e salteado, contra fogo, use fogo, contra água use água e assim por diante. Use as próprias ferramentas do inimigo contra eles mesmos, e vai se acomodando aos poucos, e se usar uma arma meio esquisita, ele vai pensar, opa, o cara está contra mim, quem não está pró está contra. Então o sistema não aceita muitas críticas, como eu tinha de sobreviver lá dentro, e sobreviver incluía mais a mente do que o corpo, o natural temor diante a morte, eu pensei, se funcionar está bom, se eu for para outro lugar só pelo o que eu sou eu morro, então não pode ficar pior do que está. O bendito do tempo que a gente passa dentro de um distrito é totalmente perdido, e ele acaba sendo contraproducente quando você vai para um sistema penitenciário, porque já vai institucionalizado, você já vai com medo, você já cria tensão quando chega, é como ir a um matadouro, você vai cutucando o boi, cutucando o boi com aquele esporão elétrico. Ele já chega ao estado de tensão tal que se você solta-lo e não mata-lo, não será mais o mesmo boi que entrou. É isto que acontece com o ser humano. Isto desumaniza dentro do sistema, e isto é uma crítica dentro do sistema, dentro deste sistema tem coisas que podem ser oferecidas para indivíduos que não tiveram aqui fora, que pode ser de grande valor. O principal delas é a educação, e que não tem durante este primeiro período, é inexistente. Ele pode variar entre seis meses e dois anos. Quando o indivíduo já vai depois de ter passado por uma tensão toda, misturado com indivíduos de vários graus, tanto de periculosidade, quanto de violência, quanto de intensidade dos crimes. Não existe mais seleção, esta seleção por não existir, e o Estado não ter um controle efetivo na parte interna

daquilo ali, onde o Estado não está, o Estado se cria. Então lá dentro se cria uma sociedade, porque aquelas pessoas precisam sobreviver, dentro de um ócio terrível, de uma falta de espaço terrível. Podem aparecer coisas que na sociedade, aqui do lado de fora, podem parecer ridículas, podem parecer violentas, podem parecer grotescas, mas embora tudo isto pareça muito estranho, lá dentro não é. Aquela sociedade vai ser normal, se você submeter qualquer ser humano na mesma situação, mesmo que seja em outro tipo de institucional idade, por exemplo, num quartel, num pequeno espaço, se colocar muitos indivíduos, todos amontoados. O mesmo que nós vemos acontecer nas escolas, de alunos dentro de uma sala de aula, deixa um ser humano para tomar conta de diversas mentes, muito mais versáteis do que a dele (professor), prontas para aprender tudo, como ele não vai conseguir abranger a atenção de todas aquelas trinta e quatro, trinta e cinco mentes, tudo o que escapar ao controle dela, vira uma outra sociedade, dentro daquela própria sala de aula. E isto acontece em todo o lugar, é natural do ser humano. Neste intermédio, vou para a penitenciária e indo para a penitenciária houve a possibilidade de, mesmo que com uma briga política, a penitenciária que nós conseguimos, praticamente, antes de nós irmos para algum lugar.

Márcia – Quando você fala: nós, de quem você está falando?

Eduardo – De todos os presos que estavam ali. Porque os presos que estavam dentro do Distrito, sobre o qual eu vou começar o meu TCC, eles são especiais, especial não no sentido de quem se destaca ou que tem privilégio, e sim o que corre risco. Dentro do sistema, um policial vale menos que um estuprador.

Márcia – Dentro do sistema penitenciário?

Eduardo – Sim. O estuprador pode ser alvo de violência, ele pode sofrer violência física, sexual, mas o policial é a morte, é uma sentença de morte dentro do sistema. E ao contrário do que as pessoas pensam, as prisões especiais, elas não tem nada de especial. Ela só é especial porque segrega quem não tem condição de conviver dentro do sistema, porque o sistema tem sua própria lei, então para brigar com estas leis é um tanto quanto complicado. Eu já tive o desprazer, porque quando a gente vai para o fórum, para sumariar, para dar prosseguimento ao processo em si, ao processo propriamente dito, de cada um, você passa por um sistema comum, numa carceragem comum, pelo lugar que você desce, você já é discriminado, se você escapar de um lado, eles te pegam de outro, eles te matam. Então, a tensão que já é permanente dentro do próprio sistema em si, pelo o que ele é, para quem está nesta situação especial, ela aumenta bastante.

Márcia – Você foi preso como policial?

Eduardo – Lamentavelmente como policial. Eu estava na ativa, eu fui preso no dia trinta e um de agosto de dois mil e um. Eu tinha trabalhado o dia todo, tinha saído do serviço, fui me apresentar aqui no DHPP⁶² e fui preso. Prestei esclarecimentos e fui preso. Detalhe, eu já sabia que ia ser preso, já tinha passado trinta dias dentro de um distrito comum em mil novecentos e noventa e nove, por causa desta mesma situação. Achei que ela estaria resolvida, mas na realidade nunca está. Aquela história que para o Estado sempre cabe recurso, então se o Ministério Público, representando o Estado resolver acusar ou defender alguém, sempre recurso até a última instância, o Estado só aparece para acusar, mas ele pode também defender, ele não existe só para acusar. Hoje em dia, já existe um órgão diferente e é diferenciado, os procuradores da defensoria pública, a defensoria pública existiu no papel durante muito tempo, efetivamente ela começou a existir em 2005, no papel existe desde 1988, são estas coisas que no Brasil acontece.

Márcia – Bem, vamos tentar retomar o assunto do Enem. Como você presta este exame lá dentro?

Eduardo – Bem, eu não entendia muito bem a estrutura do Enem, porque na minha época de estudante não tinha isso aí. E quem estava na escola normal, tendo aula no ensino médio ou no ensino superior, ou no final do fundamental, ninguém conseguia me explicar efetivamente o que era, e eu pensei, é uma prova, eu vou fazer.

Márcia – Você já tinha eliminado matemática?

Eduardo – Não. Eu estava chegando.

Márcia – Mas como você faria Enem, sem ter terminado o Ensino Médio?

Eduardo – Mas a primeira coisa que me ofereceram foi essa.

Márcia – O quê?

Eduardo – O SESU. Eu pensei, se lá fora eu fazia todo o ano, porque aqui dentro eu vou deixar de fazer.

Márcia – Então você presta o SESU dentro da penitenciária e passa em matemática?

Eduardo – É, eu fiz para todas as matérias, e passei em todas inclusive matemática, quando encerrei esta fase, vem o Enem, agora que tenho o ensino médio completo, vou fazer o quê, nesta situação? Eu ainda estava empregado.

Márcia – Empregado como?

Eduardo – Efetivamente eu ainda tinha a possibilidade de exercer a função. Eu estava inclusive recebendo, eu já fui para lá julgado, mas ela só se extingue a partir da apelação, ou seja,

⁶² DHPP – Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa

de uma instância superior, pensei, tenho no mínimo mais um ano, um ano e pouco para esperar. Então, vou fazer alguma coisa, parado eu não fico.

Márcia – Aí você presta o Enem, mesmo sem saber o que era?

Eduardo – É, aí eu fui estudando. Eliminei as matérias do ensino médio naquele semestre. Entrei lá em setembro em dois mil e três. Fiz o SESU no início do ano de dois mil e quatro, e efetivamente, eu teria até o final de dois mil e quatro, para ver se a minha situação tinha uma solução, tentar, tentar tudo bem. Mas eu tinha noção das minhas possibilidades, aí eu pensei, é mais um ano, preciso fazer alguma coisa. Então eu resolvi ficar como assistente na sala de aula. Eu assistia às aulas, mas não contava mais nada, porque eu já tinha o ensino médio, mas assistia às aulas. O professor de história era muito crítico, muito inteligente, moço, rapaz ainda, estava na idade quando a minha crítica era também mais ácida, vinte e cinco, vinte e seis anos. Aí nos embates do dia a dia, do conversar, do aprender, aprendi muitas coisas de histórias com ele, história comum me foi proposto ensinar, não a história crítica. Então desmistificou muita coisa. Ele colocou a posição e falou que tinha o exame do Enem e perguntou o nós achávamos de trazer este exame para lá dentro. Perguntamos o que era o Enem. O professor explicou o que era e para quem já tinha terminado ou estava terminando o ensino médio era uma possibilidade já, ou para quem ia embora para a rua, para quem já estava saindo não para quem ia progredir no regime de prisão semi-aberto, aí veio a idéia. Éramos três salas, cerca de sessenta alunos.

Márcia – E todos aderiram?

Eduardo. Lá sempre que possível e bem argumentado, tudo é abraçado com vontade, ou repellido veementemente, então a questão é você vender uma idéia.

Márcia – Aí vocês fizeram o Enem?

Eduardo – O nível de escolaridade nestas instituições que eu passei, é muito alto. Então tudo é mais difícil, todo mundo pensa e alguns pensam muito mal de muitas coisas. Pensam mal de quase tudo e de uma forma muito negativa, então você tem de convencer, convencido veio o Enem, prestamos o Enem e cheguei lá em 2003, assisti aulas em 2004, nos propuseram vários cursos profissionalizantes como cabeleireiro, corte e costura, cabeleireiro não, barbeiro. Foram uns quatro ou cinco formados lá, inclusive exercem essas funções, algumas oficinas que prestavam serviço lá dentro, para aprimorar a situação técnica do indivíduo, aproveitar quem tem e instruir quem não tem, em nível de instrução, nível de prática, então dentro destas propostas, o que aconteceu, de 2004 para 2005, veio a proposta do Enem, em 2005 o Enem já estava lá.

Márcia. Aí você prestou?

Eduardo – Eu não prestei o primeiro, e prestei em 2006, o segundo.

Márcia – E como foi lá dentro mesmo?

Eduardo – Lá dentro mesmo, a mesma estrutura. Porque lá, nesta unidade especificamente, um dos problemas muito grave do sistema, é o espaço físico. Lá nós tínhamos um espaço físico bem próximo de uma sala de aula mesmo, ou seja, era dentro do nosso espaço de visita, fora da área de carceragem, dentro da área de segurança, mais para ser estruturado como uma sala de aula comum, como as nossas aqui. Eram três salas, efetivamente as três salas nunca estavam completas, na minha época sim, parte do pessoal saiu, parte do pessoal desistiu. O ensino fundamental básico é obrigatório, é obrigatória a alfabetização, quanto mais obrigatória são as coisas lá, menos as pessoas querem, mas algumas pessoas se desenvolveram dentro deste sistema lá, desde a alfabetização e alguns deles estão fazendo a faculdade, é que eu não tenho contato com alguns deles, mas eu fiz contato com o meu professor e um dos nossos amigos, que já tinha uma formação um pouco melhor, também conseguiu bolsa cem por cento.

Márcia – Como você se saiu no Enem?

Eduardo – Eu me saí bem, eu fui acima da média nacional, a média nacional foi 45.8 e eu tirei 60.5.

Márcia. Você lembra quanto você tirou na redação?

Eduardo – Lembro, não foi muito boa, eu tirei cinquenta e oito. Eu sempre fui meio complicado para escrever por causa da recalcitrância. Quando eu penso que não, lá estou eu batendo, se em outros lugares não serve, no Enem serve menos ainda, bem menos ainda.

Márcia. Você já tinha conhecimento do Prouni, quando você faz o Enem?

Eduardo – Como funcionava não, sabia que existia o Programa Universidade para Todos e que este Universidade para Todos era mantido pelo governo e que ele oferecia bolsas, só. A minha intenção era fazer o Enem como prova, como autoavaliação.

Márcia. Que é um dos objetivos do Enem.

Eduardo – É.

Márcia – Mas como você se decide para o Prouni, como foi este processo?

Eduardo – Eu fiz o Prouni, quer dizer o Enem em 2006. A prova foi em agosto e fui promovido ao sistema semi - aberto em setembro. Então, na realidade, eu não pensei. Eu estava em uma situação nova, uma adaptação. Quem eu sou, como eu sou, vou botar o pé na rua, se situar. Fiquei cinco anos no fechado, precisava me situar, tentar retomar a vida e para retomar a vida eu tinha de estudar, não tinha como. De repente chegam lá os resultados oficiais do E

nem, e também abrem as inscrições para o Prouni. Eu fui saber o que era Prouni, como funcionava, mas vislumbrar cem por cento, não, porque eu nunca pensei em fazer uma faculdade.

Márcia – Fazer uma faculdade não fazia parte da sua trajetória.

Eduardo – A minha realidade era assim, vou fazer um curso de quatrocentos reais, mas eu não tenho formação para ganhar seiscentos reais. Eu vou gastar metade do meu salário em uma faculdade, tenho filho, tem isto tenho aquilo, e é uma realidade.

Márcia. Mas quando você entendeu que era bolsa, isto o interessou?

Eduardo – Bolsa cem por cento, aí eu falei, se eu conseguir uma bolsa cem por cento, acho que vale a pena tentar.

Márcia – O que você pensou em fazer?

Eduardo – Fisioterapia.

Márcia – Era a sua vontade?

Eduardo – Não a minha vontade, mas a minha possibilidade de exercer a função, eu sou massagista prático, às vezes as pessoas me perguntam onde foi, como foi que eu aprendi e eu não consigo dizer, faz parte do meu ser, não sei quando começou.

Márcia – Quando você fez a inscrição para o Prouni, como foi?

Eduardo – Você faz inscrição para sete cursos.

Márcia – É isto que eu quero saber. Você lembra a ordem de sua escolha?

Eduardo – A primeira opção era fisioterapia, apesar de eu saber que não ia poder fazer.

Márcia – Que faculdade?

Eduardo – Nem me lembro, porque eu tinha certeza que eu não ia fazer. As duas segundas opções eram pedagogia, nas unidades aqui na Renascença e a segunda era na Unip.

Márcia – E as outras, não são sete são cinco.

Eduardo – Não eram sete, quando eu fiz eram sete. Eu coloquei fisioterapia, uma em cada ponto, e no centro eu coloquei pedagogia, isto é, as quatro primeiras e as três últimas eu coloquei direito, porque eu já tinha estudado alguma coisa sobre nota de corte, então a nota de corte, ela me tirava naturalmente. Eu coloquei pedagogia depois porque eu sabia que eu ia pegar.

Márcia – Você então escolheu pedagogia pela nota de corte ou porque era sua preferência, ou você foi pensando onde poderia entrar?

Eduardo – A minha idéia era a inscrição dura trinta dias, eu fiz minha inscrição no trigésimo dia.

Márcia – Então você não foi mudando suas opções no decorrer do período de inscrição?

Eduardo – Não. Eu tinha que ir com certeza, e o que eu tinha certeza era isso. Fisioterapia que eu conhecia, direito que eu tinha certeza que eu não ia, porque a nota não permitia. Eu pensei, vou disputar uma ou duas vagas com muita gente, dentro só do Prouni, então se eu tenho que concorrer com uma pré - seleção, eu vou fazer pedagogia. Fui estudar para saber o que é pedagogia, qual o tipo de formação que tem, o currículo que oferecia, tudo, e como você tem de dizer o curso e a unidade onde você vai fazer, eu pensei, Álvares Penteado é aí do lado, vou dar uma passadinha lá, não dói nada. Fui lá à Álvares Penteado, olhei, olhei, peguei algumas informações com o pessoal ali, pedi um folder, um folheto alguma coisa e conversando com uma menina que estava fazendo pedagogia, ela me entregou uma ementa do curso, com todas as matérias do curso. Então decidido, a unidade da faculdade foi escolhida pela proximidade do centro, ou seja, facilitando a situação que eu estava vivendo quanto o desenvolvimento dela, ou seja, eu teria condição de chegar, sem ter problema de horário na unidade e saindo de lá eu teria condição de me locomover da minha residência para cá.

Márcia. Como foi sua adaptação no curso de pedagogia?

Eduardo – O curso superior é uma coisa de louco. É difícil, porque o sistema que é utilizado dentro do curso superior, ele exige certa responsabilidade maior do aluno. O interesse do aluno é que demanda a capacidade ou não que o professor vai ter de transmitir aquele conteúdo, aquela ideia, aquele conceito, e o que acontece, o pessoal mais novo da sala trabalharam com um sistema diferente no ensino médio. Como eu não fiz o ensino médio de maneira tradicional e o meu fundamental muito antigo, o que eu tenho é o meu conhecimento autodidata, o que acontece, foi um período de adaptação curto, porém muito intenso, ou seja, me situar, como, aqui estava mais próximo do que eu fazia do que eles estavam habituados a fazer, porque o próprio sistema não permite. Apesar de falar muito em autonomia, não permite muita autonomia, e isto era uma palavra muito feia, quase um palavrão na minha época, e eu já tinha pouco esta predisposição para a autonomia.

Márcia – Como você avalia a importância do curso, para você hoje?

Eduardo – Ele faz parte da minha vida tanto quanto tudo o que eu fiz, com uma semana de curso eu me sentia assim, bem primeiro, tem de passar o êxtase. Eu nem posso falar direito que eu ainda me emociono, o êxtase de estar em uma sala de curso superior, com uma proposta que dentro da estrutura de tudo que eu passei, de tudo que eu vivi. Já tinha sido colocado fora de questão, já não fazia parte dos meus quereres, e de repente apesar de tudo que eu passei eu estar ali dentro, foi emocionante. É emocionante ainda, mas eu não posso espalhar isto por aí, eu choro muito, é uma coisa que já faz parte de mim que eu não consigo me separar mais. Hoje eu penso pedagogia, eu penso filosofia, eu penso história da educação, hoje eu

vivo cada uma das matérias que eu tive e tenho detalhe eu não deixo de viver porque ela parou, ainda existe um diálogo permanente com coisas que eu tive no primeiro, no segundo semestre, meu livro de cabeceira aberto é o do Isidoro Blikstein, terceira vez que vou lê-lo.

Márcia – Você está lendo para poder escrever bem?

Eduardo – Não para escrever, mas para entender, Isidoro Blikstein foi um marco na minha capacidade de escrever e foi o que me situou, foi o que me fez respirar no nível superior sem estar em êxtase, como um pai de santo e sem me amedrontar com a situação, ou seja, me estruturou dentro da situação, tudo tem um jeito de se fazer. Aqui eu só estou aprendendo um novo jeito de fazer as mesmas coisas, aprendi muitas coisas de muitas maneiras, eu vou estruturar, eu sou que posso dialogar com as formas que eu aprendi e as formas que eu estou aprendendo, essa liberdade para mim já é uma coisa que me deixou assim à vontade.

Márcia – Que perspectivas você tem para depois do curso superior?

Eduardo – Não existe depois, nunca depois, existe agora, minha perspectiva é terminar o curso, meu plano mais longo, mais remoto é o TCC, que tem de acontecer até o final do ano que vem, mas um ano é muito rápido, depois de tudo que eu vivi é uma fração de segundo, ontem eu estava no primeiro semestre.

Márcia. O Prouni, como política de educação, para você, ela foi importante?

Eduardo – Importantíssima, de todos os valores que eu defendi durante praticamente a minha vida toda, o valor mais bem estruturado é o da educação, e a melhor coisa que foi feita em matéria de educação, se bem que as pessoas são muito imediatistas, querem resultados prontos, na hora, mas nós, agora eu já posso dizer nós, porque eu já estou no quinto, quando eu estava no primeiro não dava para dizer nós, mas nós do Prouni nos destacamos em todos os cursos que fazemos.

Márcia – Em que sentido?

Eduardo – Nós nos destacamos dos demais.

Márcia – Em nota?

Eduardo – Em nota, em interesse, por quê? Porque é aquela estrutura que eu falei que o meu pai tinha, minha mãe tinha, quem conseguia ir até à escola, às vezes, lavava o pé para colocar a sandália, porque íamos com barro até a escola, andávamos quilômetros para ir para uma escola. Então você precisava de vontade, acho que a pior coisa que foi feita para o Enem foi equipará-lo a um vestibular, porque cria ambição em torno. Ele nunca teve problema, em todas as edições dele, quando ele foi colocado como parâmetro para o vestibular, o que não tinha a necessidade de ser, já que são avaliações diferentíssimas. Eu nunca prestei vestibular, será o meu próximo passo.

Márcia. Para um curso específico?

Eduardo – Especificamente filosofia, eu quero ver se eu consigo fazer filosofia na USP, mas tem de ter vontade, para lá não pode ser apenas um sonho, tem de estar imbuído com um pouco mais de vontade.

Márcia – Por que você disse que os alunos com bolsa do Prouni têm um desenvolvimento diferenciado.

Eduardo – Eles têm um desenvolvimento importante.

Márcia – Em sua opinião, é diferente de alguém que entrou na faculdade pelo vestibular tradicional?

Eduardo – É diferente, porque a pessoa quando está pelo Prouni mesmo que ela tenha menos idade do que eu, ela também estaria da situação de desistir. Foi aberto uma vez, um questionamento sobre o curso, na realidade não é o Prouni que é deficiente é o sistema. Se o sistema oferece como mercado, é um mercado, mesmo que não coloque um valor financeiro, é um mercado. Então os cursos que ficam disponíveis para as bolsas do Prouni, eles são proporcionalmente oferecidos de acordo com a procura.

Márcia – Por exemplo?

Eduardo – Por exemplo, direito. Qualquer curso de direito, eu sei que deveria ter feito uma pesquisa aqui. Eu achei interessante, na minha sala tem cinco alunos Prouni, dos cinco Prouni, se não me engano, três são cem por cento, nós não nos conhecíamos.

Márcia – Então não existe nenhum tipo de discriminação?

Eduardo. Não, não, não existe nomeação nenhuma, não tem, por exemplo, o que é complicado no Prouni, ele determina o curso que você vai fazer.

Márcia. Por que ele determina?

Eduardo. Determina o que eu digo, é a partir da sua escolha. A partir da sua escolha, na hora que você opta por um curso e é selecionado para este curso, você ganha um carimbo daquele curso. Você ganhou aquele curso inteiro, aquilo ali tem suas responsabilidades perante ele, por exemplo, qualquer bolsista tem uma faixa de aproveitamento necessário. Por exemplo, eu não sou avaliado por mim mesmo, eu sou avaliado pela turma.

Márcia – Como assim?

Eduardo. Pela turma, eu preciso estar entre os trinta por cento melhores da turma, da minha turma inteira, dentro do curso, então, por exemplo, se eu tivesse entrado no semestre seguinte, eu teria bem menos trabalho para me manter nos trinta por cento de cinco, dos cinco primeiros. O rendimento do aluno Prouni é contado por turma, então se você entra, se você acha que faz um bom negócio, porque para nós também é um negócio, você tem de escolher, a proxi

midade, o nível do curso, eu escolhi o da Renascença, a Uniesp conseguiu manter o da Renascença⁶³, a Renascença era um dos melhores cursos de Pedagogia da cidade, era um curso tradicional, bem estruturado. O cartel, eu detesto esta palavra, cartel é para cavalo, o conjunto docente. Quando você escolhe o curso, você recebe a bolsa, o horário e isto o vincula, o prende. Então por exemplo, para eu poder fazer o meu estágio eu tive de mudar o meu horário de emprego, porque eu não posso mudar o meu horário de aula, a minha bolsa é Pedagogia, noturno, então você tem de fazer a opção inicial com bastante cuidado. Uma das vantagens que tem no Prouni é que enquanto você não se formar, você pode concorrer, você não pode ter um diploma universitário, se você tiver um diploma você não entra no Prouni, então, por exemplo, se eu for formado, mesmo que eu seja bolsista, eu consigo um avanço. Pode ser que eles tenham um conjunto de informações que me deem algumas vantagens no CNPq⁶⁴, em algum lugar que me financie uma bolsa para o mestrado, ou para outra graduação. Mas o Prouni, mesmo, só oferece uma graduação. Ele oferece a qualquer um que não tenha concluído uma graduação, desde que se sigam os parâmetros que são necessários, ou seja, hoje em dia se é difícil para uma pessoa que fez os estudos em escola particular, mesmo que tenha sido com bolsa, meia bolsa. O grau de seleção do Prouni é exigente, porque quem está entrando com isto daí é o pessoal da escola pública. Para quem está terminando, para quem terminou há dois, três anos, para quem parou, para quem está um pouquinho mais fresco, nossa, a possibilidade de fazer é grande. Para um ser humano normal, não estou colocando eu, porque o autodidata também não é normal.

Márcia. Você não se considera normal?

Eduardo – Não, nenhum autodidata é normal. Ninguém que se interesse muito pelos estudos é visto como normal. Não é uma coisa que tenha valor, normalmente o indivíduo pergunta, quanto você vai ganhar com isto. Eu não vou falar para ele que o salário de um professor em uma escolinha particular de educação infantil, está por volta de oitocentos e dez reais, novecentos reais, ou seja, eu ganho isto como manobrista. Eu não preciso de formação nenhuma, se eu for dirigir e levar criancinhas para lá e para cá eu ganho dois mil a dois mil e quinhentos reais. Então, tirando a situação econômica, eu tenho a forma de estudar, então a forma de estudar, não são todos os indivíduos que estão acostumados e os que estão acostumados. Muitos não sabem que o Prouni existe. Eu apresentei o Prouni para a minha irmã, logo no término do segundo semestre. Eu já a tinha convencido até de mudar de faculdade. Ela também está fazendo pedagogia, “tadinha”, estava fazendo enfermagem, estava tão bem, acostumada, ia su

⁶³ A UNIESP comprou as Faculdades Renascença em 2005

⁶⁴ CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

bir na vida, mas a estrutura seria do Prouni mesmo. Ela fez o Prouni para a área de enfermagem mesmo, mas o Prouni ofereceu uma vaga para ela cem por centos, mas em Manaus. Márcia. Mas isto não foi um erro?

Eduardo – Mas antes era diferente, você se inscrevia no curso e ele selecionava a faculdade. Mas é assim que funciona, se eu me inscrevi para bolsa em curso de Ensino Federal. Eles me indicam onde tem vaga, então se é Federal eu posso ir para a Federal da Bahia, do Sergipe.

Márcia – Eduardo, você gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Eduardo. Em uma frase eu resumiria em adjetivos.

Márcia – Então fala.

Eduardo – Alucinante. Emocionante. Empolgante. Envolvente e delicioso.

Márcia – Você está feliz com o seu curso?

Eduardo – Eu estou muito feliz. Quando começamos esta entrevista, eu estava morrendo de sono, eu estava acabado, eu trabalhei a noite toda. Eu pensei, eu vou para a faculdade, eu me sinto tão bem aqui dentro. Eu lamento ter trocado o meu turno de trabalho, porque antes eu chegava aqui às quatro horas.

Márcia – Bem, estou encerrando , são nove horas e quarenta e cinco minutos. Muito, muito obrigada, pelo seu depoimento.

Elton Luiz Fotoni

04/11/2009

Márcia – Como foi a sua trajetória escolar?

Elton – Estudei no Isac Silvério⁶⁵ aqui próximo mesmo no bairro da Vila Albertina. Fiz da 1ª série até a 4ª série, depois passei para uma escola ali no Jardim Tremembé, chamado Arnaldo Barreto⁶⁶. Lá fiz da 5ª à 8ª série. O ensino médio estudei e completei em uma escola chamada Conselheiro Rui Barboza⁶⁷ que fica no Horto Florestal.

Márcia – Como é que foi da 1ª à 4ª série?

Elton – Bom, do que eu me lembro, tive, nos primeiros anos, grandes dificuldade com leitura. Eu não tinha facilidade para escrever, ler, tinha muitas dificuldades mesmo. No decorrer do curso, acabei sendo incentivado pela minha irmã mais velha a me dedicar mais na leitura, a escrever mais, sempre buscar ter a melhor caligrafia e a ortografia também contava muito.

Márcia – Então foi a sua irmã que o incentivou?

Elton – Isso, exatamente. Ela me incentiva bastante.

Márcia – Quantos anos tinha sua irmã?

Elton – Minha irmã tem cinco anos a mais do que eu.

Márcia – Você com uns sete anos e ela com uns onze anos?

Elton – Isso! Então na escola, eu fiz uma redação do Sapo que a professora detestou demais. A minha irmã não gostou nem a professora tão pouco, então minha irmã fez uma redação e disse: “é assim que você tem que escrever”.

Márcia – Quem lhe falou isso?

Elton – A minha irmã mais velha! Eu copieei e levei para a professora e ela disse: “nossa agora sua redação está bem melhor”, e daquele momento em diante, em matérias de escrever, eu sempre tive um mesmo padrão.

Márcia – Então a sua irmã o ajudou mais que a professora?

Elton – Mais que a professora!

Márcia – Por quê?

Elton – Então, engraçado, porque eu tinha uma grande dificuldade assim com os professores. Uma vez eu desenhei um boneco no caderno. Pinte-o de marrom e a professora disse que o boneco não podia ser marrom, ele tinha que ser rosa, e eu falei para ela que meu boneco seria

⁶⁵ EE Prof. Izac Silvério – Jardim Tremembé

⁶⁶ EE Arnaldo Barreto – Jardim Tremembé

⁶⁷ EE Conselheiro Ruy Barbosa – Horto Florestal

marrom. Ela falava que a cor da pele é rosa, eu dizia que era marrom. Ela pegou o caderno e rasgou a folha e jogou meu caderno no chão.

Márcia – Quando foi isso?

Elton – Na 3ª série do ensino fundamental.

Márcia – E o que aconteceu?

Elton – Na época, até comentei com os meus pais. Eu não me lembro muito bem se eles chegaram a ir à secretaria reclamar da professora. A professora, na época, era tida como artista plástica. Ela dava aula de língua portuguesa e era artista em seu momento de folga, ou fora da escola.

Márcia – E ela disse que o boneco tinha que ser rosa?

Elton – É um absurdo! Eu disse que meu boneco seria marrom. Ela perdeu as estribeiras.

Márcia – E você lembra-se de tudo?

Elton – Foi uma marca, tanto que eu já gostava de estudar na época, mas hoje em dia, eu desenho razoavelmente. São coisas que ficam mesmo, não tem como.

Márcia – A atitude da professora lhe trouxe alguma consequência?

Elton – Não! Não! A coisa que mais marcou foi o absurdo da situação, a questão da imposição: “você tem que fazer o que eu estou mandando, eu estou certa e você está errado”. Diante da situação, não digo você está certo ou errado, mas eu tenho que defender o meu lado.

Márcia – Você tinha consciência do absurdo?

Elton – Na época eu não tinha uma consciência assim concisa da situação, mas sabia o que eu estava querendo naquele momento, e sabia o que aquele desenho representava para mim e que se representava outra coisa para ela, o problema era totalmente dela. Eu não tinha nada haver com isso.

Márcia – E depois?

Elton – Até a 4ª e 5ª série, foi normal. Eu não era um aluno de altas notas, mas também não tinha notas ruins, sempre foram notas medianas.

Márcia – Você era disciplinado?

Elton – Era sim, bastante disciplinado. Sempre tive mais facilidades com as matérias ligadas às humanas, como história, geografia e português. E tinha muita dificuldade com exatas, e isso me acompanhou até o final do terceiro ensino médio.

Márcia – Mas você foi para área de exatas?

Elton – Aí que está, ciências contábeis, por mais que todo mundo acredite que seja uma ciência exata, ela é uma ciência humana e eu fui descobrir isso no ano passado porque o professor falou “ciências contábeis é uma ciência humana, porque na história da humanidade mudam-se

os critérios, dificulta a estabilização, acompanham os avanços tecnológicos e isso é a história do homem”.

Márcia – Então você está na sua área?

Elton – É.

Márcia – As escolas pelas quais você passou foram boas escolas?

Elton – Não, não. Aí é que está, na verdade a escola pública, a gente tem consciência que é ruim, mas só você saindo, realmente para saber o quanto aquele ruim era muito pior mesmo, entendeu?

Márcia – Como assim?

Elton – A culpa de passar e transmitir o conhecimento não são totalmente do professor, tem professores que por mais que ele tenha graduação, ele não tem vocação nenhuma de transmitir o conhecimento ao aluno. Tem muitos professores assim, mas acho que a grande culpa mesmo é da infra-estrutura, sem dúvida, sabe, quarenta e seis à cinquenta alunos em uma sala de aula, são cinquenta histórias, então, para um professor lidar com cinquenta pessoas, totalmente diferenciadas umas das outras, é muito difícil. O professor precisa driblar muitas questões envolvidas, tem que dar a aula, sempre têm pessoas conversando que acabam dispersando a atenção dos demais alunos, ou o professor que talvez não tenha tempo de pegar e completar a grade de conteúdo acaba atropelando tudo.

Márcia – Você sentia isso, você fala isso por sentir que isso aconteceu?

Elton – Aconteceu sim, sinto muito que aconteceu isso sim. É engraçado, você sente mais isso quando você faz cursinho pré-vestibular. Eu fiz cursinho e assim que eu cheguei tinha uma colega que vinha de escola particular, eu conversava com ela, e ela falava que veio justamente fazer o cursinho para “pegar” e lembrar o que já tinha sido passado, ela queria reavaliar seus conhecimentos. Eu olhava para ela e falava: “nossa eu vim aqui para o cursinho para aprender coisas que eu nunca vi na vida”.

Márcia – E o que você percebeu?

Elton – Eu me dei conta de que são duas vidas totalmente, digamos, diferentes, porque ela vem de escola particular e eu de escola pública, ela teve muito mais conteúdo e aprendizado. Já não sei se é por culpa dos professores ou pelo modo de que alguns governos ou a prefeitura colocam quarenta e seis à cinquenta alunos em uma mesma sala. Vem aquilo que o aluno de escola pública tem muito mais dificuldade de entrar em uma faculdade, porque muitas coisas ele acaba tendo que aprender no cursinho.

Márcia – Se é que vai fazer cursinho!

Elton – Exatamente, se é que esse aluno vai fazer mesmo o cursinho. Então, esse tempo, essa fase ensino médio foi assim, logicamente que têm aqueles professores que marcam, que são professores bons mesmo que incentivam: “não, você tem que fazer isso, pois você vai ver que lá na frente e lá fora, as coisas são completamente complicadas”.

Márcia – Fazia sentido, na época, essa frase?

Elton – Não! Na verdade a gente tem a visão de aluno, a gente sai da escola e olha para o lado e fica pensando o que é que se vai fazer. Agora se começa a procurar emprego, aparece aquele primeiro conflito da idade, a gente com dezessete anos tem que fazer exército. Com dezoito anos não se tem experiência nenhuma, mas as empresas exigem experiência.

Márcia – Conflitos que a própria sociedade impõe para você! Nesse tempo você já morava aqui no bairro, você sempre morou aqui?

Elton – Sempre moramos por aqui.

Márcia – Quando você era criança, o que fazia nas horas de lazer?

Elton – Olha, a gente jogava mais futebol mesmo.

Márcia – A diversão era futebol?

Elton – Às vezes, a gente ficava em frente à televisão, mas a televisão também é outra aberração, se as pessoas soubessem o quanto a televisão faz mal. Eu gosto, mas não assisto muito não, na verdade assisto mais à TV Cultura.

Márcia – Você assistia a muitos programas na televisão?

Elton – Quando adolescente muito sim, muita besteira.

Márcia – Seus amigos, no final do ensino médio, também tinham a consciência que você tinha sobre a escola pública?

Elton – É engraçado, porque cada fase tem um grupo de amigos diferenciados, da primeira série à oitava série do ensino fundamental sempre tive mais contato com a vizinhança, o pessoal mais próximo mesmo, e esses amigos, nesse período, tinham tudo haver, sempre jogando futebol, conversando essas bobagens todas. Depois eu conheci o Jarbas⁶⁸ e o Geilton⁶⁹.

Márcia – Quando você conheceu o professor Jarbas?

Elton – Olha, o professor Jarbas, eu já conhecia de vista, desde jovem assim, desde menininho mesmo seis ou sete anos de idade. Ele sempre foi meu vizinho. Mas contato assim, conversar, foi com dezesseis ou dezessete anos, quando eu saí, que coloquei o pé fora da escola, quando terminei, é que conheci o pessoal. E eles falavam coisas absurdas, que eu “nossa”, nós tínhamos uma roda de amigos assim, que ficavam conversando sobre política, filosofia, eu

⁶⁸ Jarbas é professor de filosofia e de sociologia em escola pública.

⁶⁹ Geilton é irmão do professor Jarbas

pensava: “o que esses caras estão falando”? Quando terminava a conversa, eu chegava aqui em casa, pegava o livro de história.

Márcia – Para entender o que tinham falado?

Elton – É! Eu ouvia e “poxa” que coisa absurda. E eu comento com meus amigos até hoje, que eu aprendi a gostar de estudar, de ler coisas relacionadas à história, literatura, quando eu saí da escola, porque fui meio que motivado pelos meus amigos a buscar uma coisa mais diferenciada, conseguir enxergar o que está por traz de muita imbecilidade televisiva sabe.

Márcia – Qual a formação do professor Jarbas?

Elton – O Jarbas é professor de sociologia, filosofia, história e de geografia, formado na USP.

Márcia – Quem mais era do seu grupo, nessa fase?

Elton – Era um grupo de uns quinze, um pessoal bem próximo mesmo, em relação à afetividade, e tinha o Jarbas e o irmão dele, tinham outras pessoas que moravam em outras regiões que vinham até ele para conversar.

Márcia – E você estava entre eles?

Elton – E eu lá, no meio, eu achava engraçado, um criticava o outro, um ficava bravo porque recebeu críticas e não gostava, e isso acaba influenciando alguma coisa na pessoa, porque a pessoa fica ali pensando: “poxa, que interessante”, e acaba se infiltrando, sem muito esforço?

Márcia – Quando você começou a trabalhar?

Elton – Lembro que com dezenove anos eu consegui meu primeiro emprego.

Márcia – Qual foi o seu primeiro emprego?

Elton – Eu comecei a trabalhar no Barro Branco, na escola da polícia militar, como auxiliar de almoxarife, por contrato com a Prefeitura. Fiquei no cargo, por dez meses, e depois fui chamado para trabalhar com o meu primo no escritório contábil. É o mesmo que estou até hoje. Eu saí do Barro Branco com vinte anos, e já entrei aqui no escritório. Estou com vinte e seis anos, então são seis anos de empresa, na área de contabilidade.

Márcia – Você fez Enem logo depois do término do seu terceiro ano do ensino médio?

Elton – Não! Após o ensino médio, eu fiz um curso técnico em administração na ETE⁷⁰. Depois eu prestei o Enem.

Márcia – Qual foi a sua nota no Enem?

Elton – Tirei 6.3, na época era uma nota razoável para conseguir alguma bolsa.

Márcia – Você se saiu bem na redação?

Elton – Em redação, eu tirei 7.5. Português, história e geografia que levantaram a nota.

⁷⁰ ETE – Escola Técnica Estadual

Márcia – No tempo que você estava no ensino médio, já pensava em fazer uma faculdade?

Elton – Pensava sim! Mas assim, quando cheguei ao terceiro ensino médio, eu pensava: “nossa, está chegando” e eu ouvia meus amigos falando: “eu vou fazer curso de ciência da computação, administração”, foi quando caiu minha ficha: “o que eu vou fazer”?

Márcia – E em que você pensava?

Elton – Eu ficava perdido, não imaginava nada.

Márcia – A faculdade era algo distante ou não?

Elton – Na verdade, era uma coisa utópica, eu não sabia como era aquilo, não sabia como iria chegar até lá.

Márcia – Por quê?

Elton – Na verdade, quando se está no ensino médio, se pensa assim, como se fosse algo bem distante, se imagina que, após um ou dois anos, já terminou o terceiro ensino médio, e a gente precisa buscar fazer alguma coisa, ou um curso profissionalizante, ou o ensino superior. Essa que é a questão, e não só eu, mas existem outras pessoas que estando no terceiro ensino médio, cometem o mesmo erro ou equívoco, ou talvez, de não fazer um planejamento longo, e acreditar que um ano é uma coisa muito distante e isso está errado, é um erro muito grave.

Márcia – Aqui na comunidade, você e seus amigos, faziam parte do ideal de vocês, irem para uma faculdade?

Elton – Olha, enquanto grupo, eu acredito que essa vontade louca de fazer universidade, nunca foi assim tão lógico de que tem aquilo que fica passando pela cabeça: “poxa”, tenho que fazer um curso superior, eu tenho que me atualizar, tenho que seguir, tenho que ter uma área em que eu vou construir minha vida sobre aquilo. A gente nunca teve uma coisa assim, mais ligada ou focada nisso.

Márcia – Quando você optou fazer um curso técnico, você pensava no trabalho?

Elton – É, eu acho que pode ser que sim, mas é muito complicado isso. A gente mais questionava sobre a nossa condição.

Márcia – Que condição?

Elton – Condição de estar aqui, a sua condição que o mundo mostra para você.

Márcia – Que tipo de condição?

Elton – Esta questão engloba muitas outras coisas, é muito complexo é complicado.

Márcia – Como você vê a sua condição?

Elton – Ai é que está. A gente tem até meio que uma postura de separar o eu do mundo, mas acabo cometendo um equívoco, porque eu estou dentro dele, qual a oportunidade que eu con

sigo alcançar lá fora, dentro desse mundo econômico, financeiro, social. Essa que é a grande dificuldade.

Márcia – Esse mundo, ao qual você se refere, está distante?

Elton – Aí é que está. Eu não vejo, antigamente eu até imaginava esse mundo muito distante, mas eu senti com o primeiro emprego, as primeiras dificuldades, os encontros com o patrão, essas coisas todas e você começa a se ver dentro do mercado de trabalho, e imaginar como é que ele funciona, e quando eu falo esse mundo que está aí, é essa relação de você pegar e buscar uma coisa melhor para si, e levar vantagem em determinadas situações, mas não vantagem em relação a golpear alguém, passar para traz, isso não, mas pegar e encontrar uma brecha para você pegar e ter uma vida mais tranquila e isso é muito difícil, sinceramente, e isso na minha área principalmente é muito complicado.

Márcia – Vamos falar sobre o Enem, agora você fez 6.3 pontos e se inscreveu para o Prouni?

Elton – É, fiz a minha inscrição.

Márcia – Você se lembra quando foi?

Elton – Foi em 2007. Tem uma história muito engraçada. Eu fiz o Enem em 2007, não, foi em 2006, eu fui para me candidatar à vaga, e deu problema no site do Prouni.

Márcia – Que problema?

Elton – O problema de data de nascimento, o sistema estava registrando que eu nasci em 19 de setembro de 1997, sabe.

Márcia – E você nasceu, quando?

Elton – Eu nasci no ano de 1983. Eu estava lá vendo se conseguia alguma vaga, porque tinha conseguido uma pontuação boa, e nada e nada, eu ligava lá para o pessoal do Inep e dizia que estava errada a minha data, os meus dados, e eu pedia que eles retificassem, nisso eu perdi a oportunidade de ingressar na faculdade, já em janeiro, no primeiro semestre. Mas teve a outra opção no segundo semestre.

Márcia – Com o mesmo Enem?

Elton – Isso, aí eu peguei, me inscrevi para concorrer à bolsa.

Márcia – Por quais cursos você optou?

Elton – Eu optei por letras e história. A primeira opção foi história na PUC, a segunda opção foi letras no Mackenzie, a terceira opção agora não me lembro, ao certo, o que mais lembro foi que a antepenúltima opção foi ciências contábeis na Unip.

Márcia – A última, você não se lembra?

Elton – Não! E aí que apareceu a oportunidade de ser cinquenta por cento no Mackenzie, mas eu optei por cem por cento na Unip.

Márcia – Por quê?

Elton – Eu preferi a Unip, porque já estava na área, trabalhando no escritório de contabilidade e pensei: “então, vou fazer ciências contábeis, mesmo”.

Márcia – Foi uma decisão fácil, escolher entre letras e ciências contábeis?

Elton – Foi sim, foi uma decisão bem pensada, até então porque é um emprego que dá uma estrutura, uma base mais sólida entendeu, se eu quiser fazer um curso de história depois da formação em ciências contábeis, não vou ter muita dificuldade em fazer. Mas se eu chegar e fizer um curso de letras, depois terei mais dificuldades numa pós no curso de ciências contábeis.

Márcia – Então a sua escolha foi baseada na perspectiva do trabalho?

Elton – Sim!

Márcia – O curso está proporcionando mais oportunidades?

Elton – Eu, na área de ciências contábeis, procuro ser visto pelo mercado, já acabei deixando alguns currículos na Catho⁷¹ e já recebi muitas ofertas de outros empregos.

Márcia – Você está gostando do curso?

Elton – É um curso que proporciona empregabilidade.

Márcia – Mas você está gostando do curso?

Elton – Gosto. Gosto sim. Se bem que eu trabalho na área tributária lá na empresa.

Márcia – É diferente do curso em si?

Elton – Não muito, digamos que é cruzado.

Márcia – E como é você, na universidade, como bolsista? Existe alguma diferenciação na sala de aula, algum tipo de discriminação?

Elton – Não! Não! Engraçado que no primeiro semestre, entrou o pessoal da UNE⁷² “Putz”, eu não gosto do pessoal da UNE, nossa detesto.

Márcia – Por quê?

Elton – Não entendo o que eles dizem sobre “camarada, camarada”, poxa, em mil e novecentos “e trá lá lá”, se você cruzasse com um comunista, os caras estavam falando da mesma forma do mesmo jeito. As coisas mudam, em vez das pessoas se reformularem, muitas vezes podem até manter o mesmo ideal, mas buscar assim novas formas de se dirigir às pessoas, mas “camarada”, esses clichê, não vai, não desce. E aí, eles entraram na sala de aula e disseram para separar todos os alunos do Prouni.

Márcia – Separar para quê?

⁷¹ Catho online é uma empresa que possibilita o encontro de candidatos e recrutadores.

⁷² UNE – União Nacional dos Estudantes

Elton – Não, eles falaram que os alunos do Prouni deveriam se reunir na sala tal, porque haveria uma palestra do grêmio da Unip, apoiada pela UNE. Lá tinham alguns integrantes da UNE, que faziam parte do grêmio estudantil da Unip e eles falavam: “nós sabemos que os alunos do Prouni são jogados de lado”, “aquele blá blá blá todo”. Eu fiquei olhando e falei para uma colega: “o que esse cara está dizendo”? Porque a princípio, você não identifica quem é aluno Prouni e quem não é.

Márcia – Não existe essa nomeação?

Elton – Não! Se você fala: “olha eu não sou Prouni, mesmo outra bolsa, do movimento dos sem terra, ninguém sabe e ninguém fica lhe interrogando se você é bolsista ou não. Na verdade, quem fez separação foi o pessoal do grêmio estudantil. Eu pensei:” você que é um "baba-ca", que está agora sim, diferenciando cada aluno, você que está diferenciando os alunos do Prouni diante dos demais, não é a universidade que está fazendo isso.

Márcia – E os professores?

Elton – Os professores nem sabem quem é quem, e se souberem eles nem mencionariam.

Márcia – Em relação às notas, você sente alguma diferença por ter estudado apenas em escola pública?

Elton – Então, aí é que está, grande parte das pessoas que estão ali, não digo todos e nem a grande maioria, mas acredito que muitas pessoas vieram de escolas públicas, então as dificuldades que eles têm e que eu tenho, pelo menos são similares, ou até as pessoas que ficam 7 ou 8 anos sem estudar, e entram em uma faculdade, as dificuldades são bem maiores.

Márcia – Então, você não vê nenhuma diferença?

Elton – Não! Não tem mesmo.

Márcia – Você frequenta a biblioteca, empresta livros?

Elton – Frequente sim, utilizo a biblioteca, os salas de informática, como um universitário normal.

Márcia – Que avaliação você faz da Unip?

Elton – Olha, eu gosto muito do curso que eu faço, a estrutura é muito boa, eu já cheguei a frequentar aulas de outras faculdades, e eu sei que tem algumas melhores, mas a Unip não ruim não, os professores conseguem passar o conteúdo, assim não tem dificuldade, tanto que há professores profissionais que estão há mais de 35 anos na área, o que às vezes, foge-se até um pouco das aulas, conversando e trocando experiências do trabalho. Falamos sobre os programas que utilizamos para contabilizar, então, eu não tenho do que reclamar, porque são professores que conseguem passar todo o conteúdo mesmo.

Márcia – Qual a importância do Prouni, nesse seu momento, para você, como universitário? É um programa que o ajudou ou não?

Ao tivesse uma bolsa de estudo?

Elton – Olha, eu estaria na universidade. Porque, tanto antes de eu conseguir o Prouni, quando eu terminei meu curso na ETE, eu fiz seis meses na faculdade Santa Rita de Cássia, não sei se você conhece? E depois é que eu fui para a Unip.

Márcia – Qual foi o curso que você fez na Santa Rita de Cássia?

Elton – Fiz ciências contábeis, e também me ajudou para eliminar algumas matérias.

Márcia – E você pagava uma mensalidade integral?

Elton – Sim! Pagava normal. Por mais que o Prouni beneficie bastante os jovens, como o programa da escola da família, ajuda, mas não é esse problema que a adolescência sofre hoje em dia.

Márcia – Qual é o problema?

Elton – Assim, de ter acesso a uma boa educação, porque a escola pública não tem a mínima estrutura em transmitir conteúdo a um aluno, ao ponto dele passar em um bom curso em uma universidade pública, como a USP.

Márcia – Em sua opinião, um aluno da escola pública não tem chance de passar em um vestibular público?

Elton – Eu acho que até tem, mas é muito mais difícil?

Márcia – O aluno da escola pública não tendo condições de continuar a estudar e fazer uma universidade pública, vai para uma privada, com bolsas de estudo oferecidas pelo governo, isto é bom?

Elton – É uma desculpa.

Márcia – Você está dizendo que o aluno da escola pública, pela sua formação, tem dificuldade em conseguir uma vaga em uma universidade pública?

Elton – Sim, tem! Mas não só aluno de rede pública também. Na Unip, por mais que seja uma minoria, mas também tem alunos que vem de escola privada e também tem dificuldade.

Márcia – Uma minoria?

Elton – Não sei se é uma minoria, mas pelo menos uns 40 ou 45%, eu não sei bem ao certo, mas eu presumo isso.

Márcia – Ao seu modo de ver, tem muitos alunos de escola pública nas universidades e faculdades privadas?

Elton – Tem sim, tem de escola pública e de escola privada.

Márcia – Qual é o problema, então?

Elton – Não adianta você pegar e fornecer bolsas para as pessoas que tem dificuldades na base, entendeu? Eu tive um colega de classe que tinha grandes dificuldades em fazer regra de três, ele não era Prouni, eu não sei se veio de escola pública, têm pessoas que tem problemas com redação também, uma pessoa que não consegue colocar uma vírgula na redação!

Márcia – Você está dizendo que o problema é da educação básica?

Elton – Me desculpe, mas eu acredito que você já pegou alunos que têm esses problemas.

Márcia – Então, você acha que uma bolsa de estudos não dará da má formação do ensino básico?

Elton – Se você pensar no Prouni, como se fosse uma porta que a pessoa tem para entrar no mercado de trabalho – bem muito bem!

Márcia – Por meio do ensino superior?

Elton – Sim! Mas hoje em dia, a universidade é um grande portal para uma pessoa que quer buscar seu espaço no mercado de trabalho. As próprias universidades proclamam: “se você quer um grande sucesso em sua carreira se matricule aqui”. Ver por esse lado, o Prouni fornece essa oportunidade, de a pessoa ingressar na faculdade, de modo gratuito, para se inserir no mercado de trabalho, “poxa”. Aí, maravilha!

Márcia – Para você, essa oportunidade de estudar no ensino superior, está lhe abrindo portas para o mercado de trabalho?

Elton – Está ajudando. Na verdade, eu não entrei no mercado de trabalho graças ao Prouni.

Márcia – Além de conhecimentos para o mercado de trabalho, a universidade acrescenta algo, em termos de formação de conhecimento novo, que não seja voltado para o mercado de trabalho.

Elton – Eu acho que como experiência de vida acrescenta, sim. Acho que todo e qualquer espaço, onde se reúnam pessoas para buscar um objetivo, que é a formação, acaba trazendo experiência pra vida. Percebe-se que cada pessoa tem o seu modo de trilhar em busca de um objetivo. Acaba-se tendo conflitos ou até amizades, como em um trabalho em grupo, cada pessoa com um modo de visão diferente, você tem que debater, tem que saber conversar. Isso não vai ficar só ali, vai chegar a uma mesa de reunião, com clientes, e será necessário saber discursar e convencer o cliente, de maneira mais adequada para a empresa dele. Acho que tudo isto é uma grande contribuição do ensino superior.

Márcia – Seus amigos também estão cursando o ensino superior?

Elton – A maioria faz faculdade sim.

Márcia – Há quanto tempo você mora aqui?

Elton – Há vinte e seis anos. Eu nasci aqui.

Márcia – Quem mora com você?

Elton – Eu e minha mãe apenas.

Márcia – A sua irmã mora na parte de cima?

Elton – Isso!

Márcia – Quais as oportunidades de experiência culturais a universidade oferece ao aluno?

Elton – Olha é engraçado, eu não sei se outras universidades possuem, são as chamadas atividades complementares.

Márcia – Você aproveita essas atividades?

Elton – Eu particularmente aproveito. Geralmente, saio para assistir peças teatrais no Sesi⁷³ na Paulista ou no Centro Cultural Vergueiro.

Márcia – Você já tinha esse hábito?

Elton – Eu já tinha sim! Na verdade, era uma coisa meio que de praxe que eu fazia.

Márcia – Então, além de estudar você outras coisas?

Elton – Sim! Sim! Olha, gosto muito de tocar de compor, também gosto muito de poesia e gosto muito de desenhos. Sou apaixonado por essa parte, nesses dias eu estava lendo o livro Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto, eu fiquei assim maravilhado com a estrutura poética que tem o livro.

Márcia – Qual trecho você gostou mais?

Elton – Foi a parte que estão os dois coveiros conversando, um fala da parte nobre de Recife e o outro da parte menos favorecida. O que eu acho interessante da classe nobre, é que eles dão mais gorjetas e da outra a parte pobre, tem muito trabalho. Então eu achei isso muito legal. Eu gosto também do Alcântara Machado, são contos que você lê e fica maravilhado, as gírias da época, ele é muito bom escritor.

Márcia – Você toca teclado?

Elton – Estou estudando, faz um ano e pouco que estou estudando, mas com o trabalho e a faculdade, fica meio difícil.

Márcia – Você não tem banda?

Elton – Eu tive um grupo de musica, sim! A gente já participou de alguns eventos, mas depois todo mundo seguiu seu rumo, uns começam a namorar outros casaram.

Márcia – Você é solteiro?

Elton – Não! Eu namoro. Ela está na faculdade estudando, ela faz propaganda e marketing na Unip também, ela estuda na Chácara Santo Antonio e eu estudo no campus Marte.

⁷³ SESI – Serviço Social da Indústria

Márcia – Sua namorada mora em Santo Amaro?

Elton – Ela mora no Grajaú, ela mora para lá de Interlagos.

Márcia – Você a conheceu na faculdade?

Elton – Não, por meio de um colega.

Márcia – Você já participou de algum movimento estudantil?

Elton – Na verdade, teve um movimento que eu participei chamado Valorização de Iniciativas Culturais, é um programa da prefeitura que começou quando a Marta era prefeita, ela queria motivar os jovens, oferecendo certa verba para realizar algumas atividades culturais, aqui na região. A gente fazia parte de um projeto de cinema social, a gente trazia os filmes e apresentava para o pessoal da comunidade, mas foi uma experiência muito pesada, porque houve muitos conflitos de pontos de vista ideológicos, muitos queriam ir para o lado do comunismo para abrir a mente da população, como eles diziam. Mas os métodos para isso eram muito diferenciados, uns queriam colocar uma linha daquele muito além do cidadão Kane, outros queriam colocar Hitchcock e outros Almodóvar.

Márcia – Havia discussão?

Elton – Fazíamos uma votação.

Márcia – Onde os filmes eram passados?

Elton – Aqui mesmo.

Márcia – Na rua?

Elton – É! E acabou focando ali, próximo a pedra, onde ocorreram exposições. Tinham algumas bandas tocando também.

Márcia – Mas e aí?

Elton – É, um ano a prefeitura ofereceu a verba e depois você tinha-se de fazer uma doação para uma ONG, e tentar manter uma parceria com essa ONG, e tentar manter o projeto social. Não deu certo e paramos. A gente acabou doando o equipamento para uma ONG, regida pela secretaria da cultura.

Márcia – Foi uma boa experiência?

Elton – Foi sim, uma boa experiência. A gente acaba reconhecendo o quando é bonito o discurso e o quanto é amarga a atitude.

Márcia – Você acha que é muito discurso e pouca ação?

Elton – É então, a gente vê que são coisas que vão pesando, a cada dia. As pessoas não têm uma boa educação. A educação é horrível, os hospitais públicos são péssimos e o transporte mais ainda. As condições de vida não são boas, quando você recebe um aumento de salário,

pelo dissídio, quase no final do ano, que é bem inferior à inflação, então vai somando, cada vez ganha menos porque as coisas cada vez mais encarecidas.

Márcia – E o seu futuro?

Elton – É! Isso que preocupa. Eu imagino morando fora da cidade de São Paulo. Eu acho que ir para o interior, Sorocaba, Campinas, mas aqui, acho que não tem mais jeito.

Márcia – Você gostaria de falar mais alguma coisa?

Elton – Acho que o programa é uma grande porta para os jovens ingressarem no mercado de trabalho, isso sem dúvida, mas em relação à educação em si não, ele não é a solução. A solução está em investir nos setores de base mesmo, e talvez base não seja só a questão de educação, mas a questão financeira e também da saúde.

Márcia – Eu quero deixar registrado o agradecimento por você ter aberto as portas da sua casa. Muito obrigada.